MAIS DE **1 MILHÃO** DE EXEMPLARES VENDIDOS

ATLÂNTIDA

A PRAGA



A. G. RIDDLE

GLOBO Alt

Atlântida – A Praga

O mistério da origem

Livro 2

A. G. Riddle

Tradução
Petê Rissatti

GLOBO Alt

Sumário

Pular sumário [»»]

Prólogo

Parte I. Segredos
- Capítulo I
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Parte II. Verdade, mentiras e traidores
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65

Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Capítulo 70

Parte III. O experimento de Atlântida
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97

Epílogo

Nota do autor

Agradecimentos

Créditos

Para as almas intrépidas que apostam em autores desconhecidos

Prólogo

Setenta mil anos atrás
Próximo à Somália de hoje

A cientista abriu os olhos e sacudiu a cabeça, tentando clarear seus pensamentos. A nave havia apressado a sequência de despertar. *Por quê?* Em geral, o processo de despertar aconteceria mais gradualmente, a menos que… A fumaça espessa em seu tubo dissipou-se um pouco, e ela viu uma luz vermelha intermitente na parede — um alarme.

O tubo abriu-se e o ar frio correu ao redor, fazendo sua pele arder e espalhando o resto da fumaça branca. A cientista saiu, pisou no assoalho de metal gélido e seguiu aos tropeços até o painel de controle. Ondas cintilantes de luz verde e branca, como uma fonte de água feita de vaga-lumes coloridos, saltaram do painel e engoliram sua mão. Ela balançou os dedos e o monitor na parede reagiu. Sim — a hibernação de dez mil anos havia terminado quinhentos anos antes. Ela olhou para os dois tubos vazios atrás dela, em seguida para o último tubo, onde estava seu companheiro. Já havia iniciado a sequência de despertar. Ela moveu rapidamente os dedos, na esperança de interromper o processo, mas era tarde demais.

Seu tubo abriu com um chiado.

— O que houve?

— Não sei.

Ela acessou um mapa do mundo e uma série de estatísticas.

— Temos um alerta populacional. Talvez um evento de extinção.

— Fonte?

Ela buscou no mapa uma ilhota cercada por uma nuvem imensa de fumaça preta.

— Um supervulcão próximo da linha do equador. As temperaturas globais despencaram.

— Subespécies afetadas? — o companheiro perguntou quando saiu do tubo e cambaleou até a estação de controle.

— Apenas uma. 8.472. No continente central.

— Que decepção — disse ele. — Eram tão promissoras.

— Eram mesmo. — A cientista apoiou-se no console para se levantar, já capaz de ficar em pé sozinha. — Gostaria de verificar.

Seu companheiro lançou-lhe um olhar questionador.

— Apenas para coletar algumas amostras.



Quatro horas depois, os cientistas haviam percorrido metade do pequeno mundo com a nave gigantesca. Na câmara de descontaminação da nave, a cientista fechou as últimas fivelas do traje, prendeu o capacete, levantou-se e esperou a porta se abrir.

Ela ativou o comunicador no capacete.

— Checagem de áudio.

— Áudio confirmado — o parceiro disse. — Recebendo vídeo também. Liberada para a partida.

As portas se abriram, revelando uma praia de areia branca. Seis metros adiante, a praia estava coberta com uma camada espessa de cinzas que se estendia até uma cadeia de colinas rochosas.

A cientista olhou para o céu escurecido e cheio de cinzas. As cinzas que restavam na atmosfera acabariam caindo e a luz do sol voltaria, mas até lá, seria tarde demais para muitos dos habitantes do planeta, inclusive a subespécie 8.472.

A cientista caminhou com dificuldade até o topo de uma das elevações e olhou para a imensa nave preta, aportada como uma enorme baleia mecânica. O mundo era escuro e silencioso, como muitos dos planetas pré-vida que ela estudara.

— Os últimos sinais de vida registrados estão bem depois das colinas rochosas, posicionados a vinte e cinco graus.

— Entendido — disse a cientista quando se virou de leve e aumentou bruscamente o passo.

Lá em cima, viu uma caverna enorme, cercada por uma área rochosa coberta com mais cinzas que areia. Ela continuou a marcha até a caverna, porém mais devagar. As botas deslizavam nas cinzas e na rocha, como se andasse sobre gelo coberto de penas retalhadas.

Pouco antes de ela chegar à entrada da caverna, sentiu algo mais sob a bota, algo que não era nem cinza, nem rocha. Carne e osso. Uma perna. A cientista recuou e fez com que o visor no capacete se ajustasse.

— Está vendo isso? — perguntou ela.

— Sim. Melhorando sua imagem.

A cena entrou em foco. Havia dezenas deles: corpos empilhados até a entrada da caverna. Os cadáveres emaciados, escurecidos, misturavam-se quase perfeitamente à rocha embaixo deles e as cinzas os cobriam, formando elevações e corcovas que mais pareciam raízes superficiais de uma árvore gigantesca.

Para surpresa da cientista, os corpos estavam intactos.

— Extraordinário. Sem sinais de canibalismo. Esses sobreviventes se conheciam. Talvez fossem membros de uma tribo com um código moral compartilhado. Acho que marcharam até aqui, até o mar, em busca de abrigo e comida.

Seu colega acionou a câmera infravermelha, confirmando que todos estavam mortos. Sua mensagem silenciosa era clara: vá em frente.

Ela se agachou e pegou um pequeno cilindro.

— Coletando amostra agora. — Ela estendeu o cilindro até o corpo mais próximo e esperou que ele coletasse a amostra de DNA. Quando terminou, ela se levantou e falou em tom formal: — *Alpha Lander*, Registro Científico da Expedição, Apontamento Oficial: observações preliminares confirmam que a subespécie 8.472 sofreu um evento em nível de extinção. A causa suspeita é um supervulcão e inverno vulcânico subsequente. A espécie evoluiu aproximadamente cento e trinta mil anos locais antes da data de registro. Tentando coletar amostra do último sobrevivente conhecido.

Então, caminhou para dentro da caverna. As luzes nas laterais do capacete acenderam-se, revelando a cena no interior. Corpos jaziam empilhados junto às paredes, mas o visor infravermelho não mostrava nenhum sinal de vida. A cientista avançou para o fundo da caverna. Vários metros adiante, não havia mais corpos. Ela abaixou os olhos. Pegadas. Eram recentes? Andou pesadamente para mais fundo na caverna.

No visor do capacete, uma fenda tênue de carmesim vazou da parede de rocha. Sinais de vida. Ela contornou o caminho e o vermelho escuro espalhou-se até virar um brilho âmbar, laranja, azul e verde. Um sobrevivente.

A cientista digitou rapidamente os controles na palma da mão, trocando para a visão normal. Era uma sobrevivente. As costelas projetavam-se de forma anormal, estendendo a pele negra como se fosse rasgar a cada leve respiração que dava. Embaixo das costelas, o abdômen não estava tão afundado como a cientista esperava. Ela ativou novamente o infravermelho e confirmou a suspeita. A fêmea estava grávida.

A cientista estendeu a mão para pegar outro cilindro de amostras, mas parou de repente. Atrás dela, ouviu sons — passos pesados, como pés se arrastando na

rocha.

Ela virou a cabeça apenas a tempo de ver um enorme macho sobrevivente cambalear para dentro do espaço apertado. Era quase vinte por cento maior que a altura média de outros corpos masculinos que ela vira e tinha ombros mais largos. O chefe da tribo? As costelas projetavam-se grotescamente, piores que as da fêmea. Estava com o antebraço erguido sobre o rosto, protegendo os olhos das luzes que saíam do capacete da cientista. Ele guinou em direção a ela. Tinha algo na mão. A cientista procurou seu bastão de atordoamento e cambaleou para trás, para longe da fêmea, mas o homem imenso continuou a avançar. A cientista ativou o bastão, mas um momento antes de o macho alcançá-la ele se desviou, despencando contra a parede ao lado da fêmea. Entregou o item que tinha na mão — um pedaço de carne sarapintado, apodrecido. Ela o mordeu com selvageria, e ele deixou a cabeça se recostar à parede de rocha, fechando os olhos.

A cientista lutou para controlar o fôlego.

A voz de seu parceiro dentro do capacete era clara e insistente.

— Alpha Lander Um, percebi anomalia em seus sinais vitais. Está em perigo?

A cientista digitou rapidamente o controle na palma da mão, desabilitando os sensores e a câmera do traje.

— Negativo, Lander Dois. — Ela hesitou. — Possível problema com o traje. Começando a coletar amostras dos últimos sobreviventes conhecidos da subespécie 8.472.

Ela retirou o cilindro, ajoelhou-se ao lado do macho enorme e deixou o cilindro na parte de dentro do cotovelo direito dele. No segundo em que o cilindro entrou em contato, o macho ergueu o outro braço na direção dela. Pousou a mão no antebraço da cientista, apertando gentilmente, o único abraço que um moribundo poderia dar. Ao lado dele, a fêmea terminava a refeição de carne podre, provavelmente sua última, e observou através de olhos quase sem vida.

O cilindro de amostra bipou uma vez, e de novo, mas a cientista não o arrancou. Ficou lá sentada, paralisada. Algo estava acontecendo com ela. Em seguida, a mão do macho deslizou do antebraço e a cabeça rolou de volta para a parede. Antes que a cientista se desse conta do que estava acontecendo, suspendeu o macho, jogou-o sobre um ombro e pôs a fêmea no outro. O exoesqueleto do traje aguentava peso facilmente, mas, assim que saíram da caverna, manter o equilíbrio foi mais difícil sobre as elevações de rocha cobertas de cinzas.

Dez minutos depois, ela cruzou a praia e as portas da nave se abriram.

Dentro da nave, pousou os corpos em duas macas, tirou o traje e rapidamente empurrou os sobreviventes para uma sala de operação. Ela olhou para trás, em seguida se concentrou na estação de trabalho. Acionou várias simulações e começou a ajustar os algoritmos.

Atrás dela, uma voz disse:

— O que está fazendo?

Ela se virou de uma vez, assustada. Não ouvira a porta se abrir. Seu parceiro estava na entrada, examinando a sala. Primeiro a confusão, em seguida a preocupação tomou conta de seu rosto.

— Você está…

— Eu... — A mente da mulher estava a toda velocidade. Ela disse a única coisa que conseguiu. — Eu estou conduzindo um experimento.

Parte I
Segredos

Capítulo 1

Distrito Orquídea
Marbella, Espanha

A dra. Kate Warner observou a mulher convulsionar e forçar as correias da mesa de operação improvisada. Os ataques estavam ficando mais violentos e o sangue escorria da boca e das orelhas.

Não havia nada que Kate pudesse fazer pela mulher e aquilo a incomodava mais do que qualquer outra coisa. Mesmo durante o período da faculdade de medicina e a residência, Kate nunca se acostumara a ver um paciente morrer. Esperava nunca se acostumar.

Deu um passo à frente, agarrando a mão esquerda da mulher, e ficou lá até que os tremores pararam. A mulher deu o último suspiro quando a cabeça rolou para o lado.

O quarto ficou em silêncio, exceto pelo tamborilar do sangue caindo da mesa e se espalhando no plástico embaixo dela. O recinto inteiro estava forrado com um plástico grosso. Era a coisa mais próxima que o resort tinha para servir de sala de operação — uma sala de massagem no prédio do spa. Kate usou a mesa onde turistas ricos eram mimados três meses antes para conduzir experimentos que ainda não entendia.

Acima dela, o zumbido baixo de um motor elétrico rompeu o silêncio quando a pequena câmera de vídeo tirou o foco da mulher para se concentrar em Kate, incitando-a, dizendo: arquive seu relatório.

Kate puxou a máscara e gentilmente pousou as mãos da mulher no abdômen.

— Praga Atlântida, Teste Alfa-493: resultado negativo. Paciente Marbella-2918.

Kate encarou a mulher, tentando pensar em um nome. Eles se recusavam a nomear os pacientes, mas Kate inventava um nome para cada um deles. Não que fossem puni-la por isso. Talvez pensassem que evitar nomes tornaria seu trabalho mais fácil. Não tornava. Ninguém merecia ser um número ou morrer sem um nome.

Kate pigarreou.

— O nome da paciente é Marie Romero. Hora do óbito: 15h14, horário local. Suposta *causa mortis*… *Causa mortis* é a mesma das últimas trinta pessoas que vieram parar nesta mesa de operação.

Kate tirou as luvas de borracha com um estalo alto e jogou-as no chão coberto de plástico, perto da poça de sangue cada vez maior. Ela se virou e foi até a porta.

Os alto-falantes no teto soaram.

— Precisa fazer uma autópsia.

Kate olhou com raiva para a câmera.

— Faça você.

— Por favor, Kate.

Eles mantinham Kate quase completamente no escuro, mas ela sabia de uma coisa: eles precisavam dela. Ela era imune à Praga Atlântida, a pessoa perfeita para realizar os experimentos. Estava cooperando havia semanas, desde que Martin Grey, seu pai adotivo, a levara até ali. Aos poucos, ela começou a exigir respostas. Sempre havia promessas, mas as revelações nunca vinham.

Ela pigarreou novamente e falou com mais força.

— Já chega para mim por ora.

E abriu a porta.

— Espere. Sei que você quer respostas. Apenas colete a amostra e, então, conversaremos.

Kate inspecionou o carrinho de metal que esperava fora da sala, como esperara trinta vezes antes. Um único pensamento correu pela sua cabeça: poder de barganha. Ela pegou o kit de retirada de amostra, voltou a Marie e encaixou a agulha na dobra do braço. Sempre levava mais tempo depois de o coração parar.

Quando o tubo estava cheio, ela tirou a agulha, voltou ao carrinho e colocou o frasco na centrífuga. Poucos minutos passaram enquanto o tubo girava. Atrás dela, os alto-falantes proferiram uma ordem. Sabia o que era. Olhou a centrífuga quando parou. Agarrou o tubo, enfiou no bolso e atravessou o corredor.

Em geral, dava uma olhada nos garotos depois de terminar o trabalho, mas naquele dia precisava fazer outra coisa primeiro. Entrou em seu quarto minúsculo e despencou na “cama”. O quarto era quase como uma cela de cadeia: sem janelas, nada nas paredes e um catre de aço com um colchão da Idade Média. Ela achava que anteriormente havia abrigado um membro da equipe de limpeza. Kate considerava aquilo quase desumano.

Ela se curvou e começou a tatear na escuridão embaixo do catre. Finalmente, segurou a garrafa de vodca e puxou-a para fora. Pegou um copinho de isopor do criado-mudo, soprou o pó, serviu um gole grande e tomou de uma vez.

Deixou a garrafa no chão e se estendeu na cama. Esticou o braço sobre a

cabeça e ligou o velho rádio. Era a única fonte de informação sobre o mundo lá fora, mas ela mal acreditava no que ouvia.

As notícias de rádio descreviam um mundo que fora salvo da Praga Atlântida por uma droga milagrosa: a Orquídea. Na esteira da explosão mundial, nações industrializadas fecharam as fronteiras e declararam lei marcial. Ela nunca soube quantas pessoas haviam morrido com a pandemia. A população sobrevivente, não importava quantas pessoas fossem, foi levada para Distritos Orquídea — acampamentos gigantescos onde as pessoas se agarravam à vida e tomavam sua dose diária de Orquídea, uma droga que mantinha a praga controlada, mas nunca a curava totalmente.

Kate passara os últimos dez anos fazendo pesquisas clínicas, mais recentemente enfocada na cura do autismo. As drogas não eram desenvolvidas do dia para a noite, não importava quanto dinheiro se gastava ou o quanto era urgente. A Orquídea devia ser uma mentira. E, se fosse, como o mundo lá fora realmente estava?

Tivera apenas vislumbres. Três semanas antes, Martin a salvara e a dois garotos de sua pesquisa sobre autismo da morte certa em uma estrutura gigantesca enterrada embaixo da baía de Gibraltar. Kate e os garotos escaparam da estrutura de Gibraltar — que ela acreditava ser a cidade perdida de Atlântida — a partir de um complexo semelhante a pouco mais de três quilômetros abaixo da superfície da Antártida. Seu pai biológico, Patrick Pierce, encobrira sua fuga para Gibraltar ao explodir duas bombas nucleares, destruindo a ruína ancestral e lançando escombros nos estreitos, quase deixando-os soterrados. Martin fizera com que desaparecessem em um veículo submersível de curto alcance, minutos antes das explosões. O veículo submersível mal teve energia suficiente para navegar pelo campo de escombros e chegar a Marbella, Espanha — um balneário a oitenta quilômetros acima da costa de Gibraltar. Abandonaram o veículo submersível na marina e entraram em Marbella protegidos pela noite. Martin dissera que seria apenas temporário e Kate não examinara os arredores. Sabia que tinham entrado em um complexo vigiado e que ela e os dois garotos estavam confinados no prédio do spa desde então.

Martin dissera a Kate que ela poderia contribuir com a pesquisa que estava sendo realizada ali — tentando encontrar uma cura para a Praga Atlântida. No entanto, desde a sua chegada, ela mal o vira ou a qualquer outra pessoa, exceto pelos dois cuidadores que traziam comida e instruções para seu trabalho.

Ela girou o tubo na mão, perguntando-se por que era tão importante para eles e quando o buscariam. E quem viria?

Ela olhou para o relógio. A atualização da tarde logo viria. Kate nunca a perdia. Disse a si mesma que queria saber o que estava acontecendo lá fora, mas

a verdade era mais simples. O que ela queria ouvir eram notícias de uma pessoa: David Vale. Mas essas notícias nunca vinham, e provavelmente não chegariam. Havia duas maneiras de sair das tumbas na Antártida — através da entrada de gelo que havia na Antártida ou pelo portal para Gibraltar. Seu pai fechara a saída de Gibraltar permanentemente e o exército da Immari estava esperando na Antártida. Eles nunca deixariam David sair vivo. Kate tentou afastar aquele pensamento quando o locutor de rádio continuou.

Você está ouvindo a BBC, a voz do triunfo humano, no septuagésimo oitavo dia da Praga Atlântida. Nesta hora, traremos a você três notícias especiais. A primeira: um grupo de quatro operadores de perfuradora costeira de petróleo sobreviveu a três dias no mar sem comida para chegar em segurança ao Distrito Orquídea de Corpus Christi, Texas. A segunda notícia é de Hugo Gordon, que visitou a gigantesca fábrica de produção de Orquídea nas cercanias de Dresden, Alemanha, e derrubou rumores maldosos de que a produção da droga antipraga está diminuindo. Terminamos esta hora com uma mesa-redonda com quatro membros distintos da Royal Society que prevêm uma cura em questão de semanas, não de meses.

Mas, antes, relatos de coragem e perseverança vêm do sul do Brasil, onde combatentes da liberdade conquistaram uma vitória decisiva ontem contra forças guerrilheiras da Argentina, hoje controlada pela Immari…

Capítulo 2

Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CCPD)
Atlanta, Geórgia

Dr. Paul Brenner esfregou as pálpebras quando se sentou ao computador. Fazia vinte horas que não dormia. Seu cérebro estava frito e isso estava afetando seu trabalho. Intelectualmente, sabia que precisava descansar, mas não conseguia parar. A tela do computador piscou e acendeu, e ele decidiu verificar as mensagens e, em seguida, cochilar por uma hora — no máximo.

1 nova mensagem

Ele pegou o mouse e clicou sobre ela, sentindo uma nova onda de energia…

De: Marbella (DO–108)
Assunto: Resultados Alfa-493 (Paciente MP-2918)

A mensagem não continha texto, apenas um vídeo que instantaneamente começou a rodar. A dra. Kate Warner encheu a tela e Paul se mexeu na cadeira. A mulher era linda. Por algum motivo, apenas vê-la o deixou nervoso.

Praga Atlântida, Teste Alfa-493… resultado negativo.

Quando o vídeo terminou, Paul pegou o telefone.

— Marque uma conferência… Todos eles… Sim, agora.

Quinze minutos depois, ele estava sentado na ponta de uma mesa de reunião, encarando as doze telas diante dele, cada qual com o rosto de um pesquisador diferente em um local diferente ao redor do mundo.

Paul levantou-se.

— Acabei de receber os resultados do Teste Alfa-493. Negativo. Eu…

Os cientistas irromperam com perguntas e incriminações. Onze semanas antes, na esteira do colapso, este era um grupo clínico, civilizado… concentrado.

Agora, o sentimento dominante era o medo. E era justificado.

Capítulo 3

Distrito Orquídea
Marbella, Espanha

Era o mesmo sonho, o que trazia um prazer infinito a Kate. Quase sentia como se pudesse controlá-lo agora, como um vídeo que conseguia voltar e reviver à vontade. Era a única coisa que ainda lhe trazia felicidade.

Estava deitada em uma cama em Gibraltar, no segundo andar de uma mansão, apenas a poucos degraus da praia. Uma brisa fresca soprava pelas portas abertas da varanda, empurrando as cortinas de linho brancas e finas para dentro do quarto, em seguida fazia com que caíssem de volta à parede. A brisa parecia entrar suavemente e se retrair em sintonia com as ondas lá embaixo e com seus suspiros longos e lentos ali, na cama. Era um momento perfeito, todas as coisas em harmonia, como se o mundo inteiro fosse um único coração, batendo em uníssono.

Ela estava deitada, encarando o teto, sem ousar fechar os olhos. David estava dormindo ao lado, de bruços. Seu braço musculoso descansava por acaso sobre o ventre dela, cobrindo boa parte da grande cicatriz que havia ali. Quis tocar o braço dele, mas não arriscaria esse ou qualquer ato que pudesse encerrar o sonho.

Ela sentiu o braço mover-se levemente. O movimento sutil parecia estremecer a cena, como um terremoto, em seguida derrubou as paredes e o teto. O quarto tremeu uma última vez e esvaneceu para a “cela” preta, escura e atulhada que ela ocupava em Marbella. O conforto suave da cama *queen* desapareceu e ela estava, novamente, deitada no colchão duro do catre estreito. Mas… o braço ainda estava lá. Não o de David. Um braço diferente. Estava se movendo, estendendo-se sobre sua barriga. Kate ficou paralisada. A mão a envolveu, revistou seu bolso, em seguida apalpou a mão fechada, tentando pegar o tubo. Ela agarrou o braço do ladrão e torceu o mais forte que podia.

Um homem gritou de dor quando Kate se levantou, puxou a corrente da lâmpada e encarou-o…

Martin.

— Então, enviaram você.

Seu pai adotivo esforçou-se para ficar em pé. Já havia passado dos sessenta e os últimos poucos meses cobraram seu preço fisicamente. Parecia cansado, mas a voz ainda era suave, de avô.

— Sabe que às vezes você consegue ser extremamente drástica, Kate.

— Eu não entro no quarto das pessoas e as revisto no escuro. — Ela ergueu o tubo. — Por que precisa disso? O que está acontecendo aqui?

Martin esfregou o pulso e estreitou os olhos, como se a lâmpada balançando no teto o cegasse. Ele se virou, pegou um saco da pequena mesa de canto e entregou para ela.

— Ponha isso.

Kate virou o objeto. Não era um saco, era um chapéu de sol branco e molenga. Martin deve ter pegado dos espólios de uma das turistas de Marbella.

— Por quê? — questionou Kate.

— Não consegue confiar em mim?

— Aparentemente, não. — Ela apontou para a cama.

A voz de Martin ficou monótona, fria e sem rodeios.

— É para esconder seu rosto. Há guardas fora deste edifício e, se eles a virem, vão levá-la presa ou, pior, atirar em você na hora. — Ele saiu do quarto.

Kate hesitou por um momento, depois o seguiu, agarrando o chapéu ao lado do corpo.

— Espere. Por que eles atirariam em *mim*? Para onde está me levando?

— Você quer algumas respostas?

— Sim. — Ela titubeou. — Mas quero ver se está tudo bem com os garotos antes de irmos.

Martin a encarou e, em seguida, assentiu.

Kate abriu uma fresta da porta do pequeno quarto dos garotos e encontrou-os fazendo a atividade que ocupava noventa e nove por cento de seu tempo: escrevendo nas paredes. Para a maioria dos garotos de sete e oito anos, os rabiscos seriam dinossauros e soldados, mas Adi e Surya criaram uma tapeçaria de equações e símbolos matemáticos em quase todas as paredes.

As duas crianças indonésias ainda exibiam muitas das características fundamentais do autismo. Ficavam totalmente absortos no trabalho e nem notavam Kate entrar no quarto. Adi estava balançando em uma cadeira que havia colocado sobre uma das mesas, estendendo o braço, escrevendo em um dos últimos espaços vazios da parede.

Kate correu até ele e tirou-o da cadeira. Ele agitou o lápis no ar e protestou em palavras que Kate não conseguia compreender. Ela moveu a cadeira de volta ao seu lugar correto: diante da mesa e não sobre ela.

Ela se agachou e pegou Adi pelos ombros.

— Adi, eu já disse isso para você: não empilhe a mobília e suba nela.

— Estamos sem espaço.

Ela se virou para Martin.

— Traga algo onde eles possam escrever.

Ele olhou para ela, incrédulo.

— Estou falando sério.

Ele saiu e Kate se concentrou nos garotos novamente.

— Estão com fome?

— Eles trouxeram sanduíches mais cedo.

— No que estão trabalhando?

— Não podemos dizer, Kate.

Kate assentiu, séria.

— Certo. Supersecreto.

Martin voltou e entregou a ela dois blocos de papel amarelo.

Kate estendeu a mão, pegou Surya pelo braço para garantir que ele prestasse atenção e ergueu os blocos de papel.

— De agora em diante, vocês vão escrever aqui, entenderam?

Os garotos concordaram com a cabeça e pegaram os blocos de anotação. Folhearam, verificando se as páginas estavam marcadas. Quando terminaram, voltaram às mesas, sentaram-se nas cadeiras e retomaram o trabalho em silêncio.

Kate e Martin saíram da sala sem dizer palavra. Martin levou Kate pelo corredor.

— Acha que é bom deixá-los continuar assim? — perguntou Martin.

— Eles não aparentam, mas estão assustados. E confusos. Gostam de matemática e isso tira a mente deles daqui.

— Eu sei, mas é saudável deixá-los obsessivos dessa forma? Não faz com que piorem?

Kate parou de andar.

— Piorem em relação a quê?

— Olha, Kate…

— As pessoas mais bem-sucedidas do mundo simplesmente ficam obcecadas por alguma coisa… com alguma coisa de que o mundo precisa. Os garotos encontraram algo produtivo que amam. É bom para eles.

— Eu só quis dizer… que seria perturbador para eles se tivéssemos de levá-los para outro lugar.

— Vão levá-los?

Martin suspirou e virou o rosto.

— Ponha o chapéu.

Ele a levou por outro corredor e passou o cartão na porta ao fim da passagem. Abriu-a e os raios de sol quase cegaram Kate. Ela ergueu o braço para se proteger e tentou acompanhar Martin.

Lentamente, a cena ficou nítida. Tinham saído de um prédio de um andar bem na praia, às margens do complexo do resort. À direita, três torres caiadas do resort erguiam-se bem acima das frondosas árvores tropicais e do terreno que já fora bem cuidado. As torres reluzentes do hotel formavam um contraste brusco com a cerca de alambrado de seis metros com arame farpado no alto que cercava o empreendimento. À luz do dia, o lugar parecia um resort que fora transformado em uma prisão. As cercas serviam para manter as pessoas do lado de dentro — ou de fora? Ou os dois?

A cada passo, o forte odor que infestava o ar parecia ficar mais pungente. O que era aquilo? Doença? Morte? Talvez, mas havia outra coisa. Kate verificou o terreno próximo à base das torres, procurando a fonte. Uma série de tendas longas e brancas cobriam mesas onde pessoas trabalhavam com facas, processando alguma coisa. Peixe. Aquele era o cheiro, mas apenas parte dele.

— Onde estamos?

— Gueto Orquídea de Marbella.

— Um Distrito Orquídea?

— As pessoas lá dentro chamam de gueto, mas é isso.

Kate deu uma corridinha para alcançá-lo, segurando o chapéu na cabeça. Ver aquele lugar e as cercas instantaneamente fez com que ela levasse as palavras de Martin mais a sério.

Olhou para o prédio do spa do qual haviam saído. Suas paredes e o telhado tinham uma cobertura opaca e cinzenta. Chumbo foi a primeira ideia de Kate, mas parecia tão estranho — o prédio pequeno, cinzento e recoberto de chumbo na costa, à sombra de torres brancas brilhantes.

Enquanto avançavam, Kate teve mais vislumbres do acampamento. Em cada prédio, em cada andar, havia poucas pessoas em pé, olhando pelos vidros das portas de correr, mas não havia uma única pessoa nas sacadas. Então, ela viu por quê: uma cicatriz prateada irregular corria pela extensão do caixilho de metal de cada porta. Haviam sido soldadas.

— Para onde está me levando?

Martin apontou para um prédio de um andar adiante.

— Para o hospital.

O “hospital” claramente era um grande restaurante à beira-mar no terreno do resort.

Na outra ponta do acampamento, além das torres brancas, um comboio de barulhentos caminhões a diesel roncou até o portão e parou. Kate se deteve para

observá-los. Os caminhões eram antigos e escondiam a carga embaixo de lonas verdes esvoaçantes puxadas sobre as armações na carroceria. O primeiro motorista gritou para os guardas, e o portão de alambrado abriu para deixar os caminhões passarem.

Kate percebeu bandeiras azuis penduradas nas torres de vigilância de cada lado do portão. Primeiro, ela pensou que fossem bandeiras da ONU — eram azul-claras com um desenho branco no meio. Mas o desenho no centro não era um globo branco cercado com galhos de oliveira. E sim uma orquídea. As folhas brancas eram simétricas, mas o padrão vermelho que se espalhava do centro era irregular, como raios de sol escapando de trás de uma lua escurecida durante um eclipse solar.

Os caminhões pararam logo depois do portão e soldados começaram a arrastar pessoas para fora — homens, mulheres e até algumas crianças. As mãos das pessoas estavam amarradas e muitos se debatiam nas mãos dos guardas, gritando em espanhol.

— Estão recolhendo sobreviventes — sussurrou Martin, como se pudessem ouvi-lo à distância. — É ilegal ser pego lá fora.

— Por quê? — Outro pensamento acometeu Kate. — Existem sobreviventes… que não estão tomando Orquídea?

— Sim. Mas… não são o que esperávamos. Você vai ver. — Ele a levou até o restaurante e, depois de algumas palavras com o guarda, entraram em uma câmara de descontaminação cercada de plástico. Bicos aspersores no topo e nas laterais abriram e pulverizaram neles uma bruma que ardia levemente. Pela segunda vez, Kate ficou feliz em estar de chapéu. No canto da câmara de plástico, a miniatura vermelha de um semáforo mudou a luz de vermelha para verde e Martin abriu as abas da tenda. Ele parou bem no limiar.

— Não vai precisar do chapéu. Todos aqui sabem quem você é.

Quando Kate tirou o chapéu da cabeça, ela teve a primeira visão completa da grande sala — o que fora uma sala de jantar. Mal conseguia acreditar na cena que se estendia diante dela.

— O que é isso?

Martin falou baixinho:

— O mundo não é como descrevem no rádio. Este é o formato verdadeiro da Praga Atlântida.

Capítulo 4

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

David Vale não conseguia parar de olhar seu cadáver. Jazia lá no corredor, em uma poça de sangue, os olhos ainda abertos encarando o teto. Outro corpo estava ao lado — o de seu assassino, Dorian Sloane. O corpo de Sloane estava estraçalhado. As balas finais de David atingiram Sloane à queima-roupa. Às vezes, um pedaço de carne ou pele descaía do teto, como uma pinhata que se desintegra lentamente.

David tirou os olhos da cena. O tubo de vidro em que estava tinha menos de noventa centímetros de largura e os fios espessos de fumaça branca que flutuavam lá dentro faziam com que parecesse ainda menor. Ele olhou para a extensão da câmara gigantesca, para os quilômetros de outros tubos empilhados do chão ao teto, iam tão alto que não conseguia ver o final. A fumaça era mais densa nesses tubos, escondendo seus habitantes. A única pessoa que conseguia enxergar estava no tubo diante dele. Sloane. Diferentemente de David, ele não olhava ao redor. Simplesmente encarava David com ódio nos olhos, seu único movimento o apertar ocasional dos músculos da mandíbula.

David olhou por um momento a encarada furiosa de seu assassino e voltou a examinar seu tubo pela centésima vez. Seu treinamento na CIA não cobria nada parecido: como escapar de um tubo de hibernação em uma estrutura de dois milhões de anos embaixo da superfície da Antártida. Houve aquela aula de como escapar de tubos de um milhão de anos, mas ele faltou naquele dia. David sorriu da sua piada idiota. Fosse o que tivesse acontecido com ele, não perdera suas lembranças — ou seu senso de humor. Quando o pensamento desvaneceu, recordou-se do olhar constante de Sloane, e David deixou o sorriso se apagar, esperando que a fumaça tivesse escondido essa mudança do inimigo.

David sentiu outro par de olhos nele. Olhou para cima e para baixo na câmara. Estava vazia, mas David tinha certeza de que havia alguém ali. Tentou se inclinar para a frente, esforçando-se para ver mais fundo no corredor cheio de cadáveres. Nada. Enquanto vasculhava ao redor, algo o preocupou — Sloane.

Ele não estava encarando David. David seguiu o olhar de Sloane pela vasta câmara. Entre seus tubos, havia um homem. Ao menos parecia um homem. Tinha vindo de fora ou de dentro da estrutura? Era um atlante? Quem quer que fosse, era alto, passava de um metro e oitenta e estava vestindo um terno preto impecável semelhante a um uniforme militar. A pele era branca, quase translúcida, e estava bem barbeado. O que tinha de cabelo era uma massa grisalha sobre a cabeça, que talvez fosse um pouco grande demais para seu corpo.

O homem ficou lá por um momento, olhando de David para Sloane e vice-versa, como se fosse um apostador, passeando pelos estábulos, examinando dois puros-sangues antes de uma grande corrida.

Então, um barulho rítmico interrompeu o silêncio e começou a ecoar na câmara: pés descalços palmilhando o chão de metal. Os olhos de David seguiram o som. Sloane. Ele estava fora. Cambaleou o melhor que pôde na direção dos corpos mortos — e das armas ao lado deles. David olhou para o atlante quando a porta de seu tubo deslizou até se abrir. David saltou lá de dentro, tropeçou um pouco, pois as pernas mal respondiam, e avançou. Sloane já estava a meio caminho das armas.

Capítulo 5

Distrito Orquídea
Marbella, Espanha

A ala improvisada do hospital era dividida em duas partes e Kate teve dificuldade para entender o que viu. No meio da sala, pequenas camas estendiam-se uma após a outra, como um hospital de campanha. As pessoas deitadas gemiam e convulsionavam, algumas morrendo, outras oscilando entre a consciência e a inconsciência.

Martin marchou mais adiante para dentro da sala.

— Essa praga é diferente do surto de 1918.

O primeiro surto a que Martin se referia era o da pandemia de gripe espanhola que devastou a Terra em 1918, matando aproximadamente cinquenta milhões de pessoas e infectando um bilhão. Kate e David tinham descoberto o que Martin e seus empregadores da Immari já sabiam havia quase um século: que a praga tinha sido desencadeada por um artefato antigo que seu pai ajudou a extrair da estrutura de Atlântida, em Gibraltar.

A cabeça de Kate fervilhou com perguntas, mas, enquanto examinava as fileiras de camas e moribundos, tudo que conseguiu perguntar foi:

— Por que estão morrendo? Pensei que a Orquídea impedia o avanço da praga.

— E impede. Mas estamos percebendo uma queda na eficácia. Estimamos que, dentro de um mês, ninguém mais reagirá à Orquídea. Alguns dos moribundos se voluntariam para os testes. Essas são as pessoas que você viu.

Kate aproximou-se de uma das camas, examinando as pessoas, pensando…

— O que acontecerá se a Orquídea falhar?

— Sem a Orquídea, quase noventa por cento dos infectados morrerão dentro de setenta e duas horas.

Kate não conseguia acreditar. Os números tinham de estar errados.

— Impossível. A taxa de mortalidade em 1918…

— Era muito menor, verdade. Esse é um dos motivos pelos quais esta praga é diferente. Percebemos as outras diferenças quando começamos a analisar os

sobreviventes.

Martin parou e meneou a cabeça na direção de uma série de celas parcialmente cercadas ao longo do salão do restaurante. Para Kate, as pessoas lá dentro pareciam saudáveis, mas a maioria estava encolhida, sem olhar para fora. Havia algo de muito errado com elas, mas ela não conseguia identificar. Deu um passo na direção delas.

Martin agarrou seu braço.

— Não se aproxime. Esses sobreviventes parecem basicamente… estar regredindo. É como se as conexões cerebrais tivessem sido bagunçadas. Em alguns é pior que em outros, mas é um estado regressivo.

— Acontece com todos os sobreviventes?

— Não. Mais ou menos metade sofre esse tipo de involução.

— E a outra metade? — Kate quase temia a resposta.

— Venha comigo.

Martin conversou rapidamente com um guarda ao fundo do salão e, quando ele abriu caminho, passaram para uma sala de jantar menor. As janelas estavam fechadas com tapume e cada centímetro da sala estava dividido em grandes celas, exceto pelo corredor estreito no meio.

Martin não avançou muito na sala.

— Estes são os outros sobreviventes… os que causaram problemas no acampamento.

A sala apinhada devia conter uma centena ou mais de sobreviventes, mas o silêncio era mortal. Ninguém se movia. Cada um estava parado e encarava Kate e Martin com olhos frios e desapaixonados.

Martin continuou em voz baixa.

— Não há nenhuma mudança física drástica. Não que tenhamos descoberto. Mas têm uma mudança nas conexões cerebrais também. Ficam mais inteligentes. Como nos que involuem, os efeitos são variáveis, mas alguns indivíduos apresentam capacidades de resolução de problemas que estão muito acima da média. Alguns ficam um pouco mais fortes. E há outra questão: a empatia e a compaixão parecem diminuir. De novo, isso varia, mas todos os sobreviventes parecem sofrer uma redução na função social.

Como se as palavras de Martin fossem uma deixa, os grupos dos dois lados da sala se separaram, revelando letras vermelhas nas paredes atrás deles. Haviam escrito as palavras com sangue.

A Orquídea não pode parar Darwin.
A Orquídea não pode parar a Evolução.
A Orquídea não pode parar a Praga.

Do outro lado da sala, outro sobrevivente escrevera:

A Praga Atlântida = Evolução = Destino Humano.

Na cela seguinte, estava escrito:

Evolução é inevitável.
Apenas dementes desafiam o destino.

— Não estamos apenas combatendo a praga — sussurrou Martin. — Estamos lutando contra os sobreviventes que não querem a cura, que a veem como o próximo passo da humanidade ou um início completamente novo.

Kate ficou lá, parada, sem saber o que dizer.

Martin virou-se e levou Kate para fora da sala, de volta para o salão principal do hospital, e por outra saída até o que devia ser a cozinha, mas agora era um laboratório. Meia dúzia de cientistas estavam sentados em bancos, trabalhando com equipamentos sobre mesas de aço. Todos olharam para ela e, um a um, pararam o trabalho e começaram a observar admirados e conversar aos sussurros. Martin envolveu-a com um dos braços e falou ao pé do ouvido:

— Continue — disse ele enquanto puxava Kate rapidamente pela cozinha. Ele parou de repente diante de uma porta que dava para um corredor estreito atrás da cozinha. Digitou um código no pequeno painel e a porta se abriu com um chiado. Entraram e, no momento em que a porta se trancou, ele estendeu a mão. — A amostra.

Kate pegou o tubo plástico no bolso. Ele lhe dera apenas metade da história — apenas o suficiente para conseguir o que queria. Ela deu um passo para trás, surpresa.

— Por que os efeitos da praga são diferentes desta vez? Por que não está acontecendo como em 1918?

Martin afastou-se dela e caiu em uma cadeira diante de uma mesa gasta de madeira. Ali devia ficar o escritório do gerente do restaurante. Tinha uma pequena janela que dava para o terreno lá fora. A mesa estava coberta de equipamentos que Kate não reconheceu. Seis telas grandes de computador pendiam na parede, exibindo mapas e tabelas e repassando infinitas linhas de texto, como uma tela de notícias e cotações da bolsa de valores.

Martin esfregou as têmporas, em seguida folheou alguns papéis.

— A praga é diferente porque somos diferentes. O genoma humano não mudou muito, mas nosso cérebro opera de maneira bastante diferente do que

fazia cem anos atrás. Processamos as informações mais rapidamente. Passamos nossos dias lendo e-mails, vendo televisão, devorando informações na internet, grudados em smartphones. Sabemos que o estilo de vida, a dieta e até mesmo o estresse podem afetar a ativação dos genes, e que isso tem um efeito direto em como os patógenos nos influenciam. Quem quer que tenha desenvolvido a Praga Atlântida estava esperando exatamente este momento em nosso desenvolvimento. É como se a praga tivesse sido criada para este período, para quando o cérebro humano chegasse a um ponto de amadurecimento em que ela pudesse ser usada.

— Usada para quê?

— Essa é a pergunta, Kate. Não sabemos a resposta, mas temos algumas suspeitas. Como você viu, sabemos que a Praga Atlântida opera essencialmente nas conexões cerebrais. Para um pequeno grupo de sobreviventes, parece fortalecê-las. Para o restante dos sobreviventes, ela as confunde. E mata os demais, aparentemente aqueles que são inúteis para ela. A praga está mudando a humanidade em um nível genético, efetivamente nos biotransformando para algum resultado desejado.

— Sabe quais genes estão na mira da praga?

— Não, mas estamos perto de saber. Nossa teoria atual é que a Praga Atlântida é simplesmente uma atualização genética que tenta manipular o Gene Atlântida. Está tentando concluir a mudança nas conexões cerebrais que começou setenta mil anos atrás, com a introdução da Praga Atlântida, o primeiro Grande Salto Adiante. Mas não sabemos qual será o resultado. Será um segundo Grande Salto Adiante, que nos force a avançar, ou um grande salto para trás, uma reversão de larga escala na evolução humana?

Kate tentou digerir aquelas informações. Através da janela, uma briga imensa eclodiu no terreno mais próximo à torre. Uma fila de pessoas se espalhou e um grupo apressou os guardas. Kate pensou que fosse o mesmo grupo que fora trazido mais cedo, mas não poderia dizer.

Martin olhou pela janela por um instante e concentrou-se em Kate de novo.

— Rebeliões são comuns, especialmente quando um grupo novo é trazido. — Ele estendeu a mão. — Eu preciso mesmo da amostra, Kate.

Kate passou os olhos pela sala outra vez — os equipamentos, as telas, as tabelas na parede…

— Este é seu experimento, não é? Você é quem manda aqui. Eu estava trabalhando para você.

— Todos nós trabalhamos para alguém…

— Eu disse que queria respostas.

— A resposta é sim. Este é o meu experimento.

— Por quê? Por que mentir para mim? — perguntou Kate, incapaz de esconder a mágoa na voz. — Eu teria ajudado.

— Eu sei, mas teria feito perguntas. Eu tive medo deste dia… dizer a você a verdade, contar o que fizemos, revelar a situação do mundo. Quis proteger você por… mais um tempo. — Martin virou o rosto e, naquele momento, parecia muito mais velho.

— A Orquídea. É uma mentira, não é?

— Não. A Orquídea é real. Ela contém a praga, mas apenas ganha tempo para nós, e está falhando. Estamos com problemas na produção e as pessoas estão perdendo a esperança.

— Não poderia ter desenvolvido do dia para a noite — disse Kate.

— Não desenvolvemos. A Orquídea é nosso plano B… o plano B do seu pai, na verdade. Ele fez com que nós acreditássemos que a praga seria desencadeada e nos forçou a buscar uma cura, caso isso ocorresse. Estamos trabalhando nela há décadas, mas não fizemos nenhum avanço real até encontrarmos a cura para o hiv.

— Espere aí, existe uma cura para o hiv?

— Vou contar tudo, Kate, eu juro. Mas preciso da amostra. E você precisa voltar para o seu quarto. A equipe do sas, o serviço aéreo espacial inglês, está chegando amanhã para buscá-la. Vão levá-la para a Inglaterra, por segurança.

— O quê? Eu não vou a lugar nenhum. Eu quero ajudar.

— E você pode. Mas preciso saber que está protegida.

— Protegida de quê? — perguntou Kate.

— Da Immari. Eles entraram com tropas no Mediterrâneo.

As notícias no rádio que Kate ouvira falavam, em sua maioria, que as forças da Immari haviam sido derrotadas nos países em desenvolvimento. Não pensava muito nelas.

— Os Immari são uma ameaça?

— Claro. Tomaram a maior parte do hemisfério sul.

— Não pode estar falando sério…

— Estou. — Martin balançou a cabeça. — Você não entende. Quando a Praga Atlântida eclodiu, mais de um bilhão de pessoas foi infectado em vinte e quatro horas. Os governos que não caíram de um dia para o outro declararam lei marcial. Então a Immari começou a limpar o mundo. Ofereceram uma solução incomum: uma sociedade de sobreviventes, mas apenas os que evoluíam rapidamente, o que eles chamam de “os escolhidos”. Começaram com o hemisfério sul, com nações de grande população próximas à Antártida. Controlam Argentina, Chile, África do Sul e uma dúzia de outras.

— Como…

— Estão formando um exército para a invasão da Antártida.

Kate o encarou. Não podia ser. As notícias da BBC eram tão positivas. Subconscientemente, ela puxou o tubo do bolso e entregou-o a ele.

Martin pegou o tubo e girou na cadeira. Apertou um botão em um recipiente parecido com uma garrafa térmica com um pequeno leitor e o que parecia um telefone via satélite preso ao lado. A tampa do recipiente se abriu e Martin jogou o tubo plástico lá dentro.

Pela janela, a luta no acampamento se tornou mais intensa.

— O que está fazendo? — perguntou Kate.

— Atualizando nossos resultados na rede. — Ele olhou para ela. — Somos uma das instalações. Acho que estamos perto, Kate.

Explosões no acampamento encheram a janelinha, e Kate conseguiu sentir a onda de calor, mesmo através da parede. Martin bateu no teclado e as telas mudaram para uma vista do acampamento, em seguida uma da costa. Um grupo de helicópteros pretos encheu a tela. Martin se levantou uma fração de segundo antes de o prédio sacudir, jogando Kate ao chão. Seus ouvidos zumbiram, e ela sentiu Martin se jogar sobre ela, protegendo-a dos escombros que caíam do teto.

Capítulo 6

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

Dorian quase havia chegado aos cadáveres — e às armas — no corredor, além da câmara cavernosa. Atrás dele, ouviu os pés descalços de David estalando no chão. Dorian estava prestes a pular quando David o agarrou, mandando Dorian de cara no chão. Um grito agudo encheu o espaço quando sua pele deslizou pelo chão frio.

Eles caíram na poça de sangue seco ao redor dos corpos mortos — seus corpos mortos. Dorian estava na vantagem contra seu algoz. Ergueu o corpo encharcado de sangue do chão apenas o suficiente para golpear o rosto de David com o cotovelo.

David curvou-se para trás e Dorian aproveitou a abertura. Ele girou e jogou David para longe, em seguida rastejou até pegar a pistola que estava a dois metros de distância. Precisava alcançá-la, era sua única chance. Embora Dorian nunca fosse admitir aquilo em voz alta, David era sem dúvida um dos melhores lutadores corpo a corpo que já havia conhecido. Era uma luta com a morte e, sem a pistola, Dorian sabia que perderia.

Dorian sentiu as unhas de David enterrando-se na panturrilha no instante antes de o punho bater em sua lombar. A dor irradiou pelas costas para o abdômen e subiu ao peito. Ondas de náusea o engoliram. Dorian golfou quando o segundo golpe veio mais alto, no meio das costas, bem na coluna. A dor que corria sobre ele quase havia cedido quando Dorian perdeu a sensação nas pernas. Foi ao chão quando David rastejou para cima dele, preparando para finalizá-lo com um golpe na nuca.

Dorian espalmou as mãos no chão ensanguentado e, com cada milímetro da força que conseguiu reunir, empurrou o corpo para cima, jogando a cabeça para trás, que bateu com tudo no queixo de David, tirando seu equilíbrio.

Dorian despencou de novo no chão e rastejou com ajuda dos cotovelos, arrastando o corpo no sangue. Pegou a arma e se virou bem quando David caiu por cima dele. Dorian ergueu a arma, mas David agarrou seu pulso. Com o canto

dos olhos, Dorian viu o atlante se aproximar. Encarava com indiferença, como um espectador vendo uma rinha de cães em cuja rodada não houvesse apostado.

Dorian tentou pensar — precisava de alguma forma retomar sua vantagem. Soltou a tensão dos braços e deixou-os cair rapidamente no chão. David avançou, mas continuou segurando. Dorian virou a arma na mão direita, apontou para o atlante e puxou o gatilho.

David soltou a mão esquerda de Dorian e tentou desesperadamente pegar a arma com a direita. Dorian estendeu a mão esquerda e golpeou o meio do peito de David, paralisando seu diafragma. David arfou, buscando respirar, e se inclinou para trás. Dorian se soltou das mãos de David, ergueu a arma e atirou uma vez na direção da cabeça do outro. Em seguida, virou a arma e atirou no atlante até o pente se esvaziar.

Capítulo 7

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

O atlante encarou Dorian com uma expressão levemente divertida. As balas de Dorian passaram direto por ele. Os olhos de Dorian pousaram na outra pistola dentro da câmara.

— Quer tentar com outra arma, Dorian? Vá em frente. Eu espero. Tenho todo o tempo do mundo.

Dorian ficou paralisado. Aquela coisa sabia seu nome. E não estava com medo.

O atlante aproximou-se de Dorian. Estava sobre a poça de sangue, mas nenhuma gota manchou seus pés.

— Sei o que veio fazer aqui, Dorian. — Ele encarou o homem, sem piscar. — Veio aqui para baixo salvar seu pai e matar seu inimigo, proteger seu mundo. Você acabou de matar seu único inimigo aqui.

Dorian tirou os olhos do monstro e procurou por outra coisa na sala, algo que pudesse usar. Ele sentiu as pernas novamente e se levantou, cambaleou para trás, para longe do atlante, sem tirar os olhos dele. O atlante fitava Dorian com um sorriso, mas não fazia esforço para se mover.

Tenho que sair daqui, pensou Dorian. *Do que preciso? De um traje especial*. O pai usou seu traje. O traje de Kate fora danificado, mas talvez ele pudesse consertá-lo. Os trajes que as crianças usaram eram pequenos demais, mas talvez pudesse usar um pouco do material para remendar o de Kate. Precisava apenas de proteção contra o frio por alguns minutos — apenas o bastante para chegar à superfície e ordenar o ataque.

Ele se virou e partiu a toda velocidade pelo corredor, mas as portas se fecharam diante e ao redor dele, selando cada saída.

O atlante materializou-se na frente de Dorian.

— Você poderá ir quando eu disser que pode, Dorian.

Dorian o encarou com uma mistura de desobediência e pavor no rosto.

— Como vai ser, Dorian? Do jeito fácil ou do jeito difícil? — Ele esperou e,

como Dorian não reagiu, meneou a cabeça, indiferente. — Então, que seja.

Dorian sentiu o ar sendo drenado da câmara como um aspirador de pó. Todo o som desapareceu e um golpe forte atingiu-o no peito. Ele abriu a boca e tentou em vão respirar. Caiu de joelhos. Manchas sarapintaram sua visão. O chão desapareceu embaixo dele quando despencou na escuridão.

Capítulo 8

Distrito Orquídea
Marbella, Espanha

Kate rolou Martin por cima de si e rapidamente o examinou, avaliando os ferimentos. O sangue escorria de uma fenda atrás da cabeça. Kate pensou que provavelmente sofrera uma concussão leve, mas, para sua surpresa, ele piscou várias vezes e se levantou. Olhou ao redor da sala e Kate seguiu seu olhar. A maioria dos computadores e equipamentos na mesa havia sido destruída.

Martin foi até um armário e pegou um telefone via satélite e duas pistolas, entregando uma para Kate.

— A Immari vai tentar fechar o acampamento — disse Martin quando começou a encher uma mochila. Inspecionou rapidamente o dispositivo parecido com uma garrafa térmica na mesa, em seguida o enfiou na mochila, junto com vários notebooks e um gabinete de computador. — Estão tomando as ilhas do Mediterrâneo, testando o perímetro, vendo se as Nações da Orquídea conseguem lutar com eles ou se lutariam.

— E conseguem?

O prédio havia se estabilizado e Kate queria tratar o ferimento na cabeça de Martin, mas ele estava andando rápido demais pela sala.

— Não. A Aliança Orquídea mal está se mantendo. Todos os recursos, inclusive os militares, estão dedicados à produção de Orquídea. Não tem nenhuma ajuda a caminho. Precisamos sair.

Ele pôs um dispositivo em formato de ovo na mesa e girou a parte de cima. O objeto começou a tiquetaquear.

Kate tentou manter o foco. Martin estava destruindo o escritório. Imediatamente ela pensou no prédio do spa e nos garotos.

— Precisamos buscar Adi e Surya.

— Kate, não temos tempo. Voltaremos para buscá-los… com as tropas do SAS que estão a caminho.

— Não vou deixá-los aqui. Não vou — disse Kate com uma determinação que ela sabia que Martin reconheceria. Ele adotou Kate quando ela era uma

menina de seis anos, logo depois que seu pai biológico desapareceu, e Martin a conhecia muito bem para saber que ela não cederia.

Ele sacudiu a cabeça, uma expressão que ficava entre a surpresa e a incredulidade.

— Está bem, mas é melhor saber usar isso aí. — Ele apontou para a pistola. Em seguida, digitou o código para sair do escritório, parou apenas por tempo suficiente para Kate sair e digitou um código do lado de fora da porta.

O corredor estava cheio de fumaça e, onde a passagem encontrava a cozinha, havia um incêndio imenso e gritos ecoavam no espaço esfumaçado.

— Existe outra saída…?

— Não. A câmara de descontaminação é o único caminho — disse Martin quando se pôs à frente dela. Ele ergueu a arma. — Vamos correr. Atire em qualquer um, *qualquer um*, que tentar impedi-la.

Kate olhou para a arma e, naquele momento, o medo a invadiu. Ela nunca havia atirado antes e não sabia se conseguiria alvejar alguém. Martin agarrou a arma, deslizou o ferrolho dela para trás e apertou um botão.

— Não é complicado. Apenas aponte e aperte.

Ele se virou e partiu na direção da cozinha cheia de fumaça e fogo.

Capítulo 9

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

Dorian esforçou-se para ver a figura borrada. Não conseguia respirar fundo, apenas chegava a uma respiração rápida e desigual que o fazia sentir como se estivesse se afogando. O corpo inteiro doía. Os pulmões ardiam quando o ar entrava.

A figura ficou nítida. O atlante em pé sobre ele, observando, esperando… o quê?

Dorian tentou falar, mas não conseguia encher os pulmões o bastante. Soltou um ruído áspero e fechou os olhos. Havia um pouco mais de ar. Ele abriu os olhos.

— O que… você quer?

— Quero o que você quer, Dorian. Quero que você salve a raça humana da extinção.

Dorian estreitou os olhos.

— Não somos o que você acredita que somos, Dorian. Nunca machucaríamos vocês, da mesma forma que um pai nunca machucaria um filho. — Ele meneou a cabeça. — É verdade. Nós criamos vocês.

— Mentira — Dorian rosnou para ele.

O atlante balançou a cabeça.

— O genoma humano tem uma complexidade maior do que vocês conhecem. Tivemos muitos problemas com sua função da linguagem. Claramente ainda precisamos trabalhar mais nisso.

Dorian estava começando a respirar normalmente e se sentou. O que o atlante queria? Por que o mistério? Era óbvio que controlava a nave. *Por que ele precisa de mim?*

O atlante respondeu como se Dorian tivesse pensado alto.

— Não se preocupe com o que eu quero. — Do outro lado da câmara, as portas pesadas se abriram. — Venha comigo.

Dorian ficou em pé e pensou por um momento. *Que escolha eu tenho? Ele*

pode me matar quando quiser. Vou desvendar esse mistério, esperar uma chance.

O atlante falava enquanto levava Dorian por outro corredor pouco iluminado de metal cinza.

— Você me surpreende, Dorian. É inteligente, ainda que seu ódio e seu medo o controlem. Pense nisso de forma lógica: viemos aqui em uma espaçonave que emprega conceitos da física que sua raça nem descobriu ainda. Vocês percorrem este planetinha em latas de alumínio pintadas que queimam restos liquefeitos de répteis ancestrais. Honestamente acreditam que podem nos vencer numa batalha?

A mente de Dorian pensou nas trezentas ogivas nucleares alinhadas ao redor da nave.

O atlante virou-se para ele.

— Você acha que não sabemos o que é uma bomba nuclear? Já partíamos átomos antes de vocês partirem lenha. Esta nave poderia aguentar a força de todas as ogivas nucleares deste planeta. Vocês não fariam nada além de derreter o gelo deste continente, inundar o mundo e encerrar sua civilização. Seja racional, Dorian. Se nós quiséssemos matá-los, vocês já estariam mortos. Estariam mortos dezenas de milhares de anos atrás. Mas nós os salvamos e estamos guiando vocês desde então.

O atlante precisava estar mentindo. Estava tentando dissuadir Dorian de atacar?

O atlante sorriu.

— E você ainda não acredita. Acho que eu não deveria estar surpreso. Nós programamos vocês dessa maneira, para sobreviver, atacar qualquer ameaça para sua sobrevivência.

Dorian o ignorou. Ele estendeu o braço, aproximou-se mais e correu a mão através do atlante.

— Você não está aqui.

— O que você vê é o meu avatar.

Dorian olhou ao redor. Pela primeira vez, ele sentiu um indício de esperança.

— Onde você está?

— Vamos chegar lá.

Uma porta se abriu e o atlante entrou.

Dorian observou a saleta. Dois trajes especiais estavam pendurados na parede e havia uma caixa prateada brilhante no balcão embaixo deles. Sua mente começou a trabalhar em um plano de fuga. *Ele não está aqui. É uma projeção. Posso incapacitá-lo?*

— Eu disse que poderíamos fazer da maneira fácil ou da maneira difícil,

Dorian. Estou deixando você ir. Agora, vista o traje.

Dorian olhou o traje, então escaneou a sala, procurando desesperadamente por algo que pudesse usar. A porta bateu e Dorian sentiu o ar sendo sugado. Ele alcançou o traje e começou a vesti-lo. Um plano se formou em sua mente. Ele colocou o capacete sob seu braço direito, e o atlante moveu-se até a caixa prateada.

— Pegue a caixa.

Dorian a olhou de relance.

— O que...

— Nossa conversa acabou, Dorian. Pegue a caixa e não a abra. Não importa o que aconteça, não abra a caixa.

Dorian pegou a caixa e seguiu o Atlante para fora da sala e pelos corredores, de volta ao espaço aberto onde estavam os cadáveres. As portas corrediças que se fecharam com um estrondo estavam abertas e a imensa tumba estendia-se diante dele. Dorian olhou para o tubo aberto do qual David havia saído. Tanto um como o outro haviam... "ressuscitado" nos tubos, depois de suas mortes. Ele retornaria? Se sim, poderia causar problemas. Dorian apontou para o tubo vazio de David.

— E esse…

— Eu cuidei dele. Ele não vai voltar.

Outro pensamento ocorreu a Dorian: a diferença de tempo. Seu pai ficou ali embaixo por oitenta e sete anos, mas lá dentro haviam se passado apenas oitenta e sete *dias*. O Sino no perímetro formava uma bolha de dilatação temporal. Um dia dentro significava um ano fora. Que ano seria lá fora? Quanto tempo ele ficara no tubo?

— Que ano…

— Eu desativei o dispositivo que vocês chamam de Sino. Passaram-se apenas alguns meses. Agora vá. Não vou falar de novo.

Sem dizer mais nada, Dorian partiu pelo corredor. Havia uma trilha fina de sangue, o de seu pai. Para alívio de Dorian, as gotículas de sangue aumentavam a cada passo e, de repente, pararam. *Vamos nos reunir de novo em breve e terminaremos com isso*. Seu sonho de vida estava novamente ao alcance da mão.

Na longa câmara de descontaminação, ele viu o traje rasgado de Kate e dois trajes menores que as crianças do laboratório haviam usado.

Dorian caminhou até o portal e prendeu seu capacete. Esperou com a caixa presa sob o braço direito.

As três peças triangulares do portal giraram para se abrir e Dorian passou rapidamente por elas. Pouco antes de cruzar a soleira, jogou a caixa de lado.

Um campo de força invisível, rígido como uma parede de aço, bateu contra

ele, repelindo-o para dentro da câmara novamente.

— Não se esqueça de sua bagagem, Dorian — a voz do atlante ecoou dentro do capacete.

Dorian pegou a caixa brilhante. *Que opção eu tenho? Vou deixar a caixa do lado de fora. Não importa.* Ele saiu da nave e parou, observando o entorno. A cena era muito parecida com a que ele vira quando passou a primeira vez pelo portal: uma câmara de gelo com um teto alto, um monte de neve com um cesto de metal retorcido e o cabo de aço empilhado, além de um túnel de aço redondo de aproximadamente seis metros que levava até a superfície, mais de três quilômetros acima. Mas havia algo novo. No meio da câmara, bem abaixo do túnel de gelo, três ogivas nucleares estavam sobre uma plataforma de aço, unidas por um grupo de fios. Uma a uma, pequenas luzes piscavam nas ogivas armadas.

Capítulo 10

Distrito Orquídea
Marbella, Espanha

Kate seguiu Martin através da cozinha em chamas para a sala de jantar aberta, que era a ala principal do hospital. A devastação era maior do que ela podia ter imaginado. Metade da parede ao fundo havia desmoronado e as pessoas estavam saindo às pressas do prédio, desviando-se dos escombros e atropelando os doentes e os retardatários.

Martin lançou-se sobre as pessoas apinhadas e abriu caminho às cotoveladas. Kate esforçou-se para manter o ritmo. Ela ficou surpresa com a agilidade de Martin, especialmente considerando o ferimento na cabeça.

Eles saíram do prédio, e Kate deu a primeira olhada no acampamento — ou no que havia restado dele. Incêndios gigantescos queimavam ao longo da cerca onde ficavam as torres de guarda. A frota de caminhões e jipes lançava grossas colunas de fumaça branca e preta, uma mistura tóxica de borracha e plástico queimados que fazia Kate engasgar e cobrir o nariz e a boca com a camisa. As torres brancas do hotel pareciam intocadas, mas, na base de cada uma, um fluxo infinito de pessoas saía aos borbotões.

O terreno do resort estava coberto. Hordas de pessoas fluíam em todas as direções, buscando freneticamente uma saída ou um lugar seguro das explosões, que pareciam acontecer de poucos em poucos segundos. Quase assemelhavam-se a manadas na savana, correndo de um predador invisível, cada membro simplesmente reagindo ao movimento ao lado deles.

Martin rastreou o perímetro, buscando uma maneira de sair.

Kate passou por ele às pressas e foi direto até o prédio do spa coberto por chumbo. Um pequeno incêndio queimava em um dos lados, mas, de resto, havia ficado ileso no ataque. Atrás dela, ouviu a explosão do que havia sido o escritório de Martin.

Ela chegou à porta do prédio do spa e ergueu a arma para atirar na fechadura, mas Martin estava atrás dela.

— Poupe suas balas.

Ele passou seu crachá na porta e a fechadura abriu com um estalo. Eles avançaram por corredores. Kate abriu a porta de Adi e Surya com tudo, e o alívio foi grande quando viu os dois sentados às mesas em lados opostos da sala, escrevendo em seus blocos de anotação sem preocupação nenhuma com o mundo.

— Meninos, precisamos ir.

Os dois a ignoraram.

Ela caminhou até Adi e o agarrou. Ele era magro, mas provavelmente ainda pesava uns vinte quilos. Kate se esforçou para levantá-lo e ele se debateu nos braços dela, estendendo a mão desesperadamente para o bloco de anotação. Ela o deixou no chão, entregou o bloco para ele e o menino se acalmou consideravelmente. Do outro lado da sala, ela viu Martin seguindo o exemplo com Surya.

Praticamente arrastaram os garotos para fora do prédio e, dessa vez, Martin levou Kate através do acampamento, para dentro da massa agitada de pessoas. Lá adiante, irrompeu um tiroteio, fazendo a multidão se espalhar. Através do povo em fuga, Kate conseguiu ver as tropas espanholas combatendo o grupo de sobreviventes — uma mistura de rostos que ela vira na cela da prisão e as novas pessoas que haviam chegado. A bandeira azul-clara da Orquídea tremulava e se inflava ao vento enquanto queimava sobre eles.

Martin fuçou a mochila e entregou a Kate um ovo verde com uma alça.

— Seu braço é melhor que o meu — disse ele. — Se os espanhóis perderem, não vamos sair daqui. — Ele puxou o pino e, quando Kate percebeu o que era, quase soltou. Martin segurou as mãos dela. — Jogue.

O tumulto ao redor ficou mais intenso quando pessoas avançaram contra ela, puxando a mão de Adi da dela e forçando o menino a ir para o chão. Eles o pisoteariam. Kate lançou a granada por sobre o portão e o som dos tiros e, em seguida, caminhou para dentro da turba. Ela puxou Adi para abraçá-lo quando o calor e o som da explosão atravessaram a multidão.

Quando a fumaça subiu, a massa de pessoas reverteu o curso, fluindo na direção do portão. Kate, Martin e os garotos avançaram e conseguiram sair pelos portões no momento em que o som de tiros recomeçou — dessa vez atrás deles.

Os fundos do resort abriam-se para uma pequena estrada que desembocava na rodovia principal. Kate parou diante do que via — era incrível. Carros abandonados enchiam a via expressa a perder de vista. Nas duas pistas, os carros pararam abruptamente perto da entrada do Distrito Orquídea. Portas ficaram abertas e havia roupas espalhadas pela rua, comida apodrecida e objetos que Kate não conseguia identificar. As pessoas dirigiram até ali para buscar segurança, para encontrar a droga salvadora. Se Kate, Martin e os garotos

conseguissem chegar a um dos primeiros carros, poderiam sair dali rapidamente.

Martin parecia ter lido sua mente. Ele balançou a cabeça.

— Eles tiraram toda a gasolina semanas atrás. Precisamos chegar à Cidade Velha. É nossa única chance.

Eles continuaram a se deslocar com a multidão, mas, a cada passo, a massa concentrada ficava mais dispersa quando as famílias e os solitários se separavam, pegando cada um seu rumo para longe da costa e da morte no Distrito Orquídea. Martin continuou a liderar enquanto ele e Kate puxavam os garotos pela mão.

Além da via expressa, as ruas eram dotadas com os locais característicos de qualquer balneário espanhol: lojas de praia, redes de lojas e hotéis. Todos vazios, e a maioria das vitrines estava estilhaçada. O sol já quase havia se posto e os tiros à distância ainda eram intensos, mas tinham diminuído.

Enquanto Kate caminhava, uma nova sensação a acometeu: um cheiro, levemente doce, mas ainda assim pútrido. Cadáveres. Quantos haveria lá fora? As palavras que Martin dissera mais cedo ecoaram em sua mente: noventa por cento morreram em setenta e duas horas. Quantos morreram antes de o Distrito Orquídea ter sido estabelecido? O que encontrariam depois da cerca?

Caminharam mais alguns quarteirões em silêncio e as ruas mudaram. O asfalto deu lugar às pedras de calçamento e os prédios eram diferentes, também. As lojas ficaram menores e singulares. Casas de arte, cafés e lojas de suvenir que vendiam quinquilharias feitas à mão enchiam as ruas. Elas estavam melhores que as lojas da estrada, mas ainda havia sinais de vandalismo ali: prédios incendiados, carros abandonados e lixo.

Martin parou para tomar fôlego em uma parede branca de gesso que segurava um portão de ferro — possivelmente o portal da Cidade Velha. A onda de adrenalina que o empurrara para fora do acampamento parecia ter se esvaído e Kate achou que ele estava mais emaciado que nunca — como um bêbado em uma manhã após uma noitada. Ele pôs as mãos nos joelhos e respirou fundo várias vezes.

Kate virou-se e observou o contorno da praia atrás dele. A Cidade Velha de Marbella ficava numa colina e a paisagem era incrível. Sem as colunas de fumaça, a vista do pôr do sol sobre o Mediterrâneo e a praia de areia branca teriam sido de tirar o fôlego. Através da fumaça, surgiu uma dúzia de objetos pretos: uma frota de helicópteros.

Ela agarrou as mãos de Adi e Surya e virou-se para correr, mas Martin a impediu com um braço estendido. Ele envolveu os dedos no ombro de Kate e puxou-a junto com os garotos para trás dele, colocando o corpo entre eles e algo. Kate olhou por sobre o ombro dele e viu o que era.

Adiante, em um cruzamento, dois lobos perambulavam. Os animais pararam por um momento, espreitando, em seguida viraram lentamente a cabeça na direção de Kate, Martin e os garotos. Um momento silencioso e imóvel pareceu estender-se durante uma eternidade. Então Kate ouviu o som suave das patas, andando sobre a rua de pedra. Outros dois lobos se juntaram à primeira dupla, em seguida outro chegou, e três mais, num total de oito, todos em pé na rua, encarando.

O lobo maior se separou da alcateia e caminhou a passos largos na direção deles, sem tirar os olhos de Martin. Um segundo animal sarnento seguiu logo depois.

Eles pararam a poucos metros de Martin, examinando-o. As mãos de Kate começaram a tremer. A umidade enchia o espaço onde suas mãos tocavam as dos garotos.

Atrás deles, o som das hélices dos helicópteros ficava cada vez mais alto.

Capítulo 11

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

Dorian ergueu os braços, deixando a caixa cair com tudo na neve. O que ele esperava que os camaradas da Immari fizessem? Simplesmente saiu vestindo um traje atlante, segurando uma caixa misteriosa. Já teria acionado o botão das ogivas.

O visor no capacete era espelhado — eles não conseguiriam ver o rosto de Dorian. Precisava se comunicar com eles de alguma maneira, usar algum método para enviar uma mensagem. Vasculhou o espaço de gelo, procurando algo que pudesse usar. Não poderia riscar uma mensagem no gelo — estava congelado e sólido. Com a mão, começou a rabiscar o ar, escrevendo as letras: D-O-R-I-A-N. Um segundo conjunto de luzes nas ogivas acendeu-se. Ele riscou as letras novamente. Não estava funcionando. Ele lançou um olhar ao redor da sala, tentando desesperadamente encontrar algo que pudesse…

Um corpo, quase enterrado no gelo, estava caído contra a parede. Dorian correu até ele e esmurrou o gelo ao seu redor, tentando desenterrá-lo. Talvez conseguisse ativar o rádio do traje. Limpou o gelo do capacete e instantaneamente recuou em choque. Seu pai. Rios de sangue congelado rodeavam seu rosto. O frio preservou-o à perfeição. Eles o mataram, deixaram-no ali com o Sino. Por quê? Quem? Dorian ficou lá sentado, encarando o cadáver do pai. Não ligava mais para as bombas.

No fim do corredor, o som de aço batendo no gelo ecoou pela câmara. Dorian virou-se. Uma gaiola estava esperando por ele. As luzes nas bombas permaneceram ativas, mas elas não avançaram.

Dorian tirou o restante do corpo do pai das camadas de gelo, ergueu-o nos braços e caminhou até a gaiola. Deitou o pai gentilmente e ficou sobre ele. A gaiola começou a ser içada para a superfície.

Capítulo 12

Distrito da Cidade Velha
Marbella, Espanha

Kate conseguia ver agora: os oito animais não eram lobos, mas cães, emaciados, desesperados…

Kate soltou a mão trêmula de Adi e pegou a arma no bolso. Quando ela sacou a pistola, primeiro o cão maior e em seguida seu companheiro feroz rosnaram. Seus pelos se arrepiaram enquanto eles se preparavam para saltar.

A mão de Martin estendeu-se para a de Kate, e ele lentamente fez com que ela guardasse a arma no bolso, tirando-a de vista. Ele continuava olhando para a frente, mas sem fazer contato visual com os cães.

Devagar, os cães pareceram soltar o ar dos pulmões. Os pelos abaixaram para os montes emaranhados nas costas, os dentes brancos espumantes desapareceram e eles tornaram a piscar. Em seguida, viraram-se e voltaram devagar à matilha, espalhando-se pela rua sem fazer barulho.

Martin balançou a cabeça.

— Estão formando matilhas, mas apenas para procurar comida. E há comida aqui que eles podem comer e nós, não.

O som dos helicópteros estava quase sobre eles e Kate viu um holofote rastreando o céu. O que estavam procurando?

Martin pegou Surya pela mão. Kate e Adi correram atrás deles.

— Há uma igreja a poucos quarteirões daqui. Está fechada para ser nosso ponto de encontro — disse ele. — Se conseguirmos aguentar até de manhã, poderemos encontrar a equipe do SAS no ponto de extração.

Kate forçou as pernas para manter o ritmo de Martin. A cada passo, os últimos vestígios da luz do dia desapareciam. Lá em cima, três luzes agora riscavam o céu.

Kate parou na rua. Os helicópteros estavam soltando algo. Ela e Martin praticamente mergulharam no beco mais próximo quando as bombas caíram. Uma grande explodiu a uns doze metros de distância, fazendo chover… folhas de papel ao redor deles. Kate agarrou uma. Um folheto. Os helicópteros estavam

jogando panfletos. A página estava em espanhol, mas ela virou e encontrou uma tradução.

Ao povo e aos prisioneiros da Andaluzia:
Ouvimos seu chamado.
A liberdade está ao alcance da mão.
A Immari Internacional veio até vocês para conceder o direito humano básico à liberdade que o Bloco Orquídea lhes negou.
Fiquem do nosso lado e reivindiquem seu direito de viver e morrer como quiserem.
Seus ditadores revogaram seu direito à escolha de um governo próprio.
Estendam lençóis nos telhados e mostrem ao mundo sua escolha.
Viemos em paz, mas não fugiremos da guerra.

Kate vasculhou o horizonte. Lençóis brancos lançados dos helicópteros pairavam no ar, cobrindo a cidade. A Immari aparentemente estava maquiando a "escolha". O que fariam? Tirariam fotos via satélite para mostrar ao mundo, justificando sua invasão?

Kate percebeu que Martin já estava na rua, avançando o mais rápido que podia até a igreja. Kate enfiou a folha no bolso e correu atrás dele.

Atrás dela, o ruído de outro grupo de helicópteros encheu o ar. Estavam soltando algo diferente dessa vez. Paraquedas presos a… soldados? Tropas de paraquedistas?

Martin olhou para os helicópteros e, por um instante, Kate viu medo em seus olhos.

A fuga palpitante da praia e seu ritmo desde então sem dúvida mandaram sua pressão arterial para o espaço — o que não era ideal para alguém com um ferimento na cabeça. Kate conseguia ver o sangue vazando do rasgo na parte de trás da cabeça do homem. Ela precisaria fechar aquele ferimento, e logo.

Eles continuaram. Quarteirões da Cidade Velha passaram quase como um borrão.

Adiante, um paraquedas estava aterrissando, sacudindo em silêncio para a frente e para trás.

Martin e Kate pararam, fazendo os garotos interromperem a corrida ao lado deles. Não tinham para onde ir, mas… o passageiro nas cordas do paraquedas não era uma pessoa. Era um barril de metal.

O barril bateu nas pedras de calçamento, rolou por um segundo e, em seguida, um tampão numa das pontas foi expelido e começou a girar loucamente enquanto gás verde era despejado na rua.

Martin apontou para Kate recuar.

— Estão jogando gás na cidade. Vamos, precisamos entrar.

Procuraram em cada prédio do quarteirão uma loja sem as vitrines quebradas, mas em todas o cenário era o mesmo: correntes na porta e vitrines que haviam sido estilhaçadas muito tempo antes. Adi estava ficando mais lento e Kate puxou-o pelo braço. Os garotos estavam cansados. Kate parou e pegou Adi no colo. Ela viu Martin fazer o mesmo com Surya. Quanto poderiam carregá-los? Mais à frente, uma nuvem de gás verde espalhava-se pelo cruzamento.

Kate precisava ganhar tempo. Ela deixou Adi no chão e cambaleou para pegar um dos lençóis que estavam na rua. Rasgou quatro tiras, cobriu o nariz e a boca dos garotos e entregou a Martin um pedaço do tecido.

Nos becos à direita e à esquerda, nuvens de gás emergiram. A cena era igual nos cruzamentos à frente e atrás deles. Ela ergueu Adi e seguiu Martin para dentro do gás.

Capítulo 13

Fora da Base de Operações Prisma
Antártida

Dorian esperou calmamente enquanto a gaiola ascendia na escuridão total. A luz diáfana da câmara de gelo havia desaparecido um tempo antes, e não havia luz do sol ou luz artificial lá em cima, apenas a completa escuridão.

Dorian agachou ao lado do corpo do pai, pensando no que faria quando chegasse à superfície — e o que eles fariam.

Descer a gaiola para ele foi um movimento perspicaz. Eles acharam que Dorian era um combatente inimigo. Sempre era melhor lutar em um campo de batalhas de sua escolha e perto de seu exército. A Immari poderia simplesmente ter enviado um punhado de tropas pelo túnel e, assim que chegassem ao fundo, poderiam encontrar mais tropas atlantes lá. Reforços não seriam enviados lá para baixo com tanta rapidez, então qualquer força que mandassem poderia ser perdida facilmente — ou pior: capturada e obrigada a fornecer informações sobre a força de tropas e capacidades defensivas da Immari.

Dorian tinha certeza de uma coisa: eles o incapacitariam no momento em que a gaiola chegasse à superfície.

Ele se deitou de costas na gaiola, ombro a ombro com seu falecido pai. Observou e esperou. Os holofotes da plataforma lá em cima perfuravam a escuridão, ficando cada vez mais brilhantes e, finalmente, tomaram forma.

A gaiola estalou e parou, sacudindo levemente com o vento. Dorian ouviu o esmagar da neve quando botas correram até ele e, em seguida, foi cercado por fileiras de homens apontando fuzis automáticos para ele.

Não havia som e, por um momento, nada aconteceu. Estavam esperando por ele. Dorian não se mexeu. Por fim, um soldado avançou e amarrou suas mãos e seus pés, depois dois soldados ergueram-no e também a seu pai, e carregaram-nos na direção da base. Luzes fortes banhavam a área, revelando em que a base havia se transformado. A seção mais próxima estava exatamente como Dorian se lembrava dela: uma lagarta branca gigante, estendendo-se pelo comprimento de um campo de futebol e curvando-se nas pontas. Mas havia mais lagartas agora

— ao menos trinta — espalhadas até onde a visão alcançava. Quantas tropas estavam acampadas ali? Esperava que fossem o suficiente. Ele descobriria quem fora o assassino de seu pai e o faria pagar, mas, primeiro, precisava lidar com a ameaça lá embaixo.

Os soldados entraram em uma grande câmara de descontaminação, e os aspersores se abriram, encharcando Dorian e o contingente que o vigiava. Quando o líquido parou, os homens levaram-no e jogaram-no sobre uma mesa.

O soldado mais próximo abriu o fecho do capacete de Dorian e o retirou. O homem parecia paralisado.

— Eu escapei. Agora, me desamarre. Eles acordaram. Precisamos atacar.

Capítulo 14

Campo de Treinamento Camelot da Immari
Cidade do Cabo, África do Sul

Raymond Sanders observava a cordilheira quando os primeiros soldados chegaram. Eles corriam à velocidade máxima — quase trinta e cinco quilômetros por hora — e carregavam mochilas com vinte e sete quilos. O sol estava se erguendo sobre as montanhas sul-africanas à distância, mas Sanders não conseguia tirar os olhos do exército crescente de supersoldados que treinavam lá embaixo.

— Tempo? — perguntou Sanders ao assistente, Kosta, sem se virar.

— Catorze horas e vinte e três minutos. — Kosta balançou a cabeça. — Incrível.

Sanders ficou maravilhado com o tempo. Quanto mais os forçavam, mais fortes ficavam os soldados.

— Mas tivemos baixas — disse Kosta.

— Quantas?

— Seis. Esta tropa começou com duzentos.

— Causa?

Kosta folheou as páginas.

— Quatro caíram mortos durante a marcha de ontem. Estamos fazendo as autópsias. Provavelmente ataque cardíaco ou derrame. Mais dois morreram à noite. Também faremos autópsia neles.

— Três por cento é um preço pequeno a pagar pelo ganho. E quanto às outras tropas?

— Melhorias, mas nada próximo à tropa cinco.

— Encerre os outros regimes. Mas vamos continuar testando — disse Sanders.

— Com as mesmas tropas?

— Não, vamos começar do zero. Não quero que os regimes de treinamento anteriores distorçam os resultados. A equipe científica tem um protocolo novo?

Kosta assentiu.

— Toneladas deles.

— Bom…

— Mas tenho de dizer uma coisa, senhor. Estão se estabilizando. Já passamos do ponto do rendimento decrescente. São pessoas, não números em uma planilha que podem ser ajustados. Parece que…

— Estão ficando melhores. Mais fortes, mais rápidos, mais espertos. Os últimos testes cognitivos foram os melhores até agora.

— Verdade, mas, em algum momento, teremos de concluir que são bons o bastante. Não podemos continuar afastando a linha de chegada. Procrast…

— Parecia mesmo que você estava prestes a dizer "procrastinar", Kosta. Não consigo lembrar exatamente, mas acho que eu estou no comando e você é o assistente que carrega a papelada. — Ele balançou a cabeça de um jeito teatral. — Só há uma maneira de descobrir. Se eu lhes disser para colocá-lo na próxima tropa, e acontecer, então *bam*, teremos nossa resposta.

Kosta engoliu em seco e apontou para a janela, para as fileiras de tendas e acampamentos quase infinitos.

— Estou apenas tentando ajudar e… O que eu quero dizer é que… temos quase um milhão de soldados. Temos um regime de treinamento viável que os torna quase fortes como jamais poderiam ser. E não sabemos quanto tempo ainda temos.

— Também sabemos que não teremos uma segunda chance. O exército que enviaremos às tumbas é o único que vai para lá. Ou eles se dão bem ou enfrentaremos a incerteza que virá depois disso. Não quero fazer isso. Você quer? Pode seguir minhas ordens ou se juntar a eles nas tendas lá embaixo. Agora, diga qual a situação no sul da Espanha.

Kosta pegou outro prontuário.

— Temos as principais cidades na Andaluzia, Sevilha, Cádiz, Granada e Córdoba. Também controlamos todas as cidades costeiras significativas, inclusive Marbella, Málaga e Almería. Estamos trabalhando com as agências de notícias, pressionando-os para liberarem as histórias. Nossos representantes dizem que estão hesitantes. Se cogitarem que temos uma chance, talvez comecem a camuflar seu apoio à Orquídea. Logo saberemos. Nossas tropas de manobra estão entrando na costa.

— Alguma reação da Aliança Orquídea?

— Nada ainda. Não esperamos muita resistência. A Clocktower diz que os Aliados poderiam estar esperando uma redução na velocidade de produção de Orquídea na França e no norte da Espanha. As nações-membros estão em pânico.

O momento perfeito. Sanders não poderia ter planejado melhor.

A porta se abriu e um general da Immari entrou.

— Senhor…

— Estamos trabalhando aqui — ralhou Sanders.

— O portal na Antártida se abriu.

Sanders apenas o encarou.

— Dorian Sloane saiu de lá. Ele trouxe uma caixa lá de baixo. Ele diz…

— Onde ele está agora? — perguntou Sanders sem rodeios.

— Eles o trouxeram à superfície. Está na sala de conferência principal recebendo informações da situação.

— Você só pode estar brincando.

O general parecia confuso.

— Ele é o membro principal do Conselho da Immari.

— Quero que ouça com muita atenção, general. *Eu* sou o membro principal do Conselho da Immari. Dorian Sloane ficou dentro da estrutura por quase onze semanas. Não sabemos o que ele estava fazendo lá, mas eu garanto que não será bom para nós. Temos que partir do princípio de que o reprogramaram, fizeram lavagem cerebral nele e o enxotaram de lá com uma missão.

— O que deveríamos…

— Use o contingente de agentes da Clocktower local. Faça com que digam a Sloane que têm algo para lhe mostrar. Leve-o até um dos laboratórios e usem gás para apagá-lo. Depois, levem-no para uma sala de interrogatório e amarrem-no bem. Não subestimem o homem. Sabe lá Deus o que fizeram com ele lá embaixo. Deixe guardas de prontidão na porta. — Sanders pensou por um momento. — Você disse que ele estava com uma caixa. Onde ela está?

— Sloane deixou no fundo do túnel. Ele diz que acha ser perigoso. Que não deveríamos abri-la.

Sanders pensou por um momento. Seu primeiro instinto lhe disse que a caixa era uma bomba. Talvez Sloane realmente pensasse isso também. Se a trouxessem para cima, poderia destruir o acampamento inteiro ou talvez algo pior. Havia outra opção: que Sloane havia deixado lá embaixo porque ele ou os atlantes precisavam dela lá. O exército atlante precisava da caixa lá fora para que pudessem sair das tumbas? A caixa servia a outro propósito lá? Poderia derreter o gelo e liberar a nave? Ele precisava de respostas. Não poderia deixá-la lá e não poderia movê-la até saber o que era.

— Quanto de equipe científica temos no local?

— Equipe mínima. Evacuamos quase todo mundo quando fizemos o realinhamento de tropas para o ataque.

— Mande quem quer que tenhamos lá para baixo. Descubra o que é a caixa. Mas não abra. Mande alguém sem conhecimento de nossas capacidades

defensivas. Entre em contato direto comigo quando souberem o que é.

O general assentiu e esperou.

— Isso é tudo, general. — Quando o general saiu, Sanders voltou-se para Kosta. — Cancele os experimentos. A coisa já está acontecendo. Precisamos ir para a guerra com o exército de que dispomos. E tenho a sensação de que necessitaremos de mais tropas. Acelere com a limpeza de Andaluzia. Como estamos com o transporte?

— Ainda estamos tentando recolher os barcos.

— Tente com mais empenho. Precisamos mover um milhão de soldados para a Antártida, e logo.

Capítulo 15

Você está ouvindo a BBC, *a voz do triunfo humano no septuagésimo nono dia da Praga Atlântida.*

A BBC confirmou diversos relatos de que a Immari invadiu o continente europeu. A invasão começou no final da tarde de ontem, quando helicópteros e drones lançaram foguetes sobre as cidades ao sul da Espanha. Dessa vez, o número de vítimas ainda é desconhecido.

Testemunhas oculares de toda a província da Andaluzia dizem que os Distritos Orquídea foram os principais alvos do ataque da Immari. Especialistas políticos especulavam havia semanas que a Immari começaria a assimilar as populações vulneráveis na Europa e na Ásia. Parece que iniciaram sua campanha no sul da Espanha.

Dr. Stephen Marcus, especialista do think tank *Século Ocidental, disse anteriormente: "No fim das contas, ninguém sabe de verdade das intenções da Immari, mas um fato é notório — estão formando um exército. Você não forma um exército até que precise dele para se proteger ou pretenda usá-lo para atacar um inimigo. É difícil acreditar que a Aliança Orquídea possa lançar qualquer tipo de contra-ataque".*

A fraqueza da Aliança Orquídea causa em todo o mundo temor de que a incursão da Immari na Andaluzia possa ser o prelúdio de um ataque maior ao continente europeu — um ataque que a Aliança Orquídea não conseguirá deter.

Janet Bauer, especialista em produção de Orquídea, concorda com a avaliação. "Os Aliados fizeram bem ao manter a produção de Orquídea como está. Não podem guerrear. Mesmo que quisessem, o caráter prático de levar a Orquídea às frentes de combate para manter soldados vivos torna a questão simplesmente impossível. Formar um exército Aliado a partir dos sobreviventes apresenta um conjunto totalmente novo de problemas relacionados à lealdade. A maioria dos sobreviventes que mantém o cérebro funcionando é de simpatizantes da Immari — eles foram obrigados a viver nos Distritos Orquídea, o que muitos acreditam ser um confinamento que já dura três meses."

Especialistas especulam que a Immari está simplesmente comendo a Europa pelas beiradas — que, ao tomar uma província que os Aliados não podem defender, estão testando a determinação deles e a vontade do povo. Em suma, a

Immari está avaliando a Europa.

Dr. Marcus detalhou este momento: "Isto é Estratégia de Guerra elementar: o agressor dá um pequeno passo além do limite, em seguida espera o resultado. Vai receber conciliação ou revide? Nossa reação determinará o movimento seguinte deles. Se sentir fraqueza, dá outro passo, e outro".

Muitos acreditam que esse próximo passo poderia ser a Alemanha. A srta. Bauer concorda. "A Alemanha é o verdadeiro objetivo aqui. É a chave para o continente inteiro. A Alemanha produz setenta por cento de toda a Orquídea na Europa. Se o exército da Immari chegar à Alemanha, será o fim para a Europa. Enquanto a Alemanha continuar em pé, o continente continuará."

Para sermos imparciais em relação à Immari, concordamos em ler esta declaração com relação aos ataques:

"A Immari Internacional lançou ontem um vasto esforço de resgate no sul da Espanha. Por quase três meses, o povo da Andaluzia viveu em campos de concentração e foi forçado a tomar uma droga contra sua vontade. A Immari Internacional foi fundada com a ideia de criar uma sociedade global. Nossas origens estão no comércio e temos o intuito de conectar o mundo. Continuamos com essa tradição hoje, mas as circunstâncias desesperadoras a que as nações Orquídea forçaram o mundo nos fizeram buscar novas possibilidades para a liberdade global. Não somos violentos, mas protegeremos a população mundial da opressão e de quaisquer medidas que violem seu livre-arbítrio."

A BBC deixa claro a seus ouvintes que não toma partido em conflitos armados. Trazemos as notícias e continuaremos a trazê-las, não importa quem vença.

Capítulo 16

Immari Um
Sobre o sul do Oceano Atlântico — em viagem à Antártida

Raymond Sanders afastou-se da janela do avião e atendeu ao telefone via satélite.

— Sanders.

— Acabamos de receber um relatório da equipe que está examinando a caixa. Eles dizem que está vazia.

— Vazia? — Sanders não esperava por aquilo. — Como sabem?

— Usaram uma máquina de raio X portátil. Também dizem que o peso indica que não poderia conter nada além de ar.

Sanders recostou-se no assento.

— Senhor?

— Estou aqui — respondeu Sanders. — Mais alguma coisa?

— Sim. Acham que a caixa poderia estar emitindo algum tipo de radiação.

— O que isso significa? Ela é…

— A equipe não sabe, senhor.

— Qual a teoria atual? — perguntou Sanders.

— Não há uma teoria.

Sanders fechou os olhos e esfregou as pálpebras. Quem quer que estivesse dentro daquela estrutura queria a caixa fora dela.

— Sloane deixou a caixa bem diante do portal. É possível que os atlantes precisem que ela saia de lá, que ela sirva para algum tipo de objetivo lá?

— É possível, suponho. Não tenho certeza de como testaríamos essa teoria. A equipe científica e os equipamentos no local são muito limitados.

— Tudo bem… Vamos tirar a caixa de lá. Ponha em algum tipo de caixa de chumbo, ou qualquer coisa que possa deter a radiação, e leve para nossa central de pesquisa principal, algum lugar onde possamos obter respostas reais.

— Quem deveríamos mandar olhar a caixa?

Sanders pensou por um momento.

— Quem foi o cientista na gaiola, Chang?

— Ele está em uma barca da praga, no Mediterrâneo…

— Não, não ele. O cara nuclear.

— Chase?

— Isso. Faça com que ele verifique. Diga para informar o que descobrir diretamente a mim.

Capítulo 17

Distrito da Cidade Velha
Marbella, Espanha

O gás verde estava espesso como névoa e Kate conseguia ver apenas poucos metros adiante. Ela seguiu Martin, esperando que ele soubesse aonde estava indo e que eles encontrassem abrigo logo. Ele havia parado de inspecionar as vitrines das lojas, simplesmente continuou o mais rápido que podia carregando Surya. A cabeça de Adi descansava no ombro de Kate e ela manteve os braços bem firmes ao redor dele. A cada poucos segundos, ele estremecia ao tossir.

O gás fazia os olhos arderem e deixava um gosto metálico na boca. Ela imaginou o que era, o que estavam fazendo com eles.

Adiante, Martin virou abruptamente à direita para dentro de um pequeno pátio. Uma igreja com paredes de gesso branco estava adiante e Martin correu até sua porta de madeira pesada. Quando se aproximaram, Kate inspecionou os vitrais. Os cidadãos desesperados de Marbella não os haviam quebrado.

Martin abriu a porta com tudo e Kate e os meninos correram para dentro. Ele fechou quando os primeiros filetes de gás verde atravessaram a porta.

Kate deixou Adi no chão e praticamente despencou. Estava exaurida ao máximo, acabada, mesmo para inspecionar a catedral. Usou o resto de força para tirar o pano do rosto de Adi e Surya e, então, fazer uma verificação rápida em cada um deles. Estavam cansados, mas bem.

Ela se afastou, caminhou até o banco de madeira mais próximo e se esticou. Minutos depois, Martin estava lá, em pé ao lado dela com uma barrinha de proteína e uma garrafa de água. Ela pegou os dois, deu uma mordida na barra, bebeu um pouco d'água, fechou os olhos e lentamente se entregou ao sono.

Martin observou Kate dormir enquanto esperava a conexão de *chat* seguro se ativar.

A janela do *chat* expandiu-se, e uma linha de texto surgiu.

Estação 23.DC> Situação?
Estação 97.MB> Complicada. Invasão de Marbella pela Immari em curso. Presos. Estou com Kate, Beta-1 e Beta-2. Seguros por ora. Não por muito tempo. Solicito retirada imediata. Não posso esperar. Loc. atual: Igreja de Santa Maria.
Estação 23.DC> Aguarde.
Estação 23.DC> Relatório equipe campo atual-2 h: fora de Marbella. Cidade bombardeada por gás, mas dissipando. Estaremos no ponto de encontro às 0900 horário local. /FIM DO RELATÓRIO/ OBSERVAÇÃO: equipe consiste em cinco soldados fortemente armados em uniformes militares espanhóis.

Martin recostou-se e suspirou. Talvez tivessem uma chance. Ele olhou para Kate. Ela se contorcia e fazia caretas. Estava tendo um pesadelo e o sono sobre o banco duro de madeira provavelmente não ajudava, mas era o melhor que Martin podia fazer por ela. Sabia que ela precisava descansar.



Kate estava sonhando, mas parecia tão real. Ela estava na Antártida novamente, nas tumbas de Atlântida. As paredes cinza brilhantes e as contas de luz no chão e no teto a fizeram estremecer. O lugar estava silencioso e ela, sozinha. Seus passos ecoavam alto, assustando-a. Olhou para baixo. Estava usando botas — e uma espécie de uniforme. Onde estava David? Seu pai? Os meninos?

— Olá? — ela chamou, mas as palavras apenas ecoaram pelo espaço vazio e gelado.

À esquerda, um par de portas grandes se abriu, banhando de luz o corredor escuro. Passou pela porta e examinou a câmara. Conhecia aquele recinto. Já o vira antes. A sala tinha dezenas de tubos, todos em pé e contendo um diferente ancestral humano, um espécime de uma das subespécies humanas. Mas apenas metade dos tubos estava cheia agora. Aonde tinham ido os outros corpos?

— Estamos obtendo mais resultados de testes.

Kate virou-se rapidamente, mas, antes que pudesse ver o rosto, a sala desapareceu.

Capítulo 18

Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

Dorian conhecia a sala — era a mesma sala de interrogatório onde deteve Kate Warner antes de ela escapar. Alguém havia trazido uma cadeira de interrogatório — que poderia ter sido uma cadeira de dentista com correias grossas para prender os pés, pulsos e peito. Os soldados o prenderam com tanta força que ele mal conseguia respirar. A tontura do gás parecia não passar nunca. Por que essas pessoas se voltaram contra ele? O portal se abrira de novo? Outro Dorian Sloane saiu de lá com outra história? Ou outra caixa? A caixa que Dorian carregava explodiu?

Dorian não teve de esperar muito por uma resposta. A porta abriu-se de uma vez e um homem arrogante entrou, dois soldados das forças especiais da Immari ao seu lado. Dorian conhecia o homem. Qual era seu nome? Sanford? Anders? Sanders. Era isso. Era um gerente mediano da Immari Capital. A expressão no rosto de Sanders disse a Dorian o que era: uma luta de forças. A revelação trouxe alívio ao corpo de Dorian. Ele poderia lidar com uma luta de forças.

Dorian deu um suspiro leve, mas o adversário falou primeiro.

— Dorian. Há quanto tempo. Como está?

— Não temos tempo para isso…

Ele assentiu, consciente.

— Certo. Atlantes. Despertando. Saindo. Estamos trabalhando nisso.

— Tem algo lá embaixo que controla a nave de dentro para fora. Precisamos destruí-la de fora para dentro.

Sanders aproximou-se de Dorian, examinando, inspecionando.

— O que fizeram com você? Digo, você está ótimo. Quase como novo. Pele macia. Realmente se livrou daquela aparência exausta, de cansaço extremo que o deixava com aspecto adoentado.

Este era o plano de Sanders — humilhar Dorian, mostrar a quem estivesse observando através do vidro que Sanders estava no comando e que Dorian não era ameaça. Dorian forçou a correia de peito, tentando desesperadamente se

erguer. Quase cuspiu as palavras.

— Ouça com atenção, Sanders. Você vai me soltar e nós vamos esquecer tudo isso aqui. Do contrário, eu juro, vou partir você ao meio e beber seu sangue enquanto assisto à sua morte.

Sanders jogou a cabeça para trás, ergueu as sobrancelhas e manteve a expressão por um bom tempo para, em seguida, gargalhar.

— Meu Deus, o que fizeram com você, Dorian? Você está realmente mais louco que antes. Quem imaginava isso ser possível? — Ele caminhou para longe de Dorian e virou-se, a expressão séria novamente. — Agora, quero que me ouça com atenção, porque isso é o que vai acontecer *de verdade*. Você vai ficar amarrado nessa cadeira, onde vai se sacudir e gritar mais coisas loucas. Então, nós vamos drogá-lo, você vai nos dizer tudo o que aconteceu lá embaixo e, quando tivermos terminado, vamos jogar seu corpo por aquele buraco, onde você vai congelar até a morte, que é uma morte melhor que a que meu predecessor deu ao maluco do seu pai.

O choque espalhou-se pelo rosto de Dorian.

— Sim, fomos nós. O que posso dizer, Dorian? A mudança de administração pode ser brutal às vezes. Aqui, vou mostrar a você o que quero dizer. — Sanders virou-se para um dos guardas. — Pegue as drogas, vamos começar.

Uma fúria gélida correu pelo corpo de Dorian, uma espécie clara e calculada de ódio que fez sua mente se concentrar. Os olhos examinaram as correias nas mãos e no peito. Ele não conseguiria quebrá-las. Os braços quebrariam primeiro. Ele torceu a mão sobre a correia esquerda, mas ela não cedeu. Sentiu a dor irradiar da mão. Quase quebrou o polegar. Puxou mais forte a correia e sentiu o polegar estalar na junta. A dor travava uma guerra com a raiva na mente de Dorian. A fúria venceu.

Sanders pegou a maçaneta.

— Acho que chegou a hora do adeus, Dorian.

Um dos guardas inclinou a cabeça e foi até Dorian. Ele havia percebido o que Dorian estava fazendo?

Dorian torceu o braço esquerdo com cada milímetro de força que tinha. Os nós do indicador e os dedos róseos curvaram-se e estalaram embaixo dos dedos médios, permitindo que ele deslizasse o braço da correia. Mas a mão ficou seriamente ferida — ele conseguiria usar apenas os dedos médio e anular. Seria o bastante? Ele estendeu a mão e agarrou a correia que prendia o braço direito. Os dedos do meio mal tinham força para prender a correia à palma da mão. Mas ele conseguiu. A dor era gigantesca. Ele se retorceu para trás e a correia se soltou. O soldado avançou. Dorian arrancou a correia do peito e se levantou, bateu com o pulso direito no nariz do guarda e girou, jogando-se a tempo de agarrar as pernas

de Sanders.

As correias nos pés de Dorian seguraram-no na cadeira, mas ele levou Sanders ao chão e puxou-o para si. Sanders gritou quando Dorian mordeu seu pescoço. O sangue espalhou-se sobre o rosto de Dorian e pelo chão, empapando a superfície branca em segundos. Ele largou Sanders a tempo de ver o outro guarda sacar sua pistola. E dar dois tiros em sua cabeça.

Capítulo 19

Igreja de Santa Maria da Encarnação
Marbella, Espanha

Kate acordou com o som de alguém digitando avidamente. Levou a mão ao rosto para afastar o sono dos olhos e percebeu instantaneamente como estava dolorida. A fuga frenética do Distrito Orquídea e o sono no banco duro de madeira estavam cobrando seu preço. Pela primeira vez desde que Martin a levara para Marbella, sentiu falta da pequena cama no prédio do spa, e da vida silenciosa de isolamento que tinha lá.

Sentou-se e olhou ao redor. A igreja estava escura, exceto pelas duas velas queimando no corredor central e o brilho de uma tela de notebook iluminando o rosto de Martin. Ao vê-la, ele se levantou rapidamente, pegou algo na mochila e se aproximou dela.

— Está com fome? — perguntou ele.

Kate negou com a cabeça. Ela buscou os meninos na catedral obscura. Estavam encolhidos, um ao lado do outro, no banco seguinte, enrolados em várias camadas de lençóis brancos que os helicópteros haviam soltado. Pareciam tão tranquilos. Martin provavelmente voltara lá fora para pegar os lençóis depois de ela ter apagado. Ela se concentrou nele.

— Quero terminar nossa conversa.

O terror encheu o rosto de Martin, ele se afastou de Kate e pegou mais dois itens da mochila.

— Ótimo, mas preciso de uma coisa primeiro. Duas, na verdade. — Ele ergueu um kit de coleta de sangue. — Preciso de uma amostra do seu sangue.

— Acha que tenho alguma relação com a praga?

Martin assentiu.

— Se eu estiver certo, você é parte importante do quebra-cabeça.

Kate quis perguntar como, mas outra questão a incomodava.

— Qual é a segunda coisa?

Martin estendeu um frasco redondo de plástico com um líquido marrom.

— Preciso que você tinja os cabelos.

Kate encarou as mãos estendidas de Martin.

— Ótimo — disse ela. — Mas quero saber quem está me procurando.

Ela pegou o kit de coleta e Martin a ajudou com o procedimento.

— Todo mundo.

— Todo mundo?

Martin virou o rosto.

— Isso. A Aliança Orquídea, a Immari e todos os governos moribundos entre uma e outra.

— Como assim? Por quê?

— Depois das explosões na usina chinesa, a Immari Internacional expediu um comunicado dizendo que você realizou o ataque e disseminou a praga, uma cepa de gripe usada como arma… o produto de sua pesquisa. Tinham uma gravação em vídeo, que era real, claro. E foi coerente com a declaração anterior do governo indonésio culpando você pelos ataques em Jacarta e pela realização de pesquisa não autorizada em crianças com autismo.

— É mentira — disse Kate, sem pestanejar.

— Sim, é mentira, mas a mídia repercutiu, e uma mentira repetida se torna uma percepção, e percepção é realidade. Percepção também é algo muito difícil de mudar. Quando a praga assolou o mundo, todos queriam alguém para culpar. Você foi a primeira história que apareceu e, por muitos motivos, a *melhor* história.

— A melhor história?

— Pense. Uma mulher supostamente descontrolada, trabalhando sozinha, criando um vírus para infestar o mundo e atingir seus objetivos ilusórios? É muito menos assustador que as opções: uma conspiração organizada ou, a possibilidade pior, uma ocorrência natural, algo que poderia acontecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Todas as opções são ameaças contínuas. O mundo não precisa de uma ameaça contínua. Precisam de um pistoleiro solitário maluco, possivelmente morto. Ou, melhor, capturado e punido. O mundo é um lugar de desespero; pegar e matar um vilão traz um ponto para o placar e dá a todo mundo um pouco mais de esperança de que venceremos tudo isso.

— E que tal contarmos a verdade? — perguntou Kate enquanto entregava o tubo com o sangue.

Martin soltou o tubo dentro da garrafa térmica.

— Acha que alguém acreditaria? Que a Immari tirou uma estrutura ancestral de debaixo da terra, com centenas de milhares de anos embaixo de Gibraltar, e que o dispositivo guardado nela desencadeou uma pandemia global? É a verdade, mas é muito distante, até mesmo para ser ficção. A maioria das pessoas tem uma imaginação muito limitada.

Kate pinçou o alto do nariz com os dedos. Ela passou a vida adulta em pesquisas sobre o autismo, tentando fazer a diferença. Agora era a inimiga pública número um. Fantástico.

— Eu não disse nada para você antes porque não queria preocupá-la. Não havia nada que você pudesse fazer. Eu tenho negociado sua passagem segura e sua segurança. Fechei um acordo dois dias atrás.

— Um acordo?

— Os ingleses concordaram em ficar com você — disse Martin. — Vamos encontrar a equipe em poucas horas.

Naquele momento, Kate não conseguiu evitar e olhou para os garotos, que dormiam no banco.

— Os meninos vão com você — Martin acrescentou rapidamente.

Ouvir que Martin tinha um plano, que logo estariam em segurança, pareceu drenar metade do medo e da tensão dela.

— Por que os ingleses?

— Minha primeira escolha seria a Austrália, mas está longe demais. O Reino Unido é mais próximo e, com certeza, tão seguro quanto. A Europa continental provavelmente cairá nas garras da Immari. Os ingleses vão resistir até o fim. Eles já fizeram isso antes. Estará segura lá.

— O que você negociou com eles?

Martin se levantou e estendeu a tintura de cabelo.

— Vamos lá, hora de mudar o visual.

— Você prometeu uma cura para eles. Foi isso que você negociou pela minha segurança.

— Alguém precisa conseguir a cura primeiro, Kate. Agora, vamos. Não temos muito tempo.

Capítulo 20

Centro de Pesquisa da Immari Corporate
Região de Nuremberg, Alemanha

Dr. Nigel Chase fitou a sala limpa através da ampla janela panorâmica. A caixa prateada misteriosa estava em pé sobre a mesa, reluzindo, refletindo as luzes da sala. A equipe da Antártida havia entregado a caixa estranha uma hora antes, e Nigel não descobrira nada dela até então.

Era hora de fazer alguns experimentos, hora de começar a conjecturar. Cuidadosamente, mexeu no controle. O braço robótico dentro da sala limpa deu um chacoalhão, quase derrubando a caixa da mesa de aço. Ele nunca pegaria o jeito. Era como aquele aparelho ridículo de parque de diversões no qual se colocava uma moedinha e tentava pescar um bicho de pelúcia. Aquilo também nunca funcionava. Limpou o suor da testa e pensou por um momento. Talvez não precisasse virar a caixa. Apenas usaria o braço para mover os equipamentos.

— Quer que eu tente? — perguntou Harvey, seu assistente no laboratório.

Nigel amava muito sua irmã, Fiona, quase tanto quanto se arrependia de ter aceitado o filho dela, Harvey, como seu assistente laboratorial. Mas ela queria Harvey fora de casa e, para isso, precisava de um maldito emprego.

— Não, Harvey. Mas obrigado de qualquer forma. Corra lá fora e traga uma Coca Light para mim, por favor.

Quinze minutos depois, Nigel havia reposicionado o equipamento, e Harvey ainda não tinha voltado com a Coca Light.

Nigel programou o computador para iniciar uma sessão de bombardeio de radiação, em seguida se recostou na cadeira e assistiu pela janela, esperando os resultados.

— Estão sem Coca Light. Olhei em todas as máquinas do prédio. — Harvey estendeu uma lata. — Trouxe uma Coca normal.

Por um segundo, Nigel considerou dizer a Harvey que outra bebida light teria sido a linha de ação lógica, mas o garoto se esforçou bastante e aquilo já era um progresso.

— Obrigado, Harvey.

— Algum resultado?

— Não — disse Nigel enquanto abria a lata e tomava o líquido doce. O computador bipou e um texto encheu a tela.

Dados de entrada.

Nigel rapidamente deixou a lata de lado e inclinou-se para observar a tela. Se as leituras estivessem corretas, a caixa estava emitindo neutrinos — uma partícula subatômica que resultava da deterioração radioativa e de reações nucleares no sol e em reatores. Como poderiam estar lá?

Em seguida, os leitores piscaram em vermelho e as leituras de neutrinos lentamente diminuíram até zero.

— O que houve? — perguntou Harvey.

Nigel estava perdido em pensamentos. A caixa estava reagindo à radiação? Era algum tipo de sinal, como as luzes de orientação que piscavam à noite? Ou um SOS, a famosa telegrafia com partículas subatômicas?

Nigel era engenheiro nuclear — concentrava-se primeiramente nos sistemas de força nuclear, embora tivesse trabalhado com ogivas no início dos anos 1980 e em sistemas nucleares para submarinos nos anos 1990. A física de partículas estava muito além de sua alçada. Uma parte dele queria convocar outro especialista, alguém com histórico em física de partículas, mas algo o fazia hesitar.

— Harvey, vamos alterar o regime de radiação, ver o que a caixa faz.

Uma hora depois, Nigel havia terminado a terceira Coca-Cola e começado a andar para lá e para cá. O último grupo de partículas que a caixa havia emitido poderia ser de táquions. Táquions eram teóricos, em grande parte porque podiam se mover mais rápido que a luz: impossível de acordo com a teoria da relatividade especial de Einstein. As partículas também poderiam tornar a viagem no tempo possível.

— Harvey, vamos tentar um novo regime.

Nigel começou a programar o computador, enquanto Harvey manipulava o controle e o braço robótico. O jovem era bom. *Talvez os video games e a juventude, de forma geral, sejam bons para alguma coisa*, pensou Nigel.

Nigel terminou de programar o protocolo de radiação e observou quando o dispositivo girou para cima na sala limpa. Nigel tinha uma teoria: talvez a caixa manipulasse partículas-camaleão — uma possível partícula escalar postulada que tinha uma massa que dependia de seu ambiente. As partículas-camaleão teriam massa pequena no espaço e massa grande em ambientes terrestres, tornando-as detectáveis. Se fosse verdade, Nigel poderia estar a ponto de descobrir a base da energia escura, da matéria escura e, até mesmo, da força por trás da inflação cósmica.

Mas as partículas-camaleão eram apenas metade de sua teoria. A outra metade era que a caixa era um dispositivo de comunicação — que simplesmente os estava guiando, dizendo que tipos de partículas ela precisava para fazer o que quer que fosse. A caixa estava pedindo partículas subatômicas específicas. Mas por que precisava delas? Eram os "ingredientes" para formar algo ou uma combinação para destravá-la? Nigel acreditava que haviam encontrado a chave, o regime de radiação que a caixa precisava. Talvez fosse uma espécie de teste de QI atlante, um desafio. Fazia sentido. A matemática era a linguagem do universo e as partículas subatômicas eram a pedra de Roseta, uma espécie de papiro cósmico. O que a caixa estava tentando dizer?

A tela do computador acendeu. Informações imensas — neutrinos, quarks, grávitons e partículas que nem tinham registro.

Nigel olhou pela janela. A caixa estava mudando. O exterior prateado ficou opaco, em seguida pequenos buracos se abriram. Era como se a superfície polida se transformasse em areia. Em seguida, grãos de areia sacudiram-se no lugar por um instante antes de deslizar para o centro, onde um turbilhão se formou.

O turbilhão escuro estava engolindo a caixa de dentro para fora. Em seguida, a caixa se dissolveu completamente e a sala se encheu de luz.

O prédio explodiu em um estouro de luz branca que instantaneamente consumiu as seis torres de prédios ao redor dela antes de se estender por quilômetros, derrubando árvores e chamuscando a terra. Então, a luz cedeu, voltando ao ponto de onde havia começado.

A noite ficou escura e silenciosa por um momento, em seguida um fio mínimo de luz flutuou do chão, como um filamento fosforescente, sacudindo ao vento enquanto se erguia. Tentáculos brotaram do fio de luz e ligaram-se a outros fios até se tornar uma rede, e a rede era tramada de forma tão fechada que se transformou em uma parede sólida de luz, arqueada no topo e cerca de duas vezes mais alta que uma porta normal. A passagem de luz reluzia em silêncio, à espera.

Capítulo 21

Igreja de Santa Maria da Encarnação
Marbella, Espanha

Kate empoleirou-se na ponta da banheira de ferro fundido do banheiro, esperando os cabelos absorverem a tintura.

Martin insistiu em supervisionar a operação, como se Kate pudesse tentar se livrar da tintura. Saber que o mundo inteiro estava atrás dela era uma motivação estranha, ainda que convincente, para alterar a aparência. No entanto… a parte lógica e ultrarracional da mente gritou: *Se o mundo inteiro está procurando você, pintar os cabelos não vai salvá-la*. Por outro lado, não é que ela tivesse outra coisa a fazer, e aquilo não a machucaria. Ela girou uma mecha de cabelos, agora castanhos, entre os dedos, perguntando-se se a transformação já havia sido concluída.

Martin sentou-se diante dela no piso de cerâmica, pernas estendidas, costas apoiadas na sólida porta de madeira do banheiro. Ele continuava a digitar no computador, às vezes parando para observar algo. Kate imaginou o que ele estava fazendo, mas relaxou por um tempo.

Outras perguntas giravam em sua mente. Não sabia por onde começar, mas uma coisa que Martin dissera a incomodara: a praga havia infectado mais de um bilhão em vinte e quatro horas. Era difícil acreditar — especialmente considerando que Martin e seus colaboradores estavam se preparando secretamente para o surto havia décadas.

Ela pigarreou.

— Um bilhão infectado em vinte e quatro horas?

— Hu-hum — murmurou Martin sem tirar os olhos do notebook.

— É impossível. Nenhum patógeno se move tão rápido.

Ele ergueu os olhos para ela.

— É verdade. Eu não menti para você, Kate. Nenhum patógeno conhecido se move tão rápido. Essa praga é algo diferente. Olha, vou contar tudo para você, mas quero esperar até que você esteja em segurança.

— Minha segurança não é minha maior preocupação. Quero saber o que está

acontecendo de verdade e quero fazer alguma coisa. Diga o que está escondendo. Vou acabar descobrindo. Deixe ao menos que eu saiba por você.

Martin ficou em silêncio por um longo momento, em seguida fechou o notebook e suspirou.

— Tudo bem. A primeira coisa que você deve saber é que a Praga Atlântida é muito mais complicada do que pensávamos. Só agora estamos entendendo seu mecanismo de ação. O maior mistério era o Sino.

A menção do Sino fez Kate estremecer de medo. A Immari havia descoberto o Sino em Gibraltar, em 1918. O dispositivo misterioso estava preso à estrutura de Atlântida que o pai de Kate ajudara a Immari a escavar. No momento em que o Sino foi descoberto, ele liberou a gripe espanhola sobre o mundo — a pandemia mais mortal da história moderna. A Immari acabou desenterrando o Sino e retirando-o para que pudesse estudá-lo. Dorian Sloane, o chefe da Immari Security, usou corpos de recentes vítimas do Sino para semear a Praga Atlântida pelo mundo, recriando o surto, numa tentativa de identificar qualquer um com resistência genética ao Sino. Seu objetivo final era criar um exército para atacar os atlantes que haviam criado o Sino.

— Pensei que vocês soubessem como o Sino funcionava, os genes que ele afetava — disse Kate.

— Nós pensávamos também. Cometemos dois erros graves. O primeiro foi que o tamanho de nossa amostragem era muito pequeno. O segundo foi que estávamos estudando corpos em contato direto com o Sino, nunca a retransmissão. O Sino em si não emite um agente infeccioso: não há vírus ou bactéria. Ele emite radiação. Nossa teoria vigente era que a radiação do Sino causava uma mutação em um retrovírus endógeno, basicamente reativando um vírus ancestral que, em seguida, transformava o hospedeiro pela manipulação de um conjunto de genes e marcas epigenéticas. Acreditamos que esse vírus ancestral é a chave para tudo.

Kate ergueu a mão. Precisava processar. A teoria de Martin, se fosse verdadeira, era incrível. Indicava um tipo completamente novo de patógeno e, até mesmo, uma nova patogênese — radioativa, então viral. Era possível?

Os retrovírus são vírus simples que podem inserir DNA no genoma de um hospedeiro, transformando-o em um nível genético. São uma espécie de “atualização de software”. Quando uma pessoa contrai um retrovírus, basicamente recebe uma injeção de DNA que altera o genoma em algumas células. Dependendo da natureza do DNA inserido, pegar um vírus pode ser bom, ruim ou benigno, e como o genoma de cada pessoa é diferente, o resultado era quase sempre incerto.

Os retrovírus existem para um objetivo: produzir mais do próprio DNA. E eles

são bons nisso. De fato, os vírus formam a maioria de todo o material genético do planeta. Se alguém reunisse todo o DNA de seres humanos, de todos os outros animais e de cada planta — todas as formas de vidas não virais do planeta —, essa soma de DNA ainda seria menor do que todo o DNA viral na Terra.

Os vírus não evoluem para prejudicar seus hospedeiros — na verdade, eles *dependem* de um hospedeiro vivo para se replicar, e é exatamente isso que eles fazem: encontram um hospedeiro adequado e vivem lá, replicando-se de forma benigna, até o hospedeiro morrer de causas naturais. Esses hospedeiros-reservatórios, como os cientistas os chamam, carregam essencialmente um vírus sem desenvolver sintomas. Por exemplo, carrapatos carregam a febre maculosa; ratos silvestres, o hantavírus; mosquitos, o vírus da febre do Nilo Ocidental, a febre amarela e a dengue; porcos e galinhas, gripe.

Seres humanos são, na verdade, hospedeiros-reservatórios de inúmeras bactérias e vírus que ainda nem foram classificados. Cerca de vinte por cento das informações genéticas existentes no nariz não casam com nenhum organismo conhecido ou catalogado. Nas entranhas, quarenta a cinquenta por cento de todo o DNA vem de bactérias e vírus que nunca foram classificados.

Mesmo no sangue, até dois por cento são compostos por uma espécie de "matéria escura biológica". De muitas maneiras, essa matéria escura biológica, esse mar de vírus e bactérias desconhecidos, é a fronteira definitiva.

Quase todos os vírus são inócuos até pularem para outro hospedeiro — uma forma de vida diferente de seus hospedeiros naturais. O vírus, então, se combina com um genoma completamente novo e causa uma reação nova e inesperada — uma doença.

Esse era o perigo maior com vírus, mas Martin não estava falando sobre esses vírus infecciosos que entravam no corpo humano vindos de fora. Ele estava descrevendo a ativação de uma infecção passada, um conjunto adormecido de DNA viral que se originava dentro do corpo humano, enterrado no genoma. Era como contrair um vírus infeccioso de si mesmo — uma espécie de cavalo de troia no DNA que se ativava e começava a devastar o corpo.

Esses retrovírus endógenos humanos (RVEHS), como são conhecidos, são essencialmente "fósseis virais" — os remanescentes de infecções passadas que mudaram o genoma hospedeiro, foram integrados ao DNA do esperma do hospedeiro e transmitidos a futuras gerações. Cientistas recentemente descobriram que até oitenta por cento do genoma humano inteiro era composto de retrovírus endógenos. Esses registros fósseis de infecções virais passadas também aparecem em nossos parentes genéticos mais próximos, vivos ou mortos: chimpanzés, neandertais e denisovanos. Eles foram infectados com muitos dos mesmos vírus que nós tínhamos.

Kate revirou a ideia na mente. Retrovírus endógenos eram considerados inertes e partes essenciais de um grupo grande de "DNA lixo" no genoma de todas as pessoas. Esses retrovírus não são infecciosos, mas influenciaram a expressão genética. Cientistas haviam começado a considerar, pouco tempo antes, a possibilidade de que os retrovírus endógenos pudessem desempenhar um papel em doenças autoimunes, como lúpus, esclerose múltipla, síndrome de Sjögren e até mesmo no câncer. Se o vírus por trás da Praga Atlântida fosse um retrovírus endógeno, significaria que…

— Você está me dizendo que a raça humana inteira já está infectada. Que fomos infectados no dia em que nascemos, que o vírus por trás da Praga Atlântida já faz parte de nosso DNA. — Ela hesitou. — O Sino e os corpos que passaram por ele apenas ativaram um vírus adormecido?

— Exatamente. Acreditamos que os componentes virais da Praga Atlântida foram adicionados ao genoma humano há dezenas de milhares de anos.

— Você acha que isso foi intencional, que alguém ou algo plantou o vírus endógeno, a Praga Atlântida, sabendo que seria ativada algum dia? — perguntou Kate.

— Sim. Acredito que a Praga Atlântida foi planejada muito tempo atrás. Acho que o Sino é simplesmente um mecanismo de ativação para uma transformação final da raça humana. Os atlantes estão tentando causar outro Grande Salto Adiante, um salto adiante *final*, ou um grande salto para trás, uma regressão a um ponto antes da introdução do Gene Atlântida.

— Vocês já isolaram o vírus por trás da praga?

— Não, e isso é exatamente o que está nos segurando. Na verdade, achamos que poderia haver dois retrovírus endógenos em operação, como uma guerra viral acontecendo no corpo. Esses dois vírus estão lutando para controlar o Gene Atlântida, possivelmente para mudá-lo em caráter permanente. Em noventa por cento dos infectados, essa guerra viral devasta o sistema imunológico e causa a morte.

— Como a gripe espanhola.

— Exatamente. E foi isso que previmos, um surto biológico tradicional transmitido de maneira comum: por fluidos corporais, pelo ar etc. Foi para isso que nos preparamos.

— Prepararam-se como?

— Há um grupo nosso, empregados e cientistas do governo em sua maioria. Nos últimos vinte anos, estamos trabalhando em uma cura, em segredo. A Orquídea foi nossa última arma contra a praga, uma terapia de ponta modelada para ser a cura do HIV.

— A cura do HIV?

— Em 2007, um homem chamado Timothy Ray Brown, conhecido mais tarde como O Paciente de Berlim, foi curado do HIV. Brown havia sido diagnosticado com leucemia mieloide aguda. Sua situação de HIV positivo complicava o tratamento. Durante a quimioterapia, ele combateu uma sepsia, e seus médicos tiveram de explorar abordagens menos tradicionais. Seu hematologista, dr. Gero Hütter, decidiu aplicar uma terapia de células-tronco: um transplante inteiro de medula óssea. Hütter na verdade ignorou o doador de medula compatível e usou um doador com uma mutação genética específica: CCR5-Delta 32. A CCR5-Delta 32 torna as células imunes ao HIV.

— Incrível.

— Pois é. No início, pensamos que a mutação Delta 32 tinha surgido durante a Peste Negra na Europa; cerca de quatro a dezesseis por cento dos europeus têm ao menos uma versão. Mas rastreamos ainda mais no passado. Pensamos, talvez, na varíola, mas encontramos amostras de DNA da Idade do Bronze que a continham. As origens da mutação são um mistério, mas uma coisa é certa: o transplante de medula com CCR5-Delta 32 curou a leucemia e o HIV de Brown. Depois do transplante, ele parou de tomar os antirretrovirais e nunca mais teve resultado positivo nos testes de HIV.

— E isso ajudou na pesquisa da Orquídea? — perguntou Kate.

— Foi um avanço gigantesco, abrindo todos os tipos de linhas de pesquisa. A CCR5-Delta 32 na verdade protege seu portador não apenas do HIV, mas também de varíola e até da *Y. Pestis*, a bactéria que causa a praga. Estamos concentrados nisso. Claro, não consideramos totalmente a complexidade da Praga Atlântida na época, mas desenvolvemos a Orquídea até um ponto em que ela impedia os sintomas. O que não estava nem perto de estar pronto para a liberação quando o surto ocorreu. Ela não cura totalmente a doença, mas não tínhamos opção. Havia algum elemento da praga que não conseguimos isolar. Outro fator. Mas… pensávamos que poderíamos usar a Orquídea. Contenção tornou-se nosso objetivo. Se pudéssemos conter os infectados e suprimir os sintomas, poderíamos impedi-la, ganhar um pouco de tempo até que pudéssemos isolar o retrovírus endógeno que causou a praga e manipulou o Gene Atlântida, a verdadeira fonte. É por isso… que seu trabalho era tão… intrigante.

— Ainda não entendo a relação transmissão-radiação.

— Nem nós, no início. Nas primeiras horas do surto, algo inesperado aconteceu. A praga passou por toda a quarentena e protocolos de contenção que impusemos. Kate, era como um incêndio descontrolado, diferente de tudo que já tínhamos visto. Indivíduos infectados, mesmo na contenção, podiam infectar outros num raio de quase trezentos metros de distância.

— Impossível.

— Inicialmente, pensávamos que havia problemas com nossos procedimentos de quarentena, mas estava acontecendo no mundo inteiro.

— Como?

— Uma mutação. Alguém, em algum lugar, tinha um retrovírus endógeno, outro vírus ancestral, enterrado no genoma. Quando foi ativado, o mundo inteiro caiu em questão de horas. Um bilhão de pessoas foram infectadas nas primeiras vinte e quatro horas. Como eu disse, nossa amostragem era pequena demais para descobri-lo; não havia maneira de saber sobre esse outro retrovírus endógeno. Na verdade, ainda estamos procurando por ele.

— Não entendo como isso poderia afetar a taxa de transmissão.

— Demorou semanas até compreendermos. Todos os nossos protocolos de descontaminação, no mundo inteiro, décadas de planejamento, tudo isso desmoronou naqueles primeiros dois dias. A Praga Atlântida não poderia ser contida. Cada vez que ela entrava em uma nação, eclodia através da população. Nunca teríamos imaginado o que aconteceria. Os infectados estavam efetivamente emitindo radiação nova, não apenas levando a radiação do Sino para seus tecidos. Acreditamos que o segundo retrovírus na verdade revela genes que fazem com que o corpo mude a radiação que emitem.

Kate tentou processar o que estava ouvindo. Todo corpo humano emitia radiação, mas era como ruído, estática, o equivalente subatômico do suor.

Martin continuou.

— Cada pessoa ativada se transforma num feixe de radiação, ativando, infectando todos ao redor, mesmo se estiver em tendas de biocontenção. Uma pessoa a um quilômetro de distância de você sem nenhum contato próximo poderia infectá-la. Não há protocolos para algo desse tipo. Por isso os governos ao redor do mundo aceitaram a infecção universal; não poderiam impedi-la. O foco voltou-se ao controle populacional para que a Immari e os sobreviventes não assumissem o mundo. Começaram a construir Distritos Orquídea e a reunir neles a população sobrevivente.

Kate pensou sobre o prédio cercado de chumbo onde tinha feito os experimentos.

— Por isso usaram revestimento de chumbo no prédio, para parar a radiação.

Martin assentiu.

— Ficamos preocupados com outra mutação. Sinceramente, estamos como peixes fora d’água. Estamos falando de biologia quântica: partículas subatômicas manipulando o genoma humano. Vai além de nossa compreensão atual de física ou biologia. Sabemos muito pouco sobre o que está acontecendo. Estamos bem atrás nesse jogo, mas aprendemos bastante nos últimos três meses. Sabíamos que você e os garotos eram imunes à praga porque sobreviveram na China. Estamos

tentando isolar o retrovírus que causa a radiação. O principal medo era que a radiação dos participantes dos experimentos, de uma nova mutação, pudesse vazar no acampamento e comprometer a eficácia da Orquídea. Se isso acontecesse, não haveria nada no caminho da praga. A eficácia da Orquídea está decaindo, mas precisamos dela; precisamos de um pouco mais de tempo. Acho que estamos perto de uma cura. Há uma peça faltando. Pensei que estivesse aqui, no sul da Espanha, mas eu estava errado… sobre algumas coisas.

Kate meneou a cabeça. Lá fora, ela pensou ter ouvido um retumbar, como um trovão estrondando à distância. Algo ainda a incomodava. Como cientista, ela sabia que a explicação mais simples, em geral, era a correta.

— Como vocês descobriram tão rapidamente… que havia outro retrovírus endógeno? Por que estão tão certos de que há dois retrovírus em ação? Por que não um? Um vírus poderia causar resultados diferentes… o resultado de evolução e involução, o desencadeamento da radiação.

— Verdade… — Martin hesitou, como se estivesse considerando o que dizer. Kate abriu a boca para falar, mas Martin ergueu a mão e continuou. — São as naves. São diferentes.

— Naves?

— As naves atlantes… em Gibraltar e na Antártida. Quando encontramos a estrutura na Antártida, esperávamos que fosse mais ou menos da mesma idade e tipo da estrutura em Gibraltar.

— Não é?

— Nem chega perto de ser. Acreditamos agora que a nave em Gibraltar é, ou era, um módulo de aterrissagem, uma espécie de *rover* planetário. A nave na Antártida é uma espaçonave gigantesca.

Kate tentou entender o que isso tinha a ver com a praga.

— Você acha que o *rover* veio da nave na Antártida?

— Era nossa suposição, mas a datação de carbono desmentiu. A nave em Gibraltar é mais velha que a da Antártida e, mais importante, está na Terra há muito mais tempo, talvez uns cem mil anos a mais.

— Não entendo — comentou Kate.

— Pelo que podemos dizer, a tecnologia nas duas naves bate, as duas têm um Sino, mas vêm de períodos diferentes. Acredito que essas naves pertençam a facções diferentes de atlantes e que elas estão em guerra. Acho que essas duas facções estão tentando manipular o genoma humano para algum objetivo.

— A praga é sua ferramenta para nos biotransformar.

Martin assentiu.

— Essa é a teoria. É maluco, mas é a única coisa que faz sentido.

Lá fora, os estrondos ficaram mais altos.

— O que é isso? — perguntou Kate.

Martin ouviu por um momento, levantou-se rapidamente e saiu da sala.

Kate foi até a pia e se olhou no espelho. Seu rosto estava mais abatido que de costume e o cabelo escuro, obviamente pintado, fazia com que ela parecesse quase gótica. Ela abriu a torneira e começou a limpar o resíduo marrom dos dedos. Com o barulho da água, ela não ouviu Martin voltar. Ele se equilibrou no batente da porta, tentando recuperar o fôlego.

— Tire essa porcaria do cabelo. Temos de ir.

Capítulo 22

Igreja de Santa Maria da Encarnação
Marbella, Espanha

Kate acordou rapidamente os garotos e levou-os para fora da igreja. No pátio, Martin esperava, impaciente. A mochila pesada pendia dos ombros e uma expressão preocupada nublava seu rosto. Kate viu por que quando olhou além do pátio. Uma multidão infinita de pessoas perambulava pela rua, correndo enlouquecidamente, cegas, os pés batendo nas pedras do calçamento. A cena a fez lembrar-se das corridas de touros em Pamplona.

No canto do pátio, dois cachorros estavam mortos ao lado da parede caiada da igreja. Os garotos debateram-se para tapar os ouvidos.

Martin aproximou-se dela e pegou Adi pela mão.

— Vamos carregá-los.

— O que está havendo? — Kate conseguiu perguntar enquanto erguia Surya.

— O gás era para os cães, aparentemente. A Immari está arrebanhando todo mundo. Precisamos escapar, e rápido.

Kate seguiu Martin para dentro do fluxo de pessoas. Sem o gás atrapalhando sua visão, Kate percebeu que as ruas estreitas estavam cheias de destroços da queda de Marbella: carros incendiados, mercadoria vandalizada, como TVs, mesas e cadeiras viradas nos cafés abandonados que se enfileiravam nas ruas e becos.

O sol erguia-se sobre os prédios alinhados da rua, e ela estreitou os olhos, tentando protegê-los das explosões intermitentes de luz. Pouco a pouco, ela se aclimatou, e o retumbar constante de pés transformou-se em ruído de fundo para a corrida matutina.

Alguém empurrou Kate pelas costas, quase lançando-a ao chão. Martin pegou-a pelo braço e a equilibrou enquanto eles avançavam. Atrás deles, um novo grupo de corredores estava abrindo caminho na multidão a velocidades ainda maiores, empurrando os outros. Kate viu que alguns estavam doentes — um dia sem Orquídea já fazia os sintomas da Praga Atlântida ressurgirem. Pareciam em pânico, descontrolados.

Martin apontou para um beco a dez metros de distância. Articulou algumas palavras que Kate não conseguiu ouvir, mas acompanhou seu rastro, aproximando-se ainda mais dos prédios que flanqueavam a via. Eles se desviaram para um beco, enquanto mais corpos enchiam o pequeno vão que deixaram na multidão.

Martin apertou o passo e Kate tentou acompanhá-lo.

— Aonde estão indo? — perguntou ela.

Martin parou, pôs as mãos nos joelhos e arfou. Aos sessenta, estava muito menos em forma que Kate e ela sabia que ele não conseguiria manter aquele ritmo por muito tempo.

— Para o norte. Para as montanhas. Tolos — disse ele. — Estão sendo arrebanhados. Estamos próximos do ponto de encontro. Vamos.

Ele ergueu Adi novamente e retomou a caminhada pelo beco estreito.

O estrondar da massa de pessoas atrás deles diminuía enquanto eles seguiam para leste, até uma parte deserta da cidade. Aqui e ali, Kate ouvia barulhos em prédios aparentemente vazios.

Martin meneou a cabeça para os prédios.

— Podem correr ou se esconder.

— O que é mais inteligente?

— Se esconder. Provavelmente. Depois que a Immari limpar a cidade, vão evacuar suas forças para a próxima cidade. Ao menos é o que ela tem feito em outros países.

— Se se esconder é mais seguro, por que estamos *correndo*?

Martin a encarou.

— Não podemos arriscar. E o SAS vai tirar você daqui.

Kate parou.

— *Me* tirar.

— Não posso ir com você, Kate.

— O que quer dizer…

— Estão procurando por mim também. Se a Immari avançou para norte, haverá pontos de controle. Se me capturarem, logo estarão na espreita, esperando você. Não posso arriscar entregá-la. E tem algo… que preciso encontrar.

Antes que Kate pudesse protestar, o rugido de motores a diesel soou de um cruzamento adiante. Martin correu até a boca do beco e ajoelhou-se no canto do prédio. Puxou um pequeno espelho da mochila e o estendeu em um ângulo que pudesse ver a rua. Kate equilibrou-se atrás dele. Um caminhão grande com lonas verdes cobrindo a carroceria, semelhante ao que Kate vira trazendo os sobreviventes para o acampamento, estava passando devagar pela rua. Soldados com máscaras de gás espalhavam-se ao lado dele. Estavam indo de porta em

porta, vasculhando as casas. Na rua atrás deles, uma nuvem de gás se ergueu.

Kate começou a falar, mas Martin se endireitou rapidamente e moveu-se pela passagem estreita entre os prédios, perto do meio da viela. Eles retomaram o ritmo frenético quando passaram pelo espaço apinhado.

Após vários minutos de corrida, o estreito corredor abriu-se para uma passagem mais larga, que desembocava em uma esplanada aberta com uma grande fonte de pedra.

— Martin, você precisa vir conosco…

— Fique quieta — ralhou Martin. — Isso não está em discussão, Kate. — Ele parou pouco antes da esplanada. Pegou o pequeno espelho da mochila novamente e ergueu-o para refletir a luz do sol. Do outro lado da praça, flashes de luz imitaram seu gesto.

Martin virou-se para ela bem quando as explosões balançaram a praça e a poeira encheu o ar. Os ouvidos de Kate zumbiram e ela mal conseguia enxergar através do pó. Sentiu Martin agarrar seu braço, e ela, por sua vez, agarrou Adi e Surya quando caminharam em meio ao caos que surgia naquele espaço.

Através da poeira que baixava, Kate viu tropas da Immari chegando pelas ruas e becos vizinhos. Soldados vestindo uniformes militares espanhóis — sem dúvida a equipe de extração do SAS para a qual Martin havia sinalizado — buscaram cobertura atrás da enorme fonte de pedra e abriram fogo sobre os da Immari. Dentro de segundos, os sons de granadas e fuzis automáticos ficaram ensurdecedores. Dois dos soldados do SAS caíram. Os outros homens estavam em menor número e cercados.

Martin puxou Kate, levando-a para uma rua no lado norte. Apenas quando chegaram à abertura, uma onda de pessoas correu, vinda do cruzamento, e partiu na direção de Kate, Martin e dos garotos.

Kate olhou de volta para a praça. Os últimos disparos de fuzil ficaram distantes, deixando apenas o som de trovão — o estrondar da muralha de pessoas avançando sobre eles. Os soldados do SAS jaziam mortos, dois na água da fonte, agora vermelha, outros dois de bruços sobre as pedras do calçamento.

Capítulo 23

Distrito da Cidade Velha
Marbella, Espanha

Kate não conseguia tirar os olhos dos soldados da Immari atrás deles. Esperava que avançassem pela esplanada para capturá-la, a Martin e aos dois garotos, mas não fizeram isso. Simplesmente ficaram vagando pelas ruas e becos que enchiam a praça, andando para lá e para cá diante dos caminhões imensos, alguns fumando, outros falando em rádios, todos segurando fuzis automáticos. Esperando pelo quê, Kate não sabia.

Ela se virou para Martin.

— O que estão…

— É uma zona de carregamento. Estão apenas esperando que as pessoas cheguem até eles. Vamos. — Ele pegou a rua estreita, correndo direto para a multidão que vinha no sentido contrário.

Kate hesitou, em seguida se pôs a acompanhá-lo. O povo estava a cem metros de distância e se aproximando rapidamente.

Martin testou a porta mais próxima — a de uma loja térrea —, mas estava trancada.

Kate atravessou a rua e tentou a porta de um café. Não se moveu. Ela puxou os garotos para mais perto. A multidão estava a cinquenta metros. Tentou a porta de uma residência ao lado da loja. Também trancada. A multidão estaria sobre Kate e os garotos em segundos, atropelando-os. Talvez pudesse colocar os garotos diante de si, encostá-los na porta, protegê-los. Ela ficou diante deles e esperou.

Ouviu Martin correr até ela. Estava se posicionando para protegê-la, da mesma maneira que ela estava cobrindo os garotos.

A multidão estava a menos de trinta metros. Vários corredores haviam se separado do grupo. Eles avançaram com olhos frios, determinados. Foram passando sem olhar para Kate, Martin e os garotos.

Em uma janela no segundo andar, alguém puxou uma cortina branca e fina para trás. O rosto encheu a janela, uma mulher da idade de Kate, com cabelos

escuros e pele cor de oliva. Ela abaixou a cabeça e seus olhos encontraram os de Kate. Um momento passou e a expressão da mulher mudou de alarmada para… preocupada? Kate abriu a boca para chamá-la, mas a mulher já havia desaparecido.

Kate pressionou os garotos na porta.

— Fiquem quietos, meninos. É importante.

Martin olhou para a multidão que se aproximava.

Então, a porta diante deles estalou e abriu com tudo, fazendo Kate, Martin e os garotos caírem no chão. Um homem ergueu-os e a mulher da janela do segundo andar bateu a porta. O barulho baixo da multidão vazava pelas frestas de portas e janelas.

O homem e a mulher levaram-nos pela antessala até uma sala de estar com lareira grande e sem janelas. Velas iluminavam o espaço estranho e Kate esforçou-se para se aclimatar.

Martin começou a conversar rapidamente em espanhol. Kate viu se os garotos estavam bem, mas eles se contorciam e resistiam à sua inspeção. Já haviam aguentado tudo que podiam. Os dois estavam agitados, cansados e confusos. O que ela faria? Não poderiam suportar mais. *Podemos nos esconder aqui?* Aquelas foram as palavras de Martin: correr ou se esconder.

Ela abriu a mochila nas costas de Martin e tirou os dois cadernos e alguns lápis, os entregou a Adi e Surya, que os agarraram e correram para o canto da sala. Precisavam de um pouco de normalidade, algo que conhecessem, mesmo que apenas por um instante, para acalmá-los.

Martin estava movendo as mãos, quase impossibilitando que Kate fechasse o zíper da mochila. Ele repetia uma palavra: *túnel*. O casal se olhou, hesitou, mas assentiu e deu a Martin a resposta que ele parecia querer. Ele olhou para Kate.

— Precisamos deixar os garotos.

— De jeito nenhum…

Ele a puxou de lado, na direção da lareira, e falou baixo.

— Eles perderam os filhos para a praga. Eles ficarão com os garotos. Se a Immari seguir seu protocolo de limpeza anterior, as famílias com filhos pequenos serão poupadas… se eles prestarem obediência. Apenas adolescentes e adultos sem filhos serão recrutados.

Kate olhou ao redor, a mente buscando uma refutação. Na prateleira sobre a lareira, ela notou uma foto do homem e da mulher em pé, na praia, as mãos nos ombros de dois garotos sorridentes com a mesma idade de Adi e Surya. A cor do cabelo e os tons de pele eram quase os mesmos também.

Ela olhou para o casal e para os garotos, que estavam debruçados sobre os blocos de anotação, trabalhando em silêncio no canto ao lado de um amontoado

de velas. Ela apertou os olhos e tentou pensar.

— Eles não falam espanhol…

— Kate, eles mal falam. Essas pessoas vão cuidar deles o melhor que puderem. É a nossa única chance. Pense nisso: estamos salvando *quatro* vidas aqui. — Ele apontou para os dois adultos. — Se eles pegarem os garotos com você ou comigo, vão saber quem somos na hora. Vamos colocá-los em risco ainda maior. Temos de fazer isso. Voltaremos para buscá-los. E, além disso, não podemos levá-los para onde vamos. Seria… mais estressante.

— Aonde…

Mas Martin não deixou que ela terminasse. Ele falou rapidamente com o casal, que saiu às pressas da sala de estar.

Kate não os seguiu. Ela foi até os garotos no canto e puxou-os para abraçá-los. Eles se defenderam dela, agarrando os cadernos, mas, depois de um momento, eles se acalmaram. Ela os beijou no alto da cabeça e os soltou.

Fora da sala de estar, o casal levou Martin e Kate por um corredor estreito até um escritório apinhado com uma grande mesa de carvalho e estantes de livros que iam do chão ao teto. O homem foi até uma das estantes na parede ao fundo e começou a jogar os volumes pesados no chão. A mulher se juntou a ele, e logo as prateleiras estavam vazias. O homem firmou o pé e puxou a estante para longe da parede. Ele apertou um botão na estante ao lado e a parede estalou e recuou levemente. Ele empurrou e parte da parede se abriu, revelando um túnel de pedra escuro e sujo.

Capítulo 24

Distrito da Cidade Velha
Marbella, Espanha

Kate odiava túneis. As paredes de pedra estavam úmidas e pareciam vazar um lodo escuro que a sujava a cada curva, e havia muitas viradas para contar. Algum tempo antes, tinha sussurrado para Martin, perguntando se ele sabia onde estava indo, mas ele rapidamente chiou para calá-la, o que ela entendeu como um não. Mas aonde mais poderiam ir? Martin seguia na frente com uma barra de LED que iluminava apenas o suficiente do túnel para impedir que batessem com a cabeça em uma parede de pedra lodosa.

Bem adiante, o túnel apertado abriu-se para uma interseção circular, que se dividia em três direções. Martin parou e ergueu a barra de luz perto do rosto.

— Está com fome?

Kate assentiu. Martin tirou a mochila das costas e pegou uma barra de proteína e uma garrafa d'água.

Ela mastigou a barra, tomou a água com vontade e, quando a boca estava vazia, disse baixinho:

— Você não tem ideia de para onde está indo, não é?

— Na verdade, não. De fato, nem sei se esses túneis vão dar em algum lugar.

Kate olhou para ele com curiosidade.

Martin deixou a barra de luz no chão entre eles e deu um gole na água.

— Como na maioria das cidades antigas do Mediterrâneo, os seres humanos lutaram por Marbella durante milhares de anos. Gregos, fenícios, cartagineses, romanos, muçulmanos. A lista é imensa. Marbella foi saqueada centenas de vezes. Eu sabia que as velhas casas de mercadores na cidade velha tinham túneis de fuga. Os ricos usavam os túneis para evitar todas as coisas horríveis que acontecem quando uma cidade é saqueada. Alguns túneis são apenas abrigos para se esconder. Alguns levam para fora da cidade, mas eu duvido. No melhor dos casos, ligam-se ao sistema de esgoto da cidade mais nova. Mas acho que estamos seguros aqui embaixo. Por ora.

— A Immari não vai vasculhar os túneis?

— Duvido. Vão vasculhar casa por casa, mas será às pressas. Em geral, vão buscar criadores de caso e qualquer um que não pegaram em uma varredura mais ampla. Imagino que o pior que vamos enfrentar aqui serão ratazanas e cobras.

Kate encolheu-se com o pensamento de uma cobra escondida rastejando sobre ela na escuridão. O pensamento de dormir ali embaixo, com cobras e ratazanas… Ela juntou as mãos em um gesto suplicante.

— Você poderia guardar para si alguns detalhes.

— Ah, sim. Desculpe. — Ele pegou a mochila. — Mais comida?

— Não. Obrigada. E agora? Quanto tempo vamos esperar?

Martin refletiu por um momento.

— Baseado no tamanho de Marbella, diria que dois dias.

— O que está acontecendo lá fora?

— Vão recolher todo mundo e fazer uma triagem preliminar.

— Triagem?

— Primeiro separam os moribundos e aqueles em degeneração dos sobreviventes. Todo sobrevivente enfrenta uma escolha. Prestar obediência a Immari ou se recusar.

— Se eles se recusarem?

— Eles os põem com os moribundos e aqueles em degeneração.

— O que acontece…

— A Immari evacuará a população inteira. Vão levar os que prestarem obediência e o restante para uma barca de praga que rumará para uma das bases de operação. Apenas aqueles que prestarem obediência chegarão às bases. — Ele pegou a barra de luz e ergueu para conseguir ver o rosto de Kate. — Tem uma coisa importante, Kate. Se formos pegos no caminho e você tiver de escolher, você precisa prestar obediência. Prometa que vai.

Kate assentiu.

— São apenas palavras. Sobreviver é o que importa agora.

— E você também prestará obediência?

Martin deixou a luz no chão novamente e a escuridão encheu o espaço entre eles.

— É diferente para mim, Kate. Eles sabem quem eu sou. Se formos pegos, devemos nos separar.

— Mas você vai prestar obediência.

— Não será um problema para mim. — Martin deixou escapar uma tosse áspera, como um fumante inveterado. Kate imaginou que tipo de partículas estavam respirando ali embaixo, nos túneis. Ele balançou a cabeça. — Eu já prestei uma vez. Foi o maior erro da minha vida. É diferente para mim.

— São apenas palavras — repreendeu Kate.

— *Touché* — murmurou Martin. — É difícil explicar…

— Tente. — Kate deu outro gole na água. — Vamos matar um pouco de tempo.

Martin tossiu novamente.

— Precisamos encontrar um pouco de ar fresco para você — disse Kate.

— Não é o ar. — Martin fuçou na mochila e tirou uma caixinha branca.

Através da luz turva, Kate o viu deslizar uma pílula branca para dentro da boca. As pílulas tinham o formato de uma flor, com três pétalas largas em forma de coração e um anel vermelho no meio. Uma orquídea.

O choque assolou Kate e ela não conseguia falar.

— Você é…

— Não imune, não. Eu não quis contar a você. Sabia que você se preocuparia. Se formos pegos, irei para o acampamento com os moribundos. Se isso acontecer, você precisará terminar minha pesquisa. Aqui. — Ele entregou a ela um objeto da mochila, um caderninho.

Kate deixou-o de lado com desinteresse.

— Quantas pílulas você ainda tem? — ela quis saber.

— O suficiente — disse Martin, sem rodeios. — Não se preocupe comigo. Agora, descanse um pouco. Eu fico de vigia primeiro.

Capítulo 25

Distrito da Cidade Velha
Marbella, Espanha

— Kate! Acorde!

Kate abriu os olhos. Martin estava em pé ao seu lado. Através da luz fraca da barra de LED, Kate viu seu rosto preocupado.

— Vamos — disse ele enquanto a erguia. Pegou a mochila e entregou-a a Kate. Ele tirou algo. Uma pistola. — Ponha a mochila nas costas. Fique atrás de mim — ele ordenou enquanto se voltava à última abertura na sala circular.

Kate não via nada, mas havia… um som leve. Passos. Martin apontou a arma para a abertura. Estendeu a outra mão para baixo e silenciosamente desligou a luz, lançando-os na escuridão total.

Segundos arrastaram-se enquanto o som dos passos aumentava. Eram passos de duas pessoas. Uma luz emergiu da abertura. Aos poucos ficou mais brilhante, aglutinando-se, formando uma lanterna. Cruzou o limiar um segundo antes de seu portador: um homem barbado e obeso que quase escondia uma jovem que seguia logo atrás dele.

À visão de Martin e da arma apontada, o homem soltou a lanterna e cambaleou para trás, jogando a mulher ao chão.

Martin diminuiu a distância. O homem ergueu as mãos e falou rápido em espanhol. Martin olhou do homem para a mulher, em seguida conversou com o homem no idioma. Quando terminaram de conversar, Martin hesitou por um instante, avaliando-os, parecendo considerar a história que ouviu. Ele se virou para Kate.

— Pegue a lanterna. Eles dizem que há cães nos túneis e que os soldados estão vindo.

Kate pegou a lanterna e Martin gesticulou com a arma para o homem e a mulher se levantarem e saírem pelo outro corredor — pelo caminho através do qual Kate e Martin tinham vindo. O casal obedeceu, como prisioneiros em uma marcha de criminosos, e os quatro avançaram a passos ágeis, movendo-se em silêncio.

O corredor desembocou em outra sala redonda, onde encontraram mais seis pessoas. Conversavam apressadamente, o novo grupo juntou-se ao bando de Kate e Martin e voltaram a caminhar.

Kate perguntou-se como lidariam com cães e soldados. Sua arma estava na mochila e, quase contra sua vontade, ela considerou pegá-la. Mas, antes que pudesse se mover, o túnel terminou em uma sala grande e cavernosa, dessa vez quadrada e com pé-direito alto. Não havia saída.

Duas dúzias de pessoas estavam lá dentro. Todas as cabeças se viraram quando o grupo de Kate e Martin entrou.

Atrás dela, Kate ouviu o gordo gritando alguma coisa. Ela se virou. Ele estava falando em um rádio portátil. *O que…*

A parede ao fundo explodiu, lançando terra, escombros e uma onda invisível de força para dentro da caverna. Kate sentiu quando bateu no chão do túnel. A luz invadiu a caverna quando a poeira assentou. Ela conseguiu ver soldados da Immari entrando pela fenda. Eles arrastaram as pessoas para fora do salão de pedra arrombado. O gordo, a mulher e outra meia dúzia os ajudaram.

A luz brilhante e o zumbido nos ouvidos de Kate eram desorientadores. A cabeça flutuava e ela achou que iria vomitar.

Kate viu um dos soldados enfiar a arma de Martin no bolso e, em seguida, erguê-lo e carregá-lo para fora. Então, um soldado a agarrou. Ela se debateu, mas era inútil. Eles a pegaram. Pegaram todos eles.

Capítulo 26

Dorian abriu os olhos e espiou através da janela panorâmica. Não estava em um tubo — não do tipo em que havia acordado antes. *Onde estou? Estou morto, realmente morto desta vez?* Tinha que estar. O guarda atirou na cabeça. Ele olhou para baixo. Usava um uniforme — o mesmo uniforme que o atlante usava. A cena ficou nítida. A grande janela dava para o espaço. Um planeta azul e verde cobria metade dela. Máquinas gigantescas arrastavam-se sobre a superfície, revirando terra e enviando nuvens de poeira vermelha para a atmosfera. Não, era mais que terra — as máquinas estavam movendo montanhas.

— A investigação geológica chegou, general Ares. As placas tectônicas do hemisfério norte não serão um problema pelos próximos quatro mil anos. Devemos deixá-las?

Dorian virou-se para olhar o homem. Estava ao lado de Dorian no que parecia ser o deque de observação de uma espaçonave. Dorian ouviu sua própria voz:

— Não. Eles não serão capazes de consertá-las em quatro mil anos. Faça os ajustes agora.

Ele voltou a olhar a janela. No reflexo do vidro, ele se viu, mas o homem que olhava de volta não era Dorian; era o atlante, uma versão mais jovem. Tinha os cabelos brancos dourados, puxados para trás bem rentes à cabeça.

O vidro desapareceu e o ar e a gravidade mudaram. Uma bomba explodiu à distância e Dorian percebeu que estava em uma cidade grande. Não era nenhuma cidade da Terra, ele soube instantaneamente. Cada prédio parecia ter uma forma única. Reluziam como se tivessem sido criados ontem de algum material que nunca vira antes. Eram ligados por passarelas que cruzavam a cidade como uma teia de aranha unindo cristais reluzentes de um geodo. Então, um dos prédios desabou e as passarelas suspensas que o ligavam aos prédios vizinhos foram arrancadas, como braços se abrindo, seguindo um corpo em queda. Outra explosão foi ouvida e outro edifício despencou.

O soldado ao lado de Dorian limpou a garganta e falou em voz baixa.

— Devemos começar, senhor?

— Não. Deixe que continue um pouco. Vamos mostrar ao mundo o tipo de pessoas que estamos combatendo.

Outra explosão e o horizonte desapareceu para dar lugar à escuridão quando a claridade do espaço entrou novamente em foco. Agora, Dorian estava em um deque de observação diferente — em um planeta. Não, uma lua. Ele conseguia ver o planeta à direita, mas a visão do espaço era muito mais impressionante. Uma frota de naves alcançou a estrela branca incandescente bem adiante. Havia centenas delas, talvez milhares. A visão da frota inteira tirou seu fôlego. Sentiu os pelos do braço se arrepiarem. Um único pensamento dominou sua mente: *eu venci*.

Dorian tentou concentrar a visão, mas a imagem desapareceu. Estava em outro lugar, em um planeta, caminhando por uma via longa de concreto na direção de uma estrutura monolítica gigantesca. Andava sozinho, mas multidões estavam enfileiradas em cada lado do caminho, muitos acotovelando-se e empurrando-se para vê-lo. Uma mulher e dois homens esperavam na base do monumento de pedra em frente à abertura escura. Dorian não conseguia ler a inscrição talhada sobre a entrada, mas de alguma forma já sabia o que estava escrito: “Aqui jaz nosso último soldado”.

A mulher avançou e falou.

— Decidimos. Você caminhará pela longa estrada da eternidade.

Dorian sabia que a mulher estava representando para a câmera, dizendo palavras para um registro histórico. Ela o traíra.

— Todo homem tem o direito de morrer — disse ele.

— Lendas nunca morrem.

Dorian virou-se e, por uma fração de segundo, pensou em correr. Assim eles se lembrariam dele, o ato final. Ele caminhou para dentro do túmulo, passou a fachada de pedra até a embarcação. As paredes cinza cintilantes refletiam as contas de luz que brilhavam do chão ao teto. Os últimos raios de sol recuaram do túnel atrás dele e as luzes lá dentro da vasta câmara ajustaram-se. Fileiras de tubos estendiam-se à distância, a perder de vista. Todas estavam vazias. O primeiro tubo na fileira abriu lentamente com um chiado e Dorian marchou para dentro dele. Não havia o que fazer.

Assim que o tubo se fechou, já se abriu novamente e Dorian estava correndo para fora do santuário. O céu estava escuro, exceto pelos flashes ao redor dele. Ele piscou e, em seguida, estava em uma rua deserta de outra cidade entrecortada. As explosões estavam muito mais longe que as anteriores. A cidade inteira parecia estar desabando e ele viu naves descendo do céu.

Então, voltou à vasta câmara com tubos. Estavam todos cheios agora. Ele avançou apressado pelo longo corredor. Observou horrorizado quando os atlantes, seu povo, acordaram, gritaram, saíram cambaleando dos tubos e morreram. O fluxo de pessoas era infinito. Assim que um morria, um corpo

substituto tomava forma no tubo e o ciclo infindo de agonia recomeçava. Dorian correu até uma estação de controle e digitou apressadamente enquanto os filetes de luz branca e verde cobriam sua mão. Ele precisava parar a sequência de ressurreição, precisava dar fim ao purgatório. Eles nunca poderiam acordar. Mas ele poderia garantir sua segurança. Era um soldado. Era seu trabalho… seu dever.

Ele se afastou da estação de controle e estava de novo no deque de observação de uma nave. Lá embaixo, o globo azul, verde e branco flutuava na paisagem. Terra. O céu era claro e a terra, lá embaixo, intocada. Sem cidades nem civilização. *Uma tela em branco. Uma chance de recomeçar.*

Ele se virou, e estava no túmulo novamente, mas não estava na câmara dos tubos. Era uma sala menor, com doze tubos, todos vazios. Ele piscou e um corpo apareceu no tubo central — um homem pré-histórico. Piscou de novo e outro ancestral humano apareceu.

A sala esvaneceu e ele estava lá fora, no topo de uma montanha. A visão era distorcida pela curva do vidro — o visor do capacete. Estava vestindo um traje especial, semelhante àquele que o atlante lhe dera, em pé sobre uma biga de metal que flutuava bem acima da copa das árvores.

O sol estava alto e a floresta lá embaixo era verde e densa, interrompida apenas por cordilheiras rochosas que desciam como degraus para o vale mais abaixo.

Ao longo das cadeias de montanhas, homens da caverna se digladiavam com ferramentas de madeira e pedra. Havia duas espécies, Dorian conseguia enxergar agora. Uma espécie era menor, mas tinha ferramentas melhores. Desciam em ondas sobre adversários maiores. Arremessavam lanças e comunicavam-se em sons guturais roucos, coordenando os ataques.

O sol avançou e o vale encheu-se de combatentes. A guerra era violenta e a carnificina, quase completa. O sangue escorria pelo chão e manchava as rochas brancas e cinzentas. Dorian flutuava na biga, observando, esperando.

Em seguida, o sol se pôs sobre o vale e, tão rapidamente quanto desceu, ergueu-se, e o vale ficou quieto. Ao fundo, havia tantos corpos empilhados que Dorian não conseguia ver o chão. Moscas enxameavam a cova coletiva. Abutres circulavam no céu. Nas cadeias rochosas, os seres humanos vitoriosos seguravam lanças e machadinhas de pedra. Olhavam para baixo em silêncio, o corpo pintado de vermelho e preto com os remanescentes da batalha. Um ser humano grande — o chefe, pensou Dorian — deu um passo à frente e acendeu uma tocha. Falou algumas palavras, ou sons ríspidos, e jogou a tocha no vale lá embaixo. Ao redor das colinas, outros seguiram o exemplo, até a chuva de fogo dentro do vale incendiar os arbustos rasteiros, em seguida as árvores e os corpos.

Dorian sorriu e ativou o gravador do capacete.

— Subespécie 8.472 mostra uma aptidão notável para a guerra organizada. É a escolha lógica. Exterminar as outras linhagens genéticas.

Pela primeira vez, sentiu esperança, olhando para a espécie primitiva e belicosa.

A fumaça encheu o vale e lentamente começou a subir, engolindo a floresta e, por fim, as cordilheiras. O bando de seres humanos triunfantes desapareceu na fumaça quando as nuvens pretas e brancas se ergueram, cercando Dorian. As colunas de fumaça envolveram-no e, quando clarearam, Dorian olhava mais uma vez fora do tubo para a câmara na Antártida — a mesma nave que existia na terra natal do atlante. Seus pensamentos eram seus novamente, como era seu corpo.

Um novo corpo. Outro.

O atlante estava lá, observando-o placidamente. Dorian examinou-o, seu rosto, a cabeleira branca. Era ele na nave, no sonho. Foi um sonho?

Abriu-se o tubo e Dorian saiu.

Capítulo 27

A três quilômetros abaixo da Base de Operações Prisma da Immari
Antártida

Dorian encarou o atlante por um bom tempo. Em seguida, olhou ao redor e disse:

— Tudo bem. Sou todo ouvidos.

— Você não me decepciona, Dorian. Eu mostro a você a derrocada do meu mundo e as origens de sua espécie, e isso simplesmente atrai sua atenção.

— Quero saber o que vi.

— Lembranças — disse o atlante.

— De quem?

— Nossas. Suas e minhas. Lembranças do meu passado, lembranças do seu futuro. — O atlante afastou-se dele, na direção da abertura para a câmara onde jaziam os corpos de Dorian e David.

Dorian o seguiu, refletindo sobre o que o outro havia dito. De alguma forma, Dorian sabia que era verdade. Os eventos eram reais — suas lembranças. Como?

O atlante falou enquanto levava Dorian pelos corredores de metal cinza.

— Você é um tanto diferente, Dorian. Sempre soube que era especial, que tinha um destino a cumprir.

— Eu…

— Você sou eu, Dorian. Meu nome é Ares. Sou um soldado, o último soldado que meu povo teve. Por um golpe estranho do destino, você herdou minhas lembranças. Elas permaneceram adormecidas em sua mente todo esse tempo. Eu soube delas apenas quando você entrou nesta nave.

Dorian estreitou os olhos para o atlante — Ares, sem saber o que dizer.

— Lá no fundo, você sabe que é verdade. Em 1918, eles colocaram um garoto de sete anos de idade, à beira da morte, em um tubo em Gibraltar. Quando você acordou, em 1978, não era o mesmo. Não foi o tempo que o mudou. Você estava imbuído de ódio, impulsionado para buscar vingança, construir um exército para derrotar o inimigo da humanidade e encontrar seu pai. Sabia que tinha um destino: lutar pelo futuro de sua raça. Foi por isso que veio até aqui. Sabia até o que precisava fazer: mudar a raça humana em um nível genético.

Você sabia de tudo isso porque *eu* sabia. Era meu desejo. Você tem minhas lembranças. A minha força. Meu ódio e meus sonhos. Dorian, há um inimigo neste universo mais poderoso do que você pode imaginar. Meu povo era a raça mais avançada no universo conhecido e esse inimigo nos derrotou do dia para a noite. Eles virão atrás de vocês, é apenas uma questão de tempo. Mas você pode derrotá-los, se estiver disposto a fazer o que precisa ser feito.

— Que é?

Ares virou-se para Dorian e fitou seus olhos.

— Precisa garantir que a transformação genética de sua espécie seja completa.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

Um pensamento passou pela mente de Dorian: *para construir nosso exército*.

— Precisamente — disse Ares. — Estamos em guerra. Na guerra, apenas os mais fortes sobrevivem. Guiei sua evolução para este único propósito: sobrevivência. Sem as mudanças genéticas finais, os seres humanos não sobreviverão. Nenhum de nós sobreviverá.

Nos recônditos da mente de Dorian, ele sabia que era verdade, sempre soubera. Tudo fazia sentido agora: sua ambição, seu desejo cego e irracional de transformar a raça humana, derrotar um inimigo invisível. Pela primeira vez na vida, tudo fazia sentido. Estava em paz. Encontrara *a* resposta. Concentrou-se na tarefa que tinha pela frente.

— Como construiremos nosso exército?

— A caixa que você carregou para fora. Ela emite uma nova assinatura radioativa que concluirá o procedimento. Nem mesmo a Orquídea poderá impedir o vírus transformado que ela desencadeará. Enquanto conversamos, uma nova onda de infecção está emanando do local da explosão no centro da Alemanha. Logo se espalhará pelo mundo. O cataclismo final acontecerá nos próximos dias.

— Se isso é verdade, o que resta fazer? Está claro que você mantém a situação sob controle.

— Você precisa garantir que ninguém encontre a cura. Temos inimigos lá fora. Então, vai ter que me libertar. Juntos, poderemos controlar os sobreviventes. Podemos vencer a batalha por este planeta. Eles são nosso povo. São o exército que lançaremos contra nosso inimigo ancestral. Finalmente venceremos esta guerra.

Dorian assentiu.

— Libertá-lo? Como?

— A caixa serve a dois objetivos. Emite radiação que cancela o efeito da

Orquídea e cria um portal até a minha localização, um buraco de minhoca artificial, uma ponte espaço-tempo. — O atlante parou e Dorian percebeu que estavam diante da porta para o recinto que tinha a caixa e dois trajes. A porta se abriu, revelando uma sala vazia, exceto pelo último traje.

Dorian entrou na sala sem dizer palavra e começou a vestir o traje.

— Tem mais uma coisa que você precisa fazer, Dorian. Precisa trazer a mulher que estava aqui. Precisa encontrá-la e trazê-la com você através do portal.

Dorian calçou a bota e ergueu a cabeça.

— Mulher?

— Kate Warner.

— O que ela tem a ver com isso?

O atlante levou-o para fora daquela sala e os dois atravessaram um corredor.

— Tudo, Dorian. Ela é a chave para tudo. Em algum momento, muito em breve, ela vai conseguir uma informação, um código. Esse código é a chave para me libertar. Precisa capturá-la *depois* de ela encontrar o código e trazê-la para mim.

Dorian assentiu, mas sua mente estava a toda velocidade. Como o atlante sabia?

— Sei porque li os pensamentos dela da mesma maneira que posso ler os seus.

— Impossível.

— É impossível apenas com *sua* compreensão científica. O que vocês chamam de Gene Atlântida na verdade é uma peça muito sofisticada de biologia e tecnologia quântica. Usa princípios da física que vocês não descobriram ainda. Tem sido a mão orientadora em sua evolução. Tem muitas funções e uma delas é ativar vários processos em seu corpo que controlam a radiação.

— Radiação?

— Todo corpo humano emite radiação. O Gene Atlântida transforma essa corrente de estática em um sinal de dados organizado, um upload contínuo de lembranças e mudanças físicas direto para o nível celular. É como uma cópia de segurança incremental, transmitindo dados até um servidor central a cada milissegundo.

Eles estavam na abertura da câmara que continuava por fileiras aparentemente infinitas de tubos.

— Quando esta nave recebe um sinal de morte e confirma que não haverá mais transmissões, ela monta um novo corpo, uma réplica exata até a última célula e a derradeira lembrança.

— Este lugar é…

— Uma nave de ressurreição.

Dorian tentou compreender.

— Então, todos estão mortos?

— Morreram muito tempo atrás. E eu não consigo acordá-los; não vou acordá-los. Você viu. Foi uma morte terrível, em um mundo que por muito tempo não teve registro de morte violenta para se lembrar. Mas você e eu podemos salvá-los. Eles são os últimos de nosso povo. Contam com você, Dorian.

Dorian olhou a vastidão de tubos sob uma nova perspectiva. *Meu povo*. Havia outros?

— E a nave de Gibraltar? É outra nave de ressurreição?

— Não. É outra coisa. Uma nave científica. Um explorador local, incapaz de viagens no espaço profundo. É um módulo de aterrissagem, o módulo alfa da expedição científica daqui. Tem oito tubos de ressurreição. Expedições são perigosas e os cientistas às vezes têm acidentes infelizes. Como sabe, as câmaras de ressurreição também têm poder para curar. A ressurreição funciona apenas para atlantes. E tem um alcance limitado. Os estouros nucleares em Gibraltar provavelmente destruíram os tubos que estavam lá. Esses tubos são os únicos que podem ressuscitar vocês. Mas, se você se arriscar a se afastar cem quilômetros daqui, não vai ressuscitar. O sistema não fará uma cópia se não tiver dados atualizados. É a regra Prometeia. Se sair pelo mundo, se tornará mortal novamente. Se morrer, morrerá para sempre, Dorian.

Dorian olhou para o corpo de David.

— Por que ele não…

— Eu desativei a ressurreição para ele. Você não terá com que se preocupar.

Dorian olhou para o corredor que levava para fora.

— Eles me capturaram antes. Eles não confiaram em mim.

— Eles o viram morrer, Dorian. Quando sair novamente de lá, renascido dos mortos com lembranças do que aconteceu a você, ninguém vai se opor ao que disser.

Dorian hesitou por um segundo. Havia uma última pergunta, mas ele não quis fazê-la.

— O que foi? — perguntou Ares.

— Minhas lembranças… nossas lembranças…

— Elas chegarão no tempo certo.

Dorian assentiu.

— Então, vejo você em breve.

Capítulo 28

David Vale abriu os olhos. Estava em outro tubo, mas em um lugar diferente — não era a câmara aparentemente infinita no subterrâneo antártico. Aquele recinto era pequeno, não mais que seis por seis metros.

Seus olhos ajustaram-se e a sala ficou nítida. Havia três outros tubos — todos vazios. Uma grande tela dominava a parede ao fundo, bem acima de uma mesa alta, como os painéis de controle que ele vira na estrutura atlante em Gibraltar e na Antártida. Lá embaixo, um traje amarrotado estava no chão. Havia uma porta fechada em cada lado da sala.

O que é isso? O que aconteceu comigo? Para David, a sala parecia diferente daquela na Antártida; era mais como o laboratório científico na estrutura de Gibraltar que o pai de Kate havia descrito no diário. Era um laboratório? *Se for, por que estou aqui? Para algum tipo de experimento?* E, além disso, ele se perguntou por que ele continuava acordando nesses tubos todas as vezes que Dorian Sloane o matava. Também era difícil compreender que ele fora várias vezes morto a tiros, mas se concentrou em uma questão mais urgente: como sair do tubo. Como se lesse seus pensamentos, o tubo se abriu e a fumaça branca e cinzenta pairou na sala e se dissipou.

David hesitou, avaliando os arredores, esperando seu captor invisível dar o próximo passo. Como nada aconteceu, ele saiu do tubo para a sala, esforçando-se para ficar em pé. Apoiou-se na estação de controle. Embaixo dele estava o traje especial. O capacete recostado à parede, atrás da estação de controle. David conseguiu ver que o traje estava danificado. Ele se curvou e virou o traje. Era do mesmo tipo que vira nos filmes holográficos em Gibraltar. Os atlantes usaram-nos quando correram para fora da nave e salvaram um neandertal de um ritual de sacrifício próximo ao Rochedo de Gibraltar.

Ele examinou o traje mais detidamente. Um rasgo grande espalhava-se pelo torso. Resultado de armas de fogo? O material parecia estar separado, mas não queimado. O que aquilo significava? Nos vídeos que vira, a nave em Gibraltar explodiu após um tsunami gigantesco varrê-la em direção à costa e, em seguida, a puxou de volta para o mar. A Immari acreditava que uma série de bolsões de metano no fundo do mar havia explodido, partindo a nave em vários pedaços.

A explosão havia incapacitado um dos atlantes nos trajes e o outro carregou-

o ou carregou-a para fora da porta — provavelmente para a Antártida.

Aquele traje era de um dos dois atlantes em Gibraltar? David levantou-se e vasculhou a sala atrás de outras pistas. Em um pequeno banco atrás da estação de controle, conseguiu ver uma vestimenta, dobrada cuidadosamente.

Ele cambaleou até o banco. As pernas estavam melhores, mas ainda não estavam cem por cento. Ele desdobrou a roupa. Era um uniforme militar preto. Ele o ergueu contra as luzes turvas como LED que brilhavam do chão e do teto. O traje reluzia e parecia refletir a luz. Quase parecia a projeção de uma noite estrelada. Ele se moveu e o traje mudou novamente, igualando-se à luz e às paredes atrás dele. Era uma espécie de camuflagem ativa. A parte refletora superior — o agasalho do uniforme — era macia e não tinha costuras, exceto na gola. O lado direito tinha um emblema quadrado: [II].

I.I. Immari Internacional. Era um uniforme do Exército da Immari.

No lado esquerdo da gola, uma folha de carvalho prateada estendia-se — a insígnia da patente de tenente-coronel.

David jogou o uniforme de volta ao banco. Estava nu e preferia ficar assim a vestir aquele uniforme.

Ele foi até a estação de controle e moveu a mão sobre ela. O pai de Kate havia aprendido a trabalhar naquelas estações de controle atlantes. Para ele, a luz azul e verde emanava e interagia com a mão, mas aquela estação estava escura e morta. David tocou-a com os dedos, mas não houve reação.

Ele olhou para trás, de uma porta para a outra. Nada como ser um rato em uma gaiola. Foi até a porta mais próxima e parou por um momento, mas ela não abriu deslizando. Ele correu a mão sobre o painel ao lado. Nada. Estendeu a mão sobre o metal cinza e empurrou, mas não se moveu. Estava selada, como a escotilha de um submarino.

Tentou o mesmo procedimento com a porta adiante, mas obteve igual resultado. Estava preso. Quanto ar tinha? Quanto tempo aguentaria antes de morrer de fome?

Sentou-se no banco em silêncio, sozinho com seus pensamentos. Não importava o quanto tentasse, sempre chegavam a Kate. David se perguntou onde ela estaria naquele momento. Rezou para que ela estivesse em segurança.

Pensou sobre aquela noite juntos, em Gibraltar; como ele se sentiu diferente naquele momento. Em seguida, acordou para perceber que ela havia partido. Ele a perdoou por aquilo. Estava tentando salvá-lo. Mas ele cometera outro erro: perdê-la de vista novamente na Antártida, quando ficou para trás para distrair Dorian e seus homens.

David decidiu que não deixaria aquilo acontecer outra vez. Se ele saísse daquela sala, encontraria Kate, onde quer que ela estivesse no que havia restado

do mundo, e nunca a deixaria sair de perto dele de novo.

Capítulo 29

Marbella, Espanha

Kate acordou no confinamento escuro de um semirreboque cheio até a tampa de pessoas, espremidas como uma pesca fresca a caminho do mercado de peixes no píer. Ou ao menos este era o cheiro: suor e peixe. Pessoas tossiam e se acotovelavam enquanto o reboque balançava incessantemente. O caminhão que o puxava devia estar na velocidade máxima através das ruas irregulares de Marbella.

Kate queria encontrar Martin, mas mal podia enxergar os pés diante dela. Conseguiu se sentar em silêncio recostada à parede na parte menos lotada do semirreboque, perto da frente, longe das portas dos fundos em uma das pontas.

O caminhão reduziu a velocidade, parou por alguns segundos e continuou a uma velocidade mínima. Em seguida, parou de uma vez e seus freios a ar rangeram alto. O ronco do motor foi silenciado segundos depois.

Uma onda de pânico pareceu invadir os habitantes da carroceria. Todos ficaram em pé e correram para a porta uma fração de segundo antes de ela se abrir.

A luz do sol poente revelou a cena diante deles. Kate ficou lá, tentando entender, deixando as pessoas passarem ao seu lado.

As duas bandeiras azuis da Orquídea que pendiam na cerca eram apenas restos chamuscados. A Immari deixou o que sobrou delas pendurado, talvez como um símbolo, um sinal de triunfo. Haviam hasteado sua bandeira preta na entrada do acampamento, uma de cada lado. Os soldados da Immari, em uniformes pretos, andavam pela torre de guarda lá em cima — a única que não fora completamente destruída.

A carroceria estava se esvaziando depressa. A mente de Kate tentava bolar um plano. Ela tirou a mochila das costas e abriu o zíper. Tinha uma espécie de forro forte. À prova de fogo e água? Kate examinou o conteúdo: uma pistola, o laptop, um telefone via satélite, o caderno de Martin e o dispositivo parecido com uma garrafa térmica em que ele havia depositado a amostra. Ela pegou a arma. Não poderia atirar até conseguir sair dali; na verdade, nem sabia ao certo

se conseguiria atirar. Precisava de um plano melhor e, se fosse flagrada com a arma… Foi até o canto escuro. Precisava guardar os outros equipamentos — Martin os havia salvado, deviam ser fundamentais para encontrar a cura.

Martin também lhe dissera o que aconteceria em seguida: a Immari separaria todo mundo. Os agonizantes seriam entregues à própria sorte. Os sobreviventes poderiam prestar obediência ou perecer.

Kate tinha uma escolha a fazer.

Capítulo 30

Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CCPD)
Atlanta, Geórgia

Dr. Paul Brenner caminhava de um lado para o outro diante das telas que cobriam a parede. O mapa-múndi que exibiam estava tomado por pontos vermelhos: um para cada Distrito Orquídea. Um número flutuava sobre cada ponto: a taxa de falha da Orquídea para cada distrito. Desde o surto, a Orquídea era ineficaz para aproximadamente zero vírgula três por cento dos infectados. Mas os números estavam subindo. Em um distrito na Alemanha, quase um por cento dos habitantes estava morrendo da praga. A Orquídea finalmente estava falhando?

Viram falhas temporárias da Orquídea, localizadas, mas tinha sido devido a questões de formulação e fabricação. Aquela era global. Se fosse outra… Paul não queria pensar na palavra *mutação*, mas se fosse…

— Vamos voltar — disse Paul. — Mostre as taxas de falha da Orquídea de uma hora atrás, duas horas atrás. Vá voltando uma hora até estabilizarem.

Paul observou os números diminuírem gradualmente, em seguida se nivelarem.

— Pare bem aí.

Ele olhou para o horário.

Foi até sua estação na grande sala de conferência e folheou uma pilha de papéis. *O que aconteceu naquele momento?* A Immari havia disseminado o vírus transformado — um que a Orquídea não conseguia impedir? Esse era o plano, ou ao menos aquela era a teoria em voga. Concentrou-se nos memorandos relativos à atividade da Immari. Um chamou a atenção. Verificou o horário. Estava perto. Ele passou os olhos nele.

Confidencial

Explosão nuclear suspeita no Centro de Pesquisa da Immari Corporate, nas imediações de Nuremberg, Alemanha

Causa (melhor teoria): acidente industrial; detonação de arma

experimental, parte do Programa de Pesquisa de Armas Avançadas Immari

Paul sabia que a Immari Research estava trabalhando em todos os tipos de armas avançadas. Mas o período… Ele olhou para o restante do memorando.

Explicações alternativas:

(1) A Immari acredita ter retirado um objeto da localização na Antártida para estudo na Alemanha; possivelmente relacionado.

(2) A Immari poderia ter destruído de propósito as instalações para impedir o ataque Aliado após sua invasão ao sul da Espanha.

Paul respirou fundo. Sabia de duas coisas: que a Orquídea estava falhando ao redor do mundo e que havia começado com um ato da Immari. Quanto tempo eles tinham ainda? Um, possivelmente dois dias? Havia algo que pudessem fazer nesse tempo?

— Ponha o grupo na linha — disse Paul. Era hora de arriscar todas as fichas.

Capítulo 31

David Vale testou as portas e o painel de controle mais vezes do que conseguiria contar. Chegou a voltar para o tubo, na esperança de que pudesse ativar uma rota de fuga. A sala não havia mudado desde que acordara. Já se sentia cada vez mais fraco. Talvez restassem apenas poucas horas.

Precisava se mexer. Foi até o traje atlante danificado que jazia embolado no chão. Talvez se ele vestisse… Segurou-o junto ao peito e deixou as pernas penderem. Mal chegavam às panturrilhas. David tinha mais de um metro e noventa e ombros largos. O dono daquele traje tinha menos de um metro e oitenta, talvez da altura de uma mulher. Ele soltou o traje e olhou para o outro — o uniforme de coronel da Immari, novo em folha.

Sentou-se no banco ao lado dele por um bom tempo. Era a única coisa que não havia tentado. *Que escolha eu tenho?* De má vontade, vestiu as calças, em seguida calçou as botas. Ergueu-se e levantou o agasalho por um momento. Os quatro tubos de vidro ovais na sala refletiram cada um uma imagem sua deformada. Já haviam desaparecido os recentes ferimentos a bala no peito e no ombro. Sobre o peito, as antigas cicatrizes também tinham sido apagadas: queimaduras da queda de um edifício que o prendeu nas explosões de Onze de Setembro, uma apunhalada bem abaixo das costelas que recebera durante uma operação fora de Jacarta e um punhado de marcas de estilhaços do Paquistão. Era um novo homem. Mas seus olhos eram os mesmos — intensos, mas não severos.

Correu a mão pelos cabelos loiros curtos, expirou e encarou por um longo segundo o agasalho, a última peça do traje. Vestiu-o, e ele reluziu enquanto se ajustava à luz.

David imaginou se ele acordaria em um tubo novamente se morresse. Como se lesse sua mente, uma pequena fissura correu pela extensão do primeiro tubo. Rachaduras menores surgiram como uma teia de aranha, em todos os ângulos, multiplicando-se e expandindo-se como células se dividindo em uma placa de petri. Os outros tubos seguiram o modelo até os quatro tubos transparentes de vidro estarem tão opacos com as rachaduras que pareciam brancos. Uma série de estalos suaves soou dos tubos, e os pedacinhos de vidro rachado começaram a cair para dentro deles.

Onde antes havia quatro tubos via-se uma série de pilhas de vidro em formato de cone, reluzindo à luz forte como montes de diamantes.

Acho que isso responde àquela pergunta, pensou David. O que quer que tivesse acontecido fora daquela sala, ali dentro não haveria ressurreição.

A porta à direita sibilou quando se destacou lentamente da parede e abriu, deslizando. David foi até a soleira e espreitou lá fora. Um corredor estreito e apertado estendia-se até onde a vista alcançava. Contas de luzes no chão e no teto mal iluminavam o espaço.

Ele começou a cruzar o longo corredor e a porta da sala de tubos fechou-se assim que ele passou. Não havia portas nas laterais do corredor e era menor que as passagens que ele vira antes. Era uma passagem de fuga ou um túnel de manutenção? Após alguns minutos, o corredor terminou em uma porta grande e oval. Abriu-se quando ele se aproximou, revelando um espaço arredondado que devia ser um elevador. David entrou e esperou. Não parecia estar subindo ou descendo, mas teve a sensação de que a plataforma estava girando.

Passado um minuto, a porta abriu, causando estremecimento. A corrente de ar jogou David contra a parede ao fundo, mas a força rapidamente se dissipou.

O ar era úmido, sem dúvida subterrâneo. O espaço depois da porta era escuro como a noite. David cruzou a soleira. As paredes eram de rocha, mas eram lisas — uma máquina havia perfurado aquela caverna. *Onde estou?* Era frio, mas não congelante. Não era Antártida. Gibraltar?

O caminho era uma inclinação, talvez com vinte graus. Levava até a superfície? Não havia luz no fim do túnel. Talvez ele subisse mais adiante.

David estendeu os braços e partiu, correndo os dedos pelas laterais do túnel, esperando detectar qualquer mudança. Não havia nenhuma, mas o ar ficava mais quente e seco a cada passo. Foi escuro até o fim. Então, uma onda elétrica correu seu corpo, como um campo de eletricidade estática estalando e fazendo a pele ficar dormente.

O túnel frio e escuro desaparecera e David estava em um local montanhoso. Era noite e as estrelas lá em cima cintilavam, mais brilhantes do que ele jamais vira, mesmo no Sudeste Asiático. Se fosse Europa ou norte da África, então toda a poluição havia desaparecido. E se assim fosse… À distância, nas cadeias rochosas mais próximas, os sons de tiros e explosões ecoavam na noite. David avançou, cambaleando sobre a rocha irregular, e se endireitou no cume da colina.

À esquerda, as montanhas mergulhavam para a linha costeira que se estendia ao longe. David esforçou-se para entender o que estava vendo — quase pareciam dois mundos de épocas diferentes reunidos às pressas.

Uma espécie de “fortaleza” pós-apocalíptica, ou talvez uma base militar do futuro, ficava em uma península com um porto comprido. A península estendia-

se ao menos por cinco quilômetros para dentro do mar e estreitava-se para apenas uns cem metros onde encontrava-se com o continente — o gargalo perfeito para defender a base de ataques terrestres. Uma muralha grande erguia-se ali, mais alta que a devastação completa ao redor. Ondas de soldados montados avançavam na direção da muralha, atirando e gritando. Parecia quase um ataque medieval a um castelo — um castelo de um futuro distante. David aproximou-se da beirada do abismo, maravilhado, tentando conseguir uma visão melhor. Os cavaleiros líderes haviam soltado alguma coisa.

Houve uma explosão gigantesca e um cogumelo de fogo ergueu-se da muralha, fazendo David cambalear para trás e iluminando a área ao redor da fortaleza. Do outro lado do mar estreito, David vislumbrou um enorme penhasco de rocha elevar-se bem acima da água. O Rochedo de Gibraltar. Ele estava a norte de Marrocos, além do Estreito de Gibraltar. A península abrigava Ceuta, uma cidade espanhola autônoma. Ou tinha abrigado, antes de se transformar em uma fortaleza. Ainda havia rastros da cidade, mas…

Atrás dele, David ouviu caminhões sendo ligados. Ele se virou bem no momento em que um refletor foi aceso, cegando-o. Com a luz da explosão, alguém o viu nas montanhas.

Uma voz de homem gritou para ele lá de cima.

— Não se mova!

Ele saltou das pedras quando as balas rasgaram o penhasco. Cambaleou de volta para a encosta de onde viera e buscou desesperadamente a entrada. Não estava no mesmo lugar. Fosse lá por onde tivesse passado, era uma porta de mão única, alguma espécie de campo de força que parecia rocha ali fora.

Ele ouviu barulhos de botas atrás dele. Virou-se no momento em que os soldados da Immari surgiram na plataforma e o cercaram.

Capítulo 32

Campo de Treinamento Camelot da Immari
Cidade do Cabo, África do Sul

Dorian estava diante da janela alta. As tropas da Immari que se estendiam lá embaixo estavam erguendo acampamento e seguindo para o porto e para os navios que os esperavam.

Uma mulher estava instruindo um grupo de soldados. *Tinha… equilíbrio*, pensou Dorian, *e algo mais*. Ele não conseguia identificar esse algo mais.

— Kosta — disse ele para o novo assistente, que trabalhava à mesa atrás dele.

O homem baixote e gordo correu para ficar ao lado de Dorian, diante da janela.

— Senhor?

— Quem é aquela mulher?

Kosta olhou para baixo.

— Qual…

Dorian apontou.

— Lá adiante, loira e… com feições impressionantes.

Kosta hesitou.

— Eu… eu não sei, senhor. Ela não está cumprindo as funções? Posso realocá-la…

— Não, não. Só descubra quem ela é.

— Sim, senhor. — Kosta demorou-se um pouco. — Quase todos os navios já chegaram. Ainda estamos tentando reunir mais equipamentos para o frio…

— Não precisaremos.

— Senhor?

— Não vamos para a Antártida. Rumaremos para o norte. Nossa luta será na Europa.

Parte II
Verdade, mentiras e traidores

Capítulo 33

Frota da Immari
Costa de Angola

Dorian correu o dedo pelas costas nuas de Johanna, passando pelo traseiro e descendo pela perna. Linda. Sublime.

Quando ergueu o dedo, ela sussurrou, em seguida levantou a cabeça e tirou os cabelos dourados dos olhos.

— Eu estava roncando? — perguntou ela, envergonhada.

Dorian amava o sotaque. *Holandês*, pensou ele. Seus pais eram da primeira geração de colonos sul-africanos? Perguntar mostraria interesse pessoal. Fraqueza. Tentou dizer a si mesmo que ela era obtusa e superficial, que não representava interesse, que era uma das tantas garotas naquele navio ou em qualquer outro de sua frota. Mas… havia algo diferente nela. Não era a conversa. Passava a maior parte do tempo em sua cabine, deitada lá, nua, folheando antigas revistas de fofoca, dormindo ou lhe dando prazer.

Ele rolou para longe dela.

— Você não estaria aqui se roncasse.

Seu tom mudou.

— Você quer…

— Quando eu quiser sexo, você vai saber.

Como se a frase fosse uma deixa, uma batida suave ecoou na porta de aço da cabine.

— Entre — gritou Dorian.

A porta abriu uma fresta e Kosta entrou. Ao ver Dorian e a mulher na cama, ele girou e partiu em direção à porta.

— Pelo amor de Deus, Kosta, nunca viu dois seres humanos nus? Volte aqui. O que você quer?

— Estarão prontos para a transmissão aos prisioneiros espanhóis em uma hora, senhor — disse Kosta, ainda de costas para Dorian. — As equipes de comunicação gostariam de revisar alguns temas de discussão.

Dorian se levantou e vestiu as calças. A garota saltou e pegou o suéter dele.

Ela sorriu e o entregou a ele. Dorian não a olhava nos olhos. Jogou o suéter na cadeira diante da escrivaninha.

— Vou escrever meus temas de discussão, Kosta. Venha me buscar quando chegar a hora.



Dorian pôde ouvir Johanna rolando na cama, tentando chamar sua atenção. Ele a ignorou. Precisava se concentrar, precisava encontrar a mensagem certa. Aquele discurso era importante — definiria o tom para a entrada posterior na Europa, para tudo que viria depois.

Ele precisava mostrar que sua causa era mais que sobrevivência, mais que interesse próprio. Precisava vender a escolha de se juntar à Immari como algo mais — a escolha de se unir a um movimento. Uma declaração de independência, um recomeço. Liberdade da Orquídea… e o que mais? Qual era o *Zeitgeist* espanhol? As questões? O que era sua "praga" antes da Praga Atlântida? A que o mundo reagiria?

Ele anotou na página:

Praga = capitalismo global; uma força darwiniana que não pode ser impedida; ela permeia todas as nações, descartando os fracos, escolhendo os fortes.

Orquídea = estímulo do Banco Central: dinheiro fácil, uma cura falsa que nunca resolverá a raiz do problema, apenas suprime os sintomas, prolongando a agonia.

Surto atual = como outra Crise Financeira Global: irrefreável, incurável, irreversível. Inevitável.

Talvez funcionasse. Mas concluiu que reduziria um pouco o tom.

Ares está certo, pensou Dorian. A praga era a última oportunidade de recriar a humanidade. Uma sociedade humana unida, sem classes nem atrito. Um exército, trabalhando junto para um objetivo comum: a segurança.

Johanna jogou o lençol para o lado, expondo o corpo espetacular para ele.

— Mudei de ideia.

Mudou de ideia?, pensou Dorian. Em primeiro lugar, ficou surpreso por ela ter tido uma ideia. E agora ela reconsiderou esse "pensamento". Imaginou o que vinha em seguida. Talvez outro comentário sobre uma separação em potencial de "celebridades" de quem Dorian nunca tinha ouvido falar, ou: "Acha que esse vestido ficaria bem em mim?". Como se aquele vestido estivesse à venda na cantina do navio.

— Fascinante… — murmurou Dorian quando voltou ao trabalho.

— Percebi que eu gostava mais de você quando tudo que você fazia era dormir, beber e me comer.

Dorian suspirou e deixou a caneta de lado. O discurso poderia esperar.

Capítulo 34

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Kate estava na fila, observando o acampamento, pensando, tentando imaginar uma maneira de fugir. O Distrito Orquídea estava em ruínas, destroços incendiados que mal lembravam o resort cinco estrelas à beira-mar que era antes da praga, ou mesmo o abrigo que Martin havia mostrado no dia anterior. O incêndio nas torres de guarda e na frota de veículos ainda fumegava, enviando colunas finas de fumaça preta para o céu, como uma serpente se esgueirando entre as torres brancas do hotel. O sol poente brilhava vermelho e laranja sobre o Mediterrâneo. A fila de Kate marchava silenciosamente na direção do mar, como um rebanho indo para o abate.

Os soldados da Immari estavam fazendo o que Martin previra: separando todo mundo. Os doentes eram levados para a torre mais próxima, onde guardas com armas e bastões de manejo de gado os conduziam através das portas. Kate imaginou o que fariam com eles. Eles os deixariam lá para morrer? Sem a Orquídea, aquelas pessoas estariam mortas dentro de três dias. Martin estava em algum lugar naquele grupo. Kate não o via desde que haviam sido capturados. Ela o procurou na multidão.

— Um passo à frente! — gritou um soldado.

Talvez já tivessem levado Martin para dentro da torre, ou talvez ele estivesse atrás dela. Não conseguia tirar os olhos da torre que abrigava os doentes. O que fariam em poucos dias, quando estivesse cheia de mortos? E quando evacuarem Marbella? Em sua mente, Kate viu explosões sacudindo o fundo do prédio, e ele desabando. Precisava encontrar uma maneira de achar Martin. Ela…

— Avance!

Alguém a agarrou pelo braço e a puxou para a frente. Outro homem agarrou seu pescoço, sentindo os linfonodos. Ele a empurrou para a esquerda, e outro homem — não um soldado, um médico, talvez — passou um longo cotonete em sua boca, do lado de dentro da bochecha. Depositou o cotonete em um tubo plástico com um código de barras. O tubo era um dos muitos que se alinhavam

em uma grande máquina. Amostras de DNA. Estavam sequenciando os genomas dos sobreviventes. Os cabelos tingidos de Kate e sua aparência imunda dos túneis lhe deram a tranquilidade de que os soldados não a reconheceriam — ela não parecia em nada com o que era vinte e quatro horas antes. Mas, se tivessem uma amostra de DNA e pudessem comparar, saberiam exatamente quem ela era.

Naquele momento, um guarda do outro lado a agarrou pelo pulso e bateu com ele em uma pequena abertura redonda de outra máquina. Ela sentiu uma dor aguda no pulso, mas, antes que pudesse gritar, já havia acabado. O guarda a empurrou com força pelas costas e ela ficou frente a frente com outro guarda, e correu outra haste pelo seu corpo.

— Negativo — disse ele, afastando Kate para dentro da multidão diante dos técnicos e das máquinas.

Kate ficou parada por um momento, pensando no que fazer. O grupo abriu-se um pouco e ela viu dois rostos familiares: o homem e a mulher que os conduziram pelos túneis — o casal fiel à Immari, que havia ajudado a capturar Martin e ela.

Outra pessoa, um homem rechonchudo de meia-idade, sem nenhum sinal de bronzeamento, aproximou-se dela.

— Tudo bem. Acabou! — disse ele, seu tom entre nervosismo e empolgação. — Você é uma sobrevivente. Estamos salvos.

Kate olhou de novo para os técnicos, em seguida para o pulso e para a marca vermelha ardida que cercava o código de barras preto.

— Como você sabe…

— Que você é sobrevivente? Você não recebeu uma identificação de Orquídea, um implante.

Implante? Martin não falara nada sobre implantes.

O homem nervoso pareceu perceber a confusão de Kate.

— Você não sabe sobre os implantes?

— Eu estava… fora de circulação.

— Ah, meu Deus. Deixe-me adivinhar: você estava em férias e foi para um esconderijo depois da praga? Eu também!

Kate assentiu lentamente.

— É, foi mais ou menos isso.

— Minha nossa! Por onde começar? Bem, você não recebeu implante, então nunca foi capturada, nunca chegou a receber o tratamento forçado. Não vai acreditar. Depois do surto, o governo espanhol declarou lei marcial. Eles tomaram tudo e levaram todo mundo, todos que sobreviveram, para campos de concentração gigantescos. Fizeram todo mundo tomar uma droga, a Orquídea, que reduzia a velocidade da praga, mas não curava. Deram um implante para

todos, um tipo de dispositivo biotecnológico que conseguia sintetizar uma cura dos aminoácidos do corpo ou algo assim. Ou foi o que disseram. Quem sabe o que ele faz. Mas você não recebeu um, certamente é uma sobrevivente. Vamos ficar bem agora. A Immari libertou Marbella. Há rumores de que isso está acontecendo em todo o sul da Espanha. Eles vão limpar este lugar e o mundo vai voltar ao normal.

Kate examinou a multidão novamente. Havia duas divisões, pelo que ela via. Seu grupo era menor, os sobreviventes reconhecidos. O outro grupo era maior. Deviam ser residentes de Distritos Orquídea que não mostraram sinais de infecção. As amostras de DNA, os códigos de barra… Kate teve um estalo. A Immari estava catalogando todo mundo, conduzindo seus testes a céu aberto, tentando isolar os retrovírus endógenos que controlavam o Gene Atlântida. Aquele era o objetivo — aumentar o tamanho da amostra. Liberação era um efeito colateral. Ou disfarce. Ou havia outro resultado?

As palavras de Martin ecoaram em sua mente: *Prometa que vai prestar obediência*. Kate não prestaria. Não depois do que tinham feito. Estavam fazendo. O que ela poderia fazer se prestasse obediência? Eles a descobririam, mais cedo ou mais tarde. Ela não conseguiria postergar. E não poderia pensar em como salvar Martin. Diante dessa escolha, ela preferiria morrer sabendo que nunca prestou falsa obediência, nunca se curvou ao inimigo.

Atrás de Kate, uma tela gigantesca se iluminou. Os soldados haviam pendurado uma série de lençóis brancos, criando uma tela a céu aberto, como um cinema drive-in. A cena que iluminava a tela era uma mesa de madeira surrada diante de uma antepara de aço. A mesa do comandante de um navio? Um homem passou diante da câmera, virou-se e se sentou à mesa, as costas rígidas, o rosto frio e indiferente.

Kate ficou tensa. A boca secou.

— Meu nome é Dorian Sloane.

Lentamente, as palavras se esvaíram e Kate ficou sozinha com um pensamento: *Se Dorian está vivo, David está morto.* A prova estava lá, na tela com três metros de altura, seis metros de comprimento, sustentando o olhar fixo sobre a multidão apavorada. *Se Dorian está vivo, David está morto.* Ter aquela certeza revelou apenas o quanto de esperança ela manteve. As lágrimas vazaram dos olhos, mas Kate piscou para afastá-las. Ela respirou fundo e lutou contra a vontade de enxugar os olhos. Ao redor dela, outros estavam chorando abertamente, mas por um motivo muito diverso. Em toda a multidão, as pessoas estavam aplaudindo, abraçando-se e comemorando. Alguns rostos estavam impávidos, como o de Kate, e muitos simplesmente estavam de cabeça baixa ou não olhavam a tela. Entre as comemorações e os olhares aflitos, Dorian

continuava com seu discurso monótono, completamente desapercebido.

— Não venho até vocês como um libertador nem como um salvador, tampouco como líder. Sou um ser humano, um homem tentando sobreviver, uma pessoa tentando salvar o máximo de vidas que puder. Estou simplesmente em uma posição especial. Como presidente da Immari Internacional, controlo recursos que fazem a diferença. A Immari tem uma divisão de segurança, um serviço de inteligência particular, recursos naturais, empresas de comunicação, organizações de transporte e, talvez o mais importante, um dos grupos de pesquisa e desenvolvimento científico global mais avançados do mundo. Em suma, temos condições de fazer algo para ajudar nesses tempos difíceis. Mas nossos recursos são limitados. Em certo sentido, podemos entrar apenas nas lutas que vamos vencer. Mas não vamos nos furtar dessa luta ou de nossas responsabilidades como seres humanos. Salvaremos as vidas que pudermos. Olhem para o seu destino. Olhem para o que os governantes do mundo lhes deram.

“Enfrentamos uma ameaça sem precedentes no curso da evolução humana. Um ponto de virada. Um dilúvio. Estamos até a cintura mergulhados no sangue daqueles que não podem sobreviver neste novo mundo. Governantes acorrentaram vocês a essas pessoas que não podem nadar nesse dilúvio. Eles deixaram vocês se afogar. Oferecemos um caminho adiante, a mão estendida em uma balsa da vida. Oferecemos uma escolha. A Immari Internacional tem a coragem de fazer o que precisa ser feito, salvar as vidas que pudermos e oferecer paz e término àquelas que não pudermos. É o que venho oferecer a vocês hoje: vida, um novo mundo construído pelos sobreviventes. Não pedimos nada em troca, exceto sua lealdade e sua ajuda para criar esse mundo novo. Precisaremos de toda a ajuda, de todos os indivíduos aptos que pudermos encontrar. O verdadeiro desafio está diante de nós. Buscamos apenas a oportunidade de desempenhar nosso papel no cataclismo vindouro, e peço a vocês agora: juntem-se a nós ou abstenham-se. Se vocês se abstiverem, não vamos prejudicá-los. Vamos entregá-los àqueles que discordam de nós para que vocês possam buscar suas soluções. Não queremos derramamento de sangue; o mundo já tem sangue demais nas mãos.

“Nossos adversários nos chamam de império. Espalham mentiras numa tentativa desesperada de se agarrar a seu poder. Considerem o que eles fizeram com esse poder, construíram um mundo com duas classes de nações: o terceiro mundo e o primeiro mundo. E eles deixaram o capitalismo pisotear os cidadãos de todas as nações, do primeiro e do terceiro mundo, segregando de acordo com nosso valor econômico. O lugar de uma pessoa na sociedade determinou quanto o mundo se dispõe a pagar por qualquer coisa que ela pode produzir a cada dia.

Essa praga é simplesmente o equivalente biológico dos mesmos programas que usaram para nos dividir durante séculos.

"A solução da Immari Internacional é simples: um mundo, com um povo, todos trabalhando juntos. Se preferirem o velho mundo, se preferirem a Orquídea, fiquem em um campo de concentração, esperando a cura que nunca virá, esperando viver ou morrer. Vocês podem. Ou podem escolher a vida, um mundo justo, uma chance de construir algo novo. Escolham agora. Se não desejam ser parte da Solução Immari, fiquem onde estão. Se quiserem nos auxiliar, nos ajudar a salvar as vidas que pudermos, deem um passo à frente, na direção dos homens que portam os símbolos da Immari Internacional. Os homens às mesas entrevistarão vocês, descobrirão quais habilidades vocês têm a oferecer, como vocês poderão ajudar seus colegas humanos."

A multidão ao redor de Kate começou a se dispersar. Talvez um a cada dez ficou parado. Possivelmente menos.

Kate odiava admitir, mas Dorian tinha feito um discurso convincente para qualquer um que não soubesse quem ele realmente era. Tinha o dom da palavra, ela sabia disso muito bem. Enquanto estava lá, parada, observando as pessoas arrebanharem-se na direção dos soldados da Immari, uma procissão de imagens fluiu através de sua mente. Seu pai: morreu tentando impedir um massacre da Immari. Sua mãe: morta nas mãos da praga que eles desencadearam. David: morto nas mãos de Dorian. Agora, Martin, seu pai adotivo, logo seria a última vítima. Fizera tantas escolhas difíceis e sacrifícios — muitos dos quais foram em benefício dela, para mantê-la em segurança. Ele tentou protegê-la por tanto tempo.

Ela não poderia deixá-lo. Não deixaria, não importava o que tivesse que fazer. E concluiria sua pesquisa.

Sentiu a mochila pendurada em suas costas. Ela continha as chaves para encontrar uma cura?

Ela deu um passo à frente. Em seguida, outro. Participaria daquele jogo enquanto tivesse de jogar. Foi o que seu pai fez. Mas ele virou as costas para eles e o enterraram em uma mina embaixo de Gibraltar. Ela não cederia.

Ela se misturou às multidões cada vez maiores de pessoas rodeando as mesas, falando rapidamente.

— Aí está você.

Kate se virou. Era o homem de meia-idade que falara com ela antes.

— Oi — disse Kate. — Desculpe se eu não falei muito antes. Eu… não sabia direito de que lado você estava. Percebi que sou uma sobrevivente.

Capítulo 35

Nas cercanias de Ceuta
Norte de Marrocos

Através da escuridão da noite e das luzes circundantes, David conseguia apenas vislumbrar a gigantesca base militar adiante.

A área ao redor era outro mistério. O comboio de três jipes passou a toda velocidade, atravessando o que David teria jurado ser um campo de lava resfriada. Aqui e ali, ondas de fumaça flutuavam do chão grumoso, queimado. O cheiro confirmava os piores medos de David. A Immari havia cavado uma trincheira ao redor daquela parte da cidade, em seguida a queimou e nivelou os escombros — deixando uma área aberta que os inimigos teriam de cruzar para atacar. Esperto. Drástico, brutal, mas esperto.

A cena lembrou-o de uma coisa, de uma aula. Por um instante, voltou a Columbia, antes de o mundo ter se transformado, caído exatamente em suas costas. A voz de seu professor retumbou no auditório.

— O imperador romano Justiniano ordenou que os corpos fossem queimados. Isso em meados do século vi, pessoal. O Império Romano Ocidental havia caído na mão dos godos, que saquearam Roma e assumiram o controle de sua administração. O Império Oriental, concentrado ao redor de Constantinopla, atual Istambul, era uma grande força no mundo civilizado. Na época, era o maior centro metropolitano na Terra. Dominava a Pérsia, o Mediterrâneo e toda terra onde seu exército conseguia aportar. A praga que veio em 541 mudou tudo, para sempre. Era uma pestilência que o mundo nunca vira antes, até hoje. As ruas da cidade eram vermelhas com o sangue dos corpos.

"Havia tantos corpos que Justiniano ordenou que os mortos fossem jogados no mar. Mas ainda eram muitos. Logo depois das muralhas da cidade, os romanos cavaram enormes valas comuns, cada uma capaz de acomodar setenta mil indivíduos. O fogo queimou por dias."

A história se repete, ponderou David. Se aquilo acontecera em Ceuta, como estaria o restante do mundo? A praga desencadeada pelo Protocolo Toba — o evento que ele havia passado dez anos tentando impedir — era realidade. Ele

falhara. Quantos haviam morrido? Quase contra a vontade, sua mente concentrou-se em uma pessoa: Kate. Ela tinha saído de Gibraltar? Se sim, onde estava? Sul da Espanha? Ali, em Marrocos? Era uma agulha no palheiro, mas, partindo do princípio de que ele sobreviveria àquele monstro gigantesco que se avultava adiante, derrubaria tudo para encontrá-la. Teria de esperar uma brecha, uma chance para escapar. No banco traseiro do jipe, observou o último trecho incendiado da cidade passar.

O comboio reduziu a velocidade no portão de aço, no centro da muralha gigante. Duas bandeiras pretas pendiam de cada lado. Quando o portão abriu para deixar os jipes passarem, uma rajada de vento passou pelas bandeiras e elas se desenrolaram: [II]. Immari Internacional. A alta muralha branca tinha ao menos nove metros de altura e, aqui e ali, grandes manchas pretas queimadas, sem dúvida cicatrizes de onde o inimigo a cavalo havia montado cerco. A muralha riscada de preto e o portão quase pareciam uma zebra abrindo a boca para engolir o comboio. As bandeiras tremulavam como orelhas, esquivando-se ao vento. *Para dentro da barriga da fera*, pensou David quando passaram sob a muralha, e o portão se fechou rapidamente em seguida.

Os oito soldados que o capturaram nas montanhas haviam amarrado suas mãos e as atado com seu cinto. Ele seguiu em silêncio no banco traseiro do jipe, aguentando a jornada sacolejante, às vezes brutal, das montanhas. Repassou vários cenários de fuga, mas todos terminavam com ele saltando do jipe, quebrando uma quantidade grande de ossos e acabando sem condições de lutar.

Naquele momento, contorceu-se no banco e virou para a esquerda e para a direita, examinando o interior da base, buscando uma brecha de fuga. Dentro das altas muralhas, os soldados da Immari estavam correndo para reabastecer as torres que sarapintavam as muralhas. O tamanho deixou David atônito. Quantos soldados havia? Milhares, no mínimo, trabalhando ao longo da parede que dava para o continente. Outros, sem dúvida, ocupavam outras muralhas que ficavam para o lado do mar. Além da muralha, passando as torres e as largas vias de suprimento, fileiras de casas espalhavam-se pela rua. Pareciam em grande parte desocupadas, mas ocasionalmente um soldado entrava em uma ou saía de outra.

Três fileiras de solo arado corriam nos dois lados da estrada. De seis em seis metros mais ou menos, um poste de madeira, como um poste telefônico encurtado, erguia-se do chão. Cada um tinha dois sacos grumosos, espaçados por vários metros. De início, David pensou que eram ninhos de vespas gigantes.

Lá adiante, outra muralha alta e caiada se agigantava, quase exatamente como a muralha externa, o que informava David de uma coisa: zona de morte. Se inimigos da Immari invadissem a muralha externa, ela poderia estraçalhá-los nessa zona intermediária. Haviam arado o solo ao longo da estrada de terra

obviamente para esconder minas e David supôs que os sacos que pendiam dos postes estavam cheios de cartuchos usados, pedaços de metal, pregos e outros fragmentos que, quando explodissem, perfurariam qualquer um que estivesse entre as muralhas.

A antiga fortaleza teve outras modernizações. Cada torre de guarda continha armas gigantescas. David não reconheceu o modelo. Algo novo? O telhado de muitas casas desaparecera e David imaginou que havia baterias antiaéreas lá dentro, sobre elevadores hidráulicos, prontas para se levantar e derrubar qualquer aeronave inimiga que se aproximasse. Mas ele duvidava que os cavaleiros tivessem uma.

Novamente, os soldados falaram via rádio e o portão da muralha interna se abriu. Aquela muralha estava menos queimada que a externa, mas várias faixas de zebra ainda riscavam do topo ao chão. Quando passou sob o portão interno, David sentiu as chances de fuga ficarem menores. “Bater no guarda mais próximo e correr” não seria uma boa ideia. Precisava se concentrar.

Dentro do portão interno, casas e lojas enfileiravam-se em outra via, esta intocada por minas e explosivos improvisados. Parecia mais um estranho vilarejo antigo. Havia pessoas em trajes civis e mais soldados. Era claramente a principal seção residencial da base.

Após a segunda fileira de casas e lojas, outra muralha apareceu, esta de pedra e muito mais antiga. Outro portão abriu-se. A cidade era como uma daquelas bonecas *matrioskas* russas, com outras bonecas aninhadas dentro dela.

Ceuta provavelmente fora construída como outros vilarejos ao longo do Mediterrâneo. Milhares de anos antes, os habitantes daquele lugar sem dúvida construíram um pequeno povoado à beira-mar. Esse povoado prosperou como posto comercial. A prosperidade trouxe outros colonos e oportunistas menos escrupulosos: piratas e ladrões. O comércio incipiente e o crime fizeram subir as primeiras muralhas da cidade e, com o passar dos séculos, a cidade se expandiu, cada vez erigindo uma nova muralha externa à cidade para proteger os novos cidadãos.

Os prédios eram muito mais antigos ali, e não havia ninguém à paisana, apenas soldados e, aparentemente, estoques inteiros de artilharia, munições e outros equipamentos. A Immari estava se preparando para a guerra e aquilo era claramente um grande centro de lançamento. Também era a cidadela do vilarejo. Ele seria julgado ali.

David virou-se para o soldado sentado no jipe ao lado dele.

— Cabo, sei que está cumprindo ordens, mas o senhor precisa me soltar. Vocês estão cometendo um erro muito grande. Deixe-me atravessar o portão da cidade e me soltem. Mostraria uma inteligência maior que a dos outros e talvez

evitasse uma corte marcial por interferir em uma operação secreta.

O jovem encarou David, hesitou e afastou os olhos rapidamente.

— Ninguém pode fazer isso, coronel. As ordens são capturar ou matar qualquer um além das muralhas.

— Cabo…

— Já espalharam essa informação, senhor. Terá de falar com o major.

O jovem soldado virou-se quando o jipe cruzou o limiar de um pátio que abrigava a frota de jipes. O comboio parou e os soldados arrastaram David para fora, marcharam com ele para dentro do prédio, passando por vários corredores, e deixaram-no dentro de uma cela com pesadas barras de ferro e uma janela pequena e alta.



David esperou na cela, as mãos ainda atadas e presas com seu cinto. Depois de um tempo, o som alto de passos ecoou no chão de pedra e um soldado apareceu. Seu uniforme preto era impecável e havia uma única barra prateada no ombro. Tenente. Ele encarou David, mas manteve a distância além das barras de ferro. Diferente do cabo no jipe, não havia hesitação na voz.

— Identifique-se.

David caminhou na direção dele.

— O senhor não tinha que dizer “Identifique-se, *coronel*?”.

A hesitação tomou conta do rosto do homem e ele falou lentamente.

— Identifique-se, coronel.

— O senhor recebeu as instruções sobre as operações secretas daqui de Marrocos, tenente?

Os olhos do tenente viraram para a esquerda e para a direita. Dúvida.

— Não… não fui notificado…

— Sabe por quê? — David ergueu as mãos atadas. — Não responda. É uma pergunta retórica. Não foi notificado porque, isso mesmo, as operações são *secretas. Confidenciais.* Se registrar minha presença aqui, minha operação vai pelos ares. E também suas chances de promoção ou mesmo de fazer qualquer outra coisa além de descascar batatas. Entendido?

David deixou as palavras pairarem na mente do jovem por um momento. Quando David continuou, seu tom foi menos ríspido.

— Neste momento, não sei seu nome e o senhor não sabe o meu. Isso é bom. Neste momento, isto é apenas uma confusão, um erro estúpido de alguma patrulha de perímetro de baixa patente. Se me soltar e me der um jipe, tudo será

esquecido.

O tenente hesitou por um momento e David pensou que ele estava prestes a pegar algo no bolso, possivelmente chaves, quando um par de botas começou a estalar no chão de pedra e outro soldado surgiu no corredor, um major. O oficial de patente superior olhou do tenente para David, como se tivesse flagrado os dois no meio de algo ilícito. A expressão era suave, quase impassível, quase divertida, pensou David.

O tenente empertigou-se à visão do major e disse:

— Senhor, eles o encontraram nas colinas embaixo de Jebel Musa. Ele nega a identificação e não tenho nenhuma ordem de transferência.

David examinou o major. Sim, ele reconhecia o homem. O cabelo estava mais longo e o rosto mais fino, mas os olhos eram os mesmos de muitos anos antes, em uma fotografia presa com clipe à impressão de um relatório pós-evento. O técnico havia escrito à mão o relatório em letras de fôrma bem cuidadas, como se cada letra e palavra tivesse sido ponderada por bastante tempo. O major era um funcionário da Clocktower — membro do grupo de operações secretas para o qual David trabalhava. David soubera recentemente que a Clocktower na verdade estava sob o controle da Immari. O major talvez soubesse quem era David. Mas se não soubesse… De qualquer forma, David estaria acabado se não reagisse.

Ele foi até as barras de ferro. O tenente recuou e pôs a mão no coldre do cinto. O major ficou no lugar. Lentamente virou a cabeça.

— Tem razão, tenente — disse David. — Não sou coronel. Como o homem ao seu lado não é um major. — David continuou antes que o tenente pudesse falar. — Vou dizer algo mais que não sabe sobre o “major”. Dois anos antes, ele assassinou um terrorista muito procurado chamado Omar al-Quso. Atirou nele ao cair da noite a uma distância de quase dois quilômetros. — David meneou a cabeça para o major. — Lembro porque, quando li o relatório pós-evento, pensei comigo, uau, isso é que é tiro.

O major inclinou a cabeça, em seguida deu de ombros e afastou o olhar pela primeira vez.

— Verdade seja dita, foi um tiro de sorte. Eu já havia engatilhado um segundo tiro quando percebi que al-Quso não se levantou.

— Eu… não estou entendendo — disse o tenente.

— Óbvio. Nosso hóspede misterioso acabou de descrever uma operação confidencial da Clocktower, o que significa que ele é chefe de estação ou chefe-analista. Não acho que analistas vão à academia tanto quanto nosso coronel aqui. Solte-o.

O tenente abriu a cela, desamarrou os pulsos de David e em seguida virou-se

para o major.

— Devo…

— O senhor deve desaparecer daqui, tenente. — Ele se virou e começou a voltar pelo corredor. — Siga-me, *coronel*.

Enquanto David cruzava o corredor, imaginou se estava mais perto da armadilha ou de uma rota de fuga.

Capítulo 36

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

O major levou David para fora do edifício que abrigava as celas de detenção e atravessou com ele um amplo pátio cheio de cercas. David conseguiu ouvir um farfalhar vindo de dentro. Estavam mantendo gado ali? Ele não conseguia identificar os sons que pairavam na noite.

O major pareceu perceber o interesse de David e olhou para os cercados.

— Bárbaros esperando o barqueiro.

David perguntou-se o que ele quis dizer. Na mitologia grega, "o barqueiro" carregava as almas dos recém-falecidos pelos rios Estige e Aqueronte para o mundo inferior. Ele decidiu deixar aquilo para lá. Tinha mistérios mais urgentes para desvendar.

Percorreram em silêncio o restante do caminho até um prédio grande no centro da cidadela.

David observou rapidamente o gabinete do major. Não quis parecer interessado demais, mas várias coisas o impressionaram. Era muito grande. Claramente era o gabinete do comandante da base. E era espartano. As paredes eram de gesso branco, e havia poucas coisas além delas: uma bandeira preta da Immari em um canto, uma mesa simples de madeira com uma cadeira giratória de metal atrás dela e duas cadeiras dobráveis diante da mesa.

O major jogou-se na cadeira atrás da mesa, tirou um maço de cigarros da primeira gaveta da mesa e rapidamente acendeu um com fósforo. Segurou o fósforo e ergueu os olhos para David.

— Fuma?

— Parei depois do surto. Imaginei que não restariam muitos em poucas semanas.

O major sacudiu o fósforo até apagá-lo e jogou-o no cinzeiro.

— Fico feliz por não ser tão esperto.

David não se sentou diante da mesa. Queria manter a distância entre eles. Caminhou até a janela e olhou para fora, pensando, esperando que o major fosse

ceder, dar a David uma abertura.

O major soprou uma nuvem de fumaça entre eles e falou cuidadosamente, como se medisse cada palavra antes de falar.

— Meu nome é Alexander Rukin. *Coronel…*

Ele é bom, pensou David. Direto ao ponto. Sem brecha. *Com que tenho de trabalhar?* A sala. Um major — comandante em uma base deste tamanho? Improvável. Mas David sentia que não havia oficial superior a ele no local.

— Disseram que o comandante da base seria notificado da minha presença, caso entrássemos em contato.

— Talvez tenha sido. — Rukin deu outro trago no cigarro.

David sentiu algo mudar. *Ele está mudando a abordagem?*

— Está no sul da Espanha, liderando a invasão. Destacou quase todo mundo. Estamos apenas com tropa mínima. Nosso chefe de estação, coronel Garrott, foi alvejado faz dois dias. Filho da puta idiota estava fazendo ronda, visitando cada torre de guarda, sacudindo as mãos como se fosse o prefeito eleito do inferno. Um franco-atirador berbere o acertou com um tiro. Achamos que o atirador estava nas colinas, por isso aumentamos as patrulhas. E os bumerangues no perímetro. Agora, preciso saber por que você está aqui.

Sim, Rukin estava dando detalhes inúteis, esperando que David reagisse da mesma forma, contando sua história, cometendo seu erro.

— Estou aqui em missão.

— Que…

— É confidencial — disse David, virando-se para encarar Rukin. *Quanto tempo eu tenho? Talvez uma hora antes que ele descubra que sou uma farsa? No máximo, consigo ganhar um pouco de tempo.* — Se informe. Se for da sua alçada, eles dirão.

— Você sabe que não posso.

— Por que não?

— A explosão. — Rukin leu o rosto de David. — Você não sabe?

— Aparentemente, não.

— Alguém explodiu um dispositivo subnuclear no qg da Immari na Alemanha. Ninguém está requerendo informação nenhuma atualmente, em especial para verificação de operações secretas.

David não conseguiu esconder a surpresa. Mas era a abertura de que precisava.

— Eu… estava em trânsito, sem comunicação.

— De?

Agora, o teste.

— Recife — disse David.

Rukin inclinou-se para a frente.

— Não há estação da Clocktower em Recife…

— Estávamos iniciando quando a limpeza dos analistas começou. Então, a praga veio. Eu mal saí. Estou em missão especial desde então.

— Interessante. É uma *história* realmente interessante, coronel. Mas vamos aos fatos: se o senhor não me disser quem é e por que está aqui *agora*, terei de mantê-lo em uma cela até poder verificar sua identidade. Custe o que custar.

David o encarou.

— Tem razão. É… o sigilo operacional. Costume. Talvez eu tenha ficado tempo demais nas operações da Clocktower. — Então, David contou a história que estava montando desde que cruzara o primeiro portão. — Estou aqui para ajudar a proteger esta base. O senhor sabe como Ceuta é importante para a causa. Meu nome é Alex Wells. Se o qg for destruído, é inevitável que seja alguém da diretoria de operações especiais que possa confirmar para mim.

Rukin rabiscou algumas notas em um caderno.

— Vou ter de confiná-lo nos alojamentos sob vigilância até que isso aconteça. O senhor entende, coronel.

— Entendo — disse David. *Ganhei um tempo*. Seria suficiente para sair dali? Um objetivo dominava a mente de David: encontrar Kate. Ele precisava de informações para conseguir. — Eu tenho um… pedido. Como disse, eu estava em trânsito. Gostaria de saber de quaisquer atualizações que tiver. Qualquer coisa não confidencial, claro.

Rukin recostou-se na cadeira de metal, parecendo relaxar pela primeira vez.

— Dizem os rumores que Dorian Sloane voltou. Obviamente, foi preso fora da estrutura da Antártida. Mas dizem que estava carregando uma caixa. Os idiotas no comando levaram a caixa de volta para o qg, e ela explodiu o prédio. Darwinismo em ação, creio eu.

— O que houve com Sloane?

— Essa é a parte estranha. A história é que, no interrogatório, ele matou um guarda e rasgou a garganta do presidente Sanders. Em seguida, veja só, eles o mataram; duas balas na cabeça, à queima-roupa. Uma hora depois, ele saiu da estrutura. Um corpo totalmente novo, com todas as lembranças. Nem um arranhão.

— Impossível…

— E tem mais. A Immari está desesperada para firmar essa história mítica em torno dele. Está funcionando. Os soldados veneram o homem agora. Fim dos dias, Messias, retórica entusiasmada… aqui em Ceuta e em todos os outros lugares em que tremula a bandeira da Immari. É repugnante.

— O senhor não acredita?

— Acredito que o mundo inteiro está indo pelo ralo, e a Immari Internacional é o único pedaço da merda que ainda está flutuando.

— Então… vamos torcer para que continue flutuando. Major, estou um pouco exausto da viagem.

— Claro.

Rukin chamou dois soldados e os instruiu a escoltar David até os alojamentos e providenciar vigilância vinte e quatro horas.



Alexander Rukin apagou o cigarro e encarou as palavras na página.

A porta se abriu, e o capitão Kamau, seu subcomandante, entrou.

O africano alto falou lentamente com sua voz grave:

— O senhor acreditou na história dele, senhor?

— Claro. É tão real quanto a do coelhinho da Páscoa. — Rukin acendeu outro cigarro e olhou o maço. Restavam três.

— Quem é ele?

— Não faço ideia. Mas é alguém. Um profissional. Talvez um dos nossos, provavelmente um dos deles.

— Quer que eu tente me informar?

— Por favor. — Rukin entregou um pedaço de papel. — E ponha o homem sob vigilância pesada. Garanta que não veja nada mais do que o que os Aliados já podem enxergar do ar.

— Sim, senhor. — Kamau olhou para o pedaço de papel. — Tenente-coronel Alex Wells?

Rukin assentiu.

— Não sei se é um nome falso, mas é estranhamente semelhante a Arthur Wellesley.

— Wellesley?

— O Duque de Wellington. Derrotou Napoleão na Batalha de Waterloo. Deixa pra lá.

— Se for falso, por que não o levamos agora? Interrogamos?

— Você é um bom soldado, Kamau, mas é péssimo no trabalho de inteligência. Precisamos saber com quem estamos lidando aqui. Ele pode nos levar a um peixe grande ou revelar uma operação maior em curso. Às vezes é preciso usar um peixe pequeno como isca.

O major apagou outro cigarro. Tinha paciência para esperar.

— Traga uma garota. Veja se ele abre o bico com ela.

Ele olhou para o maço de cigarros novamente.

— E me arranje mais cigarros.

— Os da cantina acabaram ontem, senhor. — Kamau hesitou. — Mas ouvi dizer que o tenente Shaw ganhou um pouco em um carteado ontem à noite.

— Sério? Que chato que eles serão roubados. Alguns homens são maus perdedores.

— Vou providenciar, senhor.



David esfregou as pálpebras. Tinha certeza de duas coisas: o major Rukin não havia acreditado em sua história e ele não poderia sair dali atirando. David decidiu descansar, em seguida tentaria levar os guardas até a porta. Depois disso, não sabia o que aconteceria.

Uma batida suave na porta interrompeu seu debate interior.

David levantou-se.

— Entre.

Uma mulher magra com cabelos pretos soltos e pele amorenada entrou, fechando rapidamente a porta.

— Presentinho do major Rukin — disse ela com suavidade, sem olhar para ele.

A mulher era realmente bonita. Quanto mais David via desse mundo, menos ele gostava dele.

— Você pode ir embora.

— Por favor…

— Vá — insistiu David.

— Por favor, senhor. Vou ter problemas se o senhor me rejeitar.

Em sua imaginação, David viu a garota subindo nele após adormecer e cortando sua garganta com uma faca. Não confiava em Rukin. Não podia assumir o risco.

— Seria problema para mim se você ficar. Vá. Não vou falar de novo.

Ela saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

Outra batida, mais urgente dessa vez.

A porta se abriu, revelando um homem africano alto. Ele assentiu para os dois guardas e entrou, fechando a porta com firmeza.

Uma única frase correu pela mente de David. *Acabou*.

— Kamau — sussurrou ele.

— Olá, David.

Capítulo 37

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

Por um bom tempo, David e Kamau não disseram nada. Simplesmente ficaram parados, encarando-se.

David rompeu o silêncio.

— Vai me levar até o major?

— Não.

— Disse a ele quem sou?

— Não. Nem vou.

Uma única pergunta passou pela mente de David: de que lado ele estava? Ele precisava testar a lealdade de Kamau de alguma forma, sem revelar a sua.

— Por que não disse?

— Porque você não disse. Acredito que não falou por um motivo, embora eu não saiba qual é. Três anos atrás, você salvou minha vida no Golfo de Áden.

David lembrava-se da operação: uma força de ataque da Clocktower com várias estações trabalhou para desmantelar um círculo pirata. Kamau era o técnico da estação de Nairóbi. Era um soldado habilidoso que simplesmente dera azar naquele dia. Sua equipe embarcou no segundo dos três navios piratas e rapidamente foi derrotada — era impossível estimar o número de combatentes dentro de cada navio. A equipe de David protegeu o barco deles, depois avançaram para reforçar a equipe de Kamau. O que aconteceu tarde demais para muitos dos membros.

Kamau continuou.

— Nunca vi ninguém lutar do jeito que você lutou. Nem antes, nem depois. Se manter sua identidade em segredo puder ajudar a quitar minha dívida com você, vou manter. E vou ajudá-lo, se quiser, se estiver aqui para fazer o que acredito que vai fazer.

Era a isca, perguntou-se David, para fazê-lo abrir o jogo? Na sua cabeça, ele deu um passo para confiar em Kamau. Precisava de informações.

— Como acabou aqui?

— Um estilhaço entrou na minha perna três meses atrás. A Clocktower me deu dispensa médica e eu quis sair de Nairóbi. Tinha família em Tânger. Fiquei lá para me recuperar até que a praga chegou. Varreu a cidade em poucos dias e eu vim para cá. Eles deram missões no Exército da Immari a todos os técnicos da Clocktower. Chefes de estação foram transformados em tenentes-coronéis, por isso o major Rukin acredita parcialmente em sua história. O norte da África é perigoso para alguém sozinho, mesmo um soldado. Eu me refugiei aqui, não tive escolha.

— O que é este lugar?

Kamau parecia confuso.

— Você não sabe?

David concentrou-se nele. A próxima resposta revelaria o que Kamau havia se tornado, em que ele realmente acreditava.

— Quero ouvir de você.

Kamau endireitou o corpo.

— Este é um lugar desgraçado. A porta do inferno. É um centro de processamento. Um lugar para onde trazem os sobreviventes da África e das ilhas do Mediterrâneo. E, em breve, aqueles do sul da Espanha.

— Sobreviventes… — disse David. Então lhe ocorreu. — Da praga.

Kamau olhou para ele, ainda mais confuso.

— Eu fiquei… fora de circulação por um tempo. Preciso que você me deixe a par de tudo.

Kamau contou sobre o surto global e a queda das nações em todo o mundo. O surgimento dos Distritos Orquídea e do plano mestre da Immari. David compreendeu tudo. Era mesmo um cenário de pesadelo.

— Estão trazendo sobreviventes para cá — disse David. — O que fazem com eles?

— Separam os fortes dos fracos.

— O que fazem com os fracos?

— Mandam de volta nas barcas da praga. Jogam no mar.

David sentou-se à mesa, tentando digerir aquele horror. *Por quê?*

Kamau pareceu ler a mente de David.

— A Immari está montando um exército. O maior da história. Dizem que encontraram alguma coisa na Antártida. Mas há muitos rumores. Dizem que Dorian Sloane voltou. Que não pode ser morto. O que Rukin lhe disse é verdade: houve uma explosão ontem, na Alemanha, no quartel-general da Immari. Falam de guerra total, mas os Aliados têm outro problema. Dizem que a droga milagrosa, a Orquídea, não está mais funcionando, que a onda de mortes recomeçou ao redor do mundo. As pessoas acreditam que é o fim.

David esfregou as têmporas.

— Disse que achava que sabia por que eu estava aqui.

Kamau assentiu.

— Você está aqui para destruir este lugar, não é?

Quando aquelas palavras foram proferidas, David se decidiu. Era isso que significava ser soldado, lutar uma luta justa, mesmo que estivesse perdida? O que mais poderia fazer? Queria desesperadamente encontrar Kate, mas não fugiria, não dessa batalha. Morreria lutando. O que estava se tornando um hábito para ele. Tentou não pensar nisso, sobre acordar nos tubos, sobre o que era. Naquele momento, aquilo era o que importava.

— Isso. Estou aqui para destruir este lugar. Você disse que me ajudaria.

— E ajudarei.

David encarou Kamau, ainda tentando decidir se confiaria nele.

— Por que não tentou antes? Você está aqui há…

— Dois meses. — Kamau se afastou de David. — Não sabia do plano da Immari antes de chegar aqui. Nem sabia que a Clocktower era seu braço de operações secretas. Fiquei chocado e horrorizado quando soube da verdade.

David conhecia aquele sentimento. Deixou Kamau continuar.

— Fiquei preso aqui em Ceuta. O mundo estava desesperado. Sabia apenas que os sobreviventes vinham para cá e encontravam refúgio. Não tinha ideia… de que eu faria um acordo com o demônio para sobreviver. Não havia como eu tomar a base. Não tive escolha. Anteontem, havia quase cem mil soldados da Immari aqui.

— E agora?

— Cerca de seis mil.

— Quantos lutariam conosco?

— Não muitos. Eu não confiaria minha vida a mais que uma dúzia. E estaremos pedindo para que arrisquem a deles.

Uma dúzia para lutar com seis mil. Derrota, no melhor dos casos. David precisava de um esquema, de algum apoio para mudar a dinâmica.

— Do que você precisa, David?

— Agora, descansar um pouco. Pode segurar o Rukin, impedir que ele saiba quem sou?

— Sim, mas não por muito tempo.

— Obrigado. Volte às seis, capitão.

Kamau assentiu e saiu.

David deitou-se na cama. Desde o primeiro momento em que saiu do tubo, sentiu-se confiante, com os pés no chão. Sabia por quê: tinha um objetivo agora, uma missão para concluir e um inimigo para derrotar. Era bom. O sono veio

rapidamente.

Capítulo 38

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Os soldados da Immari direcionaram Kate e os outros sobreviventes que haviam prestado lealdade para uma das torres brancas do resort, deixando duas pessoas em cada quarto. O sol havia se posto horas antes, mas Kate espreitou pela porta de vidro corrediça, como tinha visto os residentes da Orquídea fazerem no dia anterior.

Não havia luzes no Mediterrâneo. Ela nunca o vira tão escuro. Havia apenas um reluzir diáfano no mar, de uma cidade ao norte de Marrocos.

— Vai ficar com aquela cama? — sua colega de quarto perguntou. Ela apontou para a cama mais próxima de Kate, perto da janela.

— Claro.

A colega de quarto deixou suas coisas na outra cama de casal e começou a vasculhar o quarto — procurando o quê, Kate não conseguia imaginar.

Kate queria abrir a mochila e procurar qualquer coisa que pudesse usar, mas estava exausta física e mentalmente.

Ela largou a mochila sob as cobertas, subiu na cama e deixou que o sono tomasse conta.

Não estava em uma estrutura atlante, disso Kate soube instantaneamente. Parecia mais uma mansão em uma cidade Mediterrânea, talvez da Cidade Velha de Marbella. O corredor de mármore levava a uma porta de madeira arqueada. Kate tinha a impressão de que, se a abrisse, algo importante aconteceria, alguma revelação.

Ela deu um passo.

Havia duas portas à direita. Ela ouviu o movimento dentro da mais próxima.

— Olá?

O movimento parou.

Ela caminhou até a porta e a abriu lentamente.

David.

Estava sentado na ponta de uma cama king size com os lençóis revoltos. Sem camisa, inclinado para a frente, desamarrando suas botas pretas de cano alto.

— Aí está você.

— Você está… vivo.

— Ao que parece, está difícil de me matar ultimamente. — Ele ergueu os olhos. — Espere aí. Você pensou que nunca me veria de novo. Você desistiu de mim.

Kate fechou a porta.

— Nunca desisto de alguém que amo.



Kate acordou com uma sensação estranha: conseguia se lembrar de cada segundo do sonho, como se tivesse estado lá. David. Estaria vivo? Ou era sua mente lhe dando esperanças? Precisava se concentrar. Martin. Fuga. Aquelas eram as prioridades naquele momento.

Os primeiros raios de sol estavam adentrando o ambiente, e sua colega de quarto já estava acordada.

Kate abriu a mochila e começou a revirá-la. Abriu o pequeno caderno e virou a primeira página.

Martin havia escrito uma mensagem para ela.

Minha querida Kate,

Se estiver lendo esta carta, eles nos pegaram. Pelos últimos quarenta dias, esse tem sido meu maior medo. Tentei livrar você quatro vezes. Mas era tarde demais. Dos trinta pacientes que morreram na pesquisa, esperava que cada um nos levasse a uma cura. Mas o tempo se esgotou. Desde que seu pai desaparecera, em 29/5/87, passei cada hora acordado tentando protegê-la. Meu fracasso é completo.

Atenda ao meu último desejo e se salve. Deixe-me para trás. É tudo que peço.

Tenho orgulho da mulher que você se tornou.

Martin

Kate fechou o caderno, reabriu e leu novamente a mensagem.

A mensagem de Martin para ela era clara. E tocante. Mas ela sentia que havia algo mais. Pegou um lápis da mochila e circulou todos os números. Juntos formavam:

4043029587

Um número de telefone. Kate sentou-se na cama.

— O que é isso? — perguntou a colega de quarto.

Kate estava tão perdida em pensamentos que quase não ouviu.

— Hum… é… palavra cruzada.

A colega de quarto deixou seu livro de lado e rolou na cama, repentinamente interessada.

— Posso ficar com ele quando você terminar?

Kate deu de ombros.

— Desculpe, eu escrevi nele.

A colega de quarto fechou a cara, levantou-se da cama e caminhou pesadamente até o banheiro sem dizer palavra. A fechadura estalou.

Kate pegou o telefone via satélite da mochila e discou o número.

O telefone bipou uma vez, em seguida atenderam, e uma voz começou a falar imediatamente. Kate percebeu que era uma gravação. A voz era de mulher, uma norte-americana.

— Continuity. Segue situação. Horário de registro: 22h15, horário local de Atlanta, Dia da Praga 79. Teste 498: resultado negativo.

Teste 498. Qual fora o último teste que ela fizera — no qual Marie Romero havia morrido? O tubo que Martin havia implorado para ela, o resultado com o qual fez o upload no cilindro parecido com uma garrafa térmica? 493? Houve mais cinco testes desde então, obviamente em outros locais.

— Status de rede: desativado. Disque zero para operadora. — O fone fez uma pausa e a voz mudou. — Continuity. *Unsere Situation ist*…

A mensagem estava sendo repetida em alemão. Kate apertou zero no teclado. Ouviu um ruído no banheiro.

Se a colega de quarto visse o telefone, Kate seria denunciada imediatamente e acabaria sendo interrogada. Os soldados haviam estabelecido o “código de honra” da torre de sobreviventes: todos os “membros” deveriam entregar quaisquer armas ou eletrônicos. Não foram revistados — parte da lavagem cerebral da Immari aparentemente era fingir que os sobreviventes eram membros voluntários, não prisioneiros, e buscas forçadas teriam posto abaixo a farsa. Ainda assim, a Immari definiu consequências graves para quaisquer sinais de dissidência. Qualquer um pego com algo suspeito, qualquer coisa brilhante e afiada ou com um botão liga-desliga, seria transferido imediatamente para a

outra torre — com aqueles que não prestaram obediência.

Kate segurou o telefone atrás do travesseiro, onde a colega de quarto não veria se saísse do banheiro. Abaixou a cabeça ao telefone, a meio caminho do travesseiro, e ouviu.

Uma mulher respondeu, falando rapidamente.

— Código de acesso?

Levou um segundo para Kate processar o que ela dizia.

— Eu…

— Código de acesso.

— Não sei — sussurrou Kate enquanto vigiava a porta.

— Identifique-se — disse a mulher com um traço de preocupação ou possível suspeita.

— Eu… eu trabalho com Martin Grey.

— Ponha-o na linha.

Kate pensou por um momento. Em seu íntimo, queria verificar, extrair mais informações, mas como? Seu tempo e suas opções estavam se esgotando. Que escolha tinha a não ser contar a história e pedir ajuda?

A porta do banheiro estalou.

Kate soltou o telefone atrás do travesseiro. Em seguida, lembrou-se de apertar o botão de desligar.

Ela ergueu os olhos e encontrou a colega de quarto encarando.

Kate tentou se concentrar no caderno que segurava na outra mão.

— Que foi? — perguntou ela, inocente.

— Estava falando com alguém?

— Comigo mesma. — Kate ergueu o caderno. — Me ajuda a soletrar. Sou uma soletradora terrível. — *E mentirosa*, pensou ela.

A suspeita manteve-se no rosto da colega de quarto, mas ela voltou para sua cama e retomou a leitura.

As próximas três horas passaram em silêncio. Kate estava deitada em sua cama, pensando, imaginando como poderia tirar Martin dali. A colega de quarto lia, às vezes ria.

O chamado para o café da manhã chegou e a colega de quarto estava em pé diante da porta em segundos. Ela hesitou.

— Você não vem?

— Vou esperar a fila diminuir — respondeu Kate.

No instante em que a porta se fechou, Kate discou novamente o número.

— Código de acesso?

— Sou eu de novo. Trabalho com Martin Grey.

— Ponha o dr. Grey…

— Não posso. Estamos separados. Fomos capturados pela Immari.

— Qual é o seu código de acesso?

— Olha só, eu não sei. Precisamos de ajuda. Ele não me contou muita coisa. Não sei de nada, mas Martin vai morrer em poucas horas se não conseguirmos alguma ajuda.

— Identifique-se.

Kate suspirou.

— Kate Warner.

A linha ficou muda, e Kate pensou que havia caído. Ela olhou para o visor do telefone. Os segundos ainda estavam sendo contados.

— Alô? — Ela esperou. — Alô?

— Espere na linha.

Ela ouviu dois bipes, em seguida soou uma voz masculina, jovem, vívida, concentrada.

— Dra. Warner?

— Sou eu.

— Aqui é Paul Brenner. Trabalhei com Martin por algum tempo. Na verdade, eu… vi todos os seus relatórios. Onde a senhorita está agora?

— Marbella. Distrito Orquídea. A Immari assumiu o controle dele e da cidade.

— Já sabemos.

— Precisamos de ajuda.

— A operadora disse que a senhorita e o dr. Grey estão separados.

— Exato.

— A senhorita tem acesso às anotações de pesquisa do dr. Grey?

Kate olhou para a bolsa. A pergunta a deixou nervosa.

— Eu… posso conseguir acesso a elas. Por quê?

— Acreditamos que ele fez as pesquisas de que precisamos desesperadamente.

— Bem, nós precisamos *desesperadamente* sair deste inferno aqui, então vamos fazer um trato.

— Não podemos ajudar…

— Por que não? E a Otan? Não podem enviar algumas unidades de assalto para nos buscar ou algo assim?

— A Otan não existe mais. Olhe, as coisas estão mais complicadas…

— Não me diga.

— A Orquídea não funciona mais contra a praga. As pessoas estão morrendo… em toda parte. O presidente morreu poucas horas atrás e o vice-presidente morreu em seguida.

— Quem está governando…

— O porta-voz da câmara assumiu a presidência, mas foi assassinado. Era um simpatizante suspeito da Immari. Correm rumores de que o Estado-Maior Conjunto interveio e que o secretário de defesa está fazendo as vezes de presidente emergencial. Ele está considerando levar a cabo um plano para… Dra. Warner, precisamos dessa pesquisa.

— Por que a Orquídea está falhando?

— Outra mutação. Ouça, achamos que Martin estava trabalhando em alguma coisa, mas não sabemos o que era. Precisamos falar com ele.

Kate folheou o caderno aberto e começou a ler as páginas. Ela não entendia o que via.

— Dra. Warner?

— Estou aqui. Pode nos tirar daqui?

Uma longa pausa.

— Não podemos levar ninguém ao Distrito Orquídea, mas se vocês puderem sair… posso ver o que consigo fazer para providenciar transporte. Mas… nossas fontes dizem que o plano da Immari é evacuar o sul da Espanha no fim da noite de hoje, ao menos os sobreviventes.

Kate olhou para a porta de vidro. O sol já estava alto no céu. Seria um longo dia.

— Ligo mais tarde. Fiquem a postos.

Capítulo 39

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

David acordou com o segundo alarme mais alto que já tinha ouvido na vida. O alarme mais alto havia sido em Langley, Virgínia, em 2003: uma buzina de ar mantida em sua cabeça o fez saltar da cama de cueca. Seus treinadores da CIA o arrancaram do alojamento, ainda quase nu, e o jogaram em uma floresta ao norte da Virgínia.

— Há seis franco-atiradores nesta floresta. Você tem até o pôr do sol para chegar ao alojamento. Eles têm balas de tinta e, se você for acertado por uma, não vamos querê-lo conosco.

Eles o jogaram para fora com o furgão ainda em movimento e ele os viu novamente quando o sol se pôs atrás do prédio de alojamento de um andar.

Desde aquela noite, nunca mais dormiu apenas de cueca, exceto naquela vez, um pequeno descuido, um momento de fraqueza, quando baixou a guarda em Gibraltar com Kate.

Agora, uma enxurrada de passos ecoou pelo corredor. Ele tomou posição no canto oposto da sala, na diagonal da porta, pronto para o ataque a qualquer um que entrasse. Rukin havia descoberto? Pôs escutas na sala? Teria ouvido tudo.

A porta soltou um clique, mas não abriu. Duas mãos negras apareceram da fresta, estendidas, mostrando que estavam vazias. O dono delas falou entre os passos apressados atrás dele.

— Kamau.

— Entre. E feche a porta — disse David, agachado, em seguida rápido, em silêncio, descalço, foi para o outro canto do quarto, no ponto cego da porta.

Kamau entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. No mesmo instante, concentrou-se no canto do qual vinha a voz de David, em seguida girou para o outro canto, encarando David.

— Estamos sob ataque — disse ele.

— Quem?

— Não sabemos. O major pediu para buscá-lo.

David seguiu Kamau pelo corredor, que estava apinhado de homens, todos correndo para suas posições sem prestar atenção em David e Kamau.

Fora da ala de alojamentos, o pátio interno da cidadela fervilhava com atividades. David queria parar, fazer uma avaliação tática, mas Kamau o apressou, correndo na direção de uma torre alta.

Eles avançaram rapidamente até a escadaria bamba de aço e Kamau agarrou o braço de David pouco antes do último degrau.

— Eles não sabem o que está acontecendo. Ele vai testar você.

David assentiu e seguiu Kamau para dentro do centro de comando, que ultrapassava as expectativas mais extravagantes de David. Tinha oito lados; quatro paredes exibiam uma janela do chão ao teto que permitia uma clara visão de todas as partes do acampamento. As quatro outras paredes entre elas tinham telas de computadores que mostravam mapas, gráficos e leituras que David não conseguiu compreender.

No centro, dois técnicos estavam debruçados sobre mesas e telas de computador. Uma única cadeira estava diante deles e o major a ocupava.

— Destaque as baterias quatro e cinco. Atirem à vontade. — Ele se virou para David. — Você sabia sobre isso.

— Eu não sei nem o que é *isso*.

Um técnico se pronunciou.

— Os aviões soltaram sua carga.

O major encarou David.

Na janela lateral, armas ao longo da muralha norte giraram rapidamente e atiraram noite adentro.

Os tiros pareciam acertar instantaneamente, estourando em uma cascata de explosões em meio ao ar. Os destroços dos aviões de ataque despencavam dentro d’água.

— Sete alvos, sete abatidos — disse o outro técnico.

David ficou maravilhado com as defesas aéreas. Ele não tinha muito conhecimento dos sistemas de defesa de superfície-ar, mas o que acabara de ver era mais avançado que qualquer coisa que conhecia.

Essa base não seria tomada pelo ar.

O técnico que havia formado a barragem de artilharia digitou algumas vezes em seu teclado e balançou a cabeça.

— Radar está limpo. Era apenas um grupo.

O major levantou-se e foi até a janela.

— Eu vi apenas sete explosões. Por que nada nos atingiu? Os mísseis erraram?

— Despencaram, senhor.

Da janela à direita, uma nuvem de água e luz ergueu-se.

— Que diabos foi aquilo? — questionou Rukin.

Os técnicos voltaram aos computadores. Outro homem se levantou e apontou para uma das telas.

— Não acho que éramos o alvo, senhor. Acho que posicionaram minas no estreito. Uma peça de um dos aviões atingiu uma das minas quando caiu, creio eu.

O major parou por um momento, encarando a água, no ponto onde os destroços do avião explodiram.

— Me ponham em contato com a frota do presidente. Ele precisa alterar o curso — disse o major enquanto acenava para David e Kamau saírem da sala.

Fora do centro de comando, David teve uma visão aérea dos cercados que ouvira quando havia entrado ali. Estavam cheios de pessoas, apinhadas, apertadas. Devia haver duas ou três mil. *Bárbaros esperando o barqueiro*, disse Rukin. *Quem poderia fazer isso?*

No caminho de volta à ala de alojamentos, Kamau e David caminharam em silêncio. No quarto de David, ele pediu para Kamau parar.

— O que foi aquilo?

— Um esquadrão da raf. Não víamos um há meses. Tentaram tomar a base pouco depois do surto, antes de a Immari ter queimado a cidade e montado as defesas aéreas. Pensávamos que os britânicos estavam sem combustível para os jatos.

— Por que soltaram as minas?

— Dorian Sloane está a caminho. Vem liderando a principal frota da Immari para o norte. Eles vão invadir a Europa. Acho que os britânicos minaram os estreitos para impedir que chegassem ao Mediterrâneo.

— Qual a distância de Sloane?

— A frota principal está a dias de distância. Só li o memorando que dizia que Sloane subiria a costa de avião levando uma frota avançada menor. Ele está atrás de alguma coisa. Talvez chegue aqui hoje à noite.

David assentiu. Sloane. Ali. Tomar Ceuta antes que ele chegasse poderia salvar ainda mais vidas do que David imaginava — se pudesse matar ou capturar Sloane. E tinha visto a chave para fazê-lo.

— O que são aquelas armas?

— Canhões eletromagnéticos — respondeu Kamau.

— Impossível.

— Estavam em um programa de armas confidencial da Immari Research.

David sabia que os militares norte-americanos tinham experiência com tecnologia de canhões eletromagnéticos, mas não estavam em uso ativo. O

problema principal era a força. Canhões eletromagnéticos utilizavam quantidades gigantescas de eletricidade para impelir um projétil a velocidades hipersônicas — mais de seis mil e duzentos quilômetros por hora.

— Como conseguiram a energia?

— Eles têm um painel solar especial, vários complexos de espelhos próximos ao porto.

— Alcance?

— Não sei ao certo. Sei que, durante a invasão ao sul da Espanha, atingiram alvos em Marbella e mesmo em Málaga… a mais de cem quilômetros de distância.

Incrível. As armas em Ceuta provavelmente poderiam destruir qualquer frota que se aproximasse, possivelmente mesmo o exército inteiro da Immari no sul da Espanha. Poderiam usá-las para…

Kamau pareceu ler sua mente.

— Mesmo que assumíssemos o controle da torre, os canhões não podem ser apontados para a base.

David assentiu.

— Quem são os cavaleiros?

— Sobreviventes da praga. Berberes. Com o colapso da civilização, voltaram para as raízes culturais. Tirando isso, nossas informações são limitadas.

— Quantos são?

— Não sabemos.

David tentou montar um plano.

— Rukin. Como ele é?

— Cruel. Competente.

— Vícios?

— Apenas fumo e… mulheres.

David tirou o agasalho do uniforme da Immari. A menção a mulheres lembrou David da garota que fora até o quarto. No mesmo instante, a mente a substituiu por uma imagem mental de Kate. Tentou deixá-la de lado, mas precisava saber… Era um risco, mas David fez a pergunta que queria fazer desde o segundo em que chegara a Ceuta.

— Viu algum relatório de uma mulher chamada Kate Warner?

— Quase mil. Ela é a pessoa mais procurada do mundo.

Uma corrente de medo tomou conta de David. Ele não esperava aquilo.

— Procurada por quem?

— Todos. A Immari, a Aliança Orquídea.

— Suspeita de paradeiro?

— A Immari não sabe. Ou ao menos não recebemos informações.

David assentiu. Talvez estivesse viva. Esperava que ela estivesse escondida em algum lugar muito longe, fora do alcance da Immari. Mesmo que saísse para procurá-la, provavelmente nunca a encontraria. E tinha um trabalho a fazer ali.

— Tudo bem, me traga algumas roupas civis. E o melhor cavalo que puder encontrar.

Capítulo 40

Barca da praga *Destino*
Mar Mediterrâneo

O comandante virou-se para os dois homens.

— Estamos liberados. Vocês podem começar. E vejam se dr. Chang e dr. Janus têm corpos para descarte.

O mais velho dos homens assentiu, e eles saíram da ponte de comando.

Lá embaixo, no convés, eles começaram a prender os fechos dos trajes que vestiam, um de cada vez.

— Já pensou no que estamos fazendo? — perguntou o mais jovem.

— Tento não pensar.

— Acha que é errado?

O mais velho ergueu os olhos.

— São pessoas, só estão doentes.

— Estão? Você é cientista? Eu não. Faxineiros não são pagos para pensar.

— Sim, mas…

— Não faça isso. Não *pense demais* nisso. Você vai ficar na minha retaguarda lá fora. Minha vida está em suas mãos. Se pensar demais no que estamos fazendo, pode acabar matando nós dois. E, o mais importante, você pode *me* matar. Se os malucos no convés não nos pegarem, os lunáticos na sala de controle vão pegar. Temos uma única chance aqui: fazer nosso trabalho. Então, cale a boca e se vista.

O mais jovem virou o rosto, em seguida voltou a prender fitas no traje, olhando às vezes para o mais velho.

— O que você fazia antes da praga?

— Não fazia nada — respondeu o mais velho.

— Desempregado? Eu também. Como quase todo mundo da minha idade na Espanha. Mas eu havia conseguido um bico como professor substituto…

— Eu estava na prisão.

O jovem hesitou, mas perguntou na sequência.

— Por quê?

— Eu estava no tipo de prisão onde você não pergunta por que está lá. E não faz amigos. É muito parecido com este lugar aqui. Olhe, garoto, vou simplificar muito as coisas para você: o mundo acabou. O único mistério que importa é quem vai sobreviver. Restaram dois grupos. As pessoas com os lança-chamas e as pessoas que são queimadas. Você está segurando o lança-chamas neste momento. Então, cale a boca e fique feliz com isso. E não faça amigos. Nunca se sabe quem você vai ter de queimar neste mundo.

Naquele momento, a porta se abriu, e o cientista que a tripulação chamava de dr. Doolittle — cujo nome verdadeiro era dr. Janus — entrou no pequeno recinto. O rosto era pálido e ele não fitava os olhos de ninguém. Dois assistentes de laboratório empurraram carrinhos com sacos de corpos para dentro e saíram o mais rápido possível.

— São esses? — o homem mais velho perguntou.

— Por ora — disse o doutor de forma suave a nenhum dos dois em especial. Ele se virou para sair, mas o homem mais jovem falou assim que o cientista chegou à soleira da porta.

— Algum avanço?

Dr. Janus parou por um momento e disse:

— Depende… da sua definição de avanço.

E saiu.

O mais jovem virou-se para o mais velho.

— Você acha…

— Eu juro que, se disser de novo a palavra *acha*, vou incinerar você. Agora, vamos.

Eles prenderam o capacete, seguiram escada acima e abriram as portas para os cercados que continham os que regrediam e os sobreviventes que se recusaram a prestar obediência. Segundos depois, as primeiras pessoas começaram a cair no mar.

Capítulo 41

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Kate avistou o terreno do resort da janela do sexto andar. Ela e outros sobreviventes estavam alojados na torre mais próxima do mar. Os soldados ocuparam a torre do meio, e a torre mais distante, mais para dentro do continente e próxima ao portão, estava entupida de mortos e moribundos. Martin estava lá. Kate se perguntou em que grupo estava: entre mortos ou moribundos? Olhou para a torre, para os quatro guardas que vagueavam na entrada, fumando, conversando, rindo e lendo revistas.

A espera era excruciante, mas ela precisava aguardar. Precisava ter paciência até o momento chegar. Teria apenas uma chance para tirá-lo dali.

Virou e sentou-se na cama. Do outro lado, a colega de quarto estava deitada na cama, lendo um livro antigo.

— O que está lendo? — perguntou Kate.

— *Ela*.

— Ela?

A mulher rolou na cama e virou a capa para Kate.

— *Ela, a feiticeira*. Quer ler quando eu terminar?

— Não, obrigada — disse Kate. — Precisaria de muito mais que um feitiço para as coisas melhorarem.

— O quê?

— Nada.

O estrondo de caminhões pesados às margens do portão passou pelo campo. Kate ergueu-se num pulo e espreitou pelo vidro. Aguardou com esperança e, sim, estavam trazendo um novo carregamento. A Immari descarregava gente ato contínuo, talvez das áreas rurais nas cercanias de Marbella. O ex-Distrito Orquídea parecia ser a principal área de concentração da região. A cada poucas horas, um novo comboio trazia mais gente, doentes e saudáveis, e tropas com eles. Confusão. Uma hora de caos. Uma brecha. Kate correu até a porta.

— Aonde você vai? Teremos contagem de quarto em vinte minutos — falou

a colega de quarto, mas Kate não parou. Desceu as escadas no embalo. No térreo, encontrou a recepção e procurou uma planta do edifício. O prédio teria o que ela precisava? O que diria se um guarda a parasse ou mesmo se descobrisse que ela estava fora do quarto? Eles faziam a contagem duas vezes ao dia, e ela não sabia o que faria se os números não batessem — nunca tinha acontecido antes.

Na recepção, encontrou o primeiro item que precisava: um crachá com nome. Xavier Medina, Vargas Resorts. Não importava. Precisava apenas de um crachá. Se verificassem, seria presa.

Passou por uma loja de lembracinhas e, para seu alívio, um restaurante dominava um canto do prédio adiante. Caminhou até a sala de jantar escura, passou pelas portas duplas de aço inoxidável e entrou na cozinha. O cheiro era quase insuportável. Ela tampou o nariz e continuou. Estava escuro, muito escuro. Escorou as portas duplas com um banquinho e continuou sua busca.

No canto, encontrou o que precisava: um jaleco de *chef*. Ela o desdobrou. Estava imundo: manchas verdes e vermelhas cobriam a parte da frente. Ela sabia que precisaria cortá-lo para funcionar. Pegou uma faca de açougueiro de uma mesa central e tirou a mão do nariz apenas o bastante para cortar a vestimenta. Virou o jaleco ao contrário e se encaixou nele. Prendeu o crachá de Xavier à sua lapela recém-criada e se inspecionou no reflexo do refrigerador de aço inoxidável: jaleco branco, crachá de nome pendurado, cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo: *Nem ferrando isso vai funcionar*. Deu um suspiro profundo e correu a mão pelo rabo de cavalo. *Que diabos estou fazendo?*

O que mais poderia fazer? Ela caminhou rapidamente para fora da cozinha e de volta para a recepção. A luz do sol banhava o saguão através da porta giratória de vidro. Dois guardas esperavam depois dela. *Eu deveria tirar essa coisa e voltar para o quarto*. Balançou a cabeça. O que fariam se a pegassem? Mas não podia voltar. Precisava fazer alguma coisa. Não poderia ficar lá em cima, sentada, sabendo que Martin estava morrendo, que o mundo todo estava à beira da morte. Assumiria o risco. Era sua única chance.

Ela caminhou até a porta giratória e a empurrou. Os guardas pararam de falar e se concentraram nela. Passou rapidamente por eles, e eles a chamaram. Ela olhou para trás e acenou. Caminhou um pouco mais rápido. Não rápido demais, não rápido o bastante para suspeitarem. Estavam seguindo? Outra olhada para trás poderia denunciá-la.

De soslaio, Kate vislumbrou algo que a assustou: luzes, na água. O quarto do hotel não tinha vista para a costa. Ela fez uma pausa grande para compreender. O navio branco monstruoso reluzindo na costa movia-se lentamente, mas não havia dúvida sobre seu destino: Marbella. Parecia quase… isso, um navio de cruzeiro,

com grandes canhões presos às pontas. Era uma barca da praga? Os sobreviventes — ela inclusive — seriam reunidos e carregados em uma daquela? Precisava chegar a Martin antes que a barca alcançasse o porto.

Lá adiante, uma fila grande de pessoas se formava onde os caminhões desembarcavam. As pessoas marcharam até as mesas e atendentes de processamento, como Kate havia feito no dia anterior. Reprisariam o discurso de Dorian? Como o filme a céu aberto no cair da noite? O pensamento deixou-a furiosa, fortalecendo-a um pouco.

Ficou atrás de um homem e de uma mulher, os dois tossindo, cambaleando na direção do prédio dos doentes.

Os quatro guardas estavam conversando entre si, ignorando o fluxo infinito de doentes entrando no prédio. Quando Kate chegou à porta giratória, um guarda olhou para ela, franziu a testa e deu um passo na sua direção.

— Hei, o que você está…

Kate pegou o crachá de Xavier e estendeu-o, sem deixar sair da lapela improvisada.

— Ne-negócios oficiais — gaguejou ela.

Rapidamente, passou pela porta giratória. *Negócios oficiais?* Meu Deus, ela seria flagrada. A porta giratória a jogou no saguão e seus olhos se ajustaram, fazendo com que ela percebesse a cena. Nada poderia tê-la preparado para aquilo.

Quase cambaleou para trás, mas as pessoas vieram às pressas no encalço dela, entrando no prédio.

Corpos para todos os lados. Mortos, morrendo, gritando, tossindo e todas as fases intermediárias. Era um mundo sem Orquídea. E estava acontecendo em todo o sul da Espanha — e se Paul Brenner estivesse certo, no mundo inteiro. Quantos já haviam morrido no primeiro dia? Milhões? Outro bilhão? Ela não podia pensar naquilo agora, precisava se concentrar.

Viu o fluxo de pessoas entrando no prédio, mas não tinha ideia de quanta gente havia ali. Centenas, no mínimo, no saguão, naquele espaço confinado. Quantas no prédio? Vários milhares, talvez? Havia trinta andares. Nunca encontraria Martin.

Lá ao fundo, ela avistou o guarda entrando pela porta giratória. Estava vindo atrás dela.

Kate saiu em disparada, cruzando o saguão até chegar a uma escadaria. Se fossem demolir o prédio, quando isso aconteceria?

Deixou aqueles pensamentos de lado enquanto partia escada acima, que estava relativamente vazia. Que andar ela deveria tentar? Lá embaixo, a porta da escadaria ficou aberta.

— Pare! — berrou o guarda, no térreo.

Contrariando seu bom senso, espreitou pelo corrimão e seus olhos encontraram os dele. E ele partiu em disparada escada acima.

Kate abriu a porta do quarto andar e…

Os corredores estavam apinhados de pessoas, algumas deitadas, outras sentadas, muitas já mortas. Quando Kate apareceu, uma mulher agarrou seu jaleco branco.

— Você veio nos salvar.

Kate balançou a cabeça e tentou se livrar da mulher, mas outros se juntaram ao redor dela, todos falando ao mesmo tempo.

Atrás dela, a porta se abriu de novo e o guarda apareceu na entrada com a arma sacada.

— Tudo bem, virem-se e afastem-se dela.

As pessoas ao redor se espalharam.

— O que está fazendo aqui? — ele perguntou a Kate.

— Estou… colhendo amostras.

O guarda parecia confuso. Ele deu um passo à frente e olhou para o crachá. Crachá falso. A confusão transformou-se em choque.

— Vire-se. Ponha as mãos nas costas.

— Ela está comigo — interveio outro soldado, saindo casualmente da escadaria. Era mais alto e mais musculoso que o guarda que perseguira Kate e ela reconheceu um leve sotaque britânico.

— Quem é você?

— Adam Shaw. Vim com o carregamento de Fuengirola.

O guarda menor balançou a cabeça como se tentasse deixá-la menos confusa.

— Ela está usando um crachá falso.

— Claro que está. Quer que essas pessoas saibam a identidade dela? Acha que sabem como é um cartão de identificação da Immari Research verdadeiro?

— Eu… — O guarda olhou para Kate. — Preciso verificar.

— Faça isso — disse o soldado quando chegou por trás do homem, rapidamente pegou a cabeça e o pescoço e girou com tudo, fazendo soar um estalo alto no corredor. O guarda caiu no chão e as pessoas no corredor, ao menos aquelas que estavam vivas, espalharam-se, deixando Kate sozinha com o soldado misterioso.

Ele se voltou para ela.

— Vir aqui foi uma atitude bastante estúpida de sua parte, dra. Warner.

Capítulo 42

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

O major Alexander Rukin ajustou o fuzil de precisão. Através da luneta, conseguiu ver o misterioso coronel aproximar-se do acampamento berbere a cavalo. O homem cavalgava em trajes civis, como se aquilo pudesse ajudar sua causa.

O coronel fora evasivo quanto a seus objetivos para ir embora e Rukin protestou apenas o suficiente para parecer crível. Na verdade, era a oportunidade que Rukin estava esperando. Prendeu um rastreador e uma escuta nas roupas do coronel; saberiam exatamente aonde ele fosse e ouviriam tudo que dissesse. Uma equipe também estava seguindo o coronel, apenas no caso de ele conseguir fugir. Aquilo o exporia também. De um jeito ou de outro, Rukin logo saberia atrás de que esse "Alex Wells" estava.

O coronel fez o cavalo parar, em seguida apeou, as mãos no ar.

Três berberes correram para fora da tenda. Carregavam fuzis automáticos e gritaram, mas o coronel permaneceu parado. Eles o cercaram, acertaram-no na cabeça e o arrastaram para dentro da tenda.

Rukin sacudiu a cabeça.

— Jesus. Pensei que o idiota tivesse um plano melhor que esse. — Ele ergueu o fuzil e o entregou a Kamau. — Eu diria que foi a última vez que vimos nosso misterioso coronel.

Kamau assentiu e deu uma última olhada na direção do acampamento antes de seguir o major pela escadaria que levava para dentro do prédio.



— Eu vim ajudá-los — insistiu David.

Os soldados berberes arrancaram o resto das roupas e as carregaram para fora da tenda.

Ele viu alguém avançar.

— Não minta para nós. Você veio aqui para se ajudar. Não nos conhece. Não se importa conosco.

— Eu sou…

— Não diga quem você é. Eu quero ver. — A pessoa apontou para um homem que estava em pé na porta da tenda. O homem assentiu uma vez, saiu rapidamente, em seguida retornou com um pequeno saco de aniagem. Ele fechou a aba da tenda, deixando o quarto em quase total escuridão, exceto pela dança da luz de uma vela que corria pelas paredes de pano. Então, a figura que os liderava pegou o saco das mãos do homem e jogou no colo de David.

David estendeu a mão para pegar o saco.

— Eu não faria isso.

David ergueu os olhos e sentiu. Músculo, um dedo correndo pelo seu antebraço. Em seguida outra corda deslizando pela sua coxa. Cobras. Os olhos quase se ajustaram à luz turva e ele soube imediatamente o que era: duas serpentes egípcias. Uma mordida e ele estaria acabado. Estaria morto dentro de dez minutos.

David lutou para controlar a respiração, mas estava perdendo a batalha. Sentiu os músculos tensos e pensou que as cobras reagiriam. A que estava em seu antebraço subia pelo braço com mais velocidade, na direção do ombro, do pescoço, do rosto. Ele deu outro suspiro leve. Não inalaria totalmente — a contração poderia alarmar os animais. Devagar, deixou o ar escapar pelo nariz e concentrou a mente no lugar onde a respiração tocava a ponta do nariz, observando a sensação, a ausência de qualquer outro sentimento. Olhava para a frente, para um ponto escuro no chão. Sentiu um último formigar na clavícula, mas manteve a mente na respiração, inspirando e expirando, a sensação do ar chegando à ponta do nariz. Não conseguia sentir as serpentes.

Pela sua visão periférica, tinha uma vaga consciência de que a pessoa no comando estava caminhando em sua direção.

— Você tem medo, mas tem controle sobre o medo. Nenhum homem racional caminha no mundo sem medo. Apenas aqueles que controlam o medo temem viver uma vida sem ele. Você é um homem que viveu entre as cobras e aprendeu a se esconder. É um homem que pode mentir, que pode contar mentiras como se você mesmo acreditasse nelas. Isso é muito perigoso. Nesse momento, mais para você que para mim.

A liderança meneou a cabeça para o cuidador das serpentes, que avançou cuidadosamente na direção de David e recolheu as cobras.

O indivíduo sentou-se diante de David.

— Agora você pode mentir para mim ou dizer a verdade. Escolha com

sabedoria. Eu já vi muitos mentirosos. E já enterrei muitos mentirosos.

David contou a história que ele viera contar e, quando terminou, virou o rosto, parecendo considerar.

Em sua mente, David começou a repassar as possíveis perguntas, mentalmente preparando respostas. Mas não houve perguntas. A figura imponente levantou-se e saiu.

Três homens correram para dentro da tenda, agarraram David e arrastaram-no para a fogueira que queimava no centro do vilarejo improvisado. O povo da tribo reunia-se quando ele passava. Pouco antes de ele chegar à fogueira, David conseguiu ficar em pé e empurrou o homem à sua direita, mas o homem que segurava à esquerda aguentou firme. David bateu com força em seu rosto e o homem o soltou e caiu na areia, apático. David virou-se, mas outros três soldados já estavam sobre ele, levando-o ao chão, cobrindo-o, segurando seus braços. Em seguida, outra pessoa se aproximou — a tal chefia. Algo passou rápido, uma espada ou lança. Queimava, laranja, e fumaça se desprendia dela. A figura pousou o espeto de ferro quente no peito de David, causando ondas de dor abrasadora pelo corpo e o cheiro nauseante de carne e pelos queimando nariz adentro. David esforçou-se para não vomitar, enquanto seus olhos se reviraram, e ele perdeu a consciência.

Capítulo 43

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Kate estava em segurança, ou assim pensou. O alto soldado britânico, Adam Shaw, havia matado o outro guarda e… sabia seu nome.

— Quem é você? — perguntou Kate.

— Sou o quinto homem da equipe do SAS enviada para resgatá-la.

— O quinto…

— Tivemos um desacordo quanto à tática. Eu propus que alterássemos nossos planos após a invasão da Immari a Marbella. Os outros quatro não me ouviram.

Kate encarou o uniforme.

— Como você…

— Há muita confusão neste momento. Muitos rostos novos. Estudamos a organização do Exército da Immari amplamente. Sei o suficiente para o disfarce. Pegar o uniforme foi fácil. Só precisei matar um deles. Falando nisso. — Ele se curvou sobre o guarda morto. — Me ajude a tirar o uniforme dele.

Kate olhou para o defunto.

— Por quê?

— Sério? Você quer caminhar por aí desse jeito? Qualquer idiota pode ver que você cortou o jaleco de um chef de cozinha e, mesmo que você consiga enxergar isso, meu Deus, é possível sentir seu cheiro a um quilômetro de distância. Você está um saco de compostagem ambulante.

Kate deu de ombros e tentou cheirar casualmente o jaleco branco. Sim, estava menos que fresco. O fedor avassalador da cozinha aparentemente havia embotado um pouco seu olfato.

Shaw entregou o agasalho do homem para ela, em seguida tirou as calças e ergueu-as também.

Kate hesitou.

— Pode virar, por favor?

Ele sorriu.

— Deixe-me adivinhar, Kate. Dois peitos bem-formados, uma barriga extraordinariamente chapada e pernas torneadas. Eu já vi tudo isso antes, linda. Tinha internet antes da praga.

— Bem, meu corpo não está na internet, então pode virar.

Ele balançou a cabeça e virou-se de costas para ela.

Kate pensou ter ouvido ele murmurar alguma coisa como “americanos pudicos”. Ela o ignorou e vestiu o uniforme. Ficou um pouco grande, mas serviria.

— E agora?

— Agora eu concluo minha missão, que é levar você a Londres. Você vai terminar sua pesquisa, encontrar a cura para este pesadelo e o mundo viverá feliz para sempre. Eu vou tirar uma foto com a Rainha etcetera, etcetera. Se você não fizer mais nenhum outro movimento estúpido, ficaremos bem.

Kate contornou o guarda morto para encarar Shaw.

— Há um homem aqui, dr. Martin Grey. É meu pai adotivo e o homem que fez o acordo com seu governo. Temos de encontrá-lo e levá-lo conosco.

Shaw levou Kate para fora do corredor até a escadaria.

— Se ele não está aqui, está morto ou morrendo. Não podemos ajudá-lo. Você é minha missão, não ele.

— Ele é agora. Não vou embora sem ele.

— Então, você não vai.

— E você não vai concluir sua missão. Sem visita à Rainha.

Ele bufou.

— Eu estava sendo leviano. Minha questão é séria.

Kate assentiu.

— A minha também. A vida de um homem está em risco.

— Não, Kate, bilhões de vidas estão em risco.

— Bem, nenhuma delas me criou.

Shaw soltou um suspiro profundo e apontou para o guarda morto no corredor.

— Os outros três virão procurá-lo daqui a pouco. Precisamos sair deste prédio.

Kate considerou as palavras de Shaw por um instante.

— Parece algo com que você vai precisar lidar.

Kate pensou por um momento. Nunca conseguiria vasculhar o prédio inteiro, precisava de algum lugar para começar. Aonde Martin iria? Ele conhecia a planta dos prédios e o protocolo de invasão da Immari. A mente dela voltou ao cofre do hotel. Ele aguentaria o desmoronamento do prédio? Não, aquilo simplesmente o prenderia e sua comida não duraria — supondo que alguém

escavasse os escombros, e isso era arriscar demais. Comida. Claro.

— Quando você se livrar dos guardas, me encontre na cozinha.

— Cozinha?

— É onde Martin está.

Ela correu escada abaixo.

— Espere. — Shaw pegou a arma e o cinto do guarda e prendeu os dois ao redor de Kate. — Vista isso, mas tente não usar.

— Por quê?

— Para começar, chama a atenção. E se você estiver atirando em alguém por aí que tenha uma arma, provavelmente ele será um atirador melhor que você.

— Como você sabe que não sou uma atiradora especialista?

— Li seu prontuário, Kate. Tome cuidado.

Sem dizer mais palavra, ele partiu pelas escadas, praticamente saltando os degraus. Saiu no térreo antes que Kate pudesse responder.

Kate seguiu seu ritmo. No saguão, os habitantes abriram caminho para ela.

Através da porta giratória, ela viu Shaw falando com os três guardas, acenando com os braços, os outros rindo.

Kate foi até o restaurante, que era semelhante ao restaurante da outra torre, mas pensou que talvez tivesse um tema diferente, embora estivesse bagunçado demais para se distinguir naquele momento. Havia pessoas ali, mas muito menos do que ela esperava. Rastejaram para longe dela quando seus passos ecoaram na área de jantar.

Ela empurrou as portas para a cozinha, mas elas não abriram. Empurrou novamente, mas as portas não cederam. Ela espreitou pela janela oval da porta.

Martin estava sentado no chão, recostado em um gabinete de aço inoxidável embaixo do balcão. Uma pilha de garrafas de água vazias jazia aos seus pés. Kate não conseguia dizer se ele estava vivo ou morto.

Capítulo 44

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

O guarda ajustou o binóculo, esperando ter uma visão melhor do cavaleiro. O cavalo era um dos seus, aquele que o coronel havia levado. O cavaleiro usava turbante e véu beduínos. O guarda soou o alarme.

Cinco minutos depois, o guarda estava com os outros homens do destacamento de perímetro quando o cavaleiro parou diante do portão da cidade e lentamente ergueu as mãos. Ele pegou o tecido vermelho enrolado ao redor da cabeça e o desenrolou.

O guarda virou-se para os homens.

— Alarme falso. É o coronel.

Em seguida, olhou para o homem. Havia alguma coisa diferente.

David entrou na sala de descanso dos oficiais e foi direto até o major.

O major abaixou as cartas, recostou-se na cadeira e sorriu.

— O poderoso guerreiro montado retorna! Pensamos que os selvagens jantariam o senhor.

David pegou uma cadeira de uma mesa ao lado sem pedir e encaixou-a entre dois homens na mesa do major, empurrando-os sem dizer palavra, revelando a carne queimada, inflamada.

— Eles tentaram. Muito rançoso para eles. — David olhou para os homens ao redor da mesa. — Podem nos deixar a sós um pouco?

O major assentiu e os homens ergueram-se com má vontade das cadeiras,

dando uma última olhada nas cartas antes de murmurar e jogá-las de volta à mesa, como se cada um soubesse que estava com a mão vencedora.

— Posso resolver seu problema berbere.

— Sou todo ouvidos — disse Rukin.

— Devolva a filha do chefe e os ataques vão parar.

O major inclinou a cabeça levemente.

— Quem?

— A garota que o senhor enviou para o meu quarto.

— Fala sério.

— É verdade.

— É um truque.

— Aquela garota é tudo que ele quer. Ele vai ceder, parar os ataques, inferno, ele vai até nos ajudar a arrebanhar outras tribos. Ele definiu um horário e um local para o ataque. Vai entregar todos de bandeja. Mas quer a filha e as outras mulheres primeiro.

— Impossível. Não posso entregá-las.

— Por que não?

— Primeiro… — Rukin pareceu estar compreendendo, ponderando. — Soltar as mulheres provavelmente servirá apenas para empoderá-los. O chefe vai exibir as mulheres como sinal de seu poder e de nossa fraqueza… nossa capitulação. Vai lhe dar força. E é apenas uma parte do problema. Preciso daquelas mulheres para… o *moral*. Elas são a única alegria que posso dar a esses homens neste buraco infernal desolado. Terei um motim nas mãos assim que elas atravessarem os portões da cidade.

— Homens podem viver sem sexo. Já fizeram isso antes. E o chefe vai parar os ataques. Olha, eu tinha uma missão: proteger Ceuta antes de o presidente Sloane chegar. Eu dei a oportunidade para que o senhor fizesse isso. Pode recusá-la, mas, se os cavaleiros encherem o comboio de helicópteros de Sloane de tiros quando ele chegar, vai ter que responder por isso.

A ameaça de Sloane e a possibilidade de falhar nesse momento crucial pareceram pesar sobre Rukin. O tom mudou.

— Tem certeza de que os ataques vão parar?

— Tenho.

— Como? Digo, a ideia de que todos os ataques, por meses, foram mesmo para recuperá-la?

— Sim. Bem, na verdade, aqueles ataques foram apenas para avaliar vocês. Testar as muralhas da cidade. Vocês viram apenas um décimo da força que eles têm. Há outros acampamentos. Estão apenas pensando na melhor maneira de tomar a base. Não vão deixar prisioneiros.

— Ele arriscaria todos eles por uma garota?

— Nunca subestime o que pais podem fazer para salvar a vida de um filho.

Rukin virou o rosto, procurando algo para dizer.

David antecipou-se.

— Vamos devolver a garota e eles vão nos ajudar a reunir as outras tribos, o que vai proteger esta base e nos dar liberdade para nos concentrarmos na próxima missão, nosso papel no plano maior da Immari. Se não estivermos prontos, se lutarmos para manter as muralhas da cidade… cabeças vão rolar, mas não a minha. Eu concluí minha missão. Dei a vocês meios de proteger Ceuta. — David se levantou e começou a se afastar. Na sala de descanso de oficiais, em cada mesa, reinou o silêncio, todos os olhos voltados para ele e para o major.

O major se pronunciou.

— Se eu soltar as mulheres… a filha. Você crê honestamente que, quando o chefe vir o que fizemos com sua filha, ele não vai atacar imediatamente.

— Ele não vai…

— Ele…

— Me prometeu, diante da tribo inteira. Sua honra depende disso. Se quebrar a promessa, mesmo com um inimigo, perde a fé de seu povo. Não pode se dar a esse luxo. E o senhor está errado. Por meses rezou para que a visse de novo, para que não estivesse morta. Vai ficar contente ao vê-la. Nada mais vai importar. — David virou-se e falou antes de sair. — A escolha é sua, major.

Capítulo 45

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Kate bateu novamente no vidro com o cabo da arma e, finalmente, ele quebrou, lançando estilhaços para dentro da cozinha. O barulho assustou as outras pessoas que estavam fora da sala de jantar, deixando-a sozinha.

Ela usou o cano da arma para limpar os cacos afiados na moldura da janela e, em seguida, tentou alcançar a barra de metal que Martin havia atravessado nos puxadores da porta. Estendeu-se, sentindo o resto dos cacos de vidro ferindo o braço, e se afastou. Pegou a arma, estendeu-se de novo e conseguiu. Impulsionou com força e a barra caiu no chão, fazendo barulho.

Ela empurrou a porta e correu até Martin. Estava vivo, mas queimava em febre. Segurou a cabeça do homem nas mãos. Manchas escuras cobriam seu rosto. A pele estava em ponto de ebulição.

Kate abriu suas pálpebras. Os olhos rolavam, revelando um amarelo leitoso no lugar do branco. Icterícia. Falência hepática. Que outros órgãos haviam sido afetados?

— Martin? — Kate tentou sacudi-lo e a respiração do pai adotivo aumentou.

Ele abriu um pouco os olhos e, ao ver Kate, se retraiu, tossindo violentamente.

Kate revistou-o, procurando a caixinha onde ele guardava as pílulas de Orquídea. Era a única coisa que podia fazer, mas a caixa não estava com ele. Ele tossiu de novo, arqueando as costas dessa vez. Rolou para longe do gabinete para se deitar e Kate viu a caixinha — atrás dele, caída junto ao gabinete.

Ela a abriu rapidamente. Uma pílula. Olhou de novo para Martin, que estava tossindo em silêncio no chão. Ele racionou as pílulas, esperando que talvez fizesse durar um pouco mais.

As portas duplas da cozinha abriram-se, e Kate virou-se de uma vez. Shaw entrou com um saco nas mãos. Ele observou Kate e Martin.

— Ah, que merda.

— Me ajude a levantá-lo — disse Kate, enquanto se esforçava para erguer

Martin contra o gabinete.

— Não tem mais jeito, Kate. Não podemos sair com ele daqui assim.

Kate agarrou uma garrafa d'água e forçou Martin a tomar a última pílula.

— Qual era seu plano?

Ele jogou o saco nos pés dela e Kate viu que continha outro uniforme do Exército da Immari.

Shaw sacudiu a cabeça.

— Pensei que pudéssemos sair caminhando daqui. Talvez se ele estivesse melhor. Os soldados da Immari não têm essa aparência adoentada, Kate. Ele vai chamar a atenção.

Martin virou a cabeça e tentou dizer algo, mas as palavras saíram confusas. A febre estava consumindo o cientista. Kate usou o uniforme para limpar o suor dele.

— Se ele estivesse bem, o que você faria depois que saíssemos do prédio? Qual é o plano?

— Seguir a multidão, os sobreviventes. Entramos na barca da praga até Ceuta, ao centro de triagem principal da Immari…

— O quê? Precisamos *ficar longe* da Immari.

— Não podemos. Não há como fugir daqui. Estão incendiando um perímetro ao redor das muralhas do Distrito Orquídea… quase meio quilômetro.

Os pensamentos de Kate imediatamente voltaram-se para os garotos, para o casal na cidade antiga.

— Estão queimando a Cidade Antiga?

Shaw parecia confuso.

— Não. Apenas um perímetro defensivo ao redor do acampamento. Vão transformá-lo em um novo centro de processamento. De qualquer forma, quando a noite cair, o fogo estará nas muralhas e a barca da praga estará lá. É a única maneira de sair.

Kate tomou uma decisão.

— Então, estaremos nela.

Shaw abriu a boca, mas Kate o interrompeu.

— Não estou pedindo. Tem uma mochila no meu quarto. Você sabe onde é?

Ele assentiu.

— Traga-a para mim. Lá tem a pesquisa. Em seguida, encontre alguns… — Ela precisava tentar algo para reduzir o avanço da doença. Normalmente, para qualquer outro vírus, a chave seria antiviral e paciência. Mas, se essa doença se comportasse da mesma maneira que em 1918, Martin estava sofrendo uma sobrecarga do sistema imunológico. Seu próprio corpo estava atacando. — Traga alguns esteroides.

— Esteroides?

— Pílulas. — Kate tentou pensar em nomes europeus. — Prednisolona, cortisona, metilprednisolona…

— Tudo bem, entendi.

— E precisamos de comida. Quando o carregamento começar, vamos levá-lo para fora. Diremos que é um soldado bêbado.

Shaw deixou a cabeça cair para trás.

— É uma ideia muito ruim. — Ele se concentrou em Kate e, vendo como estava séria, simplesmente se virou e saiu. Parou na porta e apontou para a barra de metal que a bloqueava. — Ponha isso de volta na porta enquanto eu estiver fora. E fiquem quietos.

Capítulo 46

Frota Avançada Alfa da Immari
Próximo a Cabo Verde

Dorian entrou na ponte de comando do navio e se contorceu quando todos os oficiais, inclusive o comandante do navio, pararam o que estavam fazendo e bateram continência.

— Pelo amor de Deus, parem de bater continência para mim. Vou rebaixar a marinheiro classe zero o próximo que me saudar. — Ele não sabia se aquilo existia, mas as expressões no rosto de todos informaram que o recado estava dado. Dorian puxou o comandante de lado. — Alguma novidade da Operação Gênesis?

— Não, senhor.

Nesse caso, notícia nenhuma era má notícia. A falta de informações de seu enviado dizia a Dorian que seu plano para capturar Kate Warner havia resultado em nada. Considerou mudar os rumos.

O atlante fora claro: *Você precisa esperar até ela obter o código*.

— O senhor tem novas ordens?

Dorian afastou-se dele.

— Não… continue na rota, capitão.

— Tem mais uma coisa, senhor.

Dorian encarou-o.

— Uma notícia de Ceuta. Dizem que os britânicos minaram os Estreitos de Gibraltar. Não conseguiremos passar por eles.

Dorian suspirou e fechou os olhos.

— Tem certeza?

— Sim, senhor. Mandaram muitos navios. Estavam esperando encontrar uma maneira de nos guiar através deles, mas os britânicos fecharam-nos por completo. No entanto, acho que há boas notícias também.

— Boas notícias?

— Eles não teriam minado os estreitos se planejassem nos enfrentar longe da costa da Espanha.

A lógica do comandante fazia sentido. Opções surgiram na mente de Dorian, mas ele queria ouvir a opinião do capitão primeiro.

— Opções?

— Duas. Rumamos para o norte, tentamos circundar as Ilhas Britânicas e encontramos um porto ao norte da Alemanha. Podemos ir de avião até lá. Mas aconselho não fazermos isso. É o que os britânicos querem. Eles devem estar com pouco combustível para jatos, talvez perto de zero. Mas seus submarinos e metade de seus destróieres são nucleares. Supondo que tenham sobreviventes o bastante para operar algum deles, podem trazer uma pequena frota. Fora da costa da Grã-Bretanha, entre forças marítima e aérea, eles poderiam nos pegar facilmente.

— E a opção número dois?

— Aportamos na costa de Marrocos, levamos o senhor de helicóptero até Ceuta e o senhor cruza o Mediterrâneo em um dos navios que capturamos.

— Riscos?

— Terá uma frota menor, com menos navios de batalha e menos de nossas tropas bem treinadas… apenas o que pudermos enviar com o senhor em cinco helicópteros. Podem desembarcar no norte da Itália e de lá chegar à Alemanha. Relatórios do pessoal em terra dizem que os Distritos Orquídea estão sendo evacuados em toda a Europa. É o pandemônio completo. Assim que chegar à Itália, não terá problemas.

— Por que não voamos o trajeto todo? Certamente podemos encontrar um jato.

O capitão balançou a cabeça.

— Ainda há defesas aéreas na Europa continental e eles conseguiram forças de apoio para durar anos. Estão derrubando qualquer aeronave não identificada, várias por dia.

— Então é para Ceuta que vamos.

Quando Dorian voltou à cabine, Johanna estava acordada e nua, estendida na cama, lendo uma revista de fofoca velha, por razões que ele nunca entenderia.

Ele se sentou na cama e tirou as botas.

— Você já não leu esse negócio duas dúzias de vezes? Vou te atualizar: todos esses idiotas estão mortos e, seja lá o que tenham feito, não importa, mesmo antes da praga não importava.

— Me lembra do mundo antes da praga. É como revisitar o mundo normal.

— Acha que o mundo era normal? Você é mais maluca do que eu imaginei.

Ela jogou a revista de lado e o envolveu, beijando lentamente as costas expostas quando ele acabou de tirar a camisa.

— Dia difícil no trabalho, Senhor Resmungão.

Dorian a afastou de perto dele.

— Não falaria assim comigo se me conhecesse melhor.

Ela sorriu, inocente. Era um contraste intenso com a crueldade no rosto do homem.

— Então é bom que eu não conheça você melhor. E… eu sei como deixar você alegrinho.

Capítulo 47

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

Da torre de observação, David ajustou o binóculo e esperou a batalha começar. As divisões da Immari estavam perseguindo lentamente as tribos berberes em grande parte das três horas anteriores. De seu ponto de observação, David conseguia enxergar a armadilha que haviam formado — uma linha de artilharia pesada e linhas fortificadas no lado mais ao fundo de uma colina alta que dava para um pequeno vale. Os berberes cruzariam a cordilheira oposta e desceriam para dentro do vale em breve, em seguida a batalha maior começaria. A Immari venceria, capturando e matando cada berbere no vale.

— Como estão indo as tribos?

David virou-se para encontrar Kamau atrás dele na plataforma.

— Nada bem. Estão quase na armadilha da Immari. Como estamos?

— Onze homens.

David assentiu.

— Posso ampliar a rede, mas o risco cresce.

— Não. Teremos de nos virar com onze.

Várias horas depois, o som da artilharia pesada ecoou pelo campo queimado que era a cidade de Ceuta. David levantou-se, foi até a beirada da torre de observação e ergueu o binóculo. A carnificina no vale era quase total. Na cordilheira mais distante, um grupo de cavaleiros montados avançava colina acima, na direção das grandes armas estacionadas lá, mas os soldados da Immari atiravam nos cavalos, em seguida estraçalhavam os homens com metralhadoras automáticas. Atrás deles, membros das tribos caíam em ondas. David deixou o binóculo de lado, voltou ao banco e aguardou.

Quando o sol se pôs, a procissão da Immari chegou ao portão externo. David observou da torre de guarda. Major Rukin foi o primeiro a chegar ao portão e, quando seu jipe avançou, ele e David se olharam. Os lábios do major crisparam-se levemente, mas David apenas sustentou o olhar.

David ficou sentado em seu quarto, esperando. Tiraria a última soneca antes de a batalha final começar. As próximas poucas horas determinariam seu destino e o de milhões de outras pessoas.

Capítulo 48

Campo de Triagem da Immari
Marbella, Espanha

Kate forçou Martin a comer mais um pouco da barra de chocolate — parte do escasso “bufê” que Shaw havia recolhido. Ela levou a garrafa de água aos lábios de Martin e ele bebeu avidamente. Parecia que nenhuma quantidade de água era suficiente para ele.

Shaw estava em pé no canto com uma expressão que dizia “Isso é perda de tempo e vai nos matar”. Kate já o conhecia bem a esse ponto.

Ela meneou a cabeça para as portas duplas prateadas. Shaw revirou os olhos e saiu.

— Martin, preciso perguntar sobre as notas. Não entendo nada.

A cabeça dele rolava para lá e para cá encostada no gabinete.

— As respostas estão… mortas. Mortas e enterradas. Não estão entre os vivos…

Kate limpou a nova camada de suor que recobria a testa.

— Mortas e enterradas? Onde? Não entendo.

— Encontre os pontos de virada. Quando o genoma muda. Procurávamos… os não vivos. Falhamos. Eu falhei.

Kate fechou os olhos e esfregou as pálpebras. Considerou dar mais esteroides para ele. Precisava de respostas. Mas havia riscos. Ela pegou o frasco de prednisolona.

As portas da cozinha abriram-se um pouco e Shaw enfiou a cabeça na fresta.

— Começou. Precisamos nos mexer.

Kate assentiu e ajudou Shaw a levantar Martin e escoltá-lo para fora do prédio. Passada a porta giratória, a visão do acampamento quase a deixou paralisada. A torre de sobreviventes cuspia pessoas nos pátios em um fluxo infindo. As palmeiras balançavam sobre as massas indistintas que fluíam embaixo delas. Os guardas balançavam lanternas, arrebanhando as pessoas. Um imenso cruzeiro erguia-se na praia, imponente à beira-mar. Duas rampas imensas levavam as pessoas para dentro dele, como se fosse a Arca de Noé.

— A última rampa — disse Shaw em voz baixa e começou a puxar Martin.

Quatro guardas estavam cuidando da última rampa, que Kate achou ser o ponto de carga dos seguidores da Immari.

O navio chegou ao primeiro plano. O cruzeiro de luxo, branco no passado, agora parecia dilapidado, e Kate perguntou-se se ele flutuaria.

Shaw falou rapidamente com os guardas, algo do tipo “um pouco de xarope para tosse demais”, e dizendo que “estaria novo em folha amanhã”.

Para alívio de Kate, passaram o ponto de controle com facilidade e misturaram-se à multidão de pessoas que subiam a rampa. No alto, saíram por um corredor que era fechado dos dois lados, exceto para a luz da lua sobre eles. Parecia um estábulo em uma feira agrícola ou rodeio. Deram voltas intermináveis na direção do centro do navio, Shaw seguia à frente. Duas vezes precisaram parar para deixar Martin tomar fôlego, recostado à parede enquanto o fluxo de pessoas serpenteava ao redor deles e enchia o corredor. Havia portas que levavam a compartimentos quadrados ao longo do corredor, e as pessoas preenchiam cada espaço enquanto seguiam.

— Precisamos chegar a uma cabine lá embaixo. Os compartimentos superiores estarão um inferno pela manhã. — Ele apontou para Martin. — Ele não vai se sair bem.

No final do corredor, desceram vários lanços de uma escadaria, em seguida chegaram a mais uma série de corredores até descobrirem um quarto vazio.

— Fiquem aqui, em silêncio, e mantenham a porta fechada. Vou dar três batidas, três vezes, quando eu voltar — disse Shaw.

— Aonde você vai?

— Buscar algumas coisas — disse ele e puxou a porta antes que Kate pudesse responder. Ela deslizou o trinco, trancando a porta.

O compartimento estava completamente escuro. Kate tateou em busca de um interruptor, mas não encontrou. Pegou a barra de luz da mochila e iluminou o pequeno quarto. Martin estava recostado à parede, arfando. Kate ajudou-o a deitar em uma das camas. Era claramente um dos quartos da tripulação: duas camas e um pequeno armário no centro do quarto.

Ela pegou o telefone via satélite e verificou o visor. *Sem serviço*. Precisava ir até a parte de cima para completar sua chamada. Precisava de respostas. Sua conversa com Martin fora quase inútil. *Os pontos de virada genéticos. As respostas… mortas e enterradas.*

Kate estava extremamente exausta. Esticou-se na cama diante de Martin. Fecharia os olhos e descansaria, apenas por um momento, apenas para ajudar a pensar.

De vez em quando, ouvia a tosse de Martin. Não sabia quanto tempo havia

passado, mas pensou ter sentido o navio imenso se mover. O sono tomou conta dela algum tempo depois.



Kate estava descalça, e seus pés mal faziam barulho no chão de mármore. Diante dela, a porta arqueada de madeira ficava no fim do longo corredor. À direita, as mesmas duas portas imponentes. A primeira estava aberta: a porta onde vira David. Ela espreitou lá dentro. Vazio. Foi até a segunda porta à direita e abriu. A sala circular era banhada com a luz das janelas que haviam sido escancaradas e das portas de vidro que se abriam para o terraço. Um mar azul estendia-se lá embaixo, mas não havia barcos, apenas uma península de montanhas cobertas com árvores e água até onde a vista alcançava.

O quarto era espartano, exceto por uma mesa de desenho de aço com tampo de carvalho. David estava sentado atrás dela em um banco antigo de ferro.

— O que está desenhando? — perguntou Kate.

— Um plano — respondeu ele sem erguer os olhos.

— Para quê?

— Tomar a cidade. Salvar vidas. — Ele ergueu um desenho elaborado de um cavalo feito de madeira.

— Consegue tomar uma cidade com um cavalo de madeira?

David pousou o desenho na mesa e continuou a trabalhar nele.

— Deu certo antes…

Kate sorriu.

— É mesmo.

— Deu certo em Troia.

— Ah, sim. Achei que o Brad Pitt estava ótimo nesse.

Ele balançou a cabeça. Apagou algumas linhas do desenho.

— Como em outras histórias épicas, pensava-se que era apenas uma história até encontrarem provas científicas de sua existência. — Ele fez mais alguns riscos com o lápis, recostou-se e examinou o desenho. — Aliás, estou bravo com você.

— Comigo?

— Você me abandonou. Em Gibraltar. Não confiou em mim. Eu poderia tê-la salvado.

— Eu não tive escolha. Você estava ferido…

— Devia ter confiado em mim. Você me subestimou.

Capítulo 49

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

Major Rukin serviu um copo alto de uísque para si, bebeu de um gole só e caiu na cadeira ao lado da mesa redonda próxima à sua cama. Lentamente desabotoou a camisa e, quando ela se soltou, serviu outro copo, ainda mais alto que o último. Fora um dia longo, mas felizmente seria a última vez que lidaria com aqueles bárbaros desgraçados que ficavam além das muralhas. Já vão tarde. Matar todos seria ideal; matar alguns e capturar o restante, tão bom quanto. A base sempre fora terrivelmente escassa em matéria de criadagem. E, por falar nisso… onde ela estava? Fora um dia muito longo, muito estressante.

Ele abriu a camisa encharcada de suor e balançou os braços, deixando a camisa cair para trás ao redor da cadeira. Serviu outra dose com menos cuidado dessa vez, derramando o líquido âmbar na mesa, tomando de uma vez, e curvou-se para desamarrar as botas. Seus pés latejavam, mas a sensação diminuiu quando as doses começaram a fazer efeito.

Uma batida forte ecoou na porta.

— Que foi?

— É Kamau.

— Entre.

Kamau abriu a porta, mas não entrou. Ao lado dele estava uma mulher alta e magra que Rukin não tinha visto antes. Ótimo. Uma garota nova. Kamau fizera bem — a mulher era mais velha que o gosto típico de Rukin, mas ele queria mesmo algo diferente. Variedade era o tempero da vida. Havia algo mais nela. A postura. Os olhos — fortes, mas não desafiadores. Confiança. Sem medo. Ela aprenderia.

Rukin levantou-se.

— Ela vai servir.

Kamau assentiu levemente, empurrou a garota pela cintura para fazê-la entrar e fechou a porta com cuidado.

— Fala inglês?

Ela franziu o cenho e sacudiu a cabeça de leve.

— Não, seu povo nunca fala, não é? Não importa. Faremos estilo homem da caverna. — Ele ergueu a mão, indicando para que ela ficasse parada, em seguida foi atrás dela, puxou as roupas dela até os ombros e abriu até a cintura.

O traje caiu silenciosamente no chão e ele a rodeou para inspecionar…

Ela não era nada do que ele esperava. Era musculosa. Musculosa demais, e as pernas e a parte inferior do torso salpicadas de cicatrizes — ferimentos de faca, alguns ferimentos de bala, outros… flechas talvez. Inaceitável. Não queria lembranças de combate ali. Sacudiu a cabeça e caminhou até a mesa, até o rádio. *Vai voltar para os estábulos*.

Ele sentiu a mão forte em seu braço e olhou para trás, em choque. Seus olhos encontraram os dela. Agressivos. Sua confiança tornou-se fogo. Ela não sabia que ele a rejeitara? Rukin virou-se, reavaliando a mulher.

Quando um sorriso se abriu no rosto do homem, o outro braço da mulher voou na direção dele, e o punho acertou o estômago do major, bem abaixo do diafragma, arrancando imediatamente o fôlego dele. Ele caiu de joelhos e arfou. Enquanto buscava ar desesperadamente, ela o chutou na lateral, bem abaixo da caixa torácica, fazendo-o rolar e mandando ondas de uísque garganta acima para sair pelo nariz e pela boca. Ele vomitou e ofegou, o líquido queimando a cada tosse desesperada. Estava se afogando em fogo. Seu abdômen queimava e doía pelos impactos e pela ânsia violenta.

Ela o circundou com cuidado, lentamente, sem tirar os olhos dele. Um pequeno sorriso correu pelos cantos da boca, e os olhos estreitaram-se.

Ela está gostando. Ela vai assistir à minha morte, pensou Rukin. Ele se virou e rastejou até a porta. Se pudesse retomar o fôlego, poderia gritar. Talvez se chegasse até a porta…

O pé da mulher bateu em cheio nas costas dele, jogando-o com tudo no chão, quebrando o nariz. Ele quase perdeu a consciência.

Sentiu as mãos dela envolverem seus pulsos e puxar os braços para trás, o pé ainda plantado no centro das costas. Estava partindo o major ao meio. Ele queria gritar, mas nenhum som saía dos pulmões, apenas um grunhido animalesco. O ombro direito estalou e a onda de dor atingiu-o como um tapa, quase apagando-o. Ele teria desmaiado, mas a bebida havia adormecido um pouco da dor, mantendo-o consciente. O ombro esquerdo estalou e a mulher puxou os dois braços para trás de um jeito anormal.

Rukin ouviu-a afastar-se dele e ele achou que ela buscaria a arma. A morte seria bem-vinda. Mas ouviu um rasgar de fita. Ela amarrou os pulsos dele para trás. Cada toque causava um novo choque de dor.

Ele quase conseguia respirar novamente e forçou, tentando gritar, mas ela

levou a fita à boca do homem e cobriu-a, passando a fita ao redor da cabeça várias vezes. Ela atou as pernas dos tornozelos aos joelhos, em seguida ergueu-o e praticamente o arremessou de cara para a parede. Dor, então a hiperventilação veio enquanto ele tentava respirar pelo nariz e suportar as ondas de dor que vinham dos ombros pressionados contra a parede.

Ela o encarou por um momento, em seguida caminhou casualmente até a mesa. Seu corpo nu e musculoso flexionava-se apenas levemente a cada passo preguiçoso. Ela olhou para a garrafa de bebida, depois pegou a pistola do cinto de Rukin.

Acabe com isso, pensou ele.

Ela ejetou o pente e puxou o ferrolho para trás. Nenhuma bala foi ejetada. Rukin nunca engatilhou a primeira bala. Ela inseriu o pente novamente e engatilhou.

Acabe com isso.

Ela deixou a arma sobre a mesa, sentou-se, cruzou as pernas e encarou-o.

Rukin gritou através da fita, mas ela o ignorou.

Ela agarrou o rádio, girou o botão para mudar o canal, em seguida o segurou próximo à boca.

— O fogo purifica tudo.

Poucos minutos se passaram. À distância, Rukin ouviu uma explosão alta, depois outra, e outra, como um trovão. Estavam atacando as muralhas.

Capítulo 50

Barca da praga *Destino*
Mar Mediterrâneo

Kate cansou de esperar por Shaw. Rolou para fora da cama. Precisava ir à parte de cima do navio para fazer uma ligação. Olhou para Martin. Não podia deixá-lo ali. Fez com que ele levantasse e ajudou-o a chegar à porta. Abriu e olhou para fora. O corredor estava vazio.

Foram até as portas pequeninas do elevador. Kate apertou o botão. O elevador apitou e abriu poucos segundos depois, revelando um compartimento apinhado. Para qual andar iriam? Kate apertou o botão para o primeiro e esperou.

As portas abriram-se. Dois homens de jaleco branco, médicos, ela supôs, estavam diante dela, segurando pranchetas, discutindo alguma coisa.

Um era chinês, o outro, europeu. O chinês avançou, inclinou a cabeça e disse:

— Dr. Grey?

Kate ficou paralisada. Estava quase saindo do elevador. Considerou voltar, mas o médico chinês cobriu a distância rapidamente. O europeu estava logo atrás dele.

— Conhece este homem? — perguntou ele.

Martin ainda estava apático, mas ergueu os olhos.

— Chang… — sua voz era baixa, quase inaudível.

O coração de Kate disparou.

— Eu… — começou Chang. Ele se virou para o colega. — Eu trabalhava com ele. É… um colega pesquisador da Immari. — Ele olhou para Kate por um instante. — Venham comigo.

Kate olhou para o corredor à esquerda e à direita. Guardas vigiavam dos dois lados.

Ela estava presa. Chang estava atravessando o corredor estreito à frente e o cientista europeu a encarava, a cabeça inclinada. Kate seguiu Chang.

O corredor abriu-se para uma cozinha grande, que fora convertida em

instalação de pesquisas. As mesas de aço haviam sido transformadas em mesas de operação improvisadas. Lembrava vagamente Kate da cozinha do Distrito Orquídea, onde Martin lhe contara a verdade sobre a praga no escritório anexo.

— Me ajude a colocá-lo sobre a mesa — disse Chang.

O europeu aproximou-se para examinar Martin.

Lentamente, Martin virou a cabeça para olhar Kate. Não havia expressão e ele não disse palavra.

Chang ficou entre o outro cientista e Kate e Martin.

— Se você puder… nos dar um momento. Preciso falar com eles.

Quando o cientista europeu saiu, Chang virou-se para Kate.

— Você é Kate Warner, não é?

Kate hesitou. O fato de ele suspeitar e não a entregar… ela pensou que poderia confiar nele.

— Sim. — Ela meneou a cabeça para Martin. — Pode ajudá-lo?

— Difícil. — Chang abriu um gabinete de aço e tirou uma seringa. — Mas posso tentar.

— O que é isso?

— Algo em que estamos trabalhando. A versão da Orquídea da Immari. Ainda é experimental e não funciona com todo mundo. — Ele olhou para Kate. — Pode matá-lo. Ou pode lhe dar mais alguns dias. Quer que eu administre?

Kate olhou para Martin, para seu corpo moribundo. Ela assentiu.

Chang avançou e injetou a droga. Depois olhou para a porta.

— Que foi? — perguntou Kate.

— Nada… — murmurou Chang, concentrado em Martin.

Capítulo 51

Base de Operações da Immari em Ceuta
Norte de Marrocos

David encarou os onze homens que estavam na sala do arsenal.

— Senhores, nossa causa é perdida. Mas é justa. Esta base é o portão do inferno e o mundo que a Immari está buscando construir. Se o destruirmos, podemos dar ao povo da Europa uma chance de lutar. No entanto… somos em menor número, temos menos armas e estamos no coração do território inimigo. Temos três coisas: o elemento surpresa, a vontade de lutar e uma causa justa. Se aguentarmos até de manhã, venceremos. A noite de hoje vai determinar nosso destino e o de milhões de pessoas. Lutar com firmeza e não temer a morte. Há coisas muito piores na vida — uma delas é viver uma vida da qual não se tem orgulho.

Ele meneou a cabeça para Kamau, que avançou e começou a expedir ordens para cada um dos homens.

Pouco depois de o africano ter terminado, o rádio no canto estalou e interrompeu o silêncio.

"O fogo purifica tudo."

— Chegou a hora — disse David.

David e Kamau subiram o passadiço com três homens. O centro de operações da base ficava no alto da torre, no centro da cidadela, longe das muralhas, a salvo de agressores, mas alto o bastante para ver a olho nu exatamente o que acontecia — ou, melhor ainda, de binóculo. Era inteligente. Os comandantes da base não queriam confiar em câmeras, supervisão e relatórios de campo — eles podiam ser falhos ou comprometidos. Queriam ver a luta com os próprios olhos.

David parou no patamar e piscou a lanterna para dentro da noite, enviando o sinal para os regimentos de soldados berberes que esperavam depois da muralha

mais ao fundo.

Quando a última piscada desvaneceu, ele continuou a subir, os homens seguindo de perto. O espaço no topo da torre estava como ele lembrava: uma mistura de centro de controle de tráfego e ponte de comando de um navio de batalha. Quatro oficiais de operação estavam nas estações de controle, encarando as bancadas de monitores de tela plana, digitando às vezes. Uma jarra de café esquentava em um dos cantos.

O técnico mais próximo viu David, virou-se, levantou e bateu continência nervosamente, como se não soubesse direito como lidar com a visita inesperada. Um a um, os outros três seguiram o exemplo.

— Atenção, senhores — disse David. — Foi um dia longo e, como vocês devem ter ouvido, o major Rukin conseguiu uma grande vitória nas colinas. Está lá embaixo, celebrando, tendo o que merece. — David sorriu, um sorriso verdadeiramente genuíno. — Façam um intervalo. Juntem-se à festa. Tem comida, bebida… e espólios de guerra. Novas aquisições. — David apontou para os homens. — Nós assumimos o turno.

Os técnicos murmuraram agradecimentos e saltaram das estações. As ordens de um coronel eram a melhor brecha que teriam para saltar um turno.

Quando os homens saíram, os soldados de David tomaram seus lugares nos consoles. David olhou para as telas, desconfiado.

— Tem certeza que sabem como operar essas coisas?

— Sim, senhor. Trabalhei no turno do dia por alguns meses quando fui transferido.

Kamau fez a ronda na sala, entregando uma caneca de café para cada soldado. Ele se juntou a David e os dois ficaram parados por um momento, encarando a noite. David pensou que ficaria muito melhor se não dissesse nada. Depois de alguns minutos, Kamau simplesmente ergueu o relógio: dez da noite. David ativou o rádio.

— Relatório de todas as estações.

Uma a uma, os homens entraram em contato, as vozes estalando no fone de David. Ele esperou a última peça do quebra-cabeça se encaixar. Os homens haviam escolhido nomes da Guerra de Troia; todos decidiriam que o sinal de chamada de David seria Aquiles.

— Aquiles, Ajax. Os troianos estão na sala de jantar. Começamos o banquete.

Começar o banquete era o código para trancá-los e utilizar o gás.

— Copiado, Ajax — disse David. Ele saiu da torre de comando e desceu ao primeiro patamar. Novamente ergueu a lanterna e piscou. Quando voltou ao centro de comando, as explosões ao redor do perímetro começaram. Fogo e

nuvens de fumaça ergueram-se além da muralha externa. Os três homens na estação de comando trabalhavam com rádios e computadores.

As telas revelaram a cena. Ondas de cavaleiros cercaram a muralha. As armas automáticas das torres derrubavam fileiras de cavaleiros, mas eles ainda avançavam, atacando implacavelmente.

Um técnico virou-se para David.

— Torre 2 pede autorização para usar canhão eletromagnético.

Kamau olhou para David.

Os canhões eletromagnéticos dizimariam as forças berberes. Por outro lado, autorizar seu uso seria muito convincente para as tropas, provaria que a base estava em risco.

David apontou para o fuzil de precisão ao lado de Kamau.

— Pegue-os depois do primeiro tiro.

David foi até a cadeira do comandante e ativou o microfone.

— Torre 2, aqui é coronel Wells. O major entregou o comando para mim. Ative o canhão delta e atire à vontade. — Ele desativou o rádio e esperou. O canhão disparou uma rajada na noite, e um jorro de terra e sangue explodiu no ar, deixando uma nuvem preta onde cavalos e soldados estavam um segundo antes. Tudo ficou em silêncio por um momento depois disso. David esperava que os berberes continuassem avançando. Precisava que continuassem.

No patamar abaixo, David ouviu três tiros soarem em sucessão rápida. O canhão ficou em silêncio.

David reativou o microfone no painel de controle.

— Batalhões 1, 2 e 3, movam-se para a zona 1. Repito, batalhões 1, 2 e 3, aqui é o Comando Ceuta, muralha externa em perigo, movam-se para zona 1 e assumam posição.

Quase imediatamente, David viu o movimento na cidadela e no círculo mais adiante. As tropas marchavam no terreno, o portão interno abriu e os caminhões passaram apressados por ele. Os berberes aumentaram o ataque, e a batalha ficou mais intensa.

— Comando, Torre 1. Torre 2 caiu, repito, Torre 2 caiu.

— Câmbio, Torre 1 — um dos homens de David disse. — Estamos cientes. Reforços estão a caminho.

Quase um minuto depois da ordem de David, a área embaixo da muralha estava cheia de soldados da Immari, quase quatro mil deles. Era o momento que David havia planejado, sua única oportunidade de tomar a base. Suas mãos tremiam levemente e, naquele momento, ele imaginou se poderia fazer aquilo. E se não pudesse? Não havia como recuar naquele instante.

Os técnicos olharam para ele, sabendo o que vinha em seguida. Finalmente,

um dos homens disse baixinho:

— Esperamos sua ordem, senhor.

Assassinato em massa. A morte de quatro mil homens, soldados. Soldados inimigos. *Monstros*, disse David a si mesmo. Mas nem todos poderiam ser monstros. Apenas pessoas do outro lado daquela luta, pessoas que tiveram azar, cuja circunstância os tornara inimigos.

Tudo que David tinha de fazer era dizer as palavras. O técnico apertaria o botão, as minas lá embaixo, na muralha, se armariam, os explosivos improvisados detonariam e o inferno irromperia. Milhares de soldados — de pessoas — morreriam.

— Não vai ter ordem — disse David.

O choque espalhou-se pelo rosto dos soldados, exceto o de Kamau. Seu rosto era uma máscara que não revelava emoção nenhuma.

David avançou até a estação do primeiro técnico.

— Mostre que botões apertar.

Aquele era um fardo a carregar, ele deveria assumir e assumiria a responsabilidade. O homem mostrou a sequência de comandos e David memorizou. Digitou os códigos e o círculo abaixo da muralha explodiu em um mar de carnificina. Sangue parecia se juntar como em um fosso. O rádio irrompeu em chamadas e um dos técnicos instantaneamente o desligou.

David ativou o rádio.

— Ajax, Aquiles. A muralha externa foi rompida. Abra o cavalo.

— Câmbio, Aquiles — respondeu o soldado.

As telas mostraram as alas de confinamento. Três dos soldados de David corriam, abrindo celas, libertando berberes capturados, entregando armas. A luta pela cidadela e por Ceuta começou naquele momento.

— Abra o portão — disse David. — E abra o canal.

Ele se jogou na “cadeira do comandante” e esperou. O técnico falou por sobre o ombro.

— O senhor está no ar.

— Frota Alfa da Immari, aqui é o Comando Ceuta. Estamos sob ataque. Repito, estamos sob ataque. Nossa muralha externa foi rompida. Solicito apoio aéreo imediato.

David esperou uma resposta. Sloane estava naquela frota e David o conhecia — ele comandaria o assalto aéreo. Apesar de todos os defeitos, Sloane tomava a frente.

— Comando Ceuta, Frota Alfa. Estejam informados: estamos enviando apoio aéreo agora. Eta, quinze minutos.

— Câmbio, Frota Alfa. Eta, quinze minutos. Comando Ceuta, desligo.

Quando teve certeza de que o canal estava fechado, ele expediu as ordens finais aos operadores.

— Quero que esperem até eles estarem bem em nossa linha de tiro. Não arrisquem.

— Mesmo que eles…

— Mesmo que disparem tudo o que têm. Esperem. E não posicionem os canhões até estarem prontos para atirar. Alguém em solo poderia alertá-los. Se derrubarem os helicópteros, podemos mudar o rumo da história. — Ele foi até Kamau, que estava ao lado da porta. — Foi uma honra, cavalheiros. Agora, vamos ganhar tempo para os senhores.

David chegou à porta, mas um operador chamou.

— Senhor, temos uma chegada…

— Aérea?

— Uma barca de praga. Está a pouco mais de uma milha náutica. Vinda de Marbella. Acabaram de enviar pedido de atracação e manifesto.

David virou-se para Kamau.

— Como não sabíamos disso?

Ele balançou a cabeça.

— Os navios vêm e vão como querem, não há um cronograma. Eles podem esperar no porto por dias, então nem precisa. — Ele atravessou a sala e digitou algumas coisas no teclado. O manifesto rolou pela grande tela.

David olhou ao redor da sala.

— Que tem a bordo? Recursos armamentistas? Aliás, que diabos é uma barca de praga?

Kamau falou enquanto trabalhava no computador.

— É um velho navio de cruzeiro. Armas são poucas: duas armas de calibre 54 em cada ponta. Mas… estão carregando todos os excessos de tropas da invasão em várias cidades ao sul da Espanha. — Ele se ergueu. — Quase dez mil soldados, mais novos recrutas, aqueles que prestaram obediência à Immari. Quem sabe quantos? Pode haver vinte mil combatentes inimigos a bordo. Podem ter se degenerado a bordo, mas tão perto de Ceuta… eles já foram descarregados.

David esfregou a testa.

— Quanto tempo até chegar aqui?

— Cinco, dez minutos.

Não havia escolha. Vinte mil soldados, chegando do porto, reforçando a cidadela na retaguarda.

— Atinja o navio — disse David. — Custe o que custar. Afunde. — Ele pegou a arma, correu porta afora e Kamau saiu no seu encalço.

Quando os tiros fossem disparados dos canhões ao longo do porto — sobre um navio da Immari —, o restante das tropas da Immari na cidadela saberia que estava sendo traído. A batalha final por Ceuta começaria em segundos.

Quando David e Kamau chegaram ao último degrau da escada, viram tiros lançados das baterias ao longo do porto. O cruzeiro que se aproximava explodiu, em seguida inclinou-se e queimou, flutuando à deriva como uma pira funerária.



Kosta irrompeu quarto adentro, mas dessa vez não recuou ao ver Dorian e a mulher deitados lá, nus.

— Senhor, Ceuta está sob ataque. Solicitaram apoio aéreo.

Dorian ergueu-se, se vestiu e saiu da sala antes de a mulher sequer despertar.

Capítulo 52

Frota Avançada Alfa da Immari
Próximo a Tânger, Marrocos

Dorian cruzou o corredor apinhado. A escotilha estava aberta, revelando o convés escuro. Quatro helicópteros roncavam no heliporto. Soldados seguiam ao seu lado, esperando por ele, prontos para voar em direção à batalha.

Pela primeira vez desde que acordara naquele tubo na Antártida, sentia-se normal. Sentia-se ele mesmo. Um soldado partindo para a guerra. Sentia-se em casa.

Marinheiros colocaram a cabeça para fora das passagens que cruzavam o corredor, esperando vislumbrá-lo — o chefe do último império que a humanidade veria, o homem que havia morrido e ressuscitado, alguém mais que mortal — um Deus ou um Demônio.

Os estalos de pés descalços no chão de metal chamaram a sua atenção e ele se virou apenas a tempo de ver Johanna, correndo a toda velocidade na sua direção. Ela saltou e ele a pegou.

Ela o envolveu nos braços e o beijou. Dorian ficou lá, parado como uma pedra no início, mas lentamente a cingiu com um braço, em seguida com outro, segurando-a com firmeza, e retribuiu o beijo.

Assobios e uivos explodiram no corredor.

Dorian sentiu um sorriso abrir-se no rosto quando a deixou no chão. Rapidamente fez o sorriso desaparecer quando virou e atravessou a escotilha na direção dos soldados e helicópteros que o esperavam.

Martin abriu os olhos. A cabeça estava lúcida. Conseguia pensar novamente. Kate estava lá. Ele estava em um laboratório ou hospital. Um homem estava inclinado sobre ele. Martin o conhecia. Uma lembrança o acometeu: falara com aquele homem por videoconferência. O doutor era o pesquisador na China que

havia conduzido os experimentos no Sino. Dr…

— Chang — disse Martin, a voz rouca.

— Como está se sentindo?

— Péssimo.

Ele ouviu Kate rir e ela se aproximou dele.

— Ao menos você sabe como está se sentindo. Já é uma melhora.

Ele sorriu para Kate. Perguntou-se o que ela fizera para salvá-lo. Arriscara sua vida? Esperava que não. Seria um desperdício. Tinha tanto a lhe dizer, tanto que ela precisava saber.

— Kate…

O navio chacoalhou e Martin foi lançado pela sala. Bateu em um refrigerador de aço e manchas escuras cobriram sua visão.

Capítulo 53

Fora de Ceuta
Norte de Marrocos

Dorian observou a extensa floresta embaixo dele. Adiante, através do para-brisa do helicóptero, viu luzes à distância, como vaga-lumes na noite. Logo eles se juntariam à batalha, e a vitória viria na sequência.

Ele pôs o capacete.

— Checagem de comunicador, Time de Assalto Delta, aqui é o general Sloane.

Os quatro helicópteros responderam.

Sloane relaxou no assento acolchoado. Observou as luzes mais um pouco e se perguntou o que Johanna estaria fazendo, o que estaria vestindo, o que estaria lendo.

O que estava acontecendo com ele? Apego. Desleixo. Fraqueza. Ele teria de se livrar dela quando voltasse.

As primeiras balas espalharam-se pela estrutura de metal quando David e Kamau chegaram ao solo.

Entraram em formação, costas com costas, próximos apenas o suficiente para saber onde o outro estava, e abriram fogo. Os projéteis vazios caíam no chão enquanto se viravam para a esquerda e para a direita.

A infantaria da Immari saiu das casernas que cercavam a torre de comando, e David e Kamau derrubaram onda atrás de onda de soldados. Mas eles continuavam vindo. Um grupo de soldados da Immari tomou posição do outro lado do pátio e começou a concentrar os tiros em David e Kamau.

David passou a se esquivar na direção do prédio diante da torre de controle, esperando receber cobertura. Kamau seguiu seus movimentos.

O fone de David despertou.

— Aquiles, Ajax. Estou com os mirmidões. Estamos perto da sua posição.

— Câmbio, Ajax — disse David. — Quanto antes, melhor.

Ele disparou outra rajada até seu fuzil automático estalar. Recarregou rapidamente e abriu fogo de novo.



Três explosões gigantescas iluminaram o céu noturno, em seguida se ergueram em um fogo que queimava sobre a água. Dorian conseguiu ver o contorno da base de Ceuta.

— Que diabos foi aquilo? — perguntou Dorian.

— Provavelmente outra barragem de canhão da muralha — disse o piloto.

— Provavelmente não, seu idiota. Está queimando sobre a água. Quem disparou aqueles tiros?

— Os berberes agressores? — disse o piloto em tom de pergunta.

A mente de Dorian acelerou. Aqueles bárbaros montados. Atacariam uma barca da praga prestes a atracar? Improvável. Tinha alguma coisa errada.

— Força de Assalto Delta, mantenha a posição, repito, pare o ataque a Ceuta.

Os helicópteros voaram para dentro da noite, avançando a toda velocidade para a base em chamas e o fogo misterioso na água.

Ele agarrou o ombro do piloto.

— Leve-nos lá para baixo. Agora.

O piloto obedeceu, e o helicóptero mergulhou de nariz para dentro das árvores.

— Equipe de assalto…

O helicóptero líder explodiu e os dois ao lado dele queimaram em chamas instantaneamente. Estilhaços atingiram o helicóptero de Dorian. Os rotores engasgaram e ele começou a rodar. A fumaça encheu a cabine e Dorian sentiu as chamas e o calor vindos de cima do helicóptero. As árvores passavam raspando e ele sentiu os galhos aproximarem-se, e então ele estava voando, sendo arremessado do helicóptero.



David disparou a última rajada do fuzil e sacou a pistola. Estavam avançando rápido demais para ele acompanhar. Kamau girava de um lado para o outro com ele, derrubando uma fileira de soldados que saía às pressas das casernas. Não

tinham fim.

A pistola de David estalou. Não dispunha de outro pente. Kamau ficou diante dele e continuou a disparar.

David ativou o rádio.

— Ajax, Aquiles. Os troianos estão prestes a tomar nossa posição.

Kamau avançou de costas sobre ele, jogando David no chão. Ele conseguiu ouvir Ajax respondendo no fone, mas todas as palavras foram perdidas. Ele agarrou o fuzil de Kamau e começou a atirar do chão, em seguida se ergueu em um joelho. Quantos tiros ainda restavam?

Olhou de volta para Kamau. Ele estava se retorcendo no chão. David tentou virá-lo, esperando ver onde ele havia sido atingido.



Kate esforçou-se para se levantar do chão. O navio estava sacudindo demais. O uivo do aço se retorcendo era quase ensurdecedor. Ela tateou a mochila nas costas para garantir que ainda estava lá. Rastejou até Martin e puxou-o para seu colo.

Outro chacoalhão balançou o navio, e ela foi lançada pela sala. O cientista, Chang, a agarrou, impedindo a queda.

— Você está bem? — gritou ele.

O sistema de *sprinklers* foi acionado e os alarmes do navio soaram.

A porta abriu-se e Shaw entrou correndo.

— Vamos. Precisamos chegar aos botes salva-vidas.

O cientista europeu seguia bem atrás dele. Ele examinou a sala, horrorizado.

— Nossa pesquisa! — ele gritou para Chang.

— Deixe para lá! — berrou Chang.

Chang e Shaw pegaram Martin e Kate os seguiu.



Balas zumbiram atrás de David e ele girou, pronto para disparar, mas era Ajax e as forças berberes. Eles passaram por ele correndo, dominando os soldados da Immari.

David puxou Kamau para a parede do edifício e o virou. Não havia sangue. Kamau ergueu os olhos, balançando a cabeça.

— Estava com meu colete, David. Só me tirou o ar.

Ajax e o comandante berbere convergiram em sua posição.

— Qual a situação? — perguntou David.

— Quase tomamos o controle da cidadela — disse Ajax. — Estão começando a se render, mas algumas unidades estão lutando até o fim.

— Venha comigo — disse David. Ajudou Kamau a se erguer, e eles entraram nas casernas.

Do lado de fora, os disparos estavam desaparecendo. A explosão ocasional de uma granada enfatizava o ruído. Eles pararam em frente de uma porta grande e David bateu gentilmente.

— É Aquiles.

A porta se abriu, revelando a chefe berbere, que usava um vestido azul e segurava uma pistola. Ela acenou para eles entrarem.

Major Rukin estava amordaçado e amarrado no chão. Um sorriso irônico surgiu no rosto de David. O major debateu-se nas amarras e gritou através da mordaça.

David virou-se para a chefe.

— Pretende honrar sua palavra?

— Sim, como você honrou a sua. Não vamos machucar quem se render. — A chefe olhou para o ponto no peito de David onde o havia marcado. — Um chefe de verdade nunca trai a promessa feita a seu povo.

David foi até o major e lhe tirou a mordaça.

— Você é um idiota…

— Cale a boca — disse David. — Temos o controle de Ceuta. A única questão que resta é: quantos soldados da Immari morrerão esta noite. Se você subir ao centro de comando com a chefe aqui… — David parou para se deliciar com o choque no rosto do major. — Sim, é isso, ela é a chefe. Aliás, era filha dela. Os berberes têm um longo histórico de líderes tribais mulheres. Compreensão histórica e cultural às vezes é útil. Mesmo na guerra. Se for com ela e ordenar que as tropas remanescentes se rendam, pode salvar vidas. Caso contrário, isso vai agradar muito a ela e ao seu povo, posso garantir.

— Quem é você? — questionou Rukin.

— Não importa — respondeu David.

Rukin sorriu com desdém.

— Homens como você não vencem guerras como esta. Este não é um mundo para *mocinhos*.

Capítulo 54

Barca da praga *Destino*
Mar Mediterrâneo

Kate observou Shaw abrir outra porta. Ele estava prestes a passar por ela quando as chamas encheram o corredor adiante.

— Para trás — gritou ele quando bateu a porta.

Kate olhou para trás. A fumaça pairava no final do corredor. Ela não conseguia nem mais ver o fim. O fogo estava consumindo o navio, avançando sobre eles, sufocando-os.

Estavam presos.

Sobre ela, Kate ouviu os destroços caindo no chão. Sentiu o calor do teto. Seriam esmagados, incendiados ou asfixiados. Não havia escapatória — estavam enfurnados demais no navio.

Shaw agarrou o braço de Kate, abriu uma das portas e levou-a mais para dentro do navio.

— Não podemos ir…

— Cale a boca — ele disse quando abriu com tudo a porta da cabine e praticamente arremessou Kate para dentro. Chang ajudou Martin a entrar atrás deles e o outro cientista os seguiu.

— Não podemos ficar aqui… — começou Kate, mas Shaw já havia saído, batendo a porta.

Kate girou a maçaneta, mas estava emperrada. Shaw os havia trancado lá dentro.

O pátio dentro da cidadela da base estava quase quieto. Aqui e ali, trocas de tiros ainda aconteciam onde soldados da Immari e combatentes berberes se enfrentavam.

David caminhou atrás da chefe e de três de seus homens, um dos quais

puxava o major Rukin pelo braço — causando-lhe dor a cada passo.

À direita de David, a imensa barca da praga queimava na água. Às vezes, uma explosão ressoava.

Baixas de guerra, disse David a si mesmo. Kamau havia dito que eram todos combatentes inimigos — soldados da Immari ou novos recrutas que haviam prestado obediência: membros leais. Não havia alternativa.



Kate ouviu uma série de três explosões. A sala estava um breu e, lá dentro, os únicos sons eram os grunhidos ou a tosse ocasionais de Martin, Chang e do cientista europeu.

Kate ouviu a porta ranger, e se abriu quando ela estendeu a mão. Shaw a agarrou pelo braço e puxou-a.

Ela olhou para trás, esperando que Martin estivesse atrás dela, mas não conseguia ver nada. A fumaça era espessa demais. Queimava os olhos e enchia o pulmão.

Ela tossia e engasgava enquanto Shaw a arrastava. Daquele jeito, ele arrancaria seu braço.

A escuridão e a fumaça diminuíram na entrada do próximo corredor. Kate ouviu e sentiu o incêndio gigantesco antes de vê-lo.

O fogo havia queimado um lado do corredor, lambendo o teto e alcançando o outro lado. Além das chamas, ela conseguiu ver o céu aberto. O navio havia explodido em pedaços. Shaw usou granadas para limpar o caminho. Era como se uma criatura gigante houvesse abocanhado metade do navio, deixando um buraco denteado.

Shaw puxou a mulher na direção das chamas.



David recostou-se no batente da porta, arrancou a fita da boca de Rukin e empurrou-o na direção do microfone.

Rukin encarou a chefe, depois David e, finalmente, começou a falar no microfone.

— Atenção todas as forças da Immari. Aqui é o major Alexander Rukin. Ordeno que se rendam imediatamente. Baixem as armas. Ceuta caiu…

David distraiu-se das palavras de Rukin quando examinou a carnificina que

as telas mostravam: ao redor da base, além da muralha e na água.

O que eu fiz?, ele se perguntou. *O que eu precisava*, ele respondeu. Do outro lado da sala, os olhos de Kamau encontraram os dele. Ele lhe deu um leve aceno de cabeça.



Kate fechou os olhos quando Shaw a puxou para dentro do fogo, em seguida ela estava na ponta do corredor. As paredes de cada lado desapareceram e eles caíram…

Ela aterrissou em pé com tudo, os joelhos cederam e ela rolou pelo convés. Shaw já estava se erguendo. O cara era um supersoldado. Lá em cima, Kate viu Martin, Chang e o outro homem voarem da abertura em chamas, caindo na direção do convés. Eles despencaram ao seu redor um segundo depois de ela rolar para longe. Os três homens estavam vivos, mas Kate desconfiou que haveria alguns ossos quebrados. Ela tirou a mochila das costas e engatinhou na direção deles, mas uma explosão acima lançou pedaços do navio no ar. Os escombros caíram em pilhas, chovendo sobre eles. Kate encolheu-se, tentando se proteger.

Shaw fez com que ficasse em pé.

— Precisamos pular!

Ele apontou para a água lá embaixo.

Os olhos de Kate arregalaram-se. Tinha mais de seis metros. O fogo alto queimava sobre a água, cercando o navio.

— De. Jeito. Nenhum.

Ele agarrou a mochila de Kate e jogou sobre o ombro, então agarrou o braço da mulher e arrastou-a até a beirada. Kate fechou os olhos e respirou fundo.



David recebeu o copo de isopor com café do soldado e agradeceu.

Deu um gole enquanto observava as telas ao redor da sala. Os soldados da Immari, desarmados, estavam enfileirados na cidadela. Seriam os novos habitantes dos cercados.

Dois técnicos deram zoom na barca da praga em chamas, avaliando o dano e a situação de desintegração, tentando decidir se precisavam alvejar novamente.

Na tela, explosões eclodiram na lateral do navio. Um soldado da Immari

arrastou uma mulher através das chamas e lançou-a no convés abaixo. Ela se encolheu, em seguida o soldado a fez se levantar novamente.

David ficou paralisado. Os cabelos eram escuros… mas ele conhecia aquele rosto. Era impossível. Mas era Kate. Ou afinal David havia enlouquecido? A pressão da batalha, de sua escolha, finalmente desintegrando a realidade. Estava vendo o que queria ver?

Ele observou Kate lutar com o soldado da Immari, em seguida ele a jogou na água, provavelmente para sua morte.

David correu até a estação do técnico.

— Volte aquela imagem.

Os quadros voltaram na tela.

— Pare.

David aproximou-se. Agora tinha certeza. Era Kate. E um soldado da Immari, que logo estaria morto, a arrastou como uma boneca de pano e a jogou do navio.

Ele se virou e disse para a chefe.

— Você está no comando até eu voltar. Não atire na barca da praga. Aconteça o que acontecer.

Em segundos ele estava fora da estação de controle e havia descido o primeiro lanço de escadas.

Kamau gritou para ele.

— David! Quer ajuda?

Capítulo 55

Ex-Base de Operações da Immari, em Ceuta
Norte de Marrocos

No porto, David examinou os barcos. Havia uma porção de barcos de pesca, mas apenas alguns iates a motor. David tentou pensar. Qual era a prioridade? Tamanho ou velocidade? Precisava dos dois, mas quanto de cada? Havia um iate *Sunseeker* 80. Tentou se lembrar das especificações. Dois anos antes havia pensado em comprar um. *Tinha vinte e quatro metros e meio, vinte e quatro nós de velocidade de cruzeiro, podendo chegar a trinta*, pensou ele. Mas havia uma monstruosidade no final, um *Sunseeker* de quarenta metros. Com sorte, teria um veículo submersível nas docas de carga. David meneou a cabeça para ele.

— Vamos pegar o iate maior — disse a Kamau.

Poucos minutos depois, o iate de quarenta metros estava singrando o Mediterrâneo na direção do navio de cruzeiro que queimava noite adentro.

Os braços e pernas de Kate estavam cansados. Ela mal conseguia manter a cabeça acima da linha-d'água. O navio continuava a vomitar fumaça no ar e cuspir pedaços de destroços na água, quase a acertando de tantos em tantos segundos.

Mas não tinham para onde ir: uma larga parede de fogo queimava sobre a água, um anel que os prendia a uma pequena área de água próxima do navio.

Seu corpo doía por inteiro e os pulmões ardiam para respirar.

Shaw estava nadando para buscar algo, um pedaço de destroço. Ele o levou para ela e os três homens.

— Agarrem-se. Vamos ter de esperar o fogo apagar e tentar nadar até a costa.

David observou o navio de cruzeiro indefeso. Queimava como um incêndio florestal na água. O navio desmoronava e, às vezes, explosões irrompiam de lugares aleatórios. Os tanques de combustível, que abasteciam os motores das turbinas, romperam-se em algum momento, e o óleo combustível ardia sobre a água em um semicírculo estonteante de fogo ao redor do navio. As pessoas pulavam de todos os conveses, algumas, sem dúvida, para a morte certa. Desapareciam na água além da muralha de fogo. David não via como poderiam sair. Decerto não poderiam nadar através do fogo, e o campo de chamas era amplo demais para atravessar por baixo d'água.

Sua única esperança era que Kate tivesse sobrevivido à queda e estivesse esperando por ele.

David foi até o espaço entre os conveses e verificou o veículo submersível. Ele abriu e examinou os controles. Sem oxigênio. O que sobrava? Esperar as chamas se extinguirem? E se ela estivesse ferida?

— David, do que você precisa?

— De oxigênio.



Kate teve um vislumbre de algo embaixo da água uma fração de segundo antes de ter agarrado Shaw e o puxado para baixo.

De início, Kate pensou ser um tubarão ou outra criatura marinha, mas Shaw voltou à superfície, agitando desesperadamente os braços. Estendeu-se para trás, tateando a ponta do destroço flutuante e subiu nele às pressas. A coisa ergueu-se da água, golpeando o corpo de Shaw, batendo-o no pedaço de navio. Era um homem, Kate enxergou, e era incrivelmente poderoso. Os músculos eram imensos. Usava equipamento de scuba e vários tanques nas costas. Shaw lutou com bravura, invocando o resto de suas forças, mas o monstro era poderoso demais. Um de seus golpes acertou o rosto de Shaw, batendo a cabeça do homem na superfície dura do destroço. Shaw caiu, amolecido, e o homem o agarrou e começou a puxá-lo para dentro d'água.

Kate avançou sobre o homem, lançando-se na briga. Empurrou a máscara contra o rosto do mergulhador. Agarrou Shaw com a outra mão, tentando libertá-lo.

O monstro arrancou a máscara.

— Caramba, o que você está fazendo?

David.

Kate ficou paralisada. Uma enxurrada de emoções tomou conta da mulher.

Ela sentiu os membros ficarem dormentes e engoliu água do mar.

David soltou Shaw e foi até ela. Ele fixou os olhos de Kate por um momento, em seguida abriu a boca para dizer algo. O punho de Shaw acertou em cheio o rosto de David, mandando-o para baixo d'água. Shaw mergulhou atrás dele, mas Kate recuperou a compostura e abriu caminho entre eles.

— Rapazes, rapazes!

Ela empurrou os dois, ficando no meio deles.

— Está protegendo esse daí? — gritou David.

— Ele salvou minha vida — disse Kate.

— Ele jogou você do navio.

— É, hum, é… *complicado*.

David encarou-a.

— Não importa. Vamos sair daqui. — Ele tirou um dos tanques das costas e empurrou na direção de Kate. — Pegue isso.

— E eles?

— O que têm eles?

— Eles vêm conosco — insistiu Kate.

David sacudiu a cabeça. Ele havia começado a prender o tanque nos ombros de Kate.

Ela se afastou dele e nadou até os homens.

— Não vou deixar Martin e os outros para trás.

— Tudo bem, vocês três — ele olhou para Shaw com frieza —, vocês quatro podem dividir um tanque.

— Kate, preciso falar com você. É urgente — disse Martin. Ele mal conseguia manter a cabeça fora d'água.

O cientista europeu interveio.

— Não preciso dividir oxigênio. Posso atravessar sozinho.

Todos viraram-se para ele.

— Sou um nadador extremamente forte — disse ele, explicando-se.

David jogou o outro tanque para Shaw.

— Tudo bem, melhor que vocês se reúnam para decidir isso. Nós estamos indo. — Ele pegou Kate pelo braço.

— Espere — disse ela. — Martin se feriu. Está doente. Você pode levá-lo, David.

— Não. — Ele nadou até ela. — Não vou tirar os olhos de você. Não de novo.

Ela ouviu Shaw grunhindo ao fundo, mas o tempo pareceu parar. Sentiu quando fez que sim com a cabeça.

— Pelo amor de Deus — disse Shaw. — Eu levo Martin. Vocês levam o

cientista, ele não vai precisar de muito oxigênio. — Ele apontou para o cientista europeu. — E você… pode nadar forte, suponho.

O europeu mergulhou. Martin quis protestar, mas Shaw o pegou, e eles afundaram. David pôs a máscara no rosto de Kate e eles mergulharam, mas ela se esforçou para chegar à superfície.

— Que foi? — perguntou David.

— Chang.

David ergueu os olhos.

Dr. Chang estava parado com a cabeça fora d'água.

— Pensei que me deixariam aqui.

Ele salvou a vida de Martin, pensou Kate.

— Não vamos deixá-lo. — Ela apontou para David. — Pegue a mão dele.

— Você está superestimando minha zona de conforto.

— Ah, por favor! — Ela agarrou a mão de Chang, apertou a de David e os três mergulharam.

Kate pegou a primeira rodada de oxigênio, em seguida Chang. David parecia precisar de menos oxigênio que os dois.

Kate não conseguia ver Shaw e Martin ou o outro homem. O espaço embaixo do fogo parecia se estender infinitamente. Pelo visor da máscara ela olhou para cima. Uma flor laranja e vermelha, florescendo na superfície da água, expandindo-se, recuando, como uma foto em *time-lapse*.

Chang remava ao lado dela. Seus olhos estavam fechados. Devia haver combustível na água.

David os carregava. Usava pés de pato e as pernas fortes os levavam através da água.

Por fim, o campo de fogo terminou e Kate viu a noite escura sobre a água. David guiou-os para cima, e ele e Chang buscaram ar quando chegaram à superfície.

Kate ergueu o braço para bloquear as luzes brilhantes que a cegavam. Outro navio flutuava logo após o fogo. Um iate branco com janelas pretas e três andares. Ela sabia que provavelmente havia um termo náutico para "três andares", mas era o que parecia para ela: um prédio de condomínio branco de três andares com toldo retrátil na frente e atrás.

David puxou Kate e Chang na direção do barco. Um negro imenso estava na parte de trás do barco. Ele estendeu a mão para a água, agarrou os dois braços de Kate e puxou-a sem esforço para dentro da embarcação.

Kate tirou a mochila das costas enquanto o africano erguia Chang por um braço e o deixava ao lado dela.

David começou a subir a escada.

— Chegamos primeiro?

O africano assentiu.

David parou, pegou a máscara de Kate e estava no meio da escada quando uma cabeça saiu da água.

O cientista europeu.

— Viu os outros dois? — gritou David para ele.

— Não. — Ele limpou a água do rosto. — Meus olhos estavam fechados. Tinha combustível na água.

Kate achou que ele mal estava sem fôlego. Queria falar com David desesperadamente, mas ele já havia partido, voltado à água escura.

Passaram segundos que mais pareceram horas.

— Sou Kamau.

Kate virou-se para ele.

— Kate Warner.

Suas sobrancelhas ergueram-se rapidamente.

— Ah, eu vejo isso muito. — Ela virou de volta para a água.

Outra cabeça veio à superfície. Shaw. Martin não estava com ele. Kate foi até a amurada.

— Cadê o Martin?

— Ele não está aqui? — Shaw girou na água. — Ficou maluco, pensou que estivesse se afogando. Achei que tivesse nadado na minha frente. Não conseguia ver um palmo diante do nariz. — Ele mergulhou novamente.

Kate encarou a muralha de chamas. Se Martin tivesse submergido no meio dela…

Ela esperou. Sentiu um cobertor sendo enrolado nos ombros. Murmurou um agradecimento sem se virar para ver quem o colocara.

Duas cabeças surgiram na água e um homem puxava o outro para o barco: David, levando Martin.

A cabeça de Martin estava bem queimada e ele estava quase inconsciente.

David carregou Martin a bordo e deitou-o em um sofá de couro branco no bar. Chang correu até Martin e começou a examinar os ferimentos. Kamau levou um kit de primeiros socorros, e Kate começou a fuçar nele.

A água se abriu novamente.

— Vocês estão com ele? — gritou Shaw.

— Sim! — respondeu Kate.

No segundo em que Shaw chegou à escada, David gritou para Kamau.

— Tire a gente daqui.

Kate e Chang continuaram a trabalhar em Martin até a cabeça estar adequadamente enfaixada, e a respiração, estabilizada.

— Ele vai ficar bem — disse Chang. — Eu posso assumir agora, Kate.

David pegou Kate pelo braço, levando-a para o espaço entre os conveses. Sua mão estava firme no bíceps da mulher. Ela estava ensopada e extremamente exausta, mas vê-lo, saber que estava vivo, de alguma forma a revigorava, lhe dava uma força indescritível.

Ele fechou a porta e trancou.

— Precisamos *conversar* — disse David, ainda encarando a porta.

Capítulo 56

Norte de Marrocos

Dorian acordou com uma dor lancinante na lateral do corpo.

Rolou e gritou de agonia. O movimento apenas intensificou a dor. Fosse lá o que o tivesse atingido, ainda estava nele, enterrando-se, movendo-se nas suas entranhas como faca quente.

Ele arrancou o capacete, curvou-se para ver o que era.

O galho da árvore o empalara até quase sua pélvis, onde terminava a armadura do torso. Ele desatou com cuidado a armadura. O movimento causou uma segunda onda de dor e ele precisou parar. Jogou a armadura de lado e puxou a camiseta para trás.

O galho estava apenas a poucos centímetros da lateral. Se tivesse entrado mais, talvez tivesse pegado o fígado.

Ele cerrou os dentes e metodicamente puxou a lasca de madeira.

Verificou o ferimento. Estava sangrando, mas ele ficaria bem. Naquele momento, tinha problemas maiores a resolver.

Mesmo no céu noturno, conseguia ver três colunas de fumaça erguendo-se sobre as árvores, os restos da frota de helicópteros queimando.

Ceuta não tinha apoio aéreo — todo ele havia sido usado no sul da Espanha, mas, fosse lá quem tivesse tomado a base, obviamente tinha muitas tropas terrestres. Eles as enviariam?

Ele se levantou.

Gritos — do local do acidente. Seus instintos assumiram o comando. Pegou capacete e armadura e correu na direção dos destroços em chamas.

O helicóptero havia ateado fogo na floresta e ela queimava violentamente, uma muralha de chamas através da qual Dorian não conseguia enxergar. Os gritos ficaram mais altos, mas Dorian não conseguia divisar as palavras.

Ele vestiu a armadura e o capacete, e correu ao redor do perímetro do incêndio, procurando uma brecha. Do outro lado, o fogo não era intenso, mas ainda não tinha uma visão clara do helicóptero. Pensou que poderia atravessá-lo.

Sacou uma pistola e jogou-a no chão, juntamente com os pentes

sobressalentes. Também deixou o telefone via satélite no chão. Enfiou as mãos na armadura e foi até as margens das labaredas. Botas, traje e capacete eram à prova de fogo, mas havia limites de quanto calor conseguiam aguentar, e havia partes do corpo que a armadura não cobria.

Respirou fundo e correu para dentro do fogo. Os pés martelaram o chão. O calor era avassalador. Segurou o fôlego e… atravessou o fogo, chegando a uma pequena clareira. Agora Dorian conseguia ver: três dos helicópteros haviam caído um perto do outro e suas chamas se juntaram, criando o anel. Cada um dos helicópteros estava totalmente incendiado. Dorian não conseguiria nada deles e os gritos não tinham vindo de ninguém lá dentro.

Outra onda de gritos surgiu. Dorian virou e encontrou a fonte. A armadura preta do piloto da Immari o deixava quase invisível contra a terra escura e sob a noite de breu, mesmo com a luz do fogo.

Dorian correu até ele. A perna do homem assumira um ângulo estranho e havia um corte fundo na lateral do corpo. Já havia atado o ferimento na coxa e aquilo salvara sua vida, mas Dorian não sabia se eram boas notícias. O homem conseguiu se arrastar para fora do helicóptero em chamas, mas não poderia correr, nem mesmo se levantar.

— Me ajuda! — ele gritou.

— Cala a boca — disse Dorian mecanicamente detrás da viseira escura do capacete. O que fazer? O homem já tinha perdido muito sangue, e não havia kit de primeiros socorros. De forma automática, Dorian estendeu a mão para pegar a pistola, em seguida lembrou que a tinha deixado do outro lado do fogo. *Tire-o de sua desgraça e siga em frente. O inimigo estará aqui em breve, vasculhando a área. Ele vai matá-lo.* Mas Dorian não poderia fazer aquilo, não conseguiria deixar o homem para trás, deixar um de seus soldados ser incendiado. Curvou-se e tomou o braço do homem.

— Obrigado, senhor — disse o piloto, arfando.

Dorian hesitou por um instante, afastou-se do homem, foi até seu capacete e voltou com ele.

— Ponha isto. Vamos atravessar o fogo.

Dorian preparou-se para a dor quando ergueu o homem no ombro. A dor nas costelas aumentou, cortando, fustigando. Parecia que ia ser partido ao meio.

Correu até as margens das chamas, respirou fundo e entrou no fogo. Dessa vez avançou mais lentamente, mas com cada miligrama de energia que mantinha.

Quando saiu do fogo, jogou o homem no chão e despencou. As chamas moviam-se para o outro lado, com o vento. Por ora, estavam em segurança.

Dorian estava sem fôlego e queria vomitar de dor. A agonia era completa.

Mas conseguia identificar de onde vinha a dor. De soslaio, viu o telefone, os pentes e a arma no chão. Poderia encerrar com o tormento daquele homem se pudesse alcançá-la… Dorian tentou se erguer, mas a dor e a exaustão o pegaram em cheio, mantendo-o no chão, forçando-o a ficar deitado, quieto.

O piloto rastejou até Dorian e começou a fazer algo. Dorian tentou empurrá-lo, mas o piloto continuou. Outro golpe de dor ergueu-se pelas pernas. O homem estava torturando Dorian. Ele tentou chutar, mas o homem jogou seu corpo sobre ele. A dor cresceu, movendo-se por Dorian como uma onda. Ele o sufocaria, ele o estava sufocando. A floresta aos poucos apagou.



Quando Dorian acordou, ainda estava escuro, mas não havia incêndio no local do helicóptero, apenas fumaça. E dor. Mas ele já conseguia se mover. Ao lado dele, o piloto dormia.

Dorian sentou-se, fazendo caretas a cada movimento. Os pés. Eram algo horrível, matizado, queimado. As botas derretidas, desamarradas, estavam por perto. As solas ficaram macias quando a borracha virou líquido, fluindo para dentro da bota sobre seus pés. O piloto as retirara, provavelmente salvando os pés de Dorian. Quanto tempo levaria para esfriar a borracha derretida. Se as botas não tivessem sido retiradas, Dorian talvez nunca mais pudesse andar novamente.

Um par de botas intocadas estava bem ao lado do par chamuscado de Dorian.

Dorian olhou novamente para o piloto que roncava. Estava descalço. Dorian calçou as botas. Um pouco pequenas, mas serviriam, dependendo de quanto tivesse de caminhar. E precisava descobrir quanto.

Arrastou-se até a pistola e o telefone via satélite. Olhou de novo para o piloto e considerou o próximo movimento. A área ao redor do ferimento na perna do piloto já mostrava sinais de infecção.

Dorian teclou no telefone.

— Operações de Frota.

— É Sloane…

— Senhor, nós…

— Cale a boca. Ponha o capitão Williams na linha.

— General…

— Capitão, por que diabos eu estou preso na floresta dentro das linhas inimigas?

— Senhor, enviamos duas missões de resgate. Derrubaram as duas. O senhor

está bem na linha de fogo.

— Não quero saber quantas vezes você *falhou*, capitão. Envie um mapa topográfico para o meu telefone com uma sobreposição do raio de tiro.

— Sim, senhor. Achamos que Ceuta talvez esteja enviando tropas terrestres para sua localização…

Dorian afastou o telefone e examinou o mapa, ignorando o capitão. De sua localização, pensou que poderia alcançar o próximo ponto de encontro fora da área de tiro de Ceuta em cerca de três horas. Olhou para os pés queimados. Quatro horas era mais realista. Não seria um trecho fácil, mas ele conseguiria.

O piloto soltou um ronco que chamou a atenção de Dorian. Ele observou, irritado. O que fazer? A arma e os pentes cresceram ao seu lado, apresentando silenciosamente a solução.

Seus olhos afastaram-se quando a mente explorou alternativas. Cada opção que considerava enfrentava um pensamento único, frio e final: *Não seja tolo. Você sabe o que precisa ser feito*. Pela primeira vez na vida, ele tinha um rosto para encaixar naquela voz: Ares. Sabia disso agora. Pela primeira vez, podia sentir seus pensamentos, seus verdadeiros pensamentos, a pessoa que estava por trás do primeiro surto, quando seu pai o colocou no tubo. Aquele momento era um microcosmo de cada decisão difícil que ele já havia tomado: uma luta entre o que seu emocional, seu eu *humano* queria fazer, e aquela voz cruel, fria. Ares. Ares era o impulso que se demorava ao fundo, invisível, empurrando Dorian, dando forma a seus pensamentos. Dorian nunca tivera plena ciência da luta dentro dele até aquele momento. Ares gritou novamente: *Não seja fraco. Você é especial. Precisa sobreviver. Sua espécie depende de você. Ele é outro soldado perdido para nossa causa. Não deixe que seu sacrifício nuble sua opinião.*

Dorian ergueu o telefone até o rosto.

— Capitão, acabei de enviar algumas coordenadas.

Olhou para o piloto, em seguida para os pés queimados — pés que ainda poderiam caminhar.

— Senhor?

A mente de Dorian ia e voltava como um barquinho em mar aberto. A voz foi firme. *Este mundo não foi feito para os fracos. Dorian, você está no maior jogo de xadrez da história. Não arrisque um rei para salvar um peão.*

— Estou aqui — disse Dorian. — Estarei no ponto de extração em…

Não…

— … oito horas. Estejam cientes de que estou com outro sobrevivente. Se não estivermos naquelas coordenadas, as ordens à equipe de resgate são para se mover para dentro da floresta, buscando por nós no rumo de quarenta e sete graus.

E, assim, a voz desapareceu, silenciou. Os pensamentos de Dorian voltaram a ser seus. Estava livre. Estava… diferente, ou era a pessoa que sempre quis ser? A voz em seu ouvido interrompeu a reflexão.

— Câmbio, general. Boa sorte.

— Capitão.

— Senhor?

— A garota na minha cabine — disse Dorian.

— Sim, senhor. Ela está aqui…

— Diga a ela… que estou bem.

— Sim, senhor, vou ver…

Dorian desligou o telefone.

Deitou-se de costas no chão. Estava faminto. Precisava comer, precisava de força, especialmente com o peso extra que tinha de carregar. Teria de caçar.

À distância, ouviu um estrondo baixo. Trovão? Não. Eram cascos de cavalos avançando pela floresta.

Capítulo 57

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

Por boa parte da hora que passou, Kate e David não falaram nada, e aquilo a deixou muito feliz. Estavam lá, deitados, nus nos lençóis da cama king size que ficava no meio da cabine principal com paredes revestidas de madeira.

Parecia quase surreal para ela, como se estivessem deitados em um quarto de hotel luxuoso, como se o mundo lá fora fosse apenas um sonho ruim. Sentia-se segura e livre, pela primeira vez desde… mal conseguia se lembrar desde quando.

O rosto de Kate descansava no peito de David. Ela amava ouvir seu coração, observar o corpo subir e descer a cada respiração. Correu o dedo ao redor das marcas vermelhas queimadas no peito. Pareciam feitas com ferro quente.

— Essa é nova — ela disse baixinho.

— O custo de um cavalo de madeira neste mundo desgraçado. — A voz dele era séria.

Era uma piada? Ela se ergueu e fitou seus olhos, esperando uma resposta, mas ele não olhou para ela.

De algum jeito, estava diferente. Mais ríspido. Mais distante. Ela sentiu quando fizeram amor. Não foi tão gentil como em Gibraltar.

Ela pousou a cabeça de volta no peito dele, quase se escondendo.

— Tive um sonho com um cavalo de madeira. Você estava desenhando…

David a empurrou para longe dele.

— Eu estava em uma mesa de desenho…

O choque tomou conta dela. Ela assentiu, hesitante.

— É… uma varanda que dava para uma baía azul e uma península com florestas…

— Impossível… — sussurrou David. — Como?

As palavras de Martin ecoaram em sua mente. *Acreditamos que o Gene Atlântida está ligado a um processo biológico quântico. Partículas subatômicas transmitidas mais rápido que a velocidade da luz…*

Kate doara sangue a David em uma transfusão, mas aquilo não poderia ter mudado seu genoma, não poderia ter lhe dado o Gene Atlântida; ainda assim, havia uma conexão entre eles.

— Acho que tem algo a ver com o Gene Atlântida… ele ativa uma espécie de corrente biológica quântica…

— Tudo bem, pode parar por aí. Chega de baboseiras científicas. Você e eu precisamos conversar.

Kate afastou-se.

— Então, fale. Você não precisa de um convite formal.

— Você me deixou.

— O quê?

— Gibraltar. Eu confiei em você…

— Devo lembrar que você foi baleado… *três vezes*? Keegan estava prestes a matá-lo.

— Não matou.

— Eu fiz um pacto com ele…

— Não, não fez. Ele precisava de mim. Queria que eu matasse Sloane. Estava jogando conosco. Você devia ter vindo falar comigo…

— Está falando sério? David, você mal conseguia andar. Keegan me disse que a casa estava cheia de seus homens, agentes da Immari. E eles *eram* homens dele, não eram?

— Eram…

— E o que você teria feito? Estava cercado…

— Eu não teria mentido para você. Eu não teria dormido com você e partido à noite.

O ódio percorreu o corpo de Kate. Ela se esforçou para manter a compostura.

— Eu nunca menti para você…

— Você não confiou em mim. Você não falou comigo…

— Eu salvei sua vida. — Kate se levantou e balançou a cabeça. — Eu fiz o que fiz. E pronto.

— Faria isso de novo?

Kate resistiu à ânsia de responder.

— Responda!

Ela o encarou, e ele a fuzilou com o olhar de volta. Estava tão diferente. Ainda assim, era o homem que ela…

— Sim, David. Eu faria de novo. Você está aqui. Eu estou aqui. Nós dois estamos vivos.

Havia algo mais que ela queria dizer, mas não podia, não enquanto ele estivesse olhando para ela daquele jeito, com aqueles olhos frios, impassíveis.

— Não quero ter ninguém sob meu comando que não confie em mim.

Kate explodiu.

— Sob seu *comando?*

— É isso aí.

— Bem, isso é ótimo, porque eu não quero me juntar a um exército, ou seja lá o que você estiver aprontando por aqui.

Ouviram uma batida na porta e, para Kate, parecia um sopro de vida para um moribundo. Ela abriu a boca, mas David interrompeu.

— Não é uma boa hora…

— É Kamau. É urgente, David.

David e Kate trocaram os lençóis que seguravam por roupas. Vestiram-se de costas um para o outro. David olhou para ela com frieza, mas educadamente, e quando ela assentiu, ele abriu a porta.

— David… — começou Kamau.

— O que…

— O velho.

— O que tem ele?

— Está morto.

David olhou para Kate, seu rosto mudou, a rispidez desapareceu instantaneamente. Ela viu comiseração e o homem por quem havia se apaixonado. A euforia lutava contra a dor que sentiu ao ouvir as notícias de Kamau. Em seguida, houve o choque: o rosto de Martin estava queimado, mas não estava muito ferido. O tratamento da praga de Chang havia falhado repentinamente? O que Kate faria sem ele? Ela nunca agradeceu. Quais foram as últimas palavras dela para ele?

— Obrigado por… avisar — disse David.

— Você precisa vir agora, David. Armado.

— O quê?

Kate olhou ao redor para certificar-se de que estavam sozinhos.

— Acho que alguém o assassinou.

Martin jazia tranquilamente no sofá de couro branco na sala de estar que ficava no convés superior.

Todos estavam lá: Kate, David, Kamau, Shaw e os dois cientistas, Chang e o cientista europeu, que finalmente se apresentou como dr. Arthur Janus. Kate encarou Martin por um momento antes de cruzar a sala e ajoelhar-se ao seu lado.

Tentou manter as emoções sob controle. Ele fora o mais próximo que ela já tivera de um pai. Não estava à altura da missão, mas certamente tentou. E, por algum motivo, aquilo tornava as coisas ainda mais difíceis para Kate. Ela tentou clarear a mente. Precisava se concentrar.

As palavras de Kamau ecoaram em sua mente: *Acho que ele foi assassinado.*

Ela não viu nenhum sinal de luta. Verificou as unhas. Sem pele nem sangue. Havia algumas escoriações, mas nada que Kate pensasse ser mais recente que os ferimentos da fuga da barca da praga. Martin parecia o mesmo quando Kamau o puxou da água. Ela mirou o africano com olhos questionadores, como se perguntasse: tem certeza?

Ele inclinou a cabeça levemente.

Kate tateou o pescoço de Martin. Sim… ela moveu a cabeça um pouco, testando o alcance de movimento. Alguém quebrara o pescoço… Kate sentiu a garganta fechar. Quem fez aquilo estava naquela sala, olhando para ela naquele momento.

— Kate, sinto muito sobre Martin — começou Shaw. — Eu realmente sinto, mas temos de sair deste barco e seguir nosso caminho. Você não está segura aqui.

Shaw vira também? Ele sabia?

— Ela não vai a lugar nenhum — disse David.

— Ela vai — insistiu Shaw. — Agora, me diga aonde está nos levando e eu cuidarei para que alguém nos busque.

David ignorou o homem. Deu um passo na direção de Kate.

Shaw agarrou seu braço.

— Ei, estou falando com você.

David girou e o empurrou, quase levando Shaw ao chão.

— Toque em mim de novo e eu jogo você para fora do barco.

— Por que esperar? Pode fazer isso agora mesmo.

Kamau foi para trás de David para avisar Shaw que seriam dois contra um.

Kate correu para ficar entre os três homens.

— Tudo bem, já basta de demonstrações de testosterona.

Ela agarrou o braço de David e o puxou.

Capítulo 58

Norte de Marrocos

— Obrigado, senhor, por me salvar — disse o piloto.

Dorian cortou um pedaço de carne torrada com a faca e o engoliu.

— Nem comente. Estou falando sério. Com ninguém.

O piloto hesitou.

— Sim, senhor.

Comeram em silêncio por um momento, até o melhor da carne terminar.

— Isso me lembra dos acampamentos com meu pai quando criança.

Dorian desejou que o idiota alegrinho ficasse quieto ou desmaiasse. Ele olhou para o ferimento do homem novamente, para os sinais de infecção. Sem dúvida perderia a perna… se ficasse vivo até de manhã. Algo sobre aquele pensamento fez Dorian responder.

— Meu pai não era muito… de acampar.

O piloto do helicóptero começou a falar, mas Dorian continuou.

— Era militar. Tinha muito orgulho disso. E de sua participação na Immari Internacional, claro, mesmo que, quando eu era criança, fosse mais como um clube, um compromisso social. Só virou uma preocupação mais tarde. A única coisa que fazíamos juntos era assistir a paradas militares. Na primeira, eu soube o que queria ser. Ver os homens do Kaiser todos alinhados em fileiras, marchando no ritmo, a batida da música no meu peito.

— Incrível, senhor. Desde então soube que queria ser soldado?

Dorian havia dito ao pai naquela noite. *Quero marchar na frente, Papa. Por favor, compre um trompete. Serei o melhor trompetista em todo o exército do Kaiser*. O renascimento de Dorian nos tubos removeu as cicatrizes das pernas e da lombar, mas ele ainda conseguia lembrar da surra que seu pai lhe dera. *Isso é o que o mundo faz com os trompetistas, Dieter*.

— Sim. Desde então eu soube. Um soldado…

Mas quando ele soube, quando se transformou no que era? Naquele dia, em 1986, quando saiu do tubo. Estava diferente. Era Ares. Era verdade. Estava tão claro, agora. Mas…

— Espere aí. O senhor disse exército do *Kaiser*?

— Disse. É… uma longa história. Agora, fecha o bico e descansa. É uma ordem.



Dorian ficou acordado quase a noite toda e dormiu apenas algumas horas, mas se sentiu incrivelmente revigorado quando acordou. Os primeiros raios de sol emergiram a leste e, aqui e ali, a floresta tomou vida.

Dorian também acordou com uma ideia. Por que não havia pensado nisso antes? Precisava agir rápido para que tivesse alguma chance de sucesso.

Ele engatinhou até o piloto. Seu fôlego era curto. O ferimento continuava a vazar sangue na terra da floresta, espalhando uma poça preta e carmim ao redor dele. Às vezes, ele se retorcia.

Dorian afastou-se dele e sentou-se em uma pedra por um bom tempo, ouvindo, tentando tomar um rumo. Quando teve certeza, verificou a pistola e partiu.



Dos arbustos, Dorian conseguiu ver dois berberes. Um dormia no chão, o outro, provavelmente um oficial, em uma tenda. Tinha quase certeza de que havia apenas dois; apenas dois cavalos estavam amarrados a uma árvore próxima.

Ao lado da fogueira baixa, estava um facão. Dorian o usaria. Tiros chamariam a atenção, e não havia necessidade. Dois berberes sonolentos não seriam problema.



Dorian esporeou o cavalo novamente. Ele deslizava pela floresta. No acampamento, ele primeiro faria a ligação, diminuindo o horário da extração. Quanto tempo levaria para ele e o piloto chegarem lá a cavalo? Uma pergunta melhor: quanto tempo tinha o homem? Dorian gostaria de saber. Aquele seria o prazo final. Os cavalos salvariam a vida do piloto. Esporeou o cavalo outra vez e este reagiu. Puxou o outro atrás dele pelas rédeas e ele acertou o passo. Animais incríveis.

No acampamento, reduziu a velocidade e apeou antes de os cavalos pararem.

— Ei! Levante.

Foi até o telefone via satélite.

Não houve resposta do piloto.

Dorian hesitou. *Não*. Ele virou. Sabia o que vira, ainda assim correu até o camarada. Pôs dois dedos no pescoço do homem. Sentiu a pele fria antes de saber que não havia pulsação, mas deixou os dedos lá por um segundo, encarando os olhos fechados.

A raiva pulsou dentro dele. Quase chutou o corpo do homem. Queria cair de joelhos e socá-lo no rosto — por morrer, por atrasá-lo, por… tudo. Levantou-se e os cavalos agitaram-se, afastando-se dele. Um relinchou e saltou. Bichos estúpidos, fedidos. Ele se virou para bater em um deles, mas estavam fora do alcance. Não importava. Cavalgaria um deles até matá-lo, depois montaria o outro e faria o mesmo.

Ele correu até o telefone via satélite.

— Operações de Frota.

— Passe-me para o capitão Williams.

— Identifique-se.

— Quem diabos você acha que é? Quantas ligações erradas vocês recebem hoje em dia? Ponha Williams na linha ou vou rachar você ao meio quando eu sair deste inferno!

— U-um m-momento, s-senhor.

Dois segundos se passaram.

— Williams…

— Mudança de cronograma. Estarei na zona de aterrissagem em menos de uma hora.

— Podemos chegar lá…

— Em menos de uma hora! Uma hora ou menos. Já revelam fotos nesse tempo, então é melhor que você esteja lá, desgraçado. Se eu tiver de voltar até a frota sozinho, sua expectativa de vida vai cair bastante, capitão.

Dorian ouviu o capitão gritar para aprontar os helicópteros.

— Nós… estaremos lá, senhor.

— A garota…

— Estamos cuidando bem dela…

— Livre-se dela.

— O senhor quer…

— Não me importa aonde ela vá, só é melhor ela ter desaparecido quando eu voltar.

Dorian desligou o telefone.

Montou no cavalo mais próximo e o esporeou o mais forte que pôde.

Capítulo 59

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

— Shaw o matou — disse David, sem rodeios.

Kate encolheu-se e olhou para a porta fechada da cabine.

— Fale baixo.

— Por quê? Ele sabe que matou. Ele sabe que eu sei.

Kate fitou seus olhos. Estava tão furioso. Conseguia ver em seu corpo, ouvir na voz, mas conseguia também sentir — em um nível mais básico, como se alguma parte dela estivesse nele e vice-versa. A raiva parecia exalar dele e derramar-se dentro dela, como o calor saindo do asfalto na estrada. Sentiu como ele a contagiava, sentiu-se firmando pé contra ele, preparando-se de forma subconsciente para outra briga. Tudo estava saindo rapidamente do controle. Ela precisava impedir, precisava começar em algum lugar. Kate tomou uma decisão: começaria com David. Ela precisava dele, o desejava, não conseguiria avançar sem ele… *não avançaria* sem ele.

David estava caminhando no quarto, pensando, pensamentos obscuros, foi o que Kate sentiu. Ela estendeu a mão e esperou que ele se aproximasse. Sem dizer palavra, ela o guiou até a cama e fez com que sentasse. Ajoelhou-se diante dele.

— Quero que fale comigo. Pode ser? — Ela tomou o rosto dele entre as mãos.

David manteve os olhos baixos, evitando-a.

— Vou prender todos, Kamau também, apenas para garantir. Vamos deixá-los em algum lugar. Não importa onde. Terá mais comida para nós dois. Então, preciso entrar em contato com os britânicos e os norte-americanos. — Ele balançou a cabeça. — A frota de Sloane está na costa de Marrocos. Por que eles não atacaram ainda? Por que esperam? Poderíamos terminar a guerra bem rápido. Estão sem combustível? De jato, talvez, mas eles têm submarinos nucleares, toneladas deles. Vamos deixá-los em algum lugar, em seguida começamos a capturar os acampamentos da Immari, fazer julgamentos de guerra no local. Vamos fazer isso rápido.

— David…

Ele ainda não olhava para ela.

— Parece brusco, eu sei, mas é a única maneira. Talvez tudo se resuma a isto: a praga. É o último teste. O Arrebatamento, o dia de avaliar se as pessoas serão expostas pelo que realmente são. Você deveria ter visto o que estão fazendo, Kate. Sim, é uma prova, uma oportunidade… de limpar o mundo de qualquer pessoa sem moral, sem valores, sem compaixão pelo próximo.

— As pessoas estão desesperadas, não são elas mesmas…

— Não, eu acho que a praga revela o que elas *realmente são*, se ajudam os menos afortunados ou viram as costas e deserdam a própria espécie, deixando-a morrer. E agora sabemos quem eles são. Vamos capturar todos os Immari e todos os simpatizantes da Immari e destruí-los. O mundo depois disso será um lugar melhor. Um lugar pacífico, um mundo onde as pessoas se importam umas com as outras. Sem guerra, sem fome, sem…

— David. David. Este não é você.

Ele olhou para ela pela primeira vez.

— Bem, talvez este seja o *novo* eu. É um tipo de piada interna.

Kate cerrou os dentes. Queria lhe dar uma bofetada.

— Você parece alguém que conheço. Ele quer reduzir a população mundial, eliminar pessoas que não se encaixam em sua visão de ser humano ideal.

— Bem… talvez Sloane tivesse a ideia correta, apenas a execução estava errada. Com perdão do trocadilho.

Kate estava prestes a explodir. Fechou os olhos. Precisava contornar a briga, redirecionar, estender o assunto para poder entender o que havia acontecido com ele, por que ele havia mudado. Concentrar-se nos fatos. Ela ouviu David murmurando ao fundo.

— Digo, se houve problemas com os submarinos, eles poderiam lançar alguns mísseis cruzadores se eles…

— Eu sei por que eles não estão atacando a frota da Immari.

— Espere aí, como assim?

— Vou lhe dizer, mas você precisa me contar o que aconteceu com você.

— Comigo? Nada. Apenas outro dia, como outro qualquer.

— Estou falando sério.

— Bem, vamos ver… por onde começar… Sloane me matou… duas vezes, na verdade. — Ele ergueu a camisa. — Viu, sem cicatrizes.

A pele estava lisa, como a de um recém-nascido. Kate não havia percebido antes, quando estavam… Com toda a força de vontade que tinha, ela lutou contra o desejo de se afastar dele. O que ele *era?*

— Eu… não entendo.

— Bem-vinda ao clube. Já ouviu o bastante?

— Conte *tudo*.

— Tudo bem. Após a segunda morte de David Vale, eu, claro, acordei em uma estrutura atlante misteriosa, o que, você sabe, faz todo o sentido. Havia apenas uma saída, estava como um rato em um labirinto. O tal labirinto me jogou nas colinas sobre Ceuta. — Ele fitou o nada, como se lembrasse do fato. — Foi terrível. Era um deserto devastado. A reunião de todos os meus medos, tudo que lutei para impedir: a Immari, o Protocolo Toba, bem ali, na minha frente, em todo o seu horror. Meu total fracasso. Ver aquilo foi surreal. As patrulhas da Immari me capturaram, me levaram para dentro da base. Então, vi o que era, o que eles estavam fazendo lá.

Kate assentiu.

— E você decidiu combatê-los.

— Não. Não no início, eu estava envergonhado. Muito envergonhado. Meu primeiro impulso foi fugir do acampamento e encontrar você. — Ele olhou para ela e, naquela fração de segundo, Kate viu o homem por quem havia se apaixonado. Era forte e vulnerável e… David.

Ele virou o rosto.

— Mas não tinha ideia de onde você estava, nem uma pista por onde começar. Foi quando decidi lutar, tomar a base.

— David, isso mudou você de alguma forma.

— Antes, eu matei centenas de pessoas… inferno, eu nem sei quantas. A maioria era de caras ruins tentando me matar ou à minha equipe naquele momento… bem, exceto aqueles em quem atirei com um fuzil de precisão, mas o princípio geral era o mesmo. Ceuta foi diferente. Diferente de seguir ordens. *Eu* tracei o plano, vendi meu plano a alguns homens e, quando chegou a hora, apertei o botão que matou milhares de soldados e estourou a guerra naquele lugar. Foi minha carnificina, e eu pensei que fosse justo, que eles mereciam. E quero terminar o combate. Sinto o impulso queimando dentro de mim como fogo. Quero mais. Quero varrê-los da face da Terra, agora, enquanto podemos.

Kate entendeu. Seu abandono em Gibraltar, sua decisão de lutar em Ceuta. Os ferimentos não se curariam do dia para a noite, e o ódio não esvaneceria tão cedo. Mas havia uma brecha, uma janela onde ela poderia entrar para pegá-lo. David mexeu nos lençóis. Estava vulnerável agora e ela sentiu que suas próximas palavras determinariam o que aconteceria com “eles” e, talvez, com o destino de muitos outros. Ela falou baixinho:

— Preciso de sua ajuda, David.

Ele virou a cabeça, mas não disse nada.

— Nas próximas quarenta e oito horas, noventa por cento da população vai

morrer.

— Como?

— A praga, ela sofreu mutação. Houve uma explosão na Alemanha…

— Sloane. Ele levou a caixa para fora da estrutura na Antártida.

— O conteúdo daquela caixa emitiu uma assinatura de radiação que varreu o globo. A radiação mudou a praga. Não há defesa contra ela agora. A Orquídea falhou. Cada nação da Terra está enfrentando infecção e morte disseminadas. Estão entrando em colapso. Mas acho que posso encontrar uma cura. Martin estava trabalhando com um grupo de resistência chamado Continuity. Inclui o pessoal do ccpd. Acho que ele estava perto de encontrar uma cura. Tenho as anotações dele, mas preciso de sua ajuda.

— Você acha…

— Tem outra coisa. Algo que preciso dizer. Estou apaixonada por você, David, e sinto muito se o magoei ao deixar Gibraltar. Desculpe por não contar sobre Keegan. Desculpe se não confiei em você. Não vai ocorrer novamente. Não importa o que aconteça, a partir de agora, você e eu terminaremos isso juntos. E, para constar, não me importo quantas vezes você morreu ou que cicatrizes você tem ou não tem.

Ele a beijou na boca e foi como o beijo de Gibraltar. Ela pareceu sentir a fúria se esvaindo dele, como se o beijo estivesse abrindo alguma válvula de pressão que estava prestes a explodir.

Quando se separaram, ele a encarou, a suavidade de volta aos olhos.

— E mais uma coisa, vou seguir as suas ordens.

— Na verdade… acho que talvez você deva dar as ordens por um tempo. Estou meio que… me afastando das coisas, tomando um pouco de perspectiva, lembrando algumas das coisas que acabei de dizer. — David sacudiu a cabeça. — Não é a coisa mais sã que já saiu da minha boca ou totalmente racional também. E você parece saber o que está acontecendo. Você pensa, eu atiro.

— Posso fazer isso.

David levantou-se e olhou ao redor da cabine.

— Um cruzeiro com assassinato misterioso e uma contagem regressiva para um apocalipse global. Que segundo encontro.

— Não dá para ficar entediada ao seu lado.

— Só estou tentando mantê-la interessada. Agora, por onde quer começar: pela praga ou pelo assassino de Martin?

— Acho que…

O barco de repente perdeu a velocidade. Kate sentiu como se estivesse quase parando sobre a água.

— O que está havendo?

— Não sei.

David pôs o braço ao redor dela e a levou até o outro lado do quarto. Apontou para o corredor que levava a um lanço curto de escadas e até o fundo, um banheiro principal sofisticado. Ele lhe entregou uma pistola.

— Fique aqui. Tranque a porta. Eu…

Ela o beijou novamente.

— Tome cuidado. Esta é sua primeira ordem.

Capítulo 60

Frota Avançada Alfa da Immari
Próximo a Tânger, Marrocos

Dorian entrou a passos largos na ponte do navio. Os homens viraram-se rapidamente e se levantaram, empertigados.

— General na ponte!

— Você tem uma mensagem para mim — disse Dorian ao capitão.

O capitão entregou-lhe um pedaço de papel, e Dorian o desdobrou.

Estou com Warner.
Ela tem o código.
Solicito extração.
Ela está bem guardada.
Em iate perto de Ceuta.
Destino desconhecido.
Esteja a postos.

Dorian considerou as opções. Se aqueles malditos britânicos não tivessem minado os estreitos, sua frota poderia alcançá-los. O controle berbere de Ceuta e do norte de Marrocos também limitava suas opções.

— Enviamos navios de Fuengirola atrás deles — disse o capitão.

— Tempo estimado de interceptação? — perguntou Dorian.

— Desconhecido.

— Como assim, *desconhecido*?

— Estão se movendo a quase trinta nós. Não temos um barco rápido o bastante para pegá-los.

Dorian balançou a cabeça.

— Mas, se eles reduzirem a velocidade ou pararem, nós os pegamos. Ou… se entrarem em algum porto, poderemos encurralá-los.

— Notifique nossa fonte. E me traga um mapa do raio de tiro de Ceuta. Preciso saber como desviar das armas deles em voo.

Capítulo 61

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

David esperou na porta de seu quarto e de Kate, ouvindo, esperando qualquer som, qualquer pista sobre o que estava acontecendo no barco. Os motores haviam parado completamente, e o iate de cento e trinta pés singrava o mar quase em silêncio agora. David olhou pelas janelas que iam do chão ao teto e levavam até a sacada.

Ele se afastou da porta. Se quem matara Martin estivesse tomando o barco, eles estariam diante da cabine principal, esperando por ele.

Saiu na sacada. Não havia outros barcos à vista. Mesmo as luzes de Ceuta haviam diminuído, restando apenas a lua para iluminar o barco.

David avançou com cuidado na sacada e espreitou para dentro do bar — o espaço de convivência ao lado do quarto. Vazio.

Minúsculas luzes recuadas piscavam, iluminando as luxuosas acomodações de estar e jantar.

O convés principal era dedicado inteiramente à cabine principal e às salas de jantar e estar. O convés inferior embaixo deles abrigava as cabines da tripulação e de hóspedes.

Supondo que ele permanecesse vivo nos próximos minutos, levaria Kate para o espaço entre os conveses, para um quarto sem sacada e com menos janelas. Seria mais fácil protegê-la. No entanto, também poderia recolher a sacada para dentro do barco, fechando a entrada lateral da cabine principal. Melhoraria a proteção? Teria de verificar isso mais tarde.

Naquele momento, ouviu passos do deque acima: o deque superior. Ele abrigava a cabine de comando do navio, uma cabine de hóspedes espaçosa e uma área de descanso interna e externa.

David saiu da cabine rapidamente e subiu as escadas, a arma à frente do corpo.

O salão superior estava vazio.

Ele ouviu vozes na cabine de comando. Foi a passos silenciosos na direção

dela.

Dr. Janus estava lá, o mesmo olhar impassível no rosto, sem sinal de preocupação ao ver David e sua arma. David vasculhou a sala. Kamau e Shaw estavam a bombordo, discutindo. Eles viraram para ele e o fitaram.

— David… — começou Kamau.

A mente de David acelerou. Chang.

— Onde está Chang?

— Não o vimos…

David correu para fora da cabine, de volta para o salão superior. Estava prestes a descer as escadas quando a porta do banheiro do salão se abriu. Chang saiu devagar, aparentemente falando sozinho.

David girou, ainda segurando a arma estendida, e diminuiu a distância entre eles.

Chang quase caiu de volta para o banheiro. Ergueu as mãos, trêmulo.

— Me… me desculpe, eu não sabia se era para dar descarga… então senti o barco parar… eu…

Kamau, Shaw e Janus entraram no salão. O africano falou primeiro.

— Estamos sem combustível.

David abaixou a arma, mas ainda a segurava com firmeza.

— Impossível, tínhamos metade do tanque quando saímos do porto em Ceuta.

— Verdade — disse Kamau. — Mas tem um buraco na linha de combustível. Estávamos vazando.

David encarou os quatro homens. Um deles havia matado Martin e cortado a linha de combustível. Queria o barco à deriva. Para quê? Uma extração?

Shaw tomou a palavra.

— Pode haver outros danos. Há buracos de bala na sala do motor.

Kamau assentiu levemente, confirmando que havia danos.

Buracos de bala, pensou David. O barco havia tomado tiros dos soldados na barca da praga ou durante os tiroteios em Ceuta? Era possível…

Um plano formou-se na sua mente. Ele precisaria arrumar o vazamento de combustível antes de prosseguirem, mas o tamanho do vazamento — se foi cortado ou simplesmente danificado por uma bala — talvez revelasse o assassino.

— Onde vocês estavam exatamente agora?

— Eu estava na cozinha, preparando comida — disse Janus.

— Eu estava na cabine — disse Kamau. — Não tinha pensado em verificar o combustível, mas, quando vi nossa situação, desliguei os motores.

— Eu estava… — começou Chang — … usando o toalete.

Shaw pigarreou e endireitou as costas.

— Na verdade, eu estava prestes a bater na sua porta e exigir que soltasse a dra. Warner. Uma exigência que faço agora, especialmente em vista das circunstâncias…

David esperava que um dos cientistas tivesse visto Kamau, esperava que ele tivesse um álibi. David queria desesperadamente excluí-lo disso. Seus principais suspeitos eram Shaw e Chang, nessa ordem.

— Quero suas armas.

— Eu… não tenho arma.

— Não estou falando com você, dr. Chang. — David encarou Kamau e Shaw. Nenhum deles se moveu.

— David, há piratas no Mediterrâneo — disse Kamau. — Precisamos estar armados…

— É uma ordem.

Kamau assentiu, olhou para Shaw, em seguida estendeu sua pistola com o cabo na direção de David.

— Bem, você não pode me dar ordens e eu não vou abrir mão da minha…

— Entregue a arma ou atiro em você agora mesmo, Shaw. Quer arriscar?

David deu um passo na direção dele, erguendo a pistola na altura do peito.

Shaw praguejou e murmurou, mas acabou entregando a arma. David fez menção de sair do salão.

— Fiquem aqui, todos vocês. — Meneou a cabeça para Kamau. — Traga meu fuzil de precisão e nossos fuzis automáticos.

Ele sabia que nem Kamau nem Shaw precisariam de uma arma para matá-lo ou a Kate, mas garantir que tivessem de enfrentá-lo corpo a corpo lhe dava um pouco mais de tranquilidade. Se acontecesse uma luta mano a mano com um dos homens, ele teria chances.

Kate esforçou-se para ouvir o que estava acontecendo lá em cima. Ouviu alguns passos, mas nenhum tiro. Era um bom sinal. Considerou sair do banheiro para pegar o telefone via satélite e ligar para a Continuity. Queria descobrir quanto tempo tinha, qual era a situação. Ouviu a porta da cabine se abrir.

Ela começou a chamar David, mas hesitou. Alguém estava correndo pelo quarto, vasculhando-o.

Bateram na porta do banheiro.

— Quem…

— É David.

Kate abriu. O alívio tomou conta dela.

— O que aconteceu?

— Estamos perdendo combustível.

— Perdendo…

— Alguém sabotou o barco ou uma bala cortou a linha de combustível. Acho que foi sabotagem. — Ele a levou para o quarto. Havia revirado a cabine toda.

— O que você está procurando?

— Um cofre. — Ele apontou para um cofre de parede com combinação. Estava fechado, mas um cofre menor, portátil, que talvez tivesse um grande colar, estava aberto. Várias armas e pentes de fuzil estavam lá dentro. David fechou-o e entregou a chave para Kate. — Você e eu temos armas agora. Apenas nós. Precisamos decidir o que fazer a partir de agora. Vamos nos concentrar. Um deles não é quem diz ser. Seus próximos atos podem revelar quem é.

Capítulo 62

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

David levou Kate pelas escadas até o deque superior, onde os quatro homens esperavam. Kamau e Shaw estavam em pé e caminhavam com impaciência; Chang e Janus estavam sentados, encarando as janelas do barco como se não tivesse nada de errado.

David olhou para Kamau.

— Quanto combustível temos?

— Menos de um quarto da capacidade total.

— Alcance?

— Depende de nossa velocidade…

— Podemos chegar até a costa?

Kamau hesitou. Aquilo deixou David nervoso.

— Imaginando que a gente conserte o vazamento, acho que sim, mas não há garantia de que encontraremos combustível lá.

— Somos alvos fáceis aqui — disse Shaw. — Este iate de luxo é uma presa suculenta no Mediterrâneo. Piratas estarão aqui em poucas horas, certamente quando o sol nascer.

David queria rebater o argumento, mas… era verdade. No mundo pós-praga, para aqueles que sobreviveram ao surto inicial e evitaram a Immari e os Distritos Orquídea, os mares eram mais seguros que a costa. Muita gente estava esperando a praga em barcos espalhados pelo Mediterrâneo. Sobreviventes podiam pescar e coletar água da chuva — muitos deles em barcos como aquele. O iate de cento e trinta pés era uma presa irresistível e atrairia piratas.

Como David não respondeu, Shaw continuou:

— Kate, preciso que você use seu telefone via satélite. Consigo apoio aéreo do meu governo em questão de horas. Você sabe que estamos correndo contra o tempo. Estaremos em Londres logo. Vai poder continuar sua pesquisa lá e, assim esperamos, salvar algumas vidas.

Chang e Janus levantaram-se ao mesmo tempo.

— Gostaríamos de ir…

— Ninguém vai a lugar nenhum — disse David.

— Estávamos fazendo nossa pesquisa — disse Chang.

— Que tipo de pesquisa? — perguntou Kate.

— Pesquisando uma cura — disse Janus. — Estávamos perto de uma cura permanente, ou no mínimo de uma alternativa à Orquídea. Trabalhávamos em segredo, escondendo nossas descobertas da Immari.

— O tratamento que deu a Martin — disse Kate.

— Sim — confirmou Chang. — Era nosso último protótipo. Não tem cem por cento de eficácia, mas era um risco válido.

Kate sussurrou no ouvido de David:

— Posso falar com você?



No espaço entre os conveses, Kate virou-se para David e disse sem rodeios:

— Você sabe que Shaw tem razão.

David olhou pela janela. A opção de Shaw era a melhor. David não podia levar Kate de volta a Ceuta. Todos sabiam quem ela era. O fato de ela estar morena não enganaria ninguém. Se corresse o boato de que ela estava em Ceuta, o mundo inteiro atacaria a base.

Ele imaginou o que faria em Londres. Possivelmente era um fugitivo procurado, mas poderia cuidar disso.

Mas se Shaw tivesse matado Martin, se tivesse cortado a linha de combustível para armar tudo aquilo, David estaria entregando Kate a ele.

— Vou pensar — disse David, sem olhar para Kate.

— David, o que há para pensar? Venha conosco.

— Só… me dê algumas horas, Kate. Vamos consertar o barco.

David pensou que Kate o pressionaria, mas ela o encarou por um momento, então assentiu.

— Enquanto você pensa, quero trabalhar com Chang e Janus. Quero mostrar a eles as anotações de Martin. Estão escritas em um código que não consegui decifrar.

David teve de sorrir. Em Jacarta, Martin lhe enviou uma mensagem cifrada que desencadeou a sucessão de eventos dos últimos meses. O velho estava tentando alertar David, mas ele e sua equipe não conseguiram desvendar a mensagem rápido o bastante.

— Martin amava seus códigos. — David considerou as implicações.

Certamente ajudou a causa: Kate poderia fazer avanços em uma cura enquanto ele pensava no que fazer. — Só não deixe que façam ligações telefônicas — disse ele.



Kate passou uma hora discutindo as anotações de Martin com o dr. Chang e o dr. Janus. Os dois homens ouviram atentamente, erguendo a mão às vezes e fazendo perguntas.

Quando Kate terminou, eles apresentaram sua pesquisa, começando com um pouco de seus históricos pessoais. Os dois homens se levantaram ao se apresentar ao grupo.

Kate achou a história do dr. Chang muito parecida com a de Martin. Shen Chang tinha sessenta e um anos e se uniu à Immari Research logo depois da faculdade de medicina. Ele se enamorou pela pesquisa, pelas possibilidades, mas logo descobriu a verdade sobre a Immari. Passou a carreira tentando impedir as piores atrocidades da Immari, mas, no fim das contas, como Martin, foi enredado e fracassou.

— Tem algo que preciso contar para a senhorita, dra. Warner. E entenderei completamente se não quiser mais trabalhar comigo. Eu era o cientista-chefe na usina da Immari em Qino. Eu estava lá no dia em que colocaram a senhorita na sala do Sino.

Um longo silêncio se fez e, finalmente, Kate disse:

— Estamos trabalhando do mesmo lado agora. Vamos nos concentrar no trabalho que temos, encontrar a cura.

— Gostaria muito. Tem outra coisa. A senhorita me parece… muito familiar. Imagino se não nos encontramos antes.

Kate examinou o rosto do homem.

— Eu… acho que não.

— Ah, bem, minha memória não é como costumava ser, dra. Warner.

— Me chame de Kate. Vocês dois.

Quando Chang terminou, Janus contou sua história. O dr. Arthur Janus era um biólogo evolucionário e virologista com interesse em evolução viral, o estudo de como os vírus se transmutam e adaptam.

— Eu estava em uma missão para a Organização Mundial de Saúde, em Argel, quando a praga eclodiu — disse Janus. — Eu mal saí. Segui para Ceuta. A Immari me separou lá e fui colocado na barca da praga, alocado para ser assistente do dr. Chang.

Dr. Chang riu.

— Mas sou eu quem está trabalhando como assistente desde então. O dr. Janus é o gênio da nossa equipe. É responsável pelos avanços.

Os dois tentaram repassar os créditos.

Depois disso, descreveram sua pesquisa e abordagem. Kate ficou pasma, pois os homens lidavam com a praga de outro ângulo, buscando semelhanças com os surtos do passado e tentando encontrar alguém com resistência natural à doença que talvez tivesse uma anomalia genética que trouxesse imunidade à praga.

Janus fez um pouco de chá e serviu aos demais, em seguida se sentaram, bebendo chá e falando alternadamente. Depois que cada um se pronunciava, ficavam em silêncio para pensar nas considerações dos outros.

As discordâncias nunca eram diretas. Era muito bom, pensou Kate. O ambiente relaxado e o coleguismo facilitavam a concentração no trabalho, nas teorias.

Deixando toda a civilidade de lado, o grupo não estava avançando nas anotações de Martin.

O trabalho agora estava concentrado em uma página específica que continha uma espécie de código:

PIE = Immaru?
535...1257 = Segundo Toba? Novo Sistema de Disseminação?

Adão => Dilúvio/Queda A$ => Toba 2 => KBW
Alfa => Delta perdido? => Delta => Ômega
70MAA => 12,5MAA => 535...1257 => 1918...1978

Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida?

Teorias foram lançadas e coletivamente descartadas. Kate começou a temer que suas ideias se esgotassem.

Às vezes, ela ouvia batidas da sala de motores abaixo deles, que eram inevitavelmente seguidas por uma meada de xingamentos, sempre Shaw e David, um para o outro. Terminava apenas quando Kamau intervinha com sua voz grave de barítono, sempre o mesmo refrão que interrompia o coro de imprecações e reclamações: “Senhores, por favor!”.

Kate se perguntou se restaria alguma coisa do motor quando terminassem.

De forma geral, parecia que havia uma briga de bar no espaço entre os conveses e um clube do livro logo acima.

Depois de uma porção de batidas intensas e um último “Senhores, por

favor!” de Kamau, David veio lá de baixo, coberto de graxa.

— Estamos quase lá — disse ele. — Mas essa é a única boa notícia. Não temos combustível para chegar até a costa.

Kate assentiu. Ela considerou trazer à tona o plano de Shaw de ligar para seu governo, mas concluiu que não era hora. David ainda parecia tenso. O que faria se esses piratas aparecessem? Correriam para seu quarto, distribuiriam as armas e esperariam poder rechaçá-los? E, quem quer que tenha matado Martin, não daria um tiro nela ou em David no fogo cruzado?

David foi até a cozinha, provavelmente para lavar as mãos.

Janus deixou a xícara de chá de lado.

— A parte que me intriga mais é pie = Immaru. Parece quase uma referência cômica. Talvez seja feita para afastar quaisquer leitores malvados. Uma espécie de camuflagem. Deveríamos considerar omitir…

— O que você disse? — David havia saído da cozinha.

— Eu…

David pegou a página de códigos de Martin com a mão suja de graxa.

Kate tentou tirá-la dele.

— David, você está manchando…

— Sabe o que isso significa? — David perguntou a Kate.

— Não. Você sabe?

— Claro.

— Que parte?

— Tudo. Eu sei o que significa tudo isso. Não são anotações científicas. São referências históricas.

Capítulo 63

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

David olhou para Kate e para os dois cientistas, em seguida leu novamente o código de Martin.

PIE = Immaru?
535...1257 = Segundo Toba? Novo Sistema de Disseminação?

Adão => Dilúvio/Queda A$ => Toba 2 => KBW
Alfa => Delta perdido? => Delta => Omega
70MAA => 12,5MAA => 535...1257 => 1918...1978

Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida?

Ele estava certo? Sim, tinha certeza. Mas não começaria com a primeira parte — estava fora demais, era… fantástica demais, nem mesmo ele acreditava.

— Você poderia lavar as mãos? — pediu Kate.

David abaixou a página.

— Não é a Magna Carta…

— Para mim é. E talvez tenha a chave para encontrar uma cura para a praga.

Naquele momento, David pensou que ela não poderia estar mais linda. Estava sentada em uma poltrona de couro branco no bar luxuoso no deque superior, os outros dois cientistas sentados lado a lado no sofá adjacente. Três xícaras de porcelana branca, todas pela metade com o chá marrom, postos sobre a mesa de centro diante deles. A cena toda parecia bizarra, como se fosse após um *brunch* em um apartamento de cobertura em Dubai.

David entregou a página a ela e voltou para a cozinha. Lavou com cuidado as mãos e pensou novamente sobre o código. Sim, ele tinha razão. Lá embaixo, ouvia as batidas esporádicas na sala do motor. Shaw e Kamau estavam quase terminando. E depois? David precisava imaginar qual o próximo movimento. Sua decisão era crucial, e ele sentia o peso. Se pensasse errado, abrisse a guarda

para quem havia matado Martin e prejudicado o barco…

Ele voltou.

— Vocês realmente não sabem o que é isso? Vocês não estão brincando com a minha cara?

— Não.

No melhor dos casos, o olhar dos três cientistas era cético, e David teve de sorrir.

— Quer dizer que vocês botaram todos os cientistas do mundo nisso e precisaram desse velhote aqui, um humilde desistente da pós-graduação com um doutorado pela metade para desvendar essa coisa?

— Eu não sabia que você… Sério, um doutorando…

— História europeia, na Columbia…

— Por que desistiu? — perguntou Kate com um tanto de seu ceticismo se esvaindo.

— Por… motivos de saúde. Em setembro de 2001. — Ficar enterrado sob um prédio após um ataque terrorista e um ano de reabilitação física não eram "motivos de saúde" típicos, mas David não sabia ao certo como descrever. Aquele dia mudou sua vida, sua carreira. Ele teve de abandonar a vida acadêmica instantaneamente, mas nunca desistiu de seu amor pela história.

— Ah, certo… — disse Kate, baixinho.

— Eu comentei que gostava de história. — Ele imaginou se ela se lembraria da referência, de suas palavras em Jacarta.

— É, comentou — confirmou Kate, ainda discreta.

Ele levou um segundo para pensar no código. A teoria era que o código consistia em linhas gerais amplas da história humana, especificamente dos principais pontos de virada históricos. Mas… ele começaria com o que tinha mais certeza.

— A primeira coisa: pie não é torta em inglês, nem outro doce. É um grupo de pessoas.

Olhares vazios receberam-no.

— Pie significa Protoindo-Europeus. Possivelmente um dos grupos ancestrais mais importantes na história mundial.

— Proto… — Kate começou a falar. — Nunca ouvi falar neles.

— Nem eu — disse dr. Chang.

— Também não conheço — juntou-se ao coro dr. Janus.

— Não são muito conhecidos. A ironia é que são a civilização precursora para quase todas as pessoas vivas na Europa, no Oriente Médio e na Índia de hoje. Na verdade, metade da população mundial descende diretamente dos grupos protoindo-europeus.

Janus inclinou-se para a frente.

— Como sabe disso? O fundo genético…

David ergueu a mão.

— Nós, historiadores, temos outra ferramenta, tão importante quanto o fundo genético. Passou de geração em geração. Conseguimos marcar mudanças nela através de gerações e rastrear sua dispersão através do mundo… ela muda em diferentes locais.

Nenhum dos três cientistas apresentou uma hipótese ou comentário.

— A língua — disse David. — Sabemos que quase todos os países da Europa, Oriente Médio e Índia falam um idioma que descende de uma língua-raiz comum: o idioma protoindo-europeu, que era falado por um único grupo, os protoindo-europeus, cerca de oito mil anos atrás. Acreditamos que esse povo viveu ou na Anatólia ou nas estepes eurasianas… hoje em dia Turquia ou sudoeste da Rússia.

— Fascinante — murmurou Janus quando olhou pela janela.

— David, é interessante, mas não entendi direito como isso se relacionaria à praga — disse Kate com suavidade.

Janus olhou para David, em seguida para Kate.

— Eu concordo, mas, por outro lado, gostaria muito de ouvir mais sobre isso.

David deu uma olhada para Kate, que disse:

— Ao menos alguém por aqui me valoriza.

Janus continuou.

— Tenho duas perguntas. Primeiro: como sabe ser verdade o que está dizendo?

— Bem, não sabíamos nada sobre os pie até 1783, quando um juiz britânico chamado William Jones foi enviado para a Índia. Jones era um estudioso e linguista brilhante. Falava grego e latim e começou a estudar sânscrito, mais para se familiarizar com as leis nativas indianas, muitas das quais eram escritas em sânscrito. Jones fez uma descoberta notável: o sânscrito e as línguas ocidentais clássicas antigas eram estranhamente similares, o que era de todo inesperado. Quando comparou o sânscrito, o grego e o latim, percebeu que todos tinham um idioma ancestral comum. Aqui temos três idiomas separados por milhares de quilômetros e milhares de anos de desenvolvimento, ainda assim haviam evoluído de uma língua-raiz comum: o que chamamos hoje de idioma protoindo-europeu. Jones era um estudioso de verdade e fuçou ainda mais no mistério. As revelações foram chocantes. Outros idiomas também eram protoindo-europeus, e não apenas os obscuros, mas também todas as principais línguas-raízes, da Índia à Grã-Bretanha. Latim, grego antigo, nórdico antigo, rúnico, gótico… todos

derivavam do idioma protoindo-europeu. A lista de idiomas modernos é extensa. Todas as línguas germânicas, inclusive o norueguês, sueco, dinamarquês, alemão, inglês…

Janus ergueu a mão e falou suavemente:

— Se o senhor nos permitir, gostaria de ouvir mais sobre os pie. Disse que havia outras línguas derivadas?

— Ah, sim, toneladas delas. Todas as línguas latinas: italiano, francês, português, espanhol… vejamos… todas as línguas eslavas: russo, sérvio, polonês. O que mais… as línguas dos Bálcãs. Claro, o grego; os gregos eram descendentes dos pie. Sânscrito, como mencionei; hindi, farsi, pashto. Há também toneladas de idiomas pie extintos. Hitita, tocariano, gótico. Na verdade, estudiosos foram capazes de trabalhar em retrocesso para reconstruir o idioma protoindo-europeu. E essa é realmente a base de tudo que sabemos sobre eles. Tinham palavras para cavalo, roda, agricultura, criação animal, montanhas nevadas e para o deus céu.

David hesitou, sem saber o que acrescentar em seguida.

— De forma geral, sabemos que os pie eram extremamente avançados para o seu tempo… o uso de cavalos, da roda, de ferramentas e agricultura fez deles uma força na região, e seus descendentes avançaram para dominar o mundo da Europa até a Índia. Como eu disse, hoje em dia mais ou menos metade do mundo fala um idioma indo-europeu. De muitas formas, eles são a última civilização perdida. — David fez outra pausa, em seguida olhou para Janus. — O senhor disse que tinha duas perguntas?

Janus estava mergulhado em pensamentos. Depois de um segundo, percebeu que todos estavam esperando que ele falasse.

— Ah, sim. Eu… gostaria de saber… onde estão agora.

— É um mistério. Nem sabemos ao certo onde procurá-los. O que sabemos deles tem base na reconstrução do idioma e nos mitos… especificamente a mitologia que passaram aos grupos descendentes junto com a língua. Essas são as ferramentas da história: idioma, lendas e artefatos. Neste caso, não temos muitos artefatos, apenas o idioma e os mitos.

— Mitos? — perguntou Janus.

— Agora, estamos reconstruindo o passado com base em mitos compartilhados entre culturas… esses são exemplos de onde a mesma história aparece com leves mudanças. Obviamente, os nomes são alterados, mas o formato da narrativa é o mesmo. Uma crença comum é que havia dois progenitores da humanidade: irmãos, às vezes, gêmeos. Para os indo-arianos, eram Manu e Yemo; os germânicos têm lendas de Mannus e Ymir. Essas mitologias acabaram incorporadas às histórias. Para os romanos, Remo e

Rômulo; para os hebreus, Caim e Abel. Outro mito comum é o do Grande Dilúvio… aparece de alguma forma em toda cultura pie. Mas, predominantemente, o mito mais comum é o de uma batalha épica que termina com a morte de uma serpente, em geral um dragão de algum tipo.

Chang pegou a página.

— Parece que o dr. Grey tinha algum indício de quem eram os pie. O que significa: pie = Immaru? Não tenho familiaridade com Immaru.

David olhou para Kate. *Devemos contar para eles?*

Kate não hesitou.

— Os Immaru são, ou mais provavelmente eram, um grupo de monges nas montanhas do Tibete. Depois do incidente na China, onde David quase foi morto, eles nos resgataram.

Chang contorceu-se, e David pensou que ele estava prestes a dizer algo, talvez pedir desculpas, mas Kate continuou.

— Falei com vários dos monges. Um mais jovem, Milo, cuidou de nós, e um monge mais velho, Qian, me mostrou um artefato antigo: uma tapeçaria. Ele acreditava que era um documento histórico que fora passado por gerações durante milhares de anos. Ele mostrava quatro dilúvios. O primeiro era um dilúvio de fogo, que eu acredito ser a Catástrofe de Toba, uma erupção vulcânica de setenta mil anos que mudou a raça humana. A tapeçaria mostrava um deus salvando um bando moribundo de seres humanos. O deus lhes deu sangue. Acredito que a imagem era uma alegoria, uma representação de uma geneterapia que os atlantes aplicaram naqueles humanos à beira da morte. O gene, o Gene Atlântida, ajudou aquele pequeno bando de seres humanos a sobreviver no inverno vulcânico que sucedeu.

Dr. Chang assentiu com vigor.

— Isso casa com a hipótese da Immari de que o Gene Atlântida foi introduzido setenta mil anos atrás e que causou o cataclismo: uma mudança nas conexões cerebrais que separou a raça humana de outros hominídeos.

— Qian também me disse que a Immari atualmente é um grupo dissidente da Immaru, uma facção de monges que se separou milhares de anos atrás. A Immari cansou de alegorias e mitos. Desejavam buscar respostas na ciência e na arqueologia — disse Kate.

— Pode ser, mas não posso comentar — disse dr. Chang. — Nunca cheguei alto o bastante na hierarquia para saber a verdadeira história da Immari. Ela ficava bem guardada e protegida em seu próprio *status* mitológico. O dr. Grey certamente sabia da história, era membro do Conselho, um dos três diretores de posto mais alto. Acha que por isso ele incluiu a nota sobre Immaru e os pie? Eles têm algo relacionado à praga?

Kate pensou naquela suposição.

— Sei que Martin estava procurando algo. Suas palavras para mim foram: “Achei que estava aqui, no sul da Espanha, mas eu estava errado”. Talvez estivesse tentando rastrear a história dos Immaru e dos protoindo-europeus para encontrar o objeto… talvez eles o tenham. — Outro pensamento lhe ocorreu. — Os Immaru tinham um objeto, uma caixa. O segundo dilúvio reproduzido na tapeçaria era o dilúvio de água. Nele, o deus retorna e diz aos seres humanos para se arrependerem e mudarem para o continente, mas muitos se recusaram, ignorando os alertas. Mas os Immaru tinham fé. Eles seguiram o alerta e carregaram uma grande caixa para as regiões montanhosas.

— O que havia nela? — perguntou David.

— Não sei.

— Você não perguntou?

— Qian não sabia.

— Bem… com o que parecia?

— Uma grande caixa lisa que eles carregavam com varões.

— O que havia no resto da tapeçaria? — Ele esperava que aquilo lançasse mais luz sobre o código de Martin. As primeiras duas imagens confirmaram as teorias de David. Ele estava perto de desvendar a mensagem.

— O terceiro era o dilúvio de sangue. Um apocalipse global. O quarto era o dilúvio de luz. Nossa salvação. Qian disse que eram eventos que ainda estavam por vir.

— Acha que a praga é o dilúvio de sangue? — perguntou David.

— Acho.

— Contou a Martin sobre a tapeçaria?

— Contei.

David assentiu.

— A tapeçaria é uma cronologia. Relata os principais pontos de virada da história humana. Acredito que esse código também é uma cronologia: uma linha do tempo que Martin estava criando para decodificar a tapeçaria e tentar isolar os eventos específicos do passado… eventos que são a chave para encontrar uma cura para a praga.

— Interessante — murmurou Kate.

— Muito bem — disse Janus.

— Concordo — assentiu Chang.

David recostou-se na cadeira. Aquele era o objetivo do código de Martin, agora ele tinha certeza. O mistério que permanecia era: quem havia matado o homem e por quê? Havia sido alguém naquele barco. Fora um dos cientistas, por conta da pesquisa de Martin?

O som de botas no carpete fino interrompeu seus pensamentos e David virou-se para ver Shaw avançando sala adentro.

— Estamos prontos. Precisamos de uma decisão… — Ele olhou ao redor da sala, percebendo os quatro pela primeira vez. — O que está acontecendo aqui? A porra da hora do chá?

— Estamos discutindo as notas de Martin — disse Kate, apontando para a página na mesa de centro.

Shaw pegou a página rapidamente.

David avançou para cima dele e arrancou-lhe a página da mão.

— Não. Vai encher de graxa. — Ele colocou a página de volta sobre a mesa de centro. O olhar no rosto de Kate dizia: “É duro lidar com bárbaros, não é?”. Ele a conhecia muito bem. Ao fundo, ele ouviu Shaw explodir.

— Vocês estão de brincadeira? Estamos no meio de…

David lentamente virou a cabeça para Shaw, pronto para lutar, mas um brilho suave no horizonte chamou sua atenção. Encarou a luz por um momento, em seguida se levantou e foi até a janela. Sim, luzes na noite. Um barco. Dois. Que pareciam estar seguindo na direção deles.

Capítulo 64

Do Tibete a Tel Aviv

Milo tirou dos ombros a pesada mochila e foi até a beirada da plataforma de pedra. O planalto verde intocado a oeste do Tibete estendia-se até o horizonte, onde outra cadeia de montanhas encontrava o sol poente. A paisagem serena, pitoresca, lembrava-o do mosteiro. Sua mente logo voltou aos últimos momentos naquele lugar, o único lar que ele conhecia. Estava em cima de outra plataforma de pedra, olhando para baixo, observando os prédios de madeira queimarem, se esboroarem e despencarem montanha abaixo, deixando apenas uma face rochosa chamuscada, enegrecida.

Milo tirou a cena da mente. Recusava-se a pensar nela. As palavras de Qian ecoaram nele: “Uma mente que reside no passado constrói uma prisão da qual não conseguirá escapar. Controle sua mente, ou ela vai controlá-lo e você nunca mais vai cruzar as muralhas que ela construir”.

Milo limpou a mente e voltou para a mochila. Ele acamparia ali e partiria na primeira luz do dia, como fizera no dia anterior. Tirou a tenda, depois as armadilhas para animais e o mapa, que ele consultava toda noite. Achava que precisava ir para algum lugar perto da região da Caxemira, ao norte da Índia, ou Paquistão, ou para algum lugar ao leste do Afeganistão, mas, verdade seja dita, ele não tinha ideia de onde estava e não vira uma única alma, ninguém para dar alguma pista. Qian tinha razão quanto a isso: “Você vai caminhar por uma estrada longa e solitária. Mas terá tudo que precisa”.

A cada uma das perguntas de Milo, Qian tinha oferecido uma réplica rápida. Comida? “Os animais das florestas serão seus únicos companheiros e eles vão sustentá-lo”. Milo entrou na floresta como fazia toda noite e começou a montar as armadilhas. Pelo caminho, comia nozes e frutinhas. Em geral consumia o bastante para manter seus níveis de energia até que o café da manhã rico em proteína de carne chegasse na manhã seguinte.

Quando as armadilhas estavam prontas, ele erguia a tenda e estendia o colchonete. Sentava-se e concentrava-se na respiração, buscando a calma dentro de si. Aos poucos, ela chegava, e as lembranças e reflexões da mente

desapareciam. Tinha uma vaga consciência do sol escondendo-se atrás da cordilheira mais distante, puxando uma cortina de escuridão montanha abaixo.

À distância, ouviu o estalo de uma das armadilhas que montara. Haveria café da manhã no dia seguinte, isso era certo.

Milo retirava-se para a tenda, onde os últimos dois itens que Qian lhe dera estavam esperando no canto. Ambos eram livros. O primeiro se chamava *Hinos dos moribundos*, mas, para a surpresa de Milo, não havia canções, apenas três relatos simplórios.

A primeira história era sobre um pai que se sacrificava para salvar a filha. A segunda era sobre um homem e uma mulher que viajavam por um vasto deserto para encontrar o tesouro que seu ancestral lhes deixara, sua única esperança de curar o povo agonizante. A última parte contava a história de um homem humilde que matava um gigante e se tornava rei, mas renunciava ao seu poder, devolvendo-o ao povo.

Qian apontou para o livro.

— Este livro é um guia para o nosso futuro.

Milo hesitou.

— Como pode o futuro estar escrito?

— Está escrito em nosso sangue, Milo. A guerra é sempre a mesma, apenas os nomes e os lugares mudam. Há demônios sobre a Terra. Vivem em nosso coração e mente. Esta é a história da nossa luta, uma crônica da guerra passada que será repetida. O passado e nossa natureza preveem nosso futuro. Leia. Aprenda bem.

— Vai ter uma prova?

— Seriedade, Milo. A vida é uma prova que enfrentamos todos os dias. Você deve se concentrar. Tem de estar lá quando precisarem de você.

— Quem?

— Logo vai encontrá-los. Eles chegarão aqui e precisarão de nossa ajuda, agora e ainda mais no futuro. Você deve estar preparado.

Milo refletiu por um momento. De alguma forma, aquilo o deixou empolgado. Sentiu-se muito determinado.

— O que preciso fazer?

— Um grande dragão os persegue. Sua trégua será breve. O dragão vai encontrá-los e soltar fogo sobre nós. Você tem de construir uma carruagem para o céu e levá-los embora. Eles precisam sobreviver.

— Espere, existe um dragão? Ele está vindo para cá?!?

Qian balançou a cabeça.

— É uma metáfora, Milo. Não sei o que virá, mas devemos estar prontos. E você precisa se preparar para a jornada que virá depois disso.

Milo passou as semanas seguintes construindo um cesto — para a carruagem que levaria aquelas pessoas para longe do dragão. Ele achou que tudo era uma distração, algo que Qian inventara para impedir que ele atenazasse os monges mais velhos. Mas então eles chegaram — dra. Kate e sr. David —, como Qian havia falado. O sr. David estava como Milo o vira antes: às portas da morte. Mas a dra. Kate o curou.

A outra previsão de Qian também se tornou realidade. O dragão veio, voando pelos ares e cuspindo fogo, e a dra. Kate e o sr. David escaparam por pouco. Milo novamente estava no alto da montanha, olhando para o cesto que havia construído. Ele pendia de um balão gigantesco, um dos muitos que flutuavam para o horizonte, longe do monastério em chamas embaixo dele. Eles sabiam, os monges mais velhos. Haviam escolhido apenas um monge mais novo. Milo. Eles não fugiram de seu destino. “Está escrito”, disse Qian. Mas quem escrevera?

Milo abriu o segundo livro, *As primeiras tribos da humanidade: uma história*. Ele entendia menos ainda aquele livro. Estava escrito em um idioma antigo que Qian o fizera aprender. Milo ficou empolgado ao aprender inglês, mas aquela língua era diferente, muito mais difícil. E o texto… o que significava?

— Quando você souber a resposta, apenas então sua jornada começará — disse Qian.

— Se o senhor sabe a resposta, por que não me conta? — perguntou Milo, sorrindo. — Podemos economizar algum tempo, posso partir no balão e chegar logo lá…

— Milo! — Qian empertigou-se diante da mesa. — A jornada é um destino. Encontrar as respostas sozinho, chegar à compreensão é parte de sua jornada. Não há atalhos no caminho.

— Ah. Tudo bem.

Quando Milo chegou ao que havia restado de Tel Aviv, pensava ter entendido os livros. E ele tinha mudado através do que vira e das coisas que fizera para sobreviver.

Encontrou um barco pesqueiro que ele pensou poder levá-lo.

— O que você quer, filho?

— Uma passagem — respondeu Milo.

— Para onde está indo?

— Para o ocidente.

— Tem algo para trocar?

— Apenas minha disposição para trabalhar duro. E… a maior história que o senhor já ouviu.

O pescador olhou-o com desconfiança.

— Tudo bem, suba a bordo.

Capítulo 65

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

David olhou para os dois conjuntos de luzes na água por mais um segundo.

— Kamau — gritou ele.

Dentro de segundos, o alto africano apareceu no bar, coberto de suor e graxa.

— Leve-nos daqui — disse David.

— Para onde? — gritou Shaw.

David virou-se para ele.

— Apaguem todas as luzes do barco. — Para Kamau ele disse: — Tire-nos do caminho daquelas luzes. — David apontou pela janela. — Velocidade maior.

— Meu Deus — disse Shaw, e saiu às pressas do bar. As luzes em todo o barco foram apagadas.

David pegou o binóculo da cabine e concentrou-se nas luzes sobre a água. Quando os barcos foram enfocados, eles apagaram as luzes. Sob a luz da lua, David não conseguia identificar marcas nos barcos ou mesmo o tipo, mas uma coisa era certa: eles haviam apagado as luzes no segundo em que Shaw apagou as deles.

David sentiu o iate avançar e eles se puseram em marcha.

Shaw voltou ao bar.

— Eles apagaram as luzes…

— Eu vi.

— Estão nos seguindo.

David ignorou-o. Ele disse para Kamau, que estava em pé na soleira da porta:

— Traga o mapa. Marque nossa posição.

— Deixe-me fazer a ligação, David. Meu governo pode nos tirar daqui com apoio aéreo. É nossa única escapatória. Você sabe disso — comentou Shaw.

Kamau voltou com o mapa e estendeu-o na mesa de centro, cobrindo as anotações de Martin. Apontou para um ponto na água entre a Espanha e Marrocos.

— Estamos aqui.

A mente de David acelerou.

— Ótimo — disse Shaw. — Eu vou falar. Alguém matou Martin.

Todos os olhos da sala voltaram-se para Shaw.

— Todos sabemos disso. Há três médicos e três soldados nesta sala; todos temos bastante conhecimento para saber que ele foi assassinado. Um de nós o matou. Não fui eu e não foi Kate. Então, proponho o seguinte: Kate se tranca na cabine principal com todas as armas. Nós, cinco cavalheiros, permanecemos aqui, no deque superior, até que os soldados do SAS cheguem. Isso garante a segurança de Kate. — Ele se concentrou em David. — Que é nossa prioridade, creio eu.

David leu a linguagem corporal de Kate, que era sutil, mas dizia: *Não é uma má ideia*. E *seria* uma boa ideia, se fosse possível confiar em Shaw. Mas, se ele tivesse matado Martin, seria a armadilha perfeita. Desarmar a todos, chamar o pessoal para quem ele estava trabalhando e facilmente capturar Kate.

David apontou para um pequeno ponto no mapa.

— O que é isso?

— Ilha de Alborão — disse Kamau.

— Você comentou em Ceuta que a Immari havia tomado controle das ilhas do Mediterrâneo.

— Sim. Eles também estão com Alborão. É um posto avançado bem pequeno.

— Pequeno quanto?

— Mínimo. A ilha inteira tem menos de um décimo de quilômetro quadrado. Seria… talvez quinze ou vinte acres. Há um farol e um prédio com talvez seis guardas. Um heliporto com dois helicópteros grandes. Nenhuma defesa significativa… — Ele parecia ler a mente de David. — Mas… seria difícil tomá-la com apenas duas pessoas. — Seus olhos se voltaram para Shaw quase involuntariamente.

— Defesas? — perguntou David.

— Sim, alguma. Algumas baterias de artilharia fixas. Precisaríamos descobrir. O posto avançado serve principalmente como apoio aéreo para os navios da Immari que se metem em problemas… resgates, defesas de piratas.

— Os helicópteros são de longo alcance?

— Sim, com certeza. Havia uma discussão sobre destacá-los para apoiar a invasão no sul da Espanha, mas foram retidos.

David assentiu. Se pudesse tomar um posto avançado em Alborão, poderiam voar para qualquer lugar.

Shaw finalmente interrompeu.

— Vocês não podem estar falando sério. Têm a opção de ser levados daqui por via aérea e sua escolha é atacar um posto avançado da Immari? Isso é ridículo.

David dobrou o mapa.

— É o que vamos fazer. Não tem discussão. — Ele entregou o mapa a Kamau. — Defina nossa rota.

Shaw ficou lá, parado.

— David — começou Kate. O olhar de *Preciso falar com você* era a única deixa que David precisava. Ele a seguiu para a cabine embaixo do deque.

Ela fechou a porta gentilmente atrás dele.

— Desculpe, mas acho que devemos…

— Quero que você confie em mim, Kate. Me deixe fazer isso. — Ele esperou por ela.

Lentamente, ela assentiu.

— Tudo bem.

— Vamos chegar a Alborão dentro de cinco horas, supondo que quem quer que esteja nos caçando não nos pegue primeiro. Precisamos descobrir quem matou Martin antes de chegarmos lá.

— Concordo. Mas, primeiro, quero decifrar o restante do código de Martin, em seguida quero ligar para a Continuity e repassar nossas descobertas. Se… algo de ruim acontecer em Alborão, ao menos eles terão nossa pesquisa. Se tudo der certo, poderão encontrar uma cura.

Aquele era o acordo: David ajudaria em seu trabalho na cura, e ela acompanharia o plano dele — e confiaria nele. Trocas, compromissos, confiança. Aquilo estava se tornando um relacionamento real. *Sou bom nisso. Gosto daquilo.* Ele assentiu.

— Sim, tudo bem.

Dorian rolou na cama.

— Entre.

A porta do quarto abriu e um marinheiro tímido entrou. Ele estendeu um envelope fechado.

Dorian pegou-o com tudo e rasgou para abrir.

Inferno, onde está você?
Warner está perto de decifrar o código.
Nosso destino é a ilha de Alborão.

ETA 5 horas.
Esteja lá.
Esteja pronto.

Capítulo 66

Mar Mediterrâneo

Quando David e Kate voltaram ao bar, os dois cientistas estavam esperando por eles, sentados lado a lado no sofá de couro, expressões plácidas no rosto, como se o mundo não estivesse morrendo com uma pandemia global e eles não tivessem acabado de ser acusados de assassinato. David estava estupefato com eles. Não sabia se sentia inveja ou simplesmente se surpreendia pela compostura dos homens.

— Estamos prontos para retomar. Se vocês estiverem, claro — disse Janus.

Kate e David sentaram-se nas poltronas ao lado do sofá.

A sala revestida de madeira incrustada com vidro era iluminada apenas por três velas na mesa de centro e a sensação havia mudado de uma conferência científica para uma visita de pernoite tardia.

David virou o papel com o código de Martin sobre a mesa de centro, posicionando-o para ficar de frente para os outros como se fosse um tabuleiro de Ouija.

Todos tiraram um tempo para reler a anotação.

PIE = Immaru?
535...1257 = Segundo Toba? Novo Sistema de Disseminação?

Adão => Dilúvio/Queda A$ => Toba 2 => KBW
Alfa => Delta perdido? => Delta => Ômega
70MAA => 12,5MAA => 535...1257 => 1918...1978

Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida?

— Vários itens ainda me confundem — disse David. — Acredito que as primeiras duas linhas são simplesmente anotações, uma sobre os pie. Como discutimos, tenho certeza de que Martin acreditava que os Immaru eram os pie, protoindo-europeus, ou ao menos um grupo descendente. As outras notas referem-se a um evento em 535 e, novamente, 1257. Sei o que é e vou explicar

em um momento. Em seguida, três linhas de uma cronologia, uma linha do tempo que se sobrepõe e corresponde à tapeçaria tibetana que Kate viu no mosteiro Immaru. Mas acredito que a cronologia de Martin esteja incompleta. Vamos vê-la passo a passo.

David apontou para a palavra *Adão*.

— Adão, Alpha, setenta mil anos atrás.

— Na pesquisa — disse Kate —, alfa significa a primeira pessoa em um teste clínico, a primeira a receber uma terapia experimental.

— Sim — disse David. — Acho que *Adão* é o primeiro ser humano que recebeu o Gene Atlântida. Esse é o evento no dilúvio de fogo na tapeçaria, o primeiro evento principal na cronologia de Martin. O próximo é o *Dilúvio, Queda A$*, doze mil e quinhentos anos atrás. Acredito que A$ seja abreviação de Atlântida. Então, *Dilúvio, Queda de Atlântida*. Quando eu estava na estrutura atlante, em Gibraltar, havia uma câmara com uma série de… holofilmes. Acredito que eles mostravam esse evento, a queda de Atlântida aos pés do Rochedo de Gibraltar. No filme, a nave atlante pairava sobre a água, depois pousava na costa, às margens de um povoado pré-histórico megalítico. Dois atlantes com trajes saíram da nave e interromperam um ritual tribal pré-histórico, salvando um neandertal. Assim que voltaram à nave, foram atingidos por um maremoto que os levou para o continente, destruindo a cidade antiga. Quando a água puxou a nave de volta para o mar, as explosões a atingiram, destruindo a nave.

— Onde ficou enterrada por quase treze mil anos, até 1918, quando meu pai ajudou a Immari a encontrá-la — disse Kate.

— Exatamente. A parte confusa é a anotação: Delta perdido?

— Delta significa mudança — disse Kate. — Delta perdido… então uma mudança não aconteceu?

— Se juntarmos o código de Martin, a tapeçaria e o que vimos naquela noite em Gibraltar… Nos primeiros dois dilúvios na tapeçaria, os atlantes interagem diretamente com humanos. Salvando-os ou alertando-os. Isso implica um relacionamento direto.

Kate recostou-se na poltrona.

— E se os atlantes de alguma forma estivessem guiando a evolução humana? Como um experimento com intervenções periódicas, e essa intervenção deixou de acontecer doze mil e quinhentos anos atrás porque a nave explodiu: a queda de Atlântida.

— Acredito que foi o que Martin imaginou. — Um pensamento ocorreu a David; ele tinha a outra peça do quebra-cabeça?

Na Antártida, quando David estava no tubo, o atlante soltou Dorian primeiro,

dando a ele uma vantagem. O atlante observou David e Dorian lutarem até a morte, como se soubesse o resultado, como se o atlante estivesse simplesmente esperando o campeão triunfar: Dorian.

David morreu uma segunda vez na Antártida. Mas, diferente da primeira morte, ele não ressuscitou na Antártida. Ele acordou na estrutura de Atlântida em Gibraltar — uma seção no sopé de Jebel Musa, em Marrocos. Alguém fez David ressuscitar lá. Outro atlante? David notou que havia outro traje danificado no chão da sala de ressurreição. Tentou pensar no holofilme. Nenhum dos trajes havia sido danificado durante os eventos, ele tinha certeza.

Ainda assim, o fato era inegável: outro atlante o trouxera de volta — após Dorian e o atlante o terem assassinado na Antártida.

Outra facção? Uma claramente o queria morto. A outra o salvara.

David sabia de duas coisas. Uma, que os atlantes estavam em meio a algum tipo de guerra civil. E, duas, que não havia maneira de ele contar a Kate ou aos dois cientistas o que acontecera com ele.

— Eu tenho uma teoria — disse David. — Acredito que aquilo que testemunhei, o desastre de Atlântida, não foi um fenômeno natural. Acho que foi um ataque.

— De quem? — perguntou Chang.

— Não sei — respondeu David. — Mas e se houvesse duas facções de atlantes ou um traidor, alguém que sabotou a nave, impedindo alguma intervenção? Digo, olhe para o amplo arco da história humana. Todas as principais coisas aconteceram nos últimos treze mil anos: agricultura, cidades, escrita, tudo. A população mundial explode por volta desse período. Coincide com o fim do último máximo glacial e o tempo mais ameno, mas…

Janus inclinou-se para a frente.

— Acho sua teoria da “intervenção faltante” intrigante. No entanto, vejo outro furo. O próximo passo na cronologia: “535…1257, Toba 2, Delta”… isso implica que uma mudança aconteceu… recentemente. E a partir dos vídeos, podemos dizer que a nave foi destruída.

David assentiu.

— Acho que aqueles dois atlantes devem ter morrido em Gibraltar. É apenas uma explicação. Acho que quem quer que os tenha matado facilitou a mudança em 535.

Janus fez que sim com a cabeça.

— O que me leva à minha conclusão: se um atlante interveio em 535, outro delta, como vocês dizem, onde eles estão? Se eles têm poder para controlar a evolução humana, onde estão escondidos?

David pensou na questão. Não tinha uma resposta e era mesmo uma pergunta

muito boa. O fato de que ele havia avançado em tantas ideias fez com que ele se sentisse um pouco na defensiva, como se tivesse de continuar rejeitando mais possibilidades para corroborar sua teoria. Ele se sentiu um pouco tenso, pronto para a briga.

Dr. Chang deixou a xícara de chá de lado.

— Eu também acho uma questão válida. No entanto, eu gostaria de ouvir mais sobre o evento real, Toba 2, em 535, ou foi em 1257? Dr. Grey estava indeciso sobre a data efetiva?

A questão trouxe David de volta, fez com que se concentrasse.

— Não. Eu não acho. Acredito que as datas são o início e o fim de um período, marcado por dois eventos específicos.

— Que período? — perguntou Janus.

— A Idade das Trevas, na Europa.

— E dois… eventos?

— Vulcões e, então, pragas — disse David. — Um que marcou o início da Idade das Trevas, outro que tirou a Europa dela. Há fortes evidências de que o primeiro surto, em 535, teve relação com um imenso vulcão próximo ao monte Toba, na Indonésia. — Ele pensou por um segundo. — Seria possível pensar nele como uma espécie de *Segunda Catástrofe de Toba*.

— Eu saberia de uma Segunda Catástrofe de Toba.

David sorriu. Ele, falando para ela sobre um vulcão que mudou o destino da humanidade.

— Não é muito conhecido — disse ele, ecoando as palavras dela para ele em Jacarta, quando ela lhe contou sobre a Teoria da Catástrofe de Toba.

— *Touché* — disse Kate.

— O que sabemos é o seguinte: em 535, as temperaturas ao redor do mundo caíram rapidamente. Estamos falando de um inverno de dezoito meses, um inverno rigoroso, amargo, com pouquíssima luz do sol. É o que foi descrito em registros históricos. Na verdade, o evento climático mais grave na história registrada. Na China, a neve caiu em agosto. Em toda a Europa, safras foram perdidas e sobreveio a fome.

— Um inverno vulcânico.

— Isso. Os relatos históricos na Ásia e na Europa atestam esse fato. Amostras de núcleos de gelo confirmam, e os anéis dos troncos da árvore da Escandinávia e da Europa ocidental também revelam uma redução imensa no crescimento das árvores nos anos de 536 a 542, cuja recuperação plena se deu apenas em 550. Mas não foi o inverno de anos que lançou a humanidade na escuridão, foi a praga que se seguiu; a pior pandemia na história conhecida.

— A Praga de Justiniano — sussurrou Kate. — Em termos de taxa de

mortalidade, foi a pior catástrofe da história registrada. Mas não vejo como ela poderia se relacionar a uma erupção vulcânica. E, espere, como é que você sabe de tudo isso?

— Talvez seja difícil para você acreditar, mas eu estava *a esse tantinho* de concluir meu doutorado. Minha tese era sobre as origens e o impacto da Idade das Trevas na Europa. — Ele a encarou por um momento, em seguida deu de ombros, teatral. — Sou mais que um rostinho bonito e uma cintura fina, sabe?

Kate balançou a cabeça, o rosto com uma expressão que ficava entre o embaraço e a descrença.

— Desculpe, eu me enganei. Por favor, continue.

— Vamos ao que sabemos: aproximadamente um terço da população do Mediterrâneo oriental morreu no surto. O Império Romano Oriental foi devastado. A capital, Constantinopla, foi de uma cidade com meio milhão para menos de cem mil habitantes após a praga. Batizaram a praga com o nome do imperador romano Justiniano. Não há exagero em chamar a praga de carnificina, pois o mundo não tinha visto nada igual. Algumas vítimas levavam dias para morrer. Outras ficavam doentes e morriam em minutos. Nas ruas, corpos se empilhavam. O cheiro da morte estava por toda a parte. Em Constantinopla, o imperador ordenou que os mortos fossem atirados ao mar. — A mente de David voltou para Ceuta. Ele se concentrou. — Mas havia muitos. Cadáveres eram perigosos em cidades antigas. Então, o imperador ordenou que valas comuns fossem abertas fora da cidade. Os corpos eram queimados lá. O registro histórico diz que eles pararam de contar depois de trezentos mil.

Nenhum dos cientistas disse palavra. David tomou um gole de água e continuou.

— Como historiador, a praga é notável não apenas por sua mortalidade, mas pela maneira como mudou o mundo. De muitas formas, o mundo em que habitamos cresceu diretamente a partir dos eventos do século vi.

— Como assim? — perguntou Kate.

— Na esteira da praga, vimos o fim das supercidades do mundo antigo. A Persa antiga, antes uma supernação, desmorona. O Império Romano Oriental estava próximo de reaver sua metade ocidental, a “Roma” de que todos falam. Mas, na sequência dessa pandemia, ela sofre um cerco e quase cai. No final, transforma-se no Império Bizantino. Vemos essas quedas ao redor do mundo, impérios poderosos recuam e as tribos bárbaras ganham terreno. A maior lição da Praga de Justiniano é que a maioria das civilizações conectadas, as mais avançadas, aquelas com rotas de comércio internacional estabelecido e supercidades, elas foram as que mais sofreram. Foram as sociedades simples, isoladas, que se deram melhor. Peguem a Britânia do século vi, é um grande

exemplo. A Britânia na época da praga era dominada por romanos-bretões. Com base em artefatos, sabemos que eles faziam comércio com nações que chegavam até o Egito, onde a praga primeiro apareceu, por acaso, ou de onde veio o primeiro relato.

— Não entendo — disse o dr. Chang.

— As rotas de comércio trouxeram a praga. Os bretões estavam em guerra com várias tribos germânicas que haviam colonizado sua costa ocidental. No momento do surto, em meados do século vi, essas tribos eram em grande parte contidas e consideradas bárbaras. Ninguém fazia comércio com elas e os bretões em geral se recusavam a fazer casamentos inter-raciais. Na esteira do surto, essas tribos tomaram a iniciativa, espalhando-se por toda a Britânia e, no fim das contas, assumindo o controle. As primeiras tribos foram os anglos e os saxões. Na verdade, alguns acreditam que a lenda do rei Arthur é uma composição de cavaleiros bretões que lutaram contra os invasores anglos e saxões. O fato de aquele povo na Britânia e ao redor do mundo falar inglês, uma língua germânica, deve-se à praga… e ao triunfo de anglos e saxões em seguida. Não foi apenas a Britânia, isso aconteceu em todo o mundo: civilizações avançadas, com cidades, densidade populacional e rotas comerciais estabelecidas, caíram. Os bárbaros fora de seus portões chegavam, invadiam e, na maioria das vezes, simplesmente seguiam em frente. Nos casos em que invasores bárbaros estabeleceram um governo próprio, em geral foram expulsos um século depois pelo próximo bando nômade de invasores. Esse foi o verdadeiro fim de uma era, um tempo de grandes cidades e civilizações. A Idade das Trevas veio depois e durou muito tempo, quase mil anos. Foi o maior revés do progresso na história. De fato, a Idade das Trevas apenas terminou de verdade após o próximo surto maior…

— Espere aí — disse Kate. — Preciso confessar minha ignorância aqui. Sou geneticista. Não vejo como um vulcão e um inverno vulcânico têm ligação com a Praga de Justiniano.

— Parte da história é rastrear artefatos e procurar padrões. Um padrão que surgiu a partir do surto é que ele começou no norte da África, seguiu para o Egito e, de lá, explodiu no Mediterrâneo oriental. Assim que atingiu Constantinopla, o resto do mundo moderno caiu como peças de dominó quando navios comerciais levaram a praga pelo mundo. Ainda há debate, mas muitos historiadores acreditam que a praga veio para a Europa em barcas de grãos vindas do norte da África, e que foram os ratos nas barcas que inicialmente carregaram a doença.

— O que David diz é verdade — disse o dr. Janus. — É uma grande ironia: o perigo real da mudança climática rápida não tem nada a ver com o clima. O perigo é a desestabilização de ecossistemas, fazendo com que organismos que

normalmente não interagem uns com os outros entrem em contato. Sabemos que a maioria das epidemias são causadas quando reservatórios naturais que abrigam de forma benigna um patógeno mortal são forçados a sair de seu habitat. No rastro desse segundo “vulcão de Toba”, os ecossistemas ao redor do mundo se desestabilizaram. Se a teoria do dr. Grey estiver correta, é incrivelmente intrigante. O mundo antigo era um lugar muito difícil para administrar uma mudança genética global. Uma praga é o veículo perfeito, mas ainda resta um problema muito grande.

— Distribuição — disse Kate.

— Precisamente — concordou Janus. — O mundo era muito desconexo. Visitar todas as culturas e espalhar uma doença seria impossível. Um vulcão que cobrisse o mundo com cinzas, um sistema de disseminação global, seria perfeito. O vulcão traz um inverno, em alguns lugares seca, depois a chuva em excesso. O crescimento da vegetação se retrai, em seguida se expande. Em lugares como o norte da África, a população de roedores se deu muito bem. Uma explosão populacional ocorre. A população maior busca novo território enquanto seu ecossistema existente não consegue aguentar os números maiores. Alguns desses ratos carregam a praga e eles entram em áreas de população humana. Embora os ratos sejam imunes à praga, eles são os reservatórios naturais, as pulgas que carregam não são. Então, as pulgas morrem com a praga e o mecanismo de sua morte faz com que elas espalhem a doença. Pulgas infectadas com a praga literalmente morrem de fome. A bactéria da praga multiplica-se em suas entranhas, bloqueando a capacidade de ingerir nutrientes. Elas enlouquecem, fugindo dos roedores para qualquer hospedeiro que conseguem encontrar, espalhando a doença para os seres humanos. Claro que os roedores, e as pulgas que pegam carona em suas costas, espalharam a praga por mil anos. O *gênio*, se me permitem o termo aqui, desse surto foi uma modificação genética da bactéria da praga, que eu acredito ter sido carregada pelo vulcão. A cinza que choveu mudou a bactéria que residia nos ratos, não desencadeou uma pandemia em seres humanos. Uma pandemia humana teria simplesmente se exaurido e acabado. Acredito que a anotação do dr. Grey, “Segundo Toba? Novo Sistema de Disseminação?”, se refira à sua incerteza sobre o assunto. Com base em nossa pesquisa, o trabalho que o dr. Chang e eu fizemos, podemos confirmar que ele foi um novo sistema de disseminação extremamente engenhoso. Ao modificar uma linha bacteriana existente em ratos, seja lá quem tenha feito isso garantiu que haveria múltiplas ondas de epidemias, uma transformação genética sustentada. Fica adormecida nos reservatórios naturais, no caso os ratos, esperando o momento correto de aflorar.

— O que casa com o registro histórico — disse David. — A primeira onda

epidêmica aconteceu aproximadamente em 535, mas outras se seguiram, algumas ainda mais violentas. Não podemos imaginar o quanto isso custou. Os episódios da praga duraram duzentos anos. Metade dos europeus morreu. Em seguida, por volta de 750, os surtos pararam até por volta de 1257, que é a próxima parte das notas de Martin. Em 1257, outro vulcão entrou em erupção, novamente na Indonésia. Essas são descobertas recentes, mas temos certeza de que o vulcão Samalas, na ilha de Lombok, teve uma erupção de força incrível. O impacto foi maior do que o evento de Tambora, em 1815, que causou o que conhecemos como Ano Sem Verão. A partir de amostras dos anéis de árvores, vimos o mesmo que em 1257: um inverno vulcânico que durou mais de um ano. Os ratos da praga voltam, e a praga retorna à Europa. Nessa época, quase setecentos anos depois, os registros históricos são mais claros. Essa epidemia é quase exatamente como a última, mas consegue mais visibilidade e menções no registro histórico. Eles a chamam de "Peste Negra" na Europa. Mas era a mesma praga…

— Peste bubônica — disse Kate.

— Exato — confirmou David. — A mesma praga, separada por quase um milênio, voltando para causar a mesma destruição…

— Espere. — Kate ergueu a mão. — A Peste Negra começou na Europa por volta de 1348… quase cem anos depois que esse vulcão…

— Verdade — disse David, erguendo as mãos. — Olha, vamos recapitular a história: em 1257, um vulcão gigantesco, estranhamente semelhante em local e efeito àquele do século vi, causou um inverno vulcânico e espalhou a fome na Europa. Posso apenas supor que a praga voltou, mas há uma diferença dessa vez… uma espécie de imunidade…

— Ccr5, Delta 32 — disse Kate, perdida em pensamentos.

— O quê?

— Martin mencionou para mim. Está presente em dezesseis por cento dos europeus. É uma mutação que os deixa imunes ao hiv, à varíola e a outros vírus. Possivelmente a bactéria que causa a praga.

— Interessante — disse David. — Um dos grandes mistérios da história é a origem da Peste Negra. Temos certeza de que o surto no século vi, a Praga de Justiniano, subiu pela África até o Mediterrâneo oriental. Mas a Peste Negra foi diferente. O mesmo cenário de vulcão, a mesma praga, mas dessa vez acreditamos que a Peste Negra se originou na Ásia central. A paz trazida pela *Pax Mongolica* possibilitou que os exércitos mongóis instalados na Ásia central levassem a doença para leste pela Rota da Seda. Durante o cerco mongol de Caffa, na Crimeia, os mongóis invasores catapultaram corpos infectados pelas muralhas da cidade.

— Sério? — perguntou Kate.

— Olha, foi bem engenhoso para a época. Chame de guerra biológica medieval. Depois de Caffa, a praga rapidamente espalhou-se pela Europa. Historiadores supõem que a migração da Ásia é o motivo para a diferença de cem anos, mas poderia ter havido…

— A mutação — completou Kate.

— Possivelmente. — David queria voltar ao que ele sabia, longe da especulação. — Nos anos seguintes, de trinta a sessenta por cento de toda a população europeia morreu de Peste Negra. Um terço de toda a China morreu. De fato, levou cento e cinquenta anos para a população mundial se recuperar ao nível que era antes da Peste Negra. E acho que minhas informações terminam aqui. De forma geral, não sei ao que a cronologia está levando. Sabia apenas quais eram as referências e as datas.

— Eu posso dar uma luz aqui — disse o dr. Chang. — Como o dr. Janus mencionou antes, nossa teoria atual é que a praga recente está simplesmente ativando epidemias passadas, tentando concluir alguma transformação genética que estava semiterminada. Estamos tentando isolar os surtos passados para entender melhor como o genoma humano mudou. — Ele apontou para David. — O sr. Vale tem razão sobre o elo entre as pragas. Alguns anos atrás, um grupo de pesquisadores descobriu que a Praga de Justiniano foi causada pela *Yersinia pestis* ou *Y. pestis*, a bactéria que causa a peste bubônica. A descoberta foi muito intrigante: as duas piores pandemias da história, a Praga de Justiniano e a Peste Negra, eram duas instâncias da peste bubônica. Acreditamos, em ambos os casos, que houve uma mutação genética da bactéria *Y. pestis*. Estávamos usando a Immari para recolher provas. Eles providenciaram amostras das vítimas da praga dos dois surtos. Sequenciamos esses genomas, bem como as amostras de *Y. pestis* das duas épocas. Também temos amostras da gripe espanhola de 1918. Encontramos algumas sequências genéticas comuns. Acreditamos que estão relacionadas com a Praga Atlântida. Com base nas notas do dr. Grey e com nossa discussão aqui, acredito que nossos dados são uma peça-chave para o quebra-cabeça, a chave para encontrar a cura. Infelizmente, eles se perderam quando a barca da praga afundou.

Janus endireitou-se no sofá.

— Dr. Chang, eu devo desculpas ao senhor.

Chang olhou, confuso.

— Nunca confiei totalmente no senhor — continuou Janus. — Alocaram meus serviços para o senhor. O senhor continuou nossa pesquisa, mas até agora pensei que o senhor poderia ser leal à Immari, alguém trabalhando para obter minha pesquisa. Eu escondi muito do que descobri do senhor. — Ele mostrou

um pen-drive. — Mas eu salvei tudo neste dispositivo. Junto com a pesquisa que fizemos juntos. Está tudo aqui e acredito que ele vai revelar as mudanças genômicas que o dr. Grey estava procurando, o Delta 2, a estrutura genética de raiz da Praga Atlântida.

Chang olhou para o pen-drive.

— O que importa é que o senhor tem os dados. No seu lugar, eu acho… talvez eu tivesse feito o mesmo. Mas precisa haver uma peça final, o Ômega. Para mim, significa o ponto final, a possibilidade dessa mudança genética. A anotação "1918…1978" parece indicar que o dr. Grey acreditava que ele poderia ter acontecido em um desses anos. Desconheço a sigla kbw na primeira linha. Sr. Vale, é outra referência histórica?

David estava lutando com kbw na mente desde que vira o código pela primeira vez. Ele não tinha a menor ideia.

— Não. Não sei o que significa.

— Eu sei o que significa — disse Kate. — kbw são as minhas iniciais. Katherine Barton Warner. Acho que eu sou o Ômega.

Capítulo 67

Em algum lugar na costa de Ceuta
Mar Mediterrâneo

Através da janela do helicóptero, Dorian observou a água passar lá embaixo. O sol reluzia na extensão preta como um feixe que o levava ao seu destino.

Ele pensou sobre a porta branca de luz na Alemanha. Aonde levaria? A outro mundo? A outra época?

Ativou o microfone no capacete.

— Qual o nosso eta?

— Três horas, talvez três e meia.

Eles cruzariam com Kate e seu grupo lá? Estaria perto.

— Ponha o posto avançado na linha.

Um minuto depois, Dorian estava falando com o comandante da ilha de Alborão.



O tenente da Immari na ilha de Alborão terminou a chamada e olhou para os quatro soldados que jogavam cartas e fumavam.

— Façam um café forte. Precisamos ficar sóbrios. Teremos companhia.



David tentou processar o que Kate havia dito: “Eu sou o Ômega”.

Shaw deslizou pela sala.

— Vou fazer café… — Ele olhou ao redor. — O que foi? Vocês parecem ter visto um fantasma.

— Estamos trabalhando — ralhou David.

Kate quebrou a tensão.

— Eu adoraria tomar um café. Obrigada, Adam.

— Não há de quê — disse Shaw. — Dr. Chang? Dr. Janus?

David percebeu que ele não fora incluído na oferta de café. E não se importava.

— Ah, sim, muito obrigado — murmurou dr. Chang, ainda absorto.

Dr. Janus olhava pela janela, uma expressão indecifrável no rosto. Quando percebeu que todos o esperavam, disse rapidamente:

— Não. Obrigado.

Shaw voltou com duas xícaras de café, em seguida se demorou ao lado da janela, na diagonal atrás de David, que não conseguia vê-lo, mas sabia que estava lá. Se importava um pouco mais com isso.

Janus foi o primeiro a falar.

— Não duvido do que você disse, Kate, quero deixar isso claro desde o início. Mas eu gostaria de analisar nossas hipóteses principais e explorar as várias… possibilidades.

David achou que Kate havia ficado um pouco tensa, mas ela simplesmente deu um gole no café e assentiu.

Janus continuou.

— A primeira hipótese: que essa tapeçaria tibetana era um documento que descrevia a interação atlante com os seres humanos, especificamente sua intervenção para salvar os seres humanos setenta mil anos atrás; a introdução do Gene Atlântida que mudou as conexões cerebrais humanas e o destino da humanidade; e, em seguida, seu alerta aos seres humanos antes do Grande Dilúvio. Acreditamos que o restante da tapeçaria sejam os eventos que ainda estão por vir. Tenho uma pergunta sobre isso, mas vou esperar, por enquanto.

“Nossa segunda hipótese é que a anotação de Martin seja uma cronologia, uma tentativa de decodificar o passado, identificar os pontos de virada genéticos da humanidade, levar-nos a uma cura para a praga.

“Nossa terceira e última hipótese é que essa cronologia identifica um delta faltante: um ponto em que a intervenção atlante na evolução humana falhou, em algum momento próximo ao Grande Dilúvio e à queda de Atlântida. A teoria do sr. Vale é que uma batalha entre facções atlantes levou a esse evento. Isso posto, eu presumiria que o Ômega, a finalidade de toda a intervenção atlante na evolução humana, teriam sido os sobreviventes da Praga Atlântida. Especificamente os que evoluem rapidamente. Eles não são o resultado que os atlantes estavam buscando? Eles são a opção mais óbvia. Como cientista, sempre avalio a explicação mais simples antes de explorar possibilidades mais… exóticas.”

Para David, o argumento de Janus era convincente. Ele começou a falar, mas

Kate o interrompeu.

— Então, por que Martin pôs meu nome na cronologia sobre Ômega?

— Para mim, essa é a pergunta — disse Janus. — Acredito que examinar os motivos de Martin revelará isso. Sabemos que tudo que ele fez, toda a sua pesquisa, seus acordos, compromissos, foram para um único objetivo: proteger você. Acredito que essa é a motivação dele aqui. Se suas notas foram encontradas, ele queria que o leitor a encontrasse, garantisse sua segurança para que você pudesse estar disponível para decodificá-las, estar perto de alguém que buscasse uma cura.

David assentiu involuntariamente. Era convincente.

— O padrão faz sentido — disse Chang. — Mas, da forma que vejo, há um problema com a linha do tempo. 70maa: a queda de Atlântida, o Delta perdido. 535 e 1257: Segundo Toba, os dois vulcões e os surtos subsequentes de peste bubônica, o início da Idade das Trevas, seu fim seguido pelo Renascimento. Depois, 1918: o Sino, o artefato atlante que desencadeou a gripe espanhola. E neste ano, a segunda epidemia do Sino. A Praga Atlântida. Martin errou as datas: 1918…1978. 1978 deveria ser este ano; o surto atual cria o Ômega.

— Seria lógico — disse Janus.

— Quando você nasceu? — perguntou David. — Hum, estou perguntando para fins puramente científicos aqui.

— Engraçadinho — disse Kate. — Eu nasci em 1978. Mas… fui concebida em 1918.

— O quê? — disseram Janus e Chang quase ao mesmo tempo.

David ouviu Shaw se mover atrás dele e ficar diante do grupo, seu primeiro sinal de interesse na conversa.

— É verdade — disse Kate. — Martin era meu pai adotivo. Meu pai biológico era um mineiro e soldado do Exército norte-americano durante a Primeira Guerra Mundial. Foi contratado pela Immari para escavar a estrutura de Atlântida embaixo de Gibraltar. Em troca, recebeu a mão da minha mãe em casamento. O que ele desenterrou, o Sino, desencadeou a epidemia de gripe espanhola. Em uma virada de destino, a epidemia tomou a vida da minha mãe. Mas a estrutura que ele descobriu continha uma sala com quatro tubos. Descobriu que eram tubos de cura e hibernação. Pôs minha mãe, e a mim dentro dela, em um deles, onde ficamos até 1978, o ano em que nasci.

Dr. Arthur Janus recostou-se no sofá. *Isso poderia mudar tudo.*

As palavras de Kate chocaram o dr. Shen Chang, embora ele já soubesse sobre o Sino e a hibernação — essa parte não era surpresa.

Em 1978, Shen era pesquisador em um projeto financiado pela Immari Internacional. Certa manhã, recebeu uma ligação de Howard Keegan, um homem com quem nunca havia se encontrado. Keegan lhe dissera que ele era o novo chefe da Immari e que precisava da ajuda de Shen, que Shen seria generosamente recompensado, nunca teria de se preocupar com financiamentos de pesquisa novamente e faria um trabalho incrível — trabalho que poderia salvar o mundo, mas que ele nunca poderia revelar a ninguém.

Shen concordou. Keegan levou-o a uma sala com quatro tubos. Um deles tinha um jovem, o homem que ele veio a conhecer como Dorian Sloane. O outro continha Patrick Pierce, o homem que Keegan dissera ter encontrado nos tubos. O último tubo tinha uma mulher grávida.

— Vamos liberá-la por último e você fará de tudo que puder para salvá-la, mas sua prioridade é a criança.

Shen nunca teve tanto medo em toda a vida. O que aconteceu em seguida ficou permanentemente gravado a fogo em suas lembranças. Ele se recordava de ter segurado a criança, os olhos… os mesmos olhos com que Kate Warner o encarava naquele momento. Incrível.

Adam Shaw ficou espantado com a história de Kate. *Há mais nisso tudo do que pensei; mais sobre* ela *do que pensei. Mas vou entregá-la em segurança, não importa o que aconteça.*

Kate estava cansada de esperar.

— Alguém pode dizer alguma coisa, por favor?

— Claro — começou Janus. — Eu gostaria de alterar minhas declarações anteriores. Agora acredito que *você* seja o Ômega. E… isso muda algumas coisas. Para começar, minha compreensão sobre o trabalho de Martin. Não acho mais que suas anotações sejam apenas uma cronologia. Que é apenas metade disso. O código de Martin é muito mais. É um mapa para consertar o genoma

humano, para corrigir os problemas com o Gene Atlântida, criar um híbrido viável de ser humano e atlante, uma nova espécie, da qual você é o primeiro exemplar. A sequência de Martin começa com a introdução do Gene Atlântida, com Adão, em seguida rastreia as interferências, a correção faltante no momento do Dilúvio, a Idade das Trevas que seguiu… e termina com você, Kate, alguém com o Gene Atlântida estável, funcionando, graças ao tubo que salvou sua vida e seu nascimento extraordinário. Mas… a pergunta real, a questão prática é a seguinte: o que faremos agora? Temos nossa pesquisa, entendemos as anotações de Martin. Precisamos encontrar um laboratório…

Kate interrompeu.

— Tem uma última coisa que não disse a vocês. Martin foi um dos fundadores de um grupo chamado Continuity. É um grupo de pesquisadores que está espalhado pelo mundo. Eles estão fazendo experiências há anos, buscando a cura. Em Marbella, Martin tinha um centro de pesquisa. — Um pensamento lhe ocorreu. — Eu trabalhei em um prédio coberto de chumbo. Fiz uma série de experimentos e Martin periodicamente tirava amostras de DNA de mim.

— Acha que ele estava fazendo experiências em você ou nas cobaias? — perguntou o dr. Chang.

Kate teve certeza.

— Nos dois. Martin me disse acreditar que eu era a chave para tudo. Vendo o código, Ômega… sim, é isso. A Continuity tem todos os resultados. Eu estive em contato com eles.

O choque espalhou-se pelo rosto de David.

— Que foi? — Kate lhe perguntou.

— Nada. — Ele balançou a cabeça.

Ela se concentrou em Chang e Janus.

— Acho que deveríamos enviar nossa pesquisa à Continuity e discutir nossas teorias com eles.

Dr. Janus pegou o pen-drive do bolso.

— Concordo.

Chang assentiu.

Capítulo 68

Em algum lugar próximo à ilha de Alborão
Mar Mediterrâneo

A ligação com a Continuity foi intrigante.

Kate sentiu que finalmente havia entendido os experimentos dos quais fizera parte em Marbella.

Por anos, a Continuity desenvolveu um algoritmo chamado Sinfonia Genômica. O princípio era o seguinte: sempre que uma geneterapia ou retrovírus introduzia uma mudança genética em um determinado genoma, o algoritmo Sinfonia conseguia prever a expressão gênica. Essas previsões, quando combinadas com o conhecimento sobre onde os retrovírus endógenos atlantes estavam enterrados no genoma, podiam adiantar a reação de uma pessoa à Praga Atlântida e uma determinada terapia.

A pesquisa de Chang e Janus, que isolou as mudanças de genoma das duas epidemias da praga no início e no final da Idade Média, era a parte que faltava — ou assim a Continuity esperava.

Kate observou o dr. Janus manipular o computador, carregando a pesquisa no Sinfonia. Era um gênio. Kate nunca tinha visto alguém na idade dele com aquela aptidão para computadores.

Kate falou no telefone via satélite, que estava no viva-voz.

— O que acontece agora?

— Agora esperamos — disse dr. Brenner. — Os algoritmos vão rodar e apresentar terapias possíveis. Em seguida, testamos e esperamos ter sorte. Se encontrarmos uma terapia eficaz, podemos aplicá-la rapidamente. Martin descreveu nossos implantes genéticos?

— Não estou a par — disse dr. Janus.

— Basicamente, implantamos um dispositivo biotecnológico subdermal que permite darmos uma terapia personalizada a cada pessoa. Os implantes são conectados sem fio a um servidor dentro de cada Distrito Orquídea.

A revelação deixou Kate em choque.

— Pensei que os implantes fossem para rastreamento. E a Orquídea não dá a

terapia?

Brenner falou rapidamente:

— Bem, sim e não. Os implantes fornecem um controle de estoque… digo, rastreia o dispositivo, que tem importância vital. Como o genoma humano é muito diverso, descobrimos que cada terapia precisa ser um pouco personalizada, ajustada.

Kate meneou a cabeça. Era uma tecnologia extremamente de ponta — um dispositivo biotecnológico que levava uma terapia genomicamente sob medida para cada pessoa. Estava décadas à frente de qualquer coisa em circulação. Era uma vergonha que tivessem sido necessárias a ameaça da Immari e a praga para chegar a essa inovação.

— Se o implante entrega a verdadeira terapia, então por que ainda dar a todos a Orquídea? — perguntou dr. Janus.

— Por três motivos. Em alguns testes iniciais, descobrimos que os implantes não podiam formar uma terapia viável para todo mundo. Os implantes geram antivirais a partir de enzimas e proteínas no corpo do hospedeiro, basicamente criam uma porção complicada de fragmentos para produzir a terapia de que precisa. Mas o processo com um implante sozinho apenas funcionava com cerca de oitenta por cento dos hospedeiros. Então, damos aos implantes uma espécie de estoque viral… como um bloco de argila viral a partir do qual ele pode esculpir uma terapia. Isso que são as pílulas de Orquídea, o bloco viral.

— Muito interessante… — Janus parecia perdido em pensamentos.

— Os outros motivos? — perguntou Kate.

— Ah, sim — disse Brenner. — Eu me perdi com tanta ciência. O segundo motivo foi a velocidade. Sabíamos que precisaríamos aplicar uma nova terapia rapidamente: fabricar uma nova droga estava fora de questão e, claro, essa é uma solução variável. Sabíamos que talvez estivéssemos diante de uma terapia básica com possivelmente milhares de pequenos ajustes pelos implantes para fazê-lo funcionar em todo o mundo.

— E o último motivo?

— Esperança. Pessoas tomando Orquídea todos os dias… sentíamos que precisávamos lhes dar algo que pudessem ver e em que pudessem se apoiar, algo tangível, algo que conhecessem: um remédio para uma doença. E agora, espero, vocês nos trouxeram a peça que faltava, a fórmula que precisamos para enviar aos implantes. Sinfonia está processando seus dados agora. Imaginando que ele encontre uma terapia corretiva, poderemos aplicar globalmente pela Aliança da Orquídea dentro de algumas horas.

Ao redor do pequeno bar, os cientistas assentiram. David e Shaw encararam-se.

Dr. Brenner interrompeu a tensão.

— Tem uma coisa que não lhe disse, dra. Warner.

— O quê? — Kate perguntou pelo viva-voz, sem se importar em pegar o telefone.

— A liderança da Orquídea ordenou que executássemos o Protocolo de Eutanásia.

— Eu não…

— Recebemos ordens permanentes — continuou Brenner. — Se a Orquídea falhasse ou a Immari se tornasse uma ameaça viável, nossas ordens eram emitir comandos de cancelamento para os implantes, deixar os moribundos morrerem rapidamente. O que permitiria restar um mundo de sobreviventes da Orquídea, uma base para salvar a Aliança. Até o momento, simplesmente ignoramos essas ordens. Estamos concentrados em nossa pesquisa e esperamos que a liderança não leve o plano a cabo. Mas ouvimos rumores. Se não executarmos o Protocolo de Eutanásia, as tropas Aliadas podem tomar o controle da Continuity e fazer isso por nós.

Kate recostou-se no sofá branco.

Ninguém disse palavra.

— Pode atrasar o Protocolo de Eutanásia? — perguntou Kate.

— Podemos tentar. Mas… vamos esperar que sua terapia funcione.



Lá embaixo, na cabine, David estava quase gritando com Kate.

— Você quer dizer que tinha uma linha aberta com um consórcio global esse tempo todo?

— Sim. Por quê?

— Ligue de novo para eles. Você vai dizer o seguinte…



Kate ligou para o número da Continuity. *Dr. Brenner? — Não, está tudo bem. Preciso de um favor. Preciso que entre em contato com o Serviço de Inteligência Britânico e pergunte se eles têm um oficial chamado Adam Shaw. Poderia também investigar na Organização Mundial de Saúde sobre um estudioso chamado dr. Arthur Janus? — Sim, ajudaria bastante. — Ótimo. Pode me ligar assim que tiver notícias. É muito importante.*

Dr. Paul Brenner desligou o telefone e olhou para os nomes. Shaw e Janus. O que estava acontecendo a bordo do iate? Kate estava em perigo.

Ele realmente havia se afeiçoado a ela. Vê-la nos vídeos por semanas, em seguida falar com ela ao telefone. Esperava que ela ficasse bem. Pegou o telefone e discou para seus contatos na oms e no Serviço de Inteligência Britânico. Ambos prometeram ligar de volta assim que tivessem respostas.

Paul tinha mais uma chamada a fazer — ele esperava —, mas precisaria esperar pelo Sinfonia, pelos resultados.

Saiu do gabinete e atravessou o corredor no prédio do ccpd. O ambiente era deplorável; todos estavam assoberbados e exaustos. O moral estava baixo, por um bom motivo: não haviam feito nenhum avanço na cura para a praga e não tinham perspectivas — não até a ligação de Kate, quase meia hora antes.

Quanto tempo levaria o Sinfonia? Se houvesse uma cura a descobrir na pesquisa que Kate e sua equipe haviam enviado…

A parede de vidro que mantinha as Operações da Orquídea separou-se, duas placas de vidro deslizando para deixá-lo passar. Todas as cabeças na sala de conferência convertida viraram-se para ele. A cena era como a sala de estudos de um alojamento de faculdade, onde os estudantes se espremiam por sessenta dias sem folga: as mesas de conferência estavam arranjadas ao acaso, atulhadas com laptops, pilhas de papel, mapas, relatórios manchados de café e copos de isopor pela metade.

O olhar naqueles rostos dissera a Paul tudo que ele precisava saber.

As quatro grandes telas que ocupavam as paredes confirmaram. O seguinte texto piscava: *Uma terapia identificada.*

Eles viram esse texto tantas vezes antes e, a cada vez, a celebração ficava um pouco mais desanimada que a anterior. Mas a atmosfera parecia diferente agora. A equipe amontoou-se ao redor de Paul, e todos falavam empolgados sobre os novos dados e o que fazer em seguida. Centros de pesquisa foram propostos e descartados.

— Vamos testar aqui, em nossa coorte — disse Paul.

— Tem certeza?

— Temos algumas pessoas que não podem esperar. — Ele olhou para a contagem regressiva do Protocolo de Eutanásia. Menos de quatro horas restantes. Havia muita gente que não poderia esperar.

Mas ele queria ter certeza antes de espalhar para o mundo todo. Tinha uma ligação a fazer.

No caminho de volta ao gabinete, Paul parou na enfermaria improvisada.

Foi até o leito da irmã. Sua respiração era fraca, mas ele sabia que ela o reconhecia. Ela estendeu a mão para tocar a dele.

Ele avançou para tomar sua mão. Sua pegada era fraca.

— Acho que encontramos, Elaine. Você vai ficar bem.

Sentiu a mão da irmã apertar a dele, ainda assim muito levemente.

Paul pegou o telefone. Vários minutos depois, estava em contato com a Sala de Crises da Casa Branca.

— Senhor presidente, temos uma nova terapia. Estamos extremamente otimistas. Peço ao senhor que atrase o Protocolo de Eutanásia.

Capítulo 69

Em algum lugar próximo à ilha de Alborão
Mar Mediterrâneo

— Quanto tempo? — perguntou David.

— Brenner disse que retornaria assim que possível. A Continuity está muito ocupada…

— Estaremos na ilha de Alborão dentro de três horas. Quando chegarmos lá, terei de armar Shaw e Kamau e fazer alguma coisa com os cientistas. Precisamos descobrir qual deles matou Martin e bagunçou com o barco.

Kate sentou-se na cama. Sabia que, se começassem a debater quem era o assassino, simplesmente teriam outra briga. E ela não queria brigar, não com ele, não naquele momento. Tirou a camisa e jogou-a sobre a cadeira.

Os olhos de David brilharam. Ele tirou seu revólver e cobriu-o com um travesseiro. Tirou a camisa, depois as calças.

Ele foi até Kate e ela beijou seu abdômen. Ele a empurrou para a cama e deslizou sobre ela.

Por um momento, o mundo inteiro lá fora desapareceu. Ela não pensou sobre a praga, a Immari, as anotações de Martin ou sobre o assassino a bordo. David. Ele era tudo que ela queria, a única coisa no mundo que importava para ela.

Estava quente como o inferno no espaço entre os conveses, mas David não se importou em ajustar o ar-condicionado.

Ele rolou sobre a cama e ficou deitado, nu, ao lado de Kate, seus corpos encharcados de suor. Sua respiração diminuiu antes da dela, mas nenhum dos dois disse palavra.

O tempo parou. Os dois encararam o teto. David não sabia quanto tempo havia passado, mas Kate virou-se para ele e beijou seu pescoço bem abaixo do queixo.

A sensação lhe arrancou daquele momento e David fez a pergunta que estava tentando evitar desde o telefonema com dr. Brenner.

— Acha que vai funcionar? Que a Continuity pode simplesmente pegar a pesquisa de Janus e Chang e… sei lá, *juntar tudo*, como a Triforça, e encontrar magicamente a cura?

— Triforça?

— Fala sério?

— O quê?

— Zelda — respondeu David. — Sabe, o Link recolhe a Triforça para resgatar a princesa Zelda e salvar Hyrule.

— Nunca assisti.

— É… um jogo de videogame, não é um filme. — *Como ela pode não conhecer?* Aquilo era mais surpreendente para David que o código de Martin. Mas… era uma discussão para outro dia. Provavelmente também não sabia a diferença entre *Guerra nas Estrelas* e *Jornada nas Estrelas*. Era possível que tivesse muito trabalho a fazer, se ficassem vivos nas próximas horas. — Olha só, esqueça Zelda, minha pergunta é se pode funcionar. Acredita que pode?

— Tenho que acreditar. Estamos fazendo todo o possível e isso é tudo que podemos fazer.

David voltou a deitar e encarou o teto novamente. O que ele estava tentando provar? Nem ele sabia. De repente, sentiu medo. Apreensão. Não era a batalha que surgia no horizonte. Era outra coisa, uma sensação que ele não conseguia identificar.

Kate sentou-se novamente.

— Como você sabe tanto sobre barcos? — Ela estava tentando mudar de assunto.

— Eu tinha um em Jacarta.

— Não sabia que agentes secretos tinham tempo para o lazer, como andar de barco — disse ela, um tanto brincalhona.

David sorriu.

— Não era um barco de lazer, garanto. Mas podia ter sido. Era um elemento de um plano de fuga… se eu precisasse dele. E acabou sendo útil, lembra?

— Não consigo me lembrar. Queria poder. — Ela alisou as cobertas.

Ela estava certa, David recordou. A Immari havia drogado Kate durante o interrogatório. Lembrava-se muito pouco do resgate e da fuga.

— O que fez com ele? — perguntou ela.

— Com o barco? Dei a um pescador de Jacarta. — Ele sorriu e virou o rosto. — Mas era um bom barco. — Naquele momento, ele se perguntou onde estava o barco, se Harto havia levado sua família da ilha principal de Java para uma das

milhares de ilhas menores e inabitadas no Mar de Java. Eles teriam uma chance lá. Harto podia pescar e sua família ficaria reunida. A praga talvez não os alcançasse e a Immari não iria atrás de poucas pessoas em uma ilha deserta. Do jeito que o mundo estava, talvez pudessem terminar sendo as últimas pessoas da Terra. Talvez o mundo ficasse melhor assim, se pessoas simples herdassem a Terra e vivessem como os seres humanos tinham vivido noventa por cento de sua história.

— Onde aprendeu a pilotar barcos? Usando?

— Com meu pai. Ele me levava para velejar quando eu era criança.

— Você fala bastante com ele?

David se mexeu com desconforto na cama.

— Não. Ele morreu quando eu era jovem.

Kate abriu a boca para falar, mas David a interrompeu.

— Não se preocupe. Faz muito tempo. 1983, no Líbano. Eu tinha sete anos.

— O bombardeio às casernas dos fuzileiros?

David assentiu. Seus olhos pairaram sobre o uniforme da Immari e em seguida sobre a folha prateada de carvalho de um tenente-coronel.

— Ele tinha trinta e sete anos e já era tenente-coronel. Talvez tivesse chegado a general de brigada ou até mais alto. Esse era meu sonho de criança. Tinha a imagem na minha cabeça de estar com um uniforme dos fuzileiros navais e uma estrela de general no ombro. É engraçado, ainda consigo ver a imagem que mantive na cabeça por tanto tempo. É incrível como os sonhos são claros quando somos crianças e como a vida se complica depois disso. Como uma única ambição se transforma em centenas de desejos e detalhes, a maioria dos quais sobre o que você quer e quem quer ser.

Kate tirou os olhos dele, em seguida virou-se na cama e deitou ao seu lado, olhando ao longe.

Era a maneira dela de lhe dar espaço? David não sabia, mas gostava de tê-la ao seu lado, de como a pele macia dela tocava a sua, seu corpo morno esquentava os lugares que tocava.

— No dia do funeral, minha mãe chegou em casa e pôs a bandeira dobrada na prateleira da lareira. Ficou lá por vinte anos, em uma caixa triangular de madeira escura com muitas demãos de verniz e uma tampa de vidro. Ao lado, ela deixou duas fotos: uma dele até o ombro com uniforme e uma dos dois juntos, em algum lugar tropical, algum lugar onde estavam felizes. A casa se encheu de gente naquele dia. Eles ficavam falando as mesmas coisas. Fui para a cozinha, peguei o maior saco de lixo preto que consegui encontrar e enchi com meus brinquedos, tudo que era soldado, tanque ou mesmo os que remotamente lembravam os militares. Então, fui para o meu quarto e joguei Nintendo pelos

três anos seguintes.

Kate beijou com suavidade a cabeça de David onde a testa encontrava a divisão dos cabelos.

— Zelda?

— Eu peguei a Triforça dois milhões de vezes. — Ele olhou para ela e sorriu. — Daí, em algum momento, fiquei realmente interessado em história. Li tudo que caía nas minhas mãos. História militar em particular. Especialmente a história da Europa e do Oriente Médio. Queria saber como o mundo ficou como é. Ou talvez eu pensasse que ser professor de história seria o trabalho mais seguro do mundo, o lugar mais distante do planeta de um campo de batalha de verdade. Mas, quando veio o Onze de Setembro, a única coisa que eu queria era ser um soldado. Era como se meu mundo tivesse virado de cabeça para baixo, eu queria vingança, mas também queria fazer uma coisa em que eu pensava que seria bom… àquilo que fui destinado a fazer o tempo todo, mas tinha medo. Talvez seja impossível fugir do destino. Não importa o que se faça, você não pode mudar o que realmente é, o que vem do seu íntimo, supostamente morto e enterrado, mas que conduz você desde o início.

Kate não disse nada e David ficou feliz com aquilo. Ela simplesmente se aconchegou nele e enterrou o rosto no espaço entre sua cabeça e seu ombro.

Algum tempo depois, David sentiu sua respiração lenta e soube que ela estava dormindo.

Ele beijou a testa dela.

Quando seus lábios se soltaram, percebeu o quanto estava exausto. Mentalmente, por discutir as anotações de Martin; fisicamente pelo seu momento com Kate; e emocionalmente, por lhe dizer coisas que nunca dissera a ninguém.

Tirou a arma de baixo do travesseiro e deixou-a perto dele, onde poderia pegá-la com facilidade. Olhou para a porta. Ouviria se ela abrisse. Teria tempo se alguém viesse atrás deles. Fecharia os olhos apenas por um segundo.

Capítulo 70

Quando David abriu os olhos, sabia que estava de volta à mansão no Mediterrâneo. Kate estava em pé ao lado dele. Uma porta de madeira arqueada apareceu no final do corredor. À direita, duas portas abertas enchiam o espaço de luz.

David conhecia as portas e os quartos mais além — ele vira Kate neles.

É o sonho dela. Estou nele, pensou David.

Kate foi até o fim do corredor e estendeu a mão para a porta.

— Não — disse David.

— Eu preciso. As respostas estão atrás dela.

— Não faça isso, Kate…

— Por quê?

David estava assustado e ali, no sonho, ele sabia por quê.

— Não quero que nada mude. Não quero perder você. Vamos ficar aqui, onde estamos.

— Venha comigo.

Ela abriu a porta e a luz engoliu o corredor.

Ele correu atrás dela, saltando através da porta…

David sentou-se na cama, arfando, esforçando-se para respirar.

Empurrou Kate para longe dele, mas isso não a acordou.

Puxou sua cabeça para encará-lo.

— Kate!

O suor brotava dela. Mas seu pulso era fraco. Estava queimando em febre. E inconsciente.

O que eu faço? Busco um dos médicos? Não posso confiar neles. Um terror — de uma magnitude que ele nunca havia sentido antes — apossou-se dele. Puxou-a para perto de si.

Para surpresa de Kate, a porta a levava para fora.

Ela virou para olhar a porta, mas… uma nave imensa agigantava-se diante dela. Ela estava em uma praia, e a nave estendia-se pela costa. De alguma forma,

Kate sabia o que era — o *Alpha Lander*. O que os seres humanos primitivos deste mundo chamariam de Atlântida.

Ela olhou para baixo. Usava um traje especial.

O céu lá em cima era escuro, cheio de cinzas. Primeiro pensou que fosse noite, mas viu o sol turvo bem acima dela, lutando para romper as cinzas que cobriam as nuvens.

Impossível, pensou Kate. *Esta é a Catástrofe de Toba, de setenta mil anos atrás*.

Uma voz ecoou no capacete.

— Os últimos sinais de vida registrados estão bem depois das colinas rochosas, posicionados a vinte e cinco graus.

— Entendido — ela se ouviu dizer quando partiu em passo ágil pela praia coberta de cinzas.

Além das colinas, ela os viu: corpos pretos empilhados no chão do vale até a entrada de uma caverna.

Percorreu a distância e entrou na caverna.

Os sensores infravermelhos no traje confirmaram: estavam todos mortos.

Quase havia perdido a esperança quando um laivo carmim iluminou seu visor. Um sobrevivente. Ela se aproximou.

Lá atrás, ouviu passos. Virou e encontrou um macho grande, uma espécie com físico incrível. Ele avançou a toda velocidade para cima dela com algo na mão.

Ela pegou o bastão de atordoamento, mas o macho interrompeu o avanço. Caiu ao lado da fêmea e entregou algo: um pedaço de carne pútrida. Ela mordeu com voracidade.

Nesse momento, Kate enxergou. A fêmea carregava outro sinal de vida. Um bebê. Desde a concepção, duzentos e quarenta e sete dias locais.

O macho deixou-se cair contra a parede da caverna. Ele era o chefe da tribo? Talvez. Esses dois morreriam ali, naquela caverna, e seria o fim da espécie.

Minha espécie também, pensou Kate. *Eles são meu povo, talvez os últimos dele. Com uma mudança genética, posso salvá-los. Não posso assistir à morte deles. Não vou.*

Antes que soubesse o que estava fazendo, ela ergueu os dois hominídeos nos ombros. O exoesqueleto do traje e a distribuição de peso computadorizada ajudavam a suportar o volume com facilidade. Estavam fracos demais para reagir.

Na nave, ela correu com eles até o laboratório.

A espécie era jovem demais para uma modificação genética completa. Aquilo os mataria. Ela tomou uma decisão: dar-lhes o precursor genético. Seria a

salvação. Mas causaria problemas. Ela estaria ali para ajudá-los, para guiá-los, consertar os defeitos. Tinha todo o tempo do mundo, do universo. Ela os criaria. A ativação completa viria depois, quando estivessem prontos.

— O que está fazendo? — a voz de um homem perguntou atrás dela.

Era seu parceiro. Sua mente acelerou. O que diria a ele?

— Eu estou…

Ele estava à porta, a luz entrando no laboratório, vinda de trás dele. Kate não conseguia ver seu rosto. Precisava descobrir quem era. Ela se levantou e caminhou até ele, mas ainda não conseguia ver seu rosto.

Kate sabia que ele esperava uma resposta. *Tenho de lhe dizer alguma coisa. Vou falar a verdade, mas vou elaborar.*

— Estou conduzindo um experimento — disse ela assim que chegou aonde o homem estava. Ela pegou em seu ombro, mas a luz ainda escondia o rosto.

David limpou outra camada de suor do rosto de Kate. *É isso. Tenho que buscar um médico. Não vou deixar que morra nos meus braços*.

Ele a deitou na cama, mas ela o agarrou e respirou fundo. Engoliu lufadas de ar e os olhos piscaram até se arregalarem.

David buscou em seu rosto uma pista, tentando entender.

— Caramba, o que aconteceu? Eu corri pela porta, mas…

— Eu fiz isso — ela arfou.

— O quê?

— Toba. Setenta mil anos atrás. Eu salvei seres humanos moribundos.

Ela está delirando, pensou David.

— Vou buscar os médicos.

Ela agarrou o braço de David com força e balançou a cabeça.

— Estou bem. Não estou louca. Não são apenas sonhos. São lembranças. — Finalmente ela estava recuperando o fôlego. — *Minhas* lembranças.

— Eu não…

— Em 1978, eu não *nasci* do tubo apenas… eu fui *ressuscitada*. Há muito mais coisas acontecendo do que percebemos antes.

— Você é…

— Eu sou a cientista que nos deu o Gene Atlântida. Sou uma atlante.

Parte III
O experimento de Atlântida

Capítulo 71

Em algum lugar próximo à ilha de Alborão
Mar Mediterrâneo

David tentou processar o que Kate havia dito.

— Você é…

— Atlante — insistiu Kate.

— Olha só, eu…

— Só me ouça, tudo bem? — Kate havia recuperado o fôlego.

Ouviram uma batida na porta.

David pegou a arma.

— Quem é?

— Kamau. Estamos a uma hora do destino, David.

— Entendido. Algo mais?

Pausa.

— Não, senhor.

— Vou sair em seguida — David gritou para a porta. Ele virou para Kate. — Que diabos está acontecendo?

— Eu me lembro de tudo, David. É como um dilúvio, como se uma barragem tivesse estourado. Lembranças. Por onde começar…

— Como você tem essas lembranças?

— Os tubos… a Immari pensou que eram tubos de cura. É só parte do que eles fazem. Eles curam, mas o principal objetivo é ressuscitar atlantes.

— Ressuscitar?

— Se um atlante morre, ele volta para os tubos, com todas as lembranças, como eram antes de morrer. O Gene Atlântida… é mais do que pensamos ser. É uma parte notável de biotecnologia. Faz com que o corpo emita radiação, uma espécie de download subatômico de dados. Lembranças, estrutura celular, é tudo coletado e replicado.

David ficou atônito, sem saber o que dizer.

— Você não acredita em mim.

— Não é isso — disse ele. — Acredite, eu confio em você. Creio que tudo

que disse é verdade. — Seus pensamentos voltaram à sua ressurreição, seu renascimento, na Antártida e em Gibraltar. Sentiu que ela precisava dele. Que ela havia passado por algo que ele não conseguiria entender. — Se alguém no mundo acredita em você, esse alguém sou eu. Você ouviu a minha história… da minha ressurreição. Mas vamos retomar tudo isso, começar do começo: como você pode ter lembranças de uma atlante?

Kate limpou o suor do rosto.

— Em Gibraltar, a nave estava danificada, quase destruída. A última coisa de que me lembro foi de voltar à nave. Durante as explosões, fiquei desacordada, e meu parceiro… ele me pegou. Não sei o que aconteceu depois disso. Devo ter morrido. Mas não ressuscitei. A nave deve ter desligado a ressurreição… porque estava danificada ou porque não havia como escapar. Ou talvez ele tenha desligado… meu parceiro. — Kate sacudiu a cabeça. — Quase posso ver seu rosto… ele me salvou. Mas, de alguma forma, não voltei ao tubo. Em 1919, meu pai pôs Helena Barton, minha mãe, no tubo. Eu nasci em 1978. O tubo estava programado para trazer a atlante de volta ao momento em que ela morreu. Ele cria um feto, implanta as lembranças, em seguida amadurece o feto até a idade padrão.

— Idade padrão?

— É a minha idade agora…

— Os atlantes não envelhecem?

— Envelhecem, mas é possível desabilitar o envelhecimento com algumas modificações genéticas simples. Envelhecer é apenas morte celular programada. Mas é um tabu para os atlantes desabilitar o envelhecimento.

— É tabu não envelhecer?

— É visto como… ah, é difícil explicar, mas é uma espécie de *ganância pela vida*. Espere, não é bem isso. É isso e um sinal de insegurança… abdicar do envelhecimento significa agarrar-se a uma juventude não terminada, como se não estivesse pronto para seguir adiante. Abrir mão da morte implica uma vida inacabada, uma vida com que não se está feliz. Mas certos grupos têm permissão para desativar o envelhecimento e manter a idade padrão… exploradores do espaço profundo são um grupo.

— Então, os atlantes… — David hesitou. — Você é uma… exploradora do espaço?

— Não exatamente. Desculpe, eu fico usando palavras erradas. — Ela pôs a mão na cabeça por um instante. — Pode ver se tem algum tipo de remédio para dor de cabeça no banheiro?

David voltou com um frasco de Advil e Kate tomou quatro de uma vez sem água antes que David pudesse contestar a dose. *Ela é médica. Quem sou eu para*

falar alguma coisa?

— Nós dois, nós éramos uma equipe científica…

— Por que você estava aqui?

— Eu… não consigo lembrar. — Ela esfregou as têmporas.

— Cientistas. De que tipo? Qual sua especialidade?

— Antropologia. O que seria o termo mais próximo? Antropólogos evolucionários. Estávamos estudando a evolução humana.

David balançou a cabeça.

— Qual o perigo disso?

— Pesquisas em mundos primitivos são sempre um trabalho perigoso. No caso de sermos mortos em campo, estávamos programados para ressuscitar para que pudéssemos retomar o trabalho. Mas algo deu errado na minha ressurreição. Comigo, ele implantou lembranças, mas não conseguiu avançar… meu corpo não nascido ficou preso dentro da minha mãe. Essas lembranças permaneceram no meu subconsciente por décadas até agora… até eu chegar à idade padrão. — Ela se deixou cair na cama. — Tudo que fiz foi impulsionado por essas lembranças subconscientes. Minha decisão de me tornar médica, depois pesquisadora. Minha escolha de desenvolver uma geneterapia para indivíduos autistas é simplesmente uma manifestação do desejo de corrigir o Gene Atlântida.

— Corrigir?

— Sim. Setenta mil anos atrás, quando introduzi o Gene Atlântida, o genoma humano não estava pronto.

— Não entendo.

— O Gene Atlântida é extremamente sofisticado. É uma espécie de gene de sobrevivência e comunicação.

— Comunicação… Nossos sonhos compartilhados?

— Sim. É como éramos capazes de acessá-lo… comunicar subconscientemente via partículas subatômicas, radiação, passadas de um cérebro para o outro. Começou quando você estava no norte de Marrocos e eu estava no sul da Espanha. Porque nós dois temos o Gene Atlântida e estamos ligados. Seres humanos só serão capazes de usar o “elo” daqui a milhares de anos. Eu dei aos seres humanos o Gene Atlântida para que pudessem sobreviver. Os aspectos de sobrevivência eram o único objetivo. Mas saíram do controle.

— O quê?

— Os seres humanos, o experimento. Tínhamos de fazer modificações genéticas periódicas… alterações no Gene Atlântida. — Ela meneou a cabeça para si. — Usávamos os retrovírus de geneterapia para fazer as modificações… sim, é isso: os retrovírus endógenos no genoma humano, é isso que são… fósseis

de geneterapias passadas que aplicamos nos seres humanos, as atualizações incrementais.

— Ainda não estou entendendo, Kate.

— Martin tinha razão. É incrível. Ele era um gênio.

— Eu…

— A cronologia das modificações do Gene Atlântida de Martin… eles não param doze mil e quinhentos anos atrás.

— Certo…

— O "Delta perdido" e a "Queda de Atlântida" dele referem-se à destruição da nossa nave e à morte da minha equipe científica. O fim de nossas mudanças no genoma humano.

— Isso significa…

— Que as mudanças continuaram. Alguém mais interferiu na evolução humana. Sua teoria estava certa. Há duas facções.



Dorian fechou os olhos. Nunca conseguia dormir antes de uma batalha. Estavam a poucas horas da ilha de Alborão, de capturar Kate e levá-la para Ares. Quando libertasse o atlante, finalmente descobriria o que ele era de verdade, quem era. Estava nervoso. O que descobriria?

Dorian tentou imaginar Ares. Sim, ele estava lá, olhando para ele de volta, uma imagem deformada refletida na curva do vidro — um tubo vazio.

Dorian deu um passo para trás. Uma dúzia de tubos espalhavam-se em um semicírculo. Quatro tinham primatas ou seres humanos. Era difícil dizer.

As portas abriram-se atrás dele com um chiado.

— Nunca deveria ter vindo até aqui!

Dorian conhecia a voz, mas mal conseguia acreditar. Ele se virou lentamente.

Kate estava diante dele. Usava um traje semelhante ao dele, mas diferente. Era um uniforme. O dela era mais parecido com um macacão de alguém que trabalha em um centro de pesquisa esterilizado.

Os olhos de Kate arregalaram-se quando viu os tubos.

— Você não tem o direito de levá-los…

— Vou protegê-los.

— Não minta para mim.

— *Você* os pôs em risco. Você lhes deu parte de nosso genoma. Você subestimou o ódio do nosso inimigo. Ele vai caçar cada um de nós, até o último.

— Por isso você nunca deveria ter vindo…

— Você é a última do meu povo. Eles também.

— Eu apenas tratei uma das subespécies — disse Kate.

— Sim. Eu percebi quando tirei amostras. Essa espécie nunca mais estará segura. Você precisa me ajudar.

Capítulo 72

Em algum lugar próximo à ilha de Alborão
Mar Mediterrâneo

Kate foi até a pia e lavou o rosto, como se fazê-lo fosse capaz de limpar a confusão em sua mente e ajudá-la a lembrar. Sentia as respostas, a verdade toda estava lá, nos recônditos da mente, apenas fora do alcance.

Quando voltou, David estava esperando por ela na cabine, vestido com a armadura, aquela expressão de "pronto para a guerra" no rosto que ela já conhecia por instinto.

— Como sabe que existem duas facções atlantes?

— Apenas sei. E as naves. Martin tinha razão. São de dois grupos diferentes.

— Há quilômetros de tubos na Antártida. O que tem neles? Mais cientistas? Soldados? Um exército?

Kate fechou os olhos e esfregou as pálpebras. Era tudo uma bagunça, mas as respostas estavam lá.

— Eu… não consigo lembrar. Não acho que sejam exploradores.

— Soldados, então.

— Não. Talvez. Me dá um tempinho. É como se meu cérebro estivesse pegando fogo.

David sentou-se na cama e pôs o braço ao redor dela. Ficaram em silêncio por uns minutos. Finalmente ele disse:

— Chegaremos à ilha em menos de uma hora. Temos de descobrir quem é o assassino.

Kate assentiu.

— Meus suspeitos são Shaw e Chang, nessa ordem — disse ele.

— Vamos trabalhar de trás para a frente — disse Kate. — Vamos começar com o motivo. Quem iria querer matar Martin, por que qualquer um deles iria querer matá-lo?

— Martin estava perto da cura… sabemos disso pelas notas.

— Então, qualquer um que quisesse impedi-lo de encontrar uma cura deveria ser nosso principal suspeito — disse Kate. — Está claro para mim que Chang e

Janus querem encontrar uma cura. Isso os tira de cena para mim. Sabemos que impedir uma cura é prioridade número um para a Immari. Há apenas uma pessoa neste barco que era um soldado leal à Immari quando tudo isso começou. Kamau.

— Não é ele — retrucou David.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ele salvou minha vida em Ceuta.

— Talvez essa seja a missão dele… salvar e seguir você até chegar a mim.

David bufou.

— Vamos em frente. Chang também era leal à Immari quando tudo começou. — Kate conseguiu perceber a irritação dele. — Caramba, ele é o maior genocida deste barco. Quantos ele matou na China? Centenas, milhares?

— Não acho que ele pudesse ter quebrado o pescoço de Martin — disse Kate.

— Talvez não enquanto ele estava vivo, mas e se… e se Chang já tivesse matado Martin? Você disse que ele havia aplicado uma terapia na barca da praga. E se essa terapia o matou e Chang quebrou seu pescoço *depois do fato* para escondê-lo?

— Não podemos comprovar essa teoria. Não há maneira de fazer autópsia aqui. Kamau é um suspeito melhor. Ele é um assassino treinado.

— Eu também. Shaw também.

— Você não mencionou Janus.

— Eu só… não acho que seja ele. Não sei por quê.

— Shaw salvou minha vida em Marbella — disse Kate.

— Talvez essa seja a missão dele…

— Essa *é* a missão dele…

— Sua missão *da Immari* — disse David. — Há outro motivo. Esqueça a cura. E se Martin soubesse quem eram os agentes do SAS e que Shaw não era um deles?

As palavras de David silenciaram Kate.

— Você disse que Shaw conhecia os meandros do acampamento da Immari.

— Pelo que parece, você se atualizou bem rápido também.

David balançou a cabeça.

— *Touché*.

Havia algo que Kate queria dizer antes da discussão, ou briga, ou fosse lá o que aquilo se tornaria caso continuasse.

— Olha, eu não sei quem matou Martin ou o que deveríamos fazer. Mas sei de uma coisa: seja lá o que você decida, vou concordar.

David beijou sua testa quente.

— É tudo que eu preciso.



Todos estavam reunidos no deque superior do iate. David entregou a Kamau um fuzil automático e uma pistola. Um fuzil automático idêntico pendia do ombro de David.

Shaw olhou de David para Kamau.

— Não vai me dar armas…

— Cale a boca — disse David. — Vamos chegar à ilha de Alborão em vinte e cinco minutos. É isso que vamos fazer.

Quando David terminou de relatar seu plano, Shaw balançou a cabeça.

— Você vai nos matar. Kate…

— É isso o que faremos — ela disse, sem rodeios.



Na cabine do barco, David assentiu para Kamau, que em seguida ativou o rádio.

— Posto avançado na ilha de Alborão, aqui quem fala são oficiais da Immari, sobreviventes da batalha de Ceuta. Pedimos permissão para aportar.

O posto avançado respondeu, pedindo a patente de Kamau e seu código de oficial da Immari. Ele sussurrou rapidamente, as costas viradas para David.

— Eles liberaram para aportarmos — disse Kamau.

— Ótimo. Vamos em frente.

Capítulo 73

Ilha de Alborão

David ajustou o binóculo. Da cabine do barco, a ilha de Alborão estava entrando na paisagem. O sol nascente iluminava a pequena plataforma de rocha que se erguia do Mediterrâneo. Era menor que um quarteirão na cidade. Na ponta mais distante ficava um prédio de dois andares simples de concreto. Parecia mais uma cadeia medieval. Um farol erguia-se no centro, ultrapassando a altura do prédio simples.

Do outro lado da ilha, o heliporto tinha três helicópteros que esperavam em silêncio.

Um cais estendia-se na base do penhasco de seis metros onde a pedra encontrava o mar. David ajustou o curso do barco para o cais.

— Eles sempre mantêm uma série de três Eurocpoter X3s?

Kamau balançou a cabeça.

— Não. Em geral apenas um. Receberam reforços. Talvez sejam da frota principal da Immari ou da força invasora do sul da Espanha.

David considerou o fato. Cada helicóptero poderia carregar uma dúzia de pessoas. Talvez houvesse mais de quarenta soldados armados no prédio, esperando para atacar. Soldados demais.

Fez um ajuste mental ao plano.

Kamau amarrou o barco ao cais e começou a descer a escada que levava do penhasco até a superfície.

Não havia soldados no cais e, no alto da escada, ele parou, investigando a paisagem nua de rocha e areia que se estendia diante dele. Não havia soldados ali também, apenas a poeira soprada pelo vento. O farol esperava a quase cinquenta metros adiante. A torre lançava uma sombra escura sob o sol nascente, como um caminho de escuridão que levava ao desconhecido.

Kamau saiu da sombra. Queria que vissem que ele estava desarmado — que poderiam salvar sua vida. Manteve as mãos ao lado do corpo.

Aproximar-se de uma instalação armada sem uma única arma deixou-o inquieto, mas não havia alternativa.

Um tiro soou e a poeira subiu da terra a quase um metro ao lado dele.

Kamau parou e ergueu as mãos.

No telhado do prédio, surgiram três franco-atiradores.

Sete soldados correram para fora do prédio e cercaram Kamau.

— Identifique-se! — berrou um dos soldados.

Kamau manteve as mãos erguidas e a voz calma.

— Acho que vocês receberam a minha mensagem. Vocês precisam me armar, precisamos invadir o barco agora. Eles estão no meu encalço.

O soldado hesitou.

— Quantos no barco?

— Dois soldados bem armados e bem treinados. Estão no deque superior. Três cientistas no espaço entre os conveses, cada um trancado em uma cabine separada. Desarmados. A mulher é a missão. Precisamos dela ilesa.

O soldado da Immari falou no rádio. Mais três soldados saíram do prédio e se juntaram aos dez que estavam ao redor de Kamau.

— Vocês precisam me dar uma arma…

— Cale a boca. Fique aqui — disse o soldado. — Vamos cuidar de você depois.

Ele apontou para seus homens tomarem conta de Kamau. Partiu com sete deles, deixando dois para vigiá-lo. Havia apenas dois homens no telhado agora; um dos franco-atiradores tinha se juntado ao grupo de ataque.

Kamau estava lá, as mãos ainda levemente erguidas, e observou quando as tropas chegaram ao fim da plataforma de pedra, desceram as escadas e chegaram ao cais lá embaixo.

Ele se concentrou intensamente no barco.

Cinco segundos, dez segundos, quinze segundos, vinte…

Uma explosão gigantesca eclodiu do cais, mandando uma onda de fogo pela encosta de rocha acima. O impacto lançou Kamau e os dois soldados que o acompanhavam ao chão. Ele rolou e esmurrou o mais próximo, fazendo-o desmaiar. O outro estava de joelhos e Kamau avançou nele. O homem tentou golpeá-lo, mas Kamau puxou-o para perto. Bateu a cabeça do homem no chão e sentiu o corpo dele esmorecer.

Sem olhar para cima, agarrou uma granada no cinto do homem e jogou-a sobre o prédio, esperando acertar os franco-atiradores antes que retomassem as posições. Pegou outra e arremessou no telhado — caso tivesse errado. As duas

explosões ressoaram assim que Kamau lançou a terceira granada através do vidro de uma janela no primeiro andar do prédio.

Ele pegou o fuzil automático do soldado e seguiu em disparada para o prédio. Precisava chegar até lá, obter cobertura ao lado da janela. Se a granada explodisse antes, lançaria estilhaços de vidro e escombros, retalhando-o.



David forçou as pernas a acelerarem. Os pés de pato impulsionavam-no pela água e ele não conseguiu evitar: observou os recifes que cercavam a ilha de Alborão. Em circunstâncias diversas, passaria dias mergulhando ali, observando tudo. Mas precisava ser rápido. Ele continuou. Tentou formar um mapa na cabeça, tentou estimar a distância que percorrera. Se ele chegasse cedo demais ao prédio do posto avançado, os franco-atiradores no telhado poderiam pegá-lo facilmente.

Por fim, ele decidiu emergir da água. Rapidamente se livrou do tanque e do equipamento de mergulho. Estava desarmado, exceto por sua faca.

Caminhou na parede da encosta e esperou. Queria vasculhar, ver o quanto havia se aproximado dos helicópteros, mas não ousou arriscar.

Esperou.

O barulho das explosões ecoou. David instantaneamente entrou em ação. Alçou-se à plataforma lisa e empoeirada e correu a toda velocidade até os helicópteros. Era uma distância de, no mínimo, cinquenta e cinco metros.

Do posto avançado, ele ouviu mais duas explosões.



Kate ajustou sua pegada na arma. Sentia-se tão estranha empunhando-a. O pequeno bote salva-vidas sacudia loucamente no mar.

— Por mais que não importe agora, eu realmente sinto muito por isso, rapazes.

— Entendo completamente — disse dr. Janus.

— Concordo — confirmou dr. Chang. — Era mesmo a única saída.

Shaw murmurou alguma coisa. Xingamentos foram as únicas coisas que Kate conseguiu discernir e ela pensou que provavelmente fosse melhor mesmo não ter ouvido o que ele disse.

À distância, uma explosão sacudiu a ilhota, e Kate viu pedaços do iate de

cento e trinta pés caírem no Mediterrâneo.

Para sua surpresa, teve uma sensação de perda quando assistiu ao barco explodir em chamas. Mesmo com todo o estresse e preocupação durante a viagem, ela apreciava os momentos que passara no espaço entre os conveses com David. Perguntou-se o que o futuro reservava.



David quase havia alcançado os três helicópteros quando viu Kamau surgir no topo do prédio.

David parou, virou-se para o prédio e esperou.

Kamau estava com um fuzil de precisão no ombro, apontou-o para David e para os helicópteros e girou da esquerda para a direita várias vezes.

Ele relaxou a pegada no fuzil e sinalizou para David: tudo limpo.

David não esperava. Imaginou que houvesse ao menos um soldado vigiando os helicópteros. Sloane não teria deixado as aeronaves sem vigilância. Ele não estava lá — David teve certeza naquele momento.

O comandante da base mandou todos os recursos para tomar o barco. Ou…

David chegou ao primeiro helicóptero, vasculhou rapidamente dentro dele, em seguida passou entre os outros. Todos vazios. Kamau estava certo: não havia ninguém ali.

Por quê? Eles haviam deixado uma bomba nos helicópteros? David precisava descobrir qual deles tinha mais combustível. Aproximou-se da porta do helicóptero mais próximo e olhou lá dentro. Não havia cabo de detonação. Pegou o manche e começou a virá-lo.



Kamau correu através do prédio, buscando tanques de combustível. Encontrou-os em uma sala de armazenagem no primeiro andar. Pegou dois e saiu do prédio. David estava lá, esperando por ele.

— Algum sinal de Sloane?

Kamau negou com a cabeça.

— Esta deve ser uma equipe de batedores, um teste para ver se os canhões eletromagnéticos os derrubariam. Sloane nunca arriscaria sua vida. Temos de nos apressar, ele não deve estar muito longe. — David pensou em uma coisa. — Viu algum explosivo lá dentro?

— Vi.

— Traga-os. Vamos deixar uma surpresa para Sloane.



Cinco minutos depois, David estava no helicóptero, calmamente observando o solo da ilha de Alborão afastar-se. A visão mudou para o mar aberto e Kamau ajustou a rota do helicóptero. O bote salva-vidas que estava com Kate e os três homens havia ficado um pouco à deriva, mas ainda foi fácil encontrá-los.

Eles seguiram o protocolo que David definira no iate: Kate e a bolsa com armas e computadores embarcaram primeiro, seguidos por Janus, Chang e Shaw — nessa ordem.

Quando todos estavam a bordo, Kamau falou pelo rádio com David através do capacete.

— Para onde?

Na verdade, David não tinha ideia. Mas… não poderiam ir para o norte, na direção da Espanha, ou o sul, rumo a Marrocos, ou o oeste, para o Atlântico.

— Leste. Permaneça baixo.

Capítulo 74

Ilha de Alborão

Dorian viu duas colunas grossas de fumaça muito antes de a ilhota de Alborão surgir.

O piloto parou o helicóptero principal de Dorian para pairar a meio quilômetro da ilha, permitindo que todos no comboio de três helicópteros examinassem o posto avançado.

Um iate imenso queimava no cais. Um prédio de concreto de dois andares com um farol anexo também queimava intensamente. Dorian não os havia perdido por muito. Talvez por uma hora.

— Senhor — disse o piloto —, parece que perdemos a festinha.

O homem estava sofrendo claramente da "síndrome da obviedade" — uma situação que Dorian sentiu crescer em proporções epidêmicas entre os homens que o cercavam.

— Muito perspicaz. Deveria ter sido um analista — murmurou Dorian, ponderando o que fazer.

— Bravo líder, aqui é Bravo 3. Nosso combustível está a menos de quarenta por cento. Solicito permissão para descer e abastecer…

— Negativo, Bravo 3 — gritou Dorian no capacete.

— Senhor? — O piloto em seu helicóptero virou-se para encará-lo. — Estamos com menos de cinquenta por cento também…

— Formação Bravo: mantenham distância do posto avançado. Bravo 3, queime o helicóptero mais próximo.

O helicóptero adjacente lançou um míssil que dizimou um dos dois helicópteros remanescentes no heliporto da ilha. Uma fração de segundo depois do impacto, uma segunda eclosão, ainda mais violenta, irrompeu da ilha.

— Botaram bombas nos helicópteros? — perguntou o piloto.

— Sim. Atinja o outro também — disse Dorian. — Qual nossa fonte mais próxima de combustível?

— Marbella ou Granada. As forças invasoras relataram que as duas áreas estão seguras…

— Vamos para leste.

— Como o senhor…

— Porque eles sabem que estamos atrás deles e eles não têm mais para onde ir. — Dorian concentrou-se em Kosta, seu assistente, que estava sentado diante dele. — Temos uma barca de praga na área… no oriente?

Kosta digitou febril no laptop.

— Sim, mas está quase para aportar em Cartagena.

— Faça voltar. Diga a eles para rumarem para o sul em um curso que nos intercepte.

— Sim, senhor.

— Alguma notícia dele? — perguntou Dorian. A última notícia disse *Ilha de Alborão. Rápido*. Ele estava em perigo?

— Não, senhor. — Kosta olhou para a janela, para a ilha em chamas. — Ele pode ter sido mec…

— Nem me fale uma coisa dessas, Kosta.



Dr. Paul Brenner estava dormindo no sofá em seu gabinete quando a porta abriu de uma vez, batendo na parede, praticamente matando-o de susto.

Paul se levantou do sofá e procurou seus óculos na mesa de centro. Estava grogue, desorientado. As horas de sono eram as melhores que ele teve em… um bom tempo.

— O que…

— Precisa ver isso, senhor. — A voz do técnico laboratorial estava trêmula.

Empolgação? Medo? Quando Paul botou os óculos, o homem já havia fugido da sala.

Paul correu atrás dele pelo corredor do centro de comando do ccpd até a enfermaria. Fileiras de camas cercadas por tendas plásticas espalhavam-se diante dele. Paul conseguiu ver apenas vislumbres borrados do que havia dentro delas. O que ele *não* via o assustava mais. Nenhum movimento, nenhuma luz, nenhum "bip-bip-bip" rítmico.

Avançou sala adentro. Puxou para trás o plástico da cama mais próxima. O monitor cardíaco estava em silêncio, morto, desligado. O paciente que jazia ali estava parado. O sangue escorria da boca, manchando os lençóis brancos.

Paul caminhou lentamente até a cama da irmã. A mesma situação.

— Taxa de sobrevivência? — perguntou ele ao técnico com voz apática.

— Zero por cento.

Paul cambaleou para fora da ala, temendo cada passo, forçando-se a continuar. Sentiu-se vazio, realmente desesperançado pela primeira vez desde que o surto havia começado, desde que Martin Grey o convidara para ir a Genebra vinte anos antes e lhe dissera que precisava de sua ajuda para um projeto que poderia salvar a humanidade em seu momento mais obscuro.

Na sala de Operações da Orquídea, as portas de vidro abriram-se de novo. As telas que mostravam o resultado do algoritmo Sinfonia poucas horas antes foram substituídas por um mapa-múndi. Manchado de vermelho com as estatísticas de mortes ao redor do mundo.

Os rostos por toda a sala refletiam o horror silente da imagem da tela. Olhares compassivos receberam Paul quando ele entrou. Eram menos rostos olhando para ele do que havia antes. Alguns membros da equipe eram sobreviventes da praga, imunes, como Paul era. Mas, para a maioria, a Orquídea era sua chave para a sobrevivência e ela finalmente havia falhado para eles. Esses membros da equipe estavam na enfermaria. Ou no necrotério.

Os outros homens e mulheres, que costumavam passear entre as mesas, caminhando e discutindo, estavam sentados e quietos, olheiras fundas sob os olhos. Copos de isopor cheios de café atulhavam as mesas.

O líder da equipe levantou-se e pigarreou. Ele começou a falar quando Paul avançou pela sala, mas Paul não ouviu uma palavra. Estava concentrado no mapa, como se em um transe, como se ele o atraísse.

Distrito Orquídea de Boston: 22% de mortos confirmados na população total.
Distrito Orquídea de Chicago: 18% de mortos confirmados na população total.

Ele examinou as estatísticas.

No Mediterrâneo, bem ao sul da Itália, uma única ilha brilhava em verde, como um único pixel que estivesse queimado ou com defeito.

Paul apertou a tela interativa, e o mapa abriu em um zoom.

Malta
Distrito Orquídea de Valeta: 0% de mortos confirmados.
Distrito Orquídea de Victoria: 0% de mortos confirmados.

— O que é isso? — perguntou Paul.

— Um truque — um dos analistas gritou.

— Não sabemos! — outro interveio.

O líder da equipe, ainda em pé, ergueu as mãos.

— Estamos recebendo um monte de relatórios de mortes do mundo inteiro, senhor.

— Malta não enviou relatório? — perguntou Paul.

— Enviou. Eles não relatam mortes.

Outro analista falou.

— Os Cavaleiros de Malta expediram uma declaração dizendo que “oferecem abrigo, cuidados e conforto neste período obscuro de crise e guerra, como fizeram antes”.

Paul olhou para o mapa, sem saber o que dizer.

— Achamos — o líder da equipe começou a dizer — que simplesmente estão tentando perpetuar o mito dos Cavaleiros Hospitalários, ou pior, atrair quaisquer indivíduos fisicamente capazes para ajudar a manter a ilha.

— Interessante… — murmurou Paul.

— Todo o resto do mundo reporta algo entre quinze e trinta por cento de mortes nesse momento. Acreditamos que os números em alguns lugares estão um pouco fora. O Distrito Orquídea do Vaticano está alegando doze por cento; O Distrito Xangai-Alfa tem trinta e quatro por cento, enquanto Xangai-Beta tem aproximadamente metade disso…

Paul caminhou até a porta, a mente acelerada.

— Senhor? Existe outra terapia?

Paul virou-se para o analista. Ele se perguntou se a Casa Branca havia inserido um homem na equipe, alguém que pudesse reportar aos seus superiores com uma aprovação ou desaprovação firme sobre o tratamento recente, um informante que pudesse dizer a Washington para prosseguir com a tomada da Continuity e, em seguida, com o Protocolo de Eutanásia.

— Há… outra coisa — disse Paul. — Algo em que estou trabalhando. Tem relação com Malta. Quero que você entre em contato com os diretores dos Distritos de Victoria e Valeta. Descubra tudo que puder.

A assistente de Paul entrou às pressas na sala.

— Senhor, o presidente está na linha.

Capítulo 75

Sobre o Mar Mediterrâneo

Estava tudo quieto no grande helicóptero e David acreditava que a leve vibração ajudara Kate a cair no sono, pouco depois do embarque. Ele estava sentado com as costas retas no assento, encarando a janela. Kamau e Shaw estavam à frente, na cabine, com Kamau no controle; Janus e Chang estavam sentados diante dele. Os dois estavam exaustos, olhares impassíveis no rosto.

Kate havia se recostado nele, a cabeça descansando no ombro. David não ousava se mexer. Manteve a pistola sob a perna direita, pronta para usá-la, se necessário.

Com Kate dormindo em seu ombro, a arma na mão e quatro suspeitos bem diante dele, David sentia-se melhor do que havia se sentido desde que encontraram Martin morto. Saber que eles tinham entregado uma cura também não era nada mau.

A respiração de Kate era constante e calma, diferente dos sonhos suarentos e tortuosos por que passara no iate. David imaginou onde estava, o que estava sonhando… ou lembrando.

Janus falava baixinho, com cuidado para não despertar Kate.

— Quero parabenizá-lo, sr. Vale. Raramente fico impressionado com alguém como fiquei com seu desempenho no barco. Sua compreensão de história foi… notável. Achei que o senhor era um simples soldado.

— Não se preocupe. Acontece o tempo todo. — David suspeitava que Janus estava tramando algo, amaciando-o como um suspeito que tinha informações valiosas, mas não conseguia imaginar o que o cientista queria.

— Para mim, resta um mistério.

David ergueu as sobrancelhas. Palavras irrelevantes traziam o risco de acordar Kate.

Janus pegou o código de Martin, deixando David observá-lo novamente.

PIE = Immaru?
535...1257 = Segundo Toba? Novo Sistema de Disseminação?

Adão => Dilúvio/Queda A$ => Toba 2 => KBW
Alfa => Delta perdido? => Delta => Ômega
70MAA => 12,5MAA => 535...1257 => 1918...1978

Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida?

— A última linha do código: “Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida”. O que acha que isso significa? — Janus voltou a dobrar a anotação. — Também estou curioso para saber por que Martin incluiu uma nota sobre pie no alto. Parece… desnecessário… se nossa teoria é que a cura reside no genoma de Kate e nos sobreviventes das duas epidemias de peste bubônica no passado.

David precisou admitir: o homem tinha razão.

— Talvez seja camuflagem ou um caminho falso para confundir quem encontrasse as notas.

— Sim, talvez. Mas tenho outra teoria. E se nos faltar uma peça… outro ponto de virada genético. Alfa. Adão. A introdução do Gene Atlântida.

David pensou na teoria.

— Pode ser… mas os corpos da peste dos séculos vi e xiii não são tão fáceis assim de achar, e existem milhões deles enterrados em toda a Europa. O senhor está me falando de um único corpo, enterrado em algum lugar na África, setenta mil anos atrás… Seria totalmente impossível encontrar.

— Isso é verdade — disse Janus com um suspiro. — Apenas menciono isso porque o senhor parecia ter a maior parte das percepções sobre as notas. Estranhamente, seu conhecimento de história parece ser mais pertinente que minha ciência. — Ele olhou pela janela do helicóptero. — Imagino se Martin descobriu. Se de alguma forma localizou os restos mortais de Adão, se ele deixou uma pista em algum lugar nessa nota.

David ponderou as palavras do outro. Havia algo mais?

— Outra consideração — disse Janus — é a intenção de Martin. Obviamente ele sabia que Kate era parte do quebra-cabeça genético, mas seu principal objetivo era negociar a cura em troca da segurança da doutora. Se ele identificou todas as peças, talvez tenha pensado em uma pista final, a localização de Adão, apenas para ela.

— Tirando o fato de que não há pista, datas ou localizações. Apenas “Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida”. Não sabemos sequer o que é esse *tesouro*.

— Você está certo. Mas tenho uma teoria. Se considerarmos a tapeçaria tibetana, que todos concordamos ser a chave para o código e a cronologia de Martin, existe uma peça muito clara do tesouro na descrição: a arca que os primitivos carregam para as montanhas no momento do dilúvio e da queda de

Atlântida.

David assentiu, quase involuntariamente. Por que ele não viu isso antes? E o que significava? Como Adão poderia levar a esse tesouro? E o que havia dentro da caixa, da Arca?

— Sim… é interessante… — murmurou David.

— Uma última coisa, sr. Vale. A primeira linha do código: “pie = Immaru?”. Por que acha que Martin a inseriu ali?

— Para nos direcionar à tapeçaria?

— Sim, mas Kate obviamente já sabia dela. Talvez seja uma trilha para algo? Parece… irrelevante. Poderia ser suprimido e a cronologia permaneceria intacta. Não acrescenta informações práticas, como a última linha, que faz referência ao tesouro. A menos que, claro, sejam pistas reais, que nos levem a Adão e a esse tesouro, desvendando de alguma maneira os segredos desse “Experimento Atlântida”.

Chang ergueu os olhos, como se tivesse acordado de um sonho.

— Você acredita…

— Acredito — disse Janus — que ainda existam mais coisas aí. Será que poderíamos acordar Kate para perguntar sua opinião? Parece que o mistério inteiro depende dela.

David involuntariamente puxou Kate para mais perto dele.

— Não vamos acordá-la.

Janus voltou os olhos rapidamente para ela.

— Ela não está bem?

— Está — disse David, no tom mais baixo que conseguiu desde que a conversa havia começado. — Precisa descansar. Vamos todos descansar um pouco.

— Muito bem — aquiesceu Janus. — Posso saber nosso destino?

— Eu conto quando chegarmos lá.

Capítulo 76

Kate achou aquele sonho mais vívido do que os outros. Não era um sonho… era uma lembrança. Ela entrou na câmara de descompressão da nave e esperou. *Alpha Lander*, aquele era o nome da nave.

O traje que usava movia-se levemente enquanto o ar girava ao seu redor.

As portas gigantescas abriram-se, revelando a praia e o penhasco rochoso que vira antes. A cobertura de cinzas pretas que havia envolvido a terra antes tinha desaparecido.

A voz no capacete era nítida e Kate teve um leve sobressalto com o som.

— Recomendo que pegue uma biga. É uma caminhada longa.

— Câmbio — disse Kate. Sua voz soou diferente, mecânica, sem emoção.

Ela caminhou até a parede e levou a mão ao painel. Uma nuvem de luz azul surgiu e ela mexeu os dedos para manipulá-la. A parede se abriu e uma biga de liga metálica flutuante entrou na sala e esperou por ela.

Kate subiu no veículo e mexeu no painel de controle. A biga girou e saiu da sala, mas Kate mal sentiu a movimentação — o dispositivo criava uma espécie de bolha que impedia a inércia de sacudi-la.

A biga moveu-se sobre a praia e Kate ergueu os olhos. O céu estava claro — sem vestígios de cinzas. O sol queimava levemente e Kate viu a vegetação verde crescendo além do penhasco de rocha que ladeava a praia.

O mundo estava sarando. A vida voltava.

Quanto tempo havia passado desde que ela administrara a terapia — a tecnologia genética que os humanos chamariam de Gene Atlântida? Anos? Décadas?

A biga ergueu-se para ultrapassar a plataforma rochosa.

Kate ficou maravilhada com a paisagem verde, intocada. A selva estava voltando, erguendo-se das cinzas como um novo mundo que fora criado do zero — um vasto jardim construído como um santuário para aqueles primeiros seres humanos.

À distância, uma coluna de fumaça preta erguia-se no ar. A biga avançou e o povoado surgiu no horizonte. Haviam-no erguido na base de uma alta parede de rocha para melhor protegê-los dos predadores na noite. O acampamento foi distribuído de forma que houvesse apenas um caminho para adentrá-lo, e aquela

entrada era bem vigiada. Cabanas e telheiros formavam um círculo, as estruturas maiores construídas diretamente no paredão ao fundo do acampamento. A fogueira comunitária que queimava no centro do acampamento também ajudava a afastar os predadores.

Kate sabia que os seres humanos aprenderiam a fazer fogo mais tarde, mas, naquele momento de seu desenvolvimento, conseguiam apenas manter fogueiras que já tivessem sido criadas por fontes como raios. E manter a fogueira queimando era fundamental para o acampamento — pela proteção que oferecia e para cozinhar a comida que ajudaria o cérebro a se desenvolver.

Quatro machos estavam ao redor da fogueira, alimentando-a, cuidando dela, garantindo que nunca se apagasse. A fogueira erguia-se de um fosso de pedra quadrado. Grandes pedregulhos circulavam a fogueira, formando uma parede que impedia as crianças de se aproximarem das chamas. E havia muitas crianças, uma centena delas, correndo, brincando e apontando umas às outras.

— Explosão demográfica — disse o parceiro. — Precisamos fazer alguma coisa. Temos de limitar o tamanho da tribo.

— Não.

— Sem controle, eles vão…

— Não sabemos o que acontecerá — insistiu Kate.

— Vamos piorar as coisas para eles…

— Vou inspecionar os alfas — disse Kate, mudando de assunto. A questão da rápida expansão populacional era uma preocupação, mas não precisava ser um problema. O mundo era pequeno, mas grande o suficiente para uma população muito maior… se fossem pacíficos. Aquele seria seu foco.

A biga pousou, e ela saiu do veículo. As crianças ao redor do acampamento pararam e a encararam. Muitas foram na direção dela, mas seus pais avançaram e as jogaram ao chão. Eles caíram também, voltando o rosto para o chão e estendendo os braços.

A voz do parceiro ficou ainda mais solene.

— Isso é muito ruim. Eles consideram você uma deusa…

Kate ignorou-o.

— Prosseguindo para dentro do acampamento.

Kate gesticulou para os seres humanos se levantarem, mas permaneceram com o rosto abaixado. Ela chegou mais perto de um deles, uma mulher, e levantou-a. Ajudou a próxima pessoa a se erguer e, em seguida, todos estavam se levantando, correndo para ela. Eles a cercaram quando ela passou pelo fogo crepitante no centro do acampamento.

Ela identificou a cabana do chefe imediatamente. Era maior e adornada com presas de marfim. Dois homens musculosos que estavam de guarda na entrada

abriram caminho quando ela se aproximou.

Lá dentro, um ancião e uma mulher estavam sentados em um canto. Os alfas. Pareciam tão velhos, tão debilitados. Nunca haviam se recuperado totalmente da quase inanição na caverna. Três machos estavam sentados ao redor de uma plataforma quadrada de pedra no meio da cabana, discutindo o que parecia ser um mapa ou algum tipo de desenho. Todos se levantaram. O macho maior foi na direção de Kate, mas o ancião se ergueu com as pernas trêmulas e acenou para que ele voltasse. Ele se curvou para Kate, em seguida se virou e apontou para a parede. Uma série de desenhos primitivos estendia-se por uma linha. O capacete traduziu-a:

Antes do Deus Céu havia apenas escuridão. O Deus Céu refez o homem à sua imagem e criou um novo mundo, exuberante e fértil para ele. O Deus Céu trouxe de volta o sol e prometeu que ele brilharia enquanto o homem vivesse à imagem de Deus e protegesse seu reino.

Era um mito de criação. Surpreendentemente preciso. O intelecto daquele povo havia avançado no grande salto adiante, alcançando autoconsciência e capacidades de resolução de problemas que não conheciam antes. Concentraram seu intelecto recém-descoberto nas maiores questões de todas: *Como chegamos até aqui? O que somos? Quem nos criou? Qual é nosso objetivo?*

Pela primeira vez, eles perceberam os mistérios que cercavam sua existência e buscavam respostas, como todas as espécies emergentes faziam. Na ausência de respostas absolutas, registraram as interpretações do que acreditavam ter acontecido.

Seu parceiro soava nervoso agora.

— Isso é extremamente perigoso.

— Talvez não…

— Eles não estão prontos para isso — declarou o parceiro com firmeza.

Eram jovens demais para mitologia, mas, se as mentes já haviam chegado até ali, a religião que seguiram poderia ser uma ferramenta poderosa.

— Podemos consertar isso. Isso… poderia salvá-los.

O parceiro não respondeu.

O silêncio pesou sobre Kate. Seria mais fácil se ele contestasse. O silêncio exigia que ela justificasse a afirmação.

— Precisamos terminar este experimento agora, antes que pioremos as coisas para eles — o parceiro disse com suavidade dessa vez.

Kate hesitou. Desenvolver a religião nesse estágio prematuro era mesmo perigoso. Ela poderia se corromper. Membros egoístas da tribo poderiam usá-la em benefício próprio, manipulando os outros. Poderia ser usada como justificativa, uma base para todo tipo de maldade. Mas, se usada corretamente,

poderia ser uma força civilizatória incrível. Um guia.

— Podemos ajudá-los — insistiu Kate. — Podemos consertar isso.

— Como?

— Demos a eles o código humano. Vamos incorporar as lições, a ética, nas histórias.

— Isso não vai salvá-los.

— Já funcionou antes.

— Vai durar apenas um tempo. O que acontecerá quando pararem de acreditar? Histórias não vão satisfazer sua mente para sempre.

— Vamos abordar esse problema quando ele surgir — respondeu Kate.

— Não poderemos ficar aqui para levá-los pela mão. Não poderemos resolver todos os problemas.

— Por que não? Nós os criamos. Um pouco de *nós* está neles agora. É nossa responsabilidade. E ajudá-los pode ser a coisa mais importante que poderíamos fazer. É óbvio que não podemos ir para casa.

As palavras de Kate trouxeram apenas o silêncio. Seu parceiro havia cedido. Por ora. Ela odiava a discordância, mas sabia o que precisava fazer.

Estendeu o braço e tateou os controles. O computador da nave rapidamente analisou a linguagem simbólica dos primitivos. Era rústica, mas o computador criou facilmente um dicionário. Ela estendeu a palma da mão, e a luz brilhou dela sobre a parede de pedra. Os símbolos que ela projetou alinharam-se bem abaixo das linhas que a tribo havia escrito.

O ancião alfa assentiu. Dois machos correram para fora da cabana e voltaram com duas folhas verdes e grandes cheias de um líquido grosso e vermelho-escuro. Kate achou que eram frutinhas esmagadas no início, mas depois percebeu o que as folhas continham: sangue.

Os machos começaram a pintar a parede cinzenta de pedra com ele, copiando os símbolos que ela projetou.

Kate abriu os olhos. Estava de volta ao helicóptero com David. A porta estava aberta e o mar reluzia lá embaixo. A brisa encheu seus pulmões, e ela percebeu o quanto doía. Limpou o suor da testa. Os olhos de David estavam sobre ela.

Ele apontou o fone que estava pendurado no meio do helicóptero. Kate o pegou e o pôs nos ouvidos. Ele se inclinou para a frente e apertou um botão.

— Estamos em um canal privado agora — disse ele.

Ela olhou involuntariamente para Chang e Janus, sentados diante deles.

— O que houve? — perguntou David, concentrando-se nela, ignorando os cientistas que estavam lá, impassíveis.

— Não sei.

— Conte.

— Não sei. — Kate limpou outra camada de suor do rosto. — As lembranças estão chegando; não consigo impedi-las agora. Estou revivendo… é como se elas… tomassem conta… acho, não sei. Estou com medo de estar perdendo… um pouco de mim.

Os olhos de David a mediram, como se não soubesse o que dizer.

Kate tentou se concentrar.

— Talvez eu esteja na idade em que a terapia atlante, seja lá o que o tubo faça, a restauração das lembranças, assume o controle…

— Nada está assumindo o controle. Você vai ficar exatamente do jeito que é.

— Tem mais uma coisa. Acho que estamos esquecendo de alguma coisa.

David olhou para os cientistas.

— O quê?

— Não sei.

Kate fechou os olhos, mas nenhuma lembrança veio dessa vez. Apenas o sono.

Capítulo 77

Sobre o Mar Mediterrâneo

Kate acordou com vibrações em sua coxa. A primeira coisa que viu foram os olhos de David.

Ela tirou o telefone vibrando do bolso e olhou para o número. Código de área 404. Atlanta, Geórgia. ccpd. Continuity. Paul Brenner. A compreensão tirou-a do estupor do sono quando atendeu à chamada. Ouviu. Paul Brenner estava em pânico. Falava rápido, as frases atingindo-a como murros. *O teste falhou. Nenhuma terapia alternativa. O Protocolo de Eutanásia foi autorizado. Pode ajudar?*

— Espere um minuto — ela disse ao telefone.

Endireitou-se no banco.

— Não funcionou — disse a David, Chang e Janus.

— Tem mais, Kate. Outra peça do quebra-cabeça genético — disse Janus. — Precisamos de mais tempo.

— Temos alguma coisa aqui — disse Kate no telefone. Ela ouviu, em seguida meneou a cabeça. — Sim, tudo bem. O quê? Tudo bem, não, nós estamos…

Ela olhou para David.

— Há quanto tempo estamos de Malta?

— Malta?

Kate assentiu.

— Duas horas, talvez um pouco menos à velocidade máxima.

— Os Distritos Orquídea de Malta não reportaram mortes. Algo está acontecendo lá.

David não disse palavra. Ele se levantou, passou entre Chang e Janus no banco diante dela e começou a falar com Shaw e Kamau na cabine — Kate supôs que estivesse determinando uma rota para Malta.

Kate esfregou a testa. Havia algo diferente em como se sentia. Estava mais… distante, clínica, atordoada. Quase robótica. Tinha pleno comando da mente; apenas vivenciava a cena como se estivesse acontecendo com outra pessoa. O

perigo era intenso — a aniquilação de noventa por cento da raça humana… ainda assim, ela se sentia como se estivesse no meio de um experimento científico em que o resultado era incerto, mas não teria impacto sobre ela. *O que está acontecendo comigo?* Seus sentimentos, seu núcleo emocional parecia estar escorrendo pelos dedos.

Quando voltou, David se jogou de volta no banco, ao lado de Kate.

— Podemos chegar a Malta dentro de duas horas.

Kate ergueu o telefone e começou a conversar com Paul. *Vamos verificar isso. — Pode refreá-los. — Não sabemos o que tem lá. — Faça o seu melhor, Paul. — Não acabou ainda.*

Ela encerrou a chamada e se concentrou no grupo.

Janus falou antes que ela tivesse chance de se pronunciar.

— Estava aqui o tempo todo, embaixo do nosso nariz. — Ele apontou para a página que continha a anotação de Martin. — Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida. *Malta*.

Kate observou enquanto David olhava o código. Seu rosto mudou. O que era: culpa?

Ela interrompeu o silêncio.

— Martin estava procurando por isso, seja lá o que for, há tempos. Pensou que estava no sul da Espanha, mas me disse que tinha errado a localização. Deve ter acrescentado a última nota relacionada a Malta depois disso.

— Você sabe o que é? — perguntou Janus. — O Tesouro de Atlântida?

Kate negou com a cabeça.

David puxou-a para perto dele.

— Saberemos em algumas horas.

No entanto, a expressão em seus olhos dizia algo diferente: *Você se lembra?* Kate fechou os olhos e tentou se concentrar.

O chiado do traje sob a pressão da câmara de descompressão era inconfundível.

A voz no capacete de Kate era nítida.

— Há dois povoados agora.

— Entendido.

— Enviando as coordenadas do povoado original.

O capacete de Kate mostrou um mapa. A nave, a *Alpha Lander*, ainda estava próxima da costa africana, onde ela havia originalmente administrado o Gene Atlântida.

Uma biga flutuante esperava silenciosa no meio da câmara. As portas abriram-se lentamente, revelando a cena lá adiante. Kate subiu na biga e saiu da nave.

O mundo estava ainda mais verde. Quanto tempo passara?

No campo, percebeu exatamente quanto. Tinha ao menos cinco vezes mais cabanas do que vira antes. Ao menos uma geração havia passado.

E a natureza do povoado mudara. Guerreiros musculosos, com trajes e usando pintura de guerra, patrulhavam o perímetro. Eles se voltaram para ela e ergueram ameaçadoramente as lanças quando ela se aproximou, flutuando.

Ela pegou o bastão de atordoamento.

Um ancião cambaleou até os guerreiros e gritou com eles. Kate ouviu, atônita. O avanço do idioma era surpreendente: já haviam desenvolvido uma estrutura linguística complexa, embora as palavras usadas naquele momento fossem um pouco mais “informais”.

Os guerreiros abaixaram as lanças e afastaram-se dela.

Ela pousou a biga e arriscou sua entrada no povoado.

Dessa vez, não houve reverências e humilhação.

Lá adiante, a cabana do chefe tinha crescido também. O telheiro simples se transformara em um templo com paredes de pedra, construído diretamente no penhasco rochoso.

Ela caminhou na direção dele.

Os aldeões enfileiraram-se dos dois lados, mantendo a distância, apinhando-se para vê-la.

Na soleira do templo, os guardas abriram caminho e ela entrou.

No altar ao fundo da sala cavernosa, jazia um corpo. Um círculo de seres humanos negros estava ajoelhado diante dele.

Kate foi até eles. Eles se viraram.

De soslaio, ela viu um ancião caminhando na direção dela. O alfa. Kate ficou surpresa por ele ter sobrevivido tanto tempo. O tratamento havia produzido resultados notáveis.

Kate olhou para o corpo morto, em seguida leu os símbolos sobre o altar. *Aqui jaz o segundo filho de nosso chefe. Derrubado nos campos pela tribo de seu irmão por cobiçar o fruto de nossas terras.*

Kate rapidamente leu o restante do texto. Parecia que o filho mais velho do chefe havia formado um clã próprio — um grupo de nômades que perambulava pelo interior, saqueando.

O filho mais novo do chefe havia assumido o controle dos campos onde essa tribo caçava e coletava. O filho mais novo era visto como sucessor do pai, o próximo chefe. Eles o encontraram morto no campo, e as árvores e arbustos,

arrancados. Era a primeira vítima dos ataques do irmão mais velho e eles temiam que houvesse mais. Estavam se preparando para a guerra.

— Precisamos impedir — disse o parceiro no capacete de Kate.

— E impediremos.

— A guerra vai aguçar a mente deles, melhorar sua tecnologia. É um cataclismo…

— Vamos impedir.

— Se movermos uma das tribos — disse o parceiro —, não poderemos administrar o genoma.

— Há uma solução — disse Kate.

Ela ergueu a mão e projetou símbolos na parede.

Vocês não vão retaliar o indigno. Deixarão este local. Seu Êxodo começa agora.



Kate abriu os olhos e viu como David a encarava.

— Que foi?

— Nada. — Ela limpou o suor da testa. As lembranças mudavam-na cada vez mais rápido. Tomando conta. Ela estava se tornando cada vez mais o que fora no passado distante e menos a mulher que ela havia se tornado, a mulher que se apaixonara por David. Ela se aproximou dele.

O que posso fazer? Quero parar isso. Abri a porta, mas posso fechá-la? Era como se alguém a estivesse prendendo e enfiando-lhe lembranças goela abaixo.



Kate estava em outro templo. Usava o traje e os seres humanos diante dela se aglomeravam ao redor de outro altar.

Kate olhou para a entrada do templo. A paisagem era exuberante, mas não tão fértil como era na África. Onde estavam? No Levante, talvez?

Kate aproximou-se.

A caixa de pedra no altar; já tinha visto antes — na tapeçaria tibetana, na representação do Grande Dilúvio, quando as águas se ergueram e consumiram a costa, varrendo cidades do mundo antigo. Os Immaru haviam carregado essa caixa para as montanhas, disso Kate tinha certeza. Era esse o tesouro que esperava em Malta?

Os membros da tribo ergueram-se do chão e viraram para encará-la.

Nas alcovas que flanqueavam os corredores principais do templo, Kate agora via dezenas de membros da tribo ajoelhando-se, meditando, buscando o silêncio.

Eles se tornariam os Immaru, os monges montanheses que carregaram a Arca para as terras altas, que mantiveram a fé e tentaram viver uma vida de prática virtuosa.

Kate atravessou o corredor.

— Você sabe o que precisa ser feito — disse o parceiro.

— Sei.

No altar, a multidão abriu caminho, e ela subiu as escadas e espreitou dentro da caixa de pedra.

O alfa, o fundador e chefe da tribo, jazia lá, parado, frio, finalmente morto. Seu semblante era estranhamente similar a como estava no dia em que Kate o encontrou pela primeira vez, na caverna, quando ele levou o pedaço de carne podre para sua companheira, quando caiu contra a parede e ficou deitado, agonizando. Ela o erguera e o salvara. Não podia salvá-lo naquele momento.

Ela se voltou para as massas reunidas ao redor do altar. *Podia* salvá-las.

— É perigoso.

— Não há alternativa — disse Kate.

— Podemos encerrar este experimento, aqui e agora.

Kate balançou a cabeça involuntariamente.

— Não podemos. Não podemos voltar agora.

Quando terminou a modificação, ela saiu do altar. O público se apinhou ao redor dela, passando às pressas pela caixa. Eles trouxeram algo — um tampo de pedra — e pousaram-no sobre a caixa.

Ela observou quando eles gravaram uma série de símbolos ao lado da arca.

O capacete traduziu:

Aqui jaz o primeiro de nossa espécie, que sobreviveu à escuridão, que viu a luz e seguiu o chamado da retidão.

Kate abriu os olhos.

— Eu sei o que há em Malta, o que os Immaru estavam protegendo.

Os olhos de David disseram “Não conte nada”.

— É parte da cura? — perguntou Janus.

Chang inclinou-se para a frente.

— Talvez — disse Kate. Ela se concentrou em David. — Quanto tempo até

Malta?

— Não falta muito.



Dorian tirou o telefone via satélite do bolso.

Rumando para leste. Destino Malta. Onde diabos está você?

Ele voltou pelo convés da barca da praga e embarcou no helicóptero.

— Vamos.

Capítulo 78

Kate estava em um imenso centro de comando. Monitores holográficos, como ela nunca vira, cobriam a parede ao fundo. Os mapas rastreavam populações humanas em cada continente.

No canto da sala, um alarme disparou.

Nave a caminho.

Seu parceiro correu até um painel de controle e manipulou a nuvem azul de luz que surgiu.

— É um dos nossos — disse ele.

— Como?

Cinquenta mil anos locais antes, Kate e o parceiro receberam uma transmissão: seu mundo, a terra natal atlante, havia entrado em colapso — violentamente, do dia para a noite. Como poderia haver sobreviventes? A notícia da agonia da terra natal fora equivocada? Kate e o parceiro atentaram à notícia, esconderam sua expedição científica, supondo que eram os últimos de sua espécie, supondo que estavam sozinhos no universo, à deriva, dois cientistas que nunca poderiam voltar para casa. Estavam errados?

— É uma nave salva-vidas. — O parceiro virou-se para ela. — Uma nave de ressurreição.

— Eles não podem vir para cá — disse Kate.

— Tarde demais. Já estão aterrissando. Pretendem enterrar a nave sob o continente coberto de gelo no polo sul. — O parceiro mexia no painel de controle. Parecia cada vez mais tenso. *Está nervoso?*

— Quem está na nave? — perguntou Kate.

— General Ares.

Uma corrente de medo correu pelo corpo de Kate.

A cena mudou. Kate estava em outra nave — não no módulo de aterrissagem. A nave era gigantesca. Tubos de vidro estendiam-se diante dela por quilômetros.

Passos ecoaram no espaço.

— Somos os últimos — uma voz veio das sombras.

— Por que veio até aqui? — o parceiro perguntou.

— Para a proteção do Farol. E eu li seus relatórios de pesquisa. O gene da sobrevivência que deram aos primitivos. Acho… muito promissor.

O dono da voz caminhou até a luz.

Dorian.

Kate quase cambaleou para trás. General Ares era Dorian. Como? Ela se concentrou. O rosto do homem não era o de Dorian, mas a sensação assoladora que Kate teve era de que Dorian estava dentro daquele homem. Ou era o contrário? Ares estava dentro de Dorian e Kate estava sentindo aquele fato — vendo-o em sua forma mais pura agora? Quando Kate olhava para Ares, tudo que via era Dorian.

— Os habitantes daqui não são da sua conta — disse o parceiro.

— Ao contrário. Eles são nosso futuro.

— Não temos o direito…

— Vocês não tinham o direito de alterá-los, mas o que está feito está feito — disse Dorian. — Vocês os colocaram em risco no instante em que lhes deram parte de nosso genoma. Nosso inimigo vai caçá-los, como nos caçará, até os confins do universo, não importa aonde formos. Quero salvá-los, deixá-los em segurança. Vamos fazê-los evoluir e eles serão nosso exército.

Kate balançou a cabeça.

Dorian concentrou-se nela.

— Você deveria ter me ouvido antes.

As fileiras sem fim de tubos de vidro desvaneceram e Kate estava em uma sala diferente na mesma estrutura. Havia apenas uma dúzia de tubos de vidro ali, ao fundo, estendidos em um semicírculo diante dela. Era uma sala onde ela já estivera — na Antártida —, onde ela, David e seu pai haviam se reunido.

Cada tubo tinha uma subespécie humana diferente.

A porta se abriu atrás dela.

Dorian.

— Você… está conduzindo experimentos próprios — disse Kate.

— Estou. Mas eu disse que não posso fazer isso sozinho. Preciso de sua ajuda.

— Você está muito enganado.

— Vão morrer sem você — disse Dorian. — Todos vamos. O destino deles é nosso destino. A guerra final é inevitável. Ou você lhes dá os equipamentos

genéticos de que precisam ou eles perecerão. Nosso destino está selado. Estou aqui por eles.

— Você está mentindo.

— Então, deixe que morram. Não faça nada. Veja o que vai acontecer. — Ele esperou. Como Kate não disse palavra, ele continuou. — Precisam de nossa ajuda. Sua transformação está apenas pela metade. Precisa terminar o que vocês começaram. Não há outra maneira, não há como voltar. Me ajude. Ajude-os.

Kate pensou no parceiro, em seus protestos.

— O outro membro de sua pequena expedição é um tolo. Apenas os tolos lutam contra o destino.

O silêncio de Kate era um sinal — para ela e para Dorian. Ele parecia se alimentar de sua indecisão.

— Eles já estão se despedaçando. Coletei os candidatos, conduzi meus experimentos. Mas não tenho experiência. Preciso de você. De sua pesquisa. Podemos transformá-los.

Kate desmoronou. Sentiu como caía no feitiço dele. Foi como antes — *seu* antes, em San Francisco. Ela tentou racionalizar, tentou pensar em um acordo, mas sua mente pairou até suas experiências em Gibraltar e, em seguida, na Antártida, quando ele a encurralou. Era a história se repetindo. Os mesmos participantes em um jogo diferente, com o mesmo final em um estágio diverso. Salvo que era muito tempo antes, em outra vida, em outra era.

— Se eu ajudar — disse ela —, quero ter certeza de que ninguém da minha equipe vai se machucar.

— Tem a minha palavra. Vou ingressar na sua expedição como conselheiro de segurança. Há passos adicionais que todos vocês precisam tomar para disfarçar nossa presença aqui. E você programará seus tubos de ressurreição para minha assinatura de radiação… apenas no caso de algo… infeliz acontecer comigo.

Dorian recostou a cabeça no encosto do helicóptero e fechou os olhos. Não era um sonho. Não era uma lembrança. Ele estava lá, no passado.

E Kate esteve lá, opondo-se a ele, depois o ajudou. Ele assumira sua pesquisa, usou-a e a traiu quando fez o que precisava com ela.

Durante as eras, estavam representando no mesmo cenário, lutando para transformar a raça humana: ela a defendia, ele tentava criar um exército para enfrentar uma força superior.

Quem estava certo?

Ele sentiu algo mais: Kate estava se lembrando daqueles eventos ao mesmo tempo que ele, como se estivessem conectados à mesma rede, cada qual recebendo sinais, lembranças do passado, impelindo-os a algum destino. Ela receberia o código dessa maneira. Era o que Ares planejara. Havia programado a caixa para aquilo?

Ver Kate energizara Dorian. Seu medo, sua vulnerabilidade. Eram os mesmos de antes. Na época, tinha poder, e teria novamente. Kate tinha a pesquisa e as informações que ele precisava. E logo *ele* as teria. Ela só precisava recordar.

Mas não era apenas isso que acontecera. Havia alguma parte da informação — um *código* de que ela se lembraria. Ares sabia disso. Dorian estava próximo a Kate e ela estava perto de se lembrar do restante, recordar o código que ele precisava. Havia programado à perfeição. Logo, ele a tomaria e arrancaria o último segredo, a coisa que ela mais apreciava, e sua derrota estaria completa.

Capítulo 79

Em algum lugar próximo a Malta
Mar Mediterrâneo

No horizonte, David observou as duas ilhas maiores de Malta entrarem no campo de visão.

Nos últimos seiscentos anos, aquele pequenino grupo de ilhas, que cobria apenas pouco mais de trezentos e quinze quilômetros quadrados de terra, fora o lugar mais disputado do planeta inteiro.

Durante a Segunda Guerra Mundial, nenhum lugar na Terra viu tantos bombardeios por metro quadrado como Malta. As forças aéreas alemãs e italianas arrasaram com ela, mas os britânicos resistiram firmes.

Em algumas cidades, como Rabat, os residentes se refugiaram no subsolo, vivendo em cômodos de pedra ligados por quilômetros de túneis. As catacumbas lá eram lendárias. Haviam sido usadas nos tempos da Roma Antiga para enterrar mortos, mas tinham mantido incontáveis malteses vivos durante a carnificina da Segunda Grande Guerra.

Quase quatrocentos anos antes de a Luftwaffe ter despejado o inferno sobre Malta, um demônio diferente havia aparecido em sua soleira: a armada do Império Otomano. Em 1563, o sultão Solimão, o Magnífico, trouxe sua frota de quase duzentos navios, carregando quase cinquenta mil soldados — a maior força combatente do mundo à época.

Os meses que seguiram ficaram conhecidos como o Grande Cerco de Malta, e ele mudou a história do mundo. O cerco foi um embate de brutalidade inimaginável, uma das batalhas mais sangrentas já combatidas. Estima-se que cento e trinta mil bolas de canhão foram lançadas sobre a ilha ou a partir dela. Um de cada três habitantes de Malta morreu. Os Cavaleiros Hospitalários, aliados a um grupo desorganizado de aproximadamente dois mil soldados atraídos da Espanha, Itália, Grécia e Sicília, mantiveram a ilha por quatro meses, até que a frota otomana, contando seus mortos em dezenas de milhares, virou as costas e navegou para casa.

Se os otomanos tivessem tomado Malta em 1565, muitos historiadores

concordam que suas forças poderiam ter facilmente dominado o continente europeu, impedindo a vinda do Renascimento e mudando para sempre o destino do mundo.

Os habitantes de Malta lutaram até a morte. Estavam defendendo algo além de sua vida?

David olhou para o papel. *Misterioso Alfa Leva ao Tesouro de Atlântida.*

O que havia em Malta? Algum tesouro ancestral? O que teria a ver com a praga que assolava o mundo?

David era historiador. Acreditava em fatos: a verdade coletada de múltiplas fontes, verificada por testemunhas oculares, idealmente com diferentes históricos e motivações.

Tesouros eram chamarizes de tolos. Como eram objetos míticos. A Arca da Aliança. O Santo Graal. David não acreditava em nenhum deles. A história militar sempre era mais confiável. Generais contavam seus mortos. Em algum lugar entre as somas de cada lado residia a verdade.

E a verdade era que incontáveis exércitos durante as eras haviam lutado por Malta e em raras vezes ela caiu.

As lembranças eram claras agora, e Kate quase sentiu que podia controlá-las, como se pudesse avançar e recuar no tempo.

Ela usava o traje atlante novamente e a cena ao seu redor era de uma cabana primitiva de um cômodo. Ela olhou pela porta da cabana. O clima parecia diferente. Era úmido, chuvoso e a vegetação, quase tropical. Não era o Mediterrâneo. Talvez estivessem no sul da Ásia.

Três mulheres estavam sentadas no chão, trabalhando avidamente em algo. Kate foi até elas e espreitou. A tapeçaria tibetana. *Estão criando o alerta, caso falhemos,* ela pensou.

Os atlantes deram isso a eles — *ela* lhes deu — como um plano de contingência.

Ela soube disso naquele momento.

Saiu do barraco, a céu aberto no povoado. A aldeia parecia nômade, como se tivesse sido erguida às pressas e logo fosse ser abandonada.

Um templo improvisado erguia-se no centro. Ela caminhou até ele. Os guardas na entrada abriram espaço e ela entrou. A Arca de pedra estava lá. Os monges a circundavam, sentando-se de pernas cruzadas com a cabeça baixa.

Ao som de passos, um dos homens se levantou e correu até ela.

— As águas do dilúvio logo virão — disse Kate.

— Estamos preparados. Iremos amanhã para as terras altas.

— Alertaram os outros povoados?

— Enviamos a notícia. — Ele continuava a olhar para baixo. — Mas eles não ouvirão nosso alerta. Eles dizem que dominaram este mundo. Não temem a água.



O templo primitivo desapareceu, substituído por paredes de vidro e aço, cobertas em sua maioria por monitores holográficos.

Kate estava no centro de controle da *Alpha Lander*, ao lado do parceiro, encarando o mapa global.

As linhas costeiras ao sul da Ásia vacilavam. As águas do dilúvio estavam avançando, mudando o continente para sempre, afundando povoados ao longo da costa, alguns perdidos permanentemente.

O holograma mudou para uma visão satélite de um grupo de seres humanos caminhando para dentro das montanhas, longe das águas do dilúvio. Eles carregavam a caixa de pedra que ela vira — a Arca.

Kate ainda não conseguia ver o parceiro, mas de soslaio viu Dorian, em pé, empertigado, olhando para o monitor, apenas pouco interessado.

— Não é de todo mau — disse Dorian. — A redução populacional poderia permitir que consolidemos o genoma, talvez eliminemos alguns dos problemas.

Kate não quis responder. Dorian estava certo, mas ela sabia da solução e a temia. Os “problemas” que ele não comentou haviam aumentado nos dez mil anos que passaram — agressão incontrolável, uma tendência à guerra, a eliminar prematuramente qualquer ameaça percebida. Essa tendência cada vez maior era uma disfunção fundamental do gene sobrevivente: a mente lógica dos seres humanos sabia que o meio ambiente tinha uma quantidade finita de recursos, que com a tecnologia atual seu habitat poderia aguentar apenas um número limitado de pessoas. Queriam garantir que seria *seu* povo, *sua* linha genética que sobreviveria. Guerra — eliminar todos os concorrentes da quantidade finita de recursos — era sua solução. Mas a corrida para o genocídio estava acontecendo rápido demais, como se houvesse alguém mais intervindo, trabalhando contra eles.

Nos recônditos da mente de Kate, outra possibilidade pairava: Dorian havia feito aquilo. Ele a traíra? Pegara a pesquisa que ela havia fornecido a ele e a modificara? Ela escondeu sua colaboração com Dorian/Ares de seu parceiro.

Sabia que o parceiro discordaria, mas não via alternativa. As tribos da humanidade precisariam de toda a vantagem genética que pudessem obter — se a história de Dorian, suas afirmações sobre o inimigo, fosse verdadeira.

O que mais eu poderia fazer?, perguntou-se Kate. Ela havia escolhido o único trajeto lógico.

O monitor holográfico começou a mudar. O vermelho passou a se espalhar pela mata: leituras de baixas.

O parceiro girou de volta para a estação de controle.

— Alarmes populacionais.

— Devemos intervir — disse Dorian.

— Não. Não nesses níveis — o parceiro retrucou. — Seguiremos nosso precedente local… apenas no caso de um risco de extinção.

Kate assentiu. Seu "precedente" fora determinado setenta mil anos antes — quando ela escolheu dotar com o Gene Atlântida os humanos da caverna, quando sua subespécie estava à beira da extinção.

Ela abriu a boca para falar, mas a parede holográfica explodiu em alertas.

Alerta populacional: Subespécie 8.471: 92% de risco de extinção.

Kate rastreou a localização. Sibéria. Os denisovanos. As águas do dilúvio não poderiam tê-los tocado lá. O que estava acontecendo?

Outro alerta surgiu na tela, em outra localidade.

Alerta populacional: Subespécie 8.473: 84% de risco de extinção.

Essa subespécie estava confinada nas ilhas da Indonésia. Os hobbits. A subespécie viria a ser conhecida como *Homo floresiensis*. O que estava levando a população ao colapso? A pressão do dilúvio, combinada com os seres humanos agressivos que tinham colonizado as ilhas havia pouco? Kate já conhecia a história. Eles se extinguiriam. Que ano era? Ela olhou para o holograma, decifrando o esquema de datação atlante.

A lembrança era de aproximadamente treze mil anos antes. Foi acometida de outra ideia: ela testemunharia a queda de Atlântida. Ela veria o que aconteceu. O delta perdido.

Um terceiro alerta populacional eclodiu.

Alerta populacional: Subespécie 8.470: 99% de risco de extinção.

Neandertais. Gibraltar.

Seu parceiro correu até um painel de controle e começou a mexer nele com os dedos. Ele se virou para Dorian.

— Você fez isso!

— Fez o quê? Este é *seu* experimento científico. No fim das contas, sou um mero consultor militar. Doutores, não deixem que eu fique no caminho de vocês.

O parceiro fez uma pausa, esperando informações de Kate.

— Priorize. Salve aqueles que pudermos — disse ela.

Ele manipulou o painel e Kate sentiu a nave se erguer. O mapa traçou a trajetória. Voava através da África, partindo para Gibraltar.

Dorian estava parado como uma estátua, encarando-a.

O parceiro caminhou até a porta, em seguida parou.

— Você vem?

Kate estava perdida em pensamentos. Três alertas de extinção — ao mesmo tempo. O que significava aquilo?

Dorian estava eliminando todas as outras subespécies? Estava testando sua arma, encerrando o experimento? Teve o que queria? Ele a traíra? Ou era outra coisa?

Era obra do inimigo?

Acaso? Pura coincidência?

Kate saberia da verdade em breve.

Seu parceiro estava de costas para ela.

Outra pergunta dominou sua mente. Quem era ele?

Precisava ver seu rosto, precisava descobrir quem era seu aliado.

Precisava de respostas.

Tentou se concentrar.

— Claro, estou indo.



Dr. Paul Brenner olhou para a colcha de retalhos de telas na sala de Operações da Orquídea. As taxas de mortalidade estavam subindo.

> Distrito Orquídea de Budapeste: 37% de mortos confirmados na população total.
> Distrito Orquídea de Miami: 34% de mortos confirmados na população total.

Um contador no canto mostrava: *1:45:08.*

Menos de duas horas para a quase extinção da raça humana. Ou, no mínimo, o próximo estágio da evolução humana.

Após o Protocolo de Eutanásia, restariam dois grupos de seres humanos: os

em evolução e os em involução. Haveria duas subespécies separadas de seres humanos pela primeira vez em milhares de anos. Paul sabia que esse estado terminaria em breve, como antes acontecera: com uma única subespécie. E não seria com a menos evoluída.

Os sobreviventes teriam o mundo para si, os geneticamente inferiores seriam eliminados.

Capítulo 80

Você está ouvindo a BBC, *a voz do triunfo humano neste octogésimo primeiro dia da Praga Atlântida.*

Este é um boletim de notícias especial.

Uma cura, senhoras e senhores.

Líderes de toda a Aliança Orquídea, inclusive nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Austrália e França, anunciaram que finalmente descobriram uma cura para a Praga Atlântida.

Os anúncios não poderiam ter vindo em melhor hora. A BBC teve acesso a relatórios confidenciais e recebeu relatos de testemunhas de todo o mundo declarando que a taxa de mortalidade é superior a quarenta por cento em alguns Distritos Orquídea.

Os anúncios foram feitos em declarações resumidas e os chefes de Estado têm negado todos os pedidos de entrevistas, deixando especialistas e estudiosos se perguntando sobre essa misteriosa cura — sobretudo, como poderia aparentemente ser fabricada do dia para a noite.

Diretores de vários Distritos Orquídea, falando em condição de anonimato, insistiram que as usinas existentes de Orquídea já foram ajustadas para fabricar a nova droga e que ela será entregue dentro de horas.

Este foi o boletim de notícias especial da BBC.

Capítulo 81

Kate estava na câmara de descompressão novamente, usando o traje. Ela se virou rápido, olhando para seu parceiro. Ele também estava com trajes.

— Os drones identificaram apenas um sobrevivente.

Um sobrevivente. Incrível. Conveniente… demais.

— Entendido — disse Kate.

Ela se virou. Dorian estava lá. Ele não usava traje.

— Vão vocês dois. Eu cuido da nave.

Kate tentou ler a expressão dele. O parceiro prendeu o restante de seu equipamento.

Dorian saiu da sala assim que o resto de ar foi sugado para fora.

Duas bigas flutuantes saíram da parede, e ela e o parceiro subiram nelas e saíram da nave.

A cena era surpreendente: um povoado pré-histórico cercado por monumentos de pedra, como um anfiteatro ao ar livre com uma imensa lareira de pedra no meio que enviava as labaredas do inferno na direção do céu.

Vários seres humanos estavam levando neandertais para a pira comunal, mas eles os soltaram e se afastaram quando as bigas se aproximaram.

Seu parceiro agarrou o neandertal, injetou nele um sedativo e jogou-o sobre a biga. Eles viraram e voltaram às pressas para a nave.

— Não confio nele — disse o parceiro no canal privado.

Eu também não, pensou Kate. Mas ela se refreou. Se Dorian tivesse traído os dois, armado tudo aquilo, era parcialmente sua culpa. Ela fizera a pesquisa que ele precisava.

Dorian observou a água reluzente do Mediterrâneo voar lá embaixo. Estava semidesperto, exausto pela falta de sono.

As lembranças pareciam assolá-lo, como um filme que era forçado a assistir. Outra cena veio e ele não conseguiu lhe dar as costas, não conseguiu escapar. Não havia como fugir de sua mente. O helicóptero e a equipe de assalto da Immari que estavam diante dele se dissolveram e uma sala ergueu-se ao seu

redor.

Conhecia bem o lugar: a estrutura em Gibraltar.

Ele estava no centro de controle, observando Kate e seu parceiro correrem para salvar o primitivo.

Tolos.

Corações moles.

Por que não conseguem aceitar o inevitável? Sua ciência e sua moral cegavam-nos diante da verdade, da verdade inequívoca: que este mundo e o universo que o cercava tinham espaço suficiente para apenas uma raça senciente. Recursos eram finitos. Deve ser *nós*. Estamos em guerra por nossa vida. Esses cientistas vão ser lembrados como aqueles que foram seduzidos pela moralidade. O código que demos aos primitivos para manter a paz, perpetuar uma mentira: que a coexistência é possível. Em um ambiente com recursos limitados e crescimento populacional ilimitado, uma espécie precisa triunfar sobre as outras.

Ele manipulou os controles, programando as bombas.

Saiu do centro de comando e atravessou o corredor às pressas.

As viradas passaram em lampejos e ele estava em uma sala com sete portas. Ativou o visor do capacete e esperou. Kate e o parceiro entraram na nave.

Dorian detonou a primeira bomba — aquela que estava enterrada no fundo do mar. A explosão ergueu uma onda sobre a nave, empurrando-a para a terra. Quando a água voltou para o mar, Dorian ativou as outras bombas. Elas partiriam a nave *Alpha Lander* ao meio.

Ele entrou em uma das sete portas e sabia que estava na Antártida, em sua nave. *Logo libertarei meu povo e tomaremos o universo de volta.*

Passou pela estação de controle e pegou um rifle de plasma.

Voltou ao meio da sala com sete portas.

Havia uma rota de fuga para eles, apenas uma maneira de sair de Gibraltar. Ele estaria no aguardo.

Kate observou seu parceiro jogar o neandertal em um tubo.

— Ares nos traiu. Está trabalhando contra nós.

Kate ficou em silêncio.

— Onde ele está?

— O que deveríamos…

Um alarme acendeu em seu capacete.

Maremoto se aproximando.

— Ele detonou uma bomba no fundo do oceano…

A onda de choque atingiu a nave, lançando Kate contra a antepara.

A dor atravessou seu corpo. Algo mais estava acontecendo com ela.

Estava perdendo o controle. As lembranças eram reais demais naquele momento.

Ela lutou para se concentrar, mas tudo ficou preto.



David enfiou a cabeça entre Kamau e Shaw, dentro da cabine do helicóptero, e observou Valeta, a capital de Malta, lá embaixo. O estreito porto de Valeta estava cheio de barcos. Cobriam quase cada centímetro da água, irradiando para fora do porto mar adentro. Um fluxo aparentemente infinito de pessoas corria pelos barcos abandonados, usando-os como uma série de plataformas flutuantes que formavam um caminho até a praia. Do helicóptero, pareciam formigas marchando para fora do porto. Quando chegaram à terra, os quatro fluxos de pessoas convergiram em uma horda que atravessava a principal via de Valeta, seguindo direto até o Distrito Orquídea. Os raios do sol nascente se estendiam detrás do topo abobadado de um prédio alto e David teve de erguer a mão para proteger os olhos.

Por que estavam fugindo para ali? O que havia ali que poderia salvá-las?

Um tremor balançou o helicóptero, lançando David para o banco de trás.

— Eles têm mísseis antiaéreos!

— Tire-nos daqui! — gritou David.

Ele agarrou Kate e a abraçou. Ela estava quase apática, seus olhos ausentes.



Kate abriu os olhos. Outra onda de choque a atingiu, mas era diferente — não era de maremoto. Estava de volta ao helicóptero com David. Ele a mediu de cima a baixo.

O que estava acontecendo com ela? Sentia-se diferente agora. As coisas que havia aprendido, as lembranças, mudaram-na de uma forma indescritível. A humanidade era um… experimento. Ele era parte dele?

— Que foi? — perguntou David.

Ela balançou a cabeça.

— Você está bem? — questionou ele.

Ela fechou os olhos e negou com a cabeça, sem querer enfrentar a realidade.



David prendeu Kate no banco do helicóptero e segurou-a enquanto ele se inclinava e chacoalhava, as bombas explodindo ao redor deles. Malta estava protegida, como no passado, com fogo pesado.

Eles aceitavam refugiados de barco, mas ninguém podia chegar pelo ar.

David pegou o telefone via satélite.

— Ligue para a Continuity — disse para Kate. — Diga que estamos em um helicóptero da Immari, mas somos amigos. Instrua Malta a parar de atirar em nós. Precisamos aterrissar.

Ele observou quando Kate abriu os olhos, encarou-o por um instante, em seguida se esforçou para teclar os números. Um segundo depois, ela começou a conversar rapidamente com Paul Brenner.



Paul Brenner desligou o telefone. Kate e sua equipe estavam em Malta.

— Contate o diretor do Distrito Orquídea de Valeta — ele disse à assistente.



Dorian observou as explosões à distância. Valeta estava atirando em uma aeronave que se aproximava.

Ele ativou o microfone do capacete.

— Encontre um barco de refugiados para nós.

— Como, senhor?

— Procure! Não podemos acessar a ilha por cima.

Dez minutos depois, estavam pairando sobre uma traineira de pescadores.

Dorian observou as cordas descendo. Seus homens caíram no convés do barco e ergueram as armas. A tripulação e os passageiros recuaram para a cabine.

Dorian aterrissou no convés e caminhou até o grupo de pessoas apinhado.

— Ninguém vai machucá-los. Só precisamos de uma carona até Malta.



David sentiu o helicóptero tocar o heliporto. Ele tirou os cabelos de Kate do rosto.

— Consegue andar?

Achou que ela estava tão quente, não era febre, mas… quente demais. *O que está havendo com ela? Não posso perdê-la. Não depois de tudo isso.*

Ela assentiu, e ele a ajudou a sair do helicóptero, envolveu-a nos braços e levou-a para longe da plataforma.

Um inimigo estava atrás deles: Chang, Janus ou Shaw. David não sabia qual. Mas sabia que Kamau também estava atrás dele e daria cobertura para David. Sua preocupação agora era Kate.

— Dra. Warner! — Um homem usando óculos de grife e um terno amarrotado cumprimentou-os. — Dr. Brenner nos contou sobre sua pesquisa. Estamos aqui para ajudar…

— Leve-nos ao hospital — disse David. Ele não sabia mais o que dizer. Kate precisava de ajuda.

David não conseguia acreditar no que via. O hospital era de ponta, mas corpos moribundos se espalhavam em todos os lados e ninguém parecia interessado em ajudá-los.

— O que está havendo aqui? Por que não estão cuidando dessas pessoas? — David perguntou ao diretor do distrito.

— Não há necessidade. Os refugiados chegam aqui doentes e melhoram em poucas horas.

— Sem tratamento?

— A fé os salva.

David olhou para Kate. Estava melhorando. O suor havia parado de brotar da testa. Ele a puxou de lado.

— Acredita nisso?

— Acredito no que vejo, mas não sei como está acontecendo. Precisamos encontrar a fonte. Arranje algo onde eu possa escrever.

David pegou um bloco de anotações de um criado-mudo.

Kate rabiscou rapidamente.

David voltou os olhos para o diretor do Distrito Orquídea, que parecia os observar como um falcão. Em um canto da ala hospitalar, Janus estava montando o computador de Kate e o coletor de amostras, o dispositivo parecido com uma garrafa térmica que ele vira antes. Kamau e Shaw estavam ao lado deles,

encarando-se como se esperassem o sino soar para voltar à luta.

Kate entregou seus rabiscos para o diretor.

— Estamos procurando por isso. É uma caixa de pedra…

— Eu…

— Eu sei que está aqui. Está aqui há muito tempo. Um grupo chamado Immaru escondeu aqui milhares de anos atrás. Leve-nos até ela.

O diretor virou o rosto, engoliu em seco e levou-os para longe das pessoas, fora do alcance de ouvidos enxeridos.

— Eu nunca vi. Não sei o que é…

— Precisamos encontrá-la — disse David.

— Rabat. O rumor é que os Cavaleiros de Malta se recolheram para as catacumbas de lá.



Dorian caminhava com as hordas bárbaras de pessoas que atravessavam a capital maltesa. Por Deus, elas fediam. Carregavam seus doentes, empurrando e acotovelando, esperando levá-los às pressas para um lugar seguro.

Ele mantinha o cobertor áspero sobre a cabeça, escondendo sua aparência, tentando não respirar o odor pútrido que o assolava. Isso que era sofrer pela causa.

À distância, além do hospital, ele viu o helicóptero da Immari levantar voo e seguir para dentro da ilha.

Dorian virou-se para o soldado das operações especiais da Immari ao lado dele.

— Estão partindo. Encontre um helicóptero. Precisamos sair daqui.

Capítulo 82

Malta

Da janela do helicóptero, David conseguia ver toda a pequena cidade de Rabat. Não era em nada parecida com o que ele esperava.

Rabat estava deserta, totalmente abandonada, como se todas as almas tivessem fugido da cidadezinha apenas com a roupa do corpo. Quando a praga chegou, as pessoas devem ter sido levadas para um dos dois Distritos Orquídea, Victoria ou Valeta.

Ele observava o rosto de Janus e Chang, que estavam diante dele. Indiferentes. Impassíveis. Pela fenda entre os assentos do helicóptero, conseguia ver o reflexo do rosto de Shaw e Kamau pelo vidro. Indiferentes. Sérios. Concentrados. Os seis estariam sozinhos em Rabat e o assassino de Martin faria seu movimento — por Kate ou pela cura ou por qual fosse seu objetivo.

David olhou pela janela novamente, e sua mente perdeu-se na história, em campo seguro, no que ele mais conhecia.

Rabat ficava do lado oposto a Mdina, a antiga capital de Malta, uma cidade que os historiadores acreditavam ter sido criada antes de 4000 a.C.

Malta em si havia sido colonizada por um grupo misterioso que migrou da Sicília por volta de 5200 a.C.

No século xx, arqueólogos encontraram templos megalíticos nas duas ilhas de Malta: onze no total, sete dos quais foram declarados Patrimônio Mundial pela Unesco. Eram verdadeiras maravilhas do mundo. Alguns cientistas acreditavam que eram as estruturas autônomas mais antigas do planeta. Ainda assim, ninguém sabia quem as havia construído ou por quê. Datavam de 3600 a.C. ou, possivelmente, antes. A idade das estruturas — a própria história de Malta — era uma anomalia, um fato que não se encaixava na compreensão atual da história humana.

A idade das trevas da Grécia Antiga apenas começou em 1200 a.C. As primeiras civilizações, as primeiras cidades, em locais como a Suméria, datam de 4500 a.C. Acádia foi construída por volta de 2400 a.C. e a Babilônia, supostamente, em 1900 a.C. Mesmo Stonehenge, os monumentos megalíticos

mais próximos, ao menos em caráter, foram possivelmente criados em 2400 a.C. — mais de mil anos *após* algum grupo misterioso ter construído os templos enormes na ilha isolada de Malta. Não há explicação para as estruturas megalíticas da ilha; sua história, e a história do povo que as construiu, perdeu-se nas eras.

Historiadores e arqueólogos ainda debatiam o local de nascimento da civilização. Muitos alegavam que os povoados surgiram no Vale Indus, atual Índia, ou no Vale do Rio Amarelo, na atual China, mas o consenso esmagador era que a civilização, definida como colônias permanentes e em funcionamento, fora fundada por volta de quatro mil e quinhentos anos antes, em algum lugar em Levante ou na região mais ampla do Crescente Fértil — a milhares de quilômetros de Malta.

Ainda assim, os restos dos povoados primitivos do Crescente Fértil eram esparsos e frágeis; um forte contraste com as inegáveis estruturas de pedras, comparativamente impressionantes e tecnicamente avançadas de Malta — que podem ser mais antigas que eles. Uma civilização isolada havia prosperado ali, erigido estruturas de poder superior, mas de alguma forma desapareceram sem deixar rastros, sem deixar histórias, salvo pelos templos onde eram adorados.

Os primeiros colonizadores de Malta a deixar um registro histórico foram os gregos, seguidos pelos fenícios, por volta de 750 a.C. Cerca de trezentos anos mais tarde, os cartagineses sucederam os fenícios em Malta, mas seu reinado foi interrompido com a chegada dos romanos, em 216 a.C., que conquistaram as ilhas em poucos anos.

Durante o reinado romano em Malta, o governador construiu seu palácio em Mdina. Quase mil anos depois, em 1091, os normandos conquistaram Malta e alteraram para sempre a cidade de Mdina. Os invasores nórdicos construíram fortificações defensivas e um fosso largo que separava Mdina da cidade mais próxima — Rabat.

No entanto, a lenda mais duradoura de Mdina talvez seja a de são Paulo. No ano de 60 d.C., o apóstolo Paulo viveu ali após ter naufragado em Malta.

Paulo estava a caminho de Roma — contra a sua vontade. O homem que mais tarde seria declarado um apóstolo estava prestes a ser julgado como rebelde político. O barco de Paulo enfrentou uma tempestade violenta e naufragou na costa maltesa. Todos a bordo nadaram em segurança até terra firme, duzentos e setenta e cinco pessoas no total.

A lenda conta que os malteses abrigaram Paulo e os outros sobreviventes. De acordo com são Lucas:

> *E, havendo escapado, então souberam que a ilha se chamava Malta.*

E os bárbaros usaram conosco de não pouca humanidade; porque, acendendo uma grande fogueira, nos recolheram a todos por causa da chuva que caía, e por causa do frio…

O testamento de Lucas relata que, quando a fogueira foi acesa, Paulo foi picado por uma cobra venenosa, mas não sofreu nenhum efeito colateral. Os ilhéus tomaram aquilo como um sinal de que ele era um homem especial.

De acordo com a tradição, o apóstolo refugiou-se em uma caverna em Rabat, optando por viver humildemente nos subterrâneos, recusando o ambiente confortável que lhe ofereceram.

Durante o inverno, Públio, o governador romano de Malta, convidou Paulo a seu palácio. Enquanto Paulo estava lá, curou o pai de Públio de uma doença séria. Públio então confessou ter se convertido ao cristianismo e foi nomeado o primeiro bispo de Malta. Na verdade, Malta foi uma das primeiras colônias romanas a se converter ao cristianismo.

— Onde devemos aterrissar? — perguntou Kamau via rádio, interrompendo os devaneios de David.

— Na praça — disse David.

— Perto da Igreja de São Paulo?

— Não. As catacumbas são um pouco mais à frente. Deixe-nos na praça. Eu guio o caminho.

Ele precisava se concentrar. Um grupo misterioso instalou-se em Malta, e o mundo lutava por essa ilhota desde então, havia milhares de anos. Lendas de curas milagrosas, provas de templos de pedras megalíticos que datam de antes das civilizações ao redor do mundo e, naquele momento, algo em Malta estava salvando os refugiados da praga. Como tudo aquilo se encaixava?

Ele se virou para Kate quando o helicóptero aterrissou.

— Você consegue andar?

Ela assentiu.

David achou que ela parecia… distante. Ela estava bem? Teve o desejo irresistível de pousar o braço ao redor dela, mas ela já estava fora do helicóptero e os dois cientistas estavam deslizando para fora dos assentos para segui-la.

Shaw e Kamau foram logo atrás.

— Achei que as catacumbas ficassem embaixo da Igreja de São Paulo — disse Janus.

— Não — David quase gritou para vencer o rugido do helicóptero, que diminuía aos poucos atrás deles. Ele olhou para a Igreja de São Paulo, a construção de pedra que fora erguida no século xvii sobre a caverna, agora chamada de Gruta de São Paulo, onde o apóstolo viveu de forma tão simples.

Quando o grupo se afastou do rugido cada vez menor do helicóptero, David explicou:

— As catacumbas ficam logo adiante. Por motivos de saneamento, os romanos não permitiam que os cidadãos enterrassem seus mortos dentro das muralhas da capital Mdina. Construíram uma rede subterrânea extensa de catacumbas, ou câmaras mortuárias, aqui em Rabat, logo após as muralhas da cidade.

David queria acrescentar mais detalhes — o historiador dentro dele mal conseguia resistir. As catacumbas em Rabat continham corpos de cristãos, pagãos e judeus, jazendo lado a lado, como membros da mesma denominação, um ato de tolerância religiosa quase inédito no período romano, onde muitos oficiais perseguiam regularmente líderes religiosos.

Ao mesmo tempo que as famílias de pagãos, judeus e cristãos enterravam seus entes queridos para descansar nas câmaras mortuárias subterrâneas adjacentes nas catacumbas da Malta romana, um homem chamado Saulo de Tarso, judeu e cidadão romano, perseguia zelosamente os primeiros seguidores de Jesus. Saulo tentou destruir com violência a Igreja Cristã recém-surgida em sua infância, mas mais tarde se converteu ao cristianismo em seu caminho para Damasco — após a morte de Jesus na cruz. Saulo de Tarso se tornaria conhecido como o apóstolo Paulo e as catacumbas de Rabat foram batizadas em sua homenagem.

David concentrou-se na tarefa adiante.

Eles viraram em outro beco, e ele parou diante de uma construção de pedra com a seguinte placa:

DEPARTAMENTO DE MUSEUS
CATACUMBAS DE SÃO PAULO

Janus empurrou o portão de ferro, depois a pesada porta de madeira, e o grupo entrou no saguão do museu.

A grande sala com piso de mármore estava quieta, assustadoramente silenciosa. As paredes eram adornadas com placas, fotos e pinturas. Caixas de vidro estavam cheias de itens de pedra e os artefatos menores que David não conseguia identificar enchiam vários corredores que saíam da sala principal. Ainda assim, todos os olhos estavam concentrados em David.

— E agora? — perguntou Chang.

— Vamos montar acampamento aqui — respondeu David.

Assim que as palavras foram ditas, Kamau limpou uma mesa, deixando nela sua bolsa de lona, e começou a separar as armas: pistolas, fuzis de assalto e

armaduras.

Janus correu até Kate e estendeu a mão para pegar a mochila.

— Posso?

Kate lhe entregou a bolsa, distraída, e Janus começou a montar a estação de pesquisa. Ligou o computador e conectou-o ao dispositivo semelhante a uma garrafa térmica que Martin dera a Kate para extrair amostras de DNA.

Janus pousou o telefone sobre a mesa.

— Devemos ligar para a Continuity? Relatar nossa situação?

— Não — respondeu David. — Ligaremos apenas quando tivermos algo para reportar. Não faz sentido… revelar nossa localização.

Ele olhou para o telefone. Um membro da equipe estava fazendo exatamente isso — revelando a localização. Ele pegou o telefone da mesa e o entregou para Kate.

— Fique com ele o tempo todo.

Shaw estava a poucos metros de Kamau, observando-o separar armas e armaduras. David fixou os olhos nele e eles se encararam por um momento.

Shaw afastou os olhos primeiro. Ele caminhou casualmente até uma das pequenas mesas ao lado de uma escadaria que descia para as catacumbas. Pegou um folheto e começou a ler.

— E agora, David? — perguntou Shaw, despreocupado. — Esperamos um cavaleiro medieval passar e perguntamos se ele viu uma caixa velha de pedra?

Janus tomou a palavra, tentando romper a tensão.

— Quero enfatizar a premência de nossa situação…

— Vamos entrar — disse David.

Kamau tomou aquelas palavras como uma deixa. Prendeu a armadura e entregou a outra a David.

— É uma agulha no palheiro — disse Shaw. Ele ergueu o folheto. — A rede é imensa. Apenas poucas das catacumbas são normalmente abertas ao público, mas esse… *dispositivo* pode estar em qualquer lugar lá embaixo. Estamos falando de quilômetros de túneis.

David tentou ler a expressão de Kate. Era apática, quase fria. Estava tendo outro flashback?

— Acho que deveríamos nos dividir — disse Janus. — Assim, podemos cobrir mais terreno.

— Não seria… perigoso? — disse Chang, amedrontado.

— Podemos ir em duplas: um soldado e um cientista — disse Janus.

David considerou a proposta. A outra opção era deixar alguém para trás, no museu, onde poderiam fechar as catacumbas ou buscar reforços. Não tinha boas opções.

— Tudo bem — disse David. — Shaw e Chang vão na frente. — David quis colocar os dois suspeitos juntos, separá-los primeiro, aumentando a distância entre eles e o restante do grupo. — Kamau e Janus vão em seguida. Kate e eu seguimos na retaguarda.

— Não fazemos a menor ideia do que tem lá embaixo — Shaw quase gritou. — Não vou descer lá desarmado. Pode atirar em mim se quiser, David.

David foi até a mesa, pegou uma faca tática de assalto e jogou para Shaw com a ponta para a frente. Shaw pegou-a pelo cabo. Os olhos dele brilharam.

— Você está armado. Vai na frente ou eu *atiro* em você. Não me provoque.

Shaw hesitou por um instante, depois se virou e saiu na dianteira para descer a escadaria, seguido de perto por Chang e pelos outros quatro.

Capítulo 83

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

As catacumbas eram úmidas e escuras. O sistema de iluminação do museu não estava funcionando, mas o brilho das lanternas de LED revelava algumas caixas de mostruário e placas com textos onde os turistas paravam e liam sobre as câmaras.

Depois de aproximadamente cinco minutos, o túnel se dividiu.

— Nos encontramos no saguão em uma hora, não importa o que aconteça. Voltem se não encontrarem nada — explicou David. — Tentem fazer um mapa de onde estiveram.

— Claro, mamãe. De volta em uma hora, e vamos trazer nosso dever de casa — escarneceu Shaw. Ele se virou e levou Chang pelo corredor escuro.

Kate, David, Kamau e Janus caminharam em silêncio depois disso. Passados cinco minutos, o túnel se bifurcou novamente. Kamau e Janus seguiram para o novo caminho.

— Boa sorte, David — disse Kamau.

Janus assentiu para Kate e David.

— Para vocês também — respondeu David.

Ele e Kate caminharam sem dizer palavra por um tempo. Quando David viu que estavam longe dos outros, ele parou.

— Diga que você sabe o que está acontecendo aqui. O que está salvando as pessoas da praga em Malta?

— Não sei. No passado, eu vi a Arca, mas não sei o que aconteceu com ela. Vi os Immaru carregando-a para as montanhas, mas não sei o que aconteceu depois disso.

— Há templos de pedras megalíticos aqui que têm quase seis mil anos, as ruínas mais velhas conhecidas no mundo. Há lendas de curas milagrosas de antes do período romano, quando são Paulo chegou a Malta. Os Immaru podem ter trazido a Arca para cá para protegê-la?

— É possível — respondeu Kate, parecendo distraída.

— Como pode estar curando essas pessoas?

— Não sei…

— O que há dentro dela?

— O corpo de Adão, nosso alfa… a primeira pessoa a quem demos o Gene Atlântida. Agora, deve ter apenas ossos.

— Como os ossos podem estar curando pessoas?

— Eu… não sei. Fizemos alguma coisa com ele no passado. Eu estava lá, mas não consegui ver. Não consegui nem mesmo ver o rosto do meu parceiro. O genoma humano estava se desintegrando… estávamos com problemas para lidar com o experimento.

— O… experimento.

Kate assentiu, mas não elaborou.

— David, algo está acontecendo comigo. Está difícil me concentrar. Tem mais uma coisa. Dorian estava lá…

— Aqui…

— Não. Ele estava lá, no passado. Acho que ele tem as lembranças de outro atlante, um soldado chamado Ares que veio à Terra atrás da expedição científica.

David ficou parado, atônito.

— Como?

— Ele estava na expedição, em Gibraltar. Os tubos foram reprogramados com a assinatura de radiação dele. Quando Dorian foi posto lá após o surto de gripe espanhola, deve ter despertado com as lembranças, da mesma maneira que eu consegui as lembranças da cientista.

— Incrível — sussurrou David. Uma nova espécie de medo lentamente o cercou, assentando-se pouco a pouco. Dorian tinha conhecimento do passado, talvez maior que o de Kate. Aquilo lhe dava uma vantagem tática.

— Qual seu plano, David?

A atenção de David voltou rapidamente para o túnel de pedra mal iluminado.

— Vamos ver se encontramos alguma coisa aqui, verificar se podemos usá-la para achar uma cura e depois sair deste inferno.

— E os outros?

— Um deles é assassino e traidor. Vamos deixá-los aqui embaixo. Temos que ganhar uma distância deles. É a única maneira de mantê-la em segurança.

Kate seguiu David pelo túnel.

As catacumbas lembravam-na das passagens de pedra pelas quais Martin a

levou embaixo de Marbella. De fato, a cidadezinha de Rabat lembrava muito Marbella.

Kate sentiu como se a lembrança estivesse fora do alcance — a conclusão de sua antiga vida, o saldo da verdade do que havia acontecido em Gibraltar. Ainda assim, ela sentia como se permitisse que as lembranças viessem, o restante dela se esvaindo. E ela perderia David. Para Kate, a lembrança revelada era o maior inimigo ali, mas ela sabia que David estava certo: um assassino estava à espreita em um dos outros túneis.

Capítulo 84

CCPD
Atlanta, Geórgia

Dr. Paul Brenner lentamente abriu a porta para o quarto particular do sobrinho no hospital.

O garoto estava parado. O pânico tomou conta de Paul.

Um segundo passou, e o peito de Matthew ergueu-se levemente.

Suspiro.

Paul fechou a porta com delicadeza.

— Tio Paul! — chamou Matthew enquanto rolava na cama e tossia.

— Hei, Matt. Estava só dando uma olhada para ver como está.

— Onde está a minha mãe?

— Sua mãe… ainda está me ajudando com uma coisa.

— Quando vou poder vê-la?

Paul ficou paralisado, sem saber o que dizer.

— Logo — ele murmurou, distraidamente.

Matthew sentou-se e teve outro acesso de tosse, espargindo pequenos perdigotos de sangue na mão.

Paul encarou as gotículas de sangue que lentamente começaram a escorrer da mão do garoto, formando pequenos riscos vermelhos.

Matthew olhou e limpou a mão na camisa.

Paul agarrou seu braço.

— Não limpe… só… espere, vou chamar uma enfermeira. — Ele se levantou e correu para fora do quarto. Ouviu Matthew chamá-lo, mas Paul já estava fora do quarto, andando rapidamente. Não podia ver aquilo, não podia ficar no quarto por nem mais um segundo. *Finalmente estou desmoronando, perdendo tudo*, ele pensou.

Queria ir ao gabinete, trancar a porta e esperar até a coisa toda, o mundo todo ter acabado.

Sua assistente se levantou ao vê-lo.

— Dr. Brenner, o senhor tem uma mensagem…

Ele acenou para ela enquanto passava rapidamente.

— Sem mensagens, Clara.

— É da Organização Mundial de Saúde — disse ela. Ergueu dois bilhetes. — E outra do Serviço de Inteligência Britânico.

Paul pegou as páginas de sua mão e as leu rapidamente. E leu de novo. Virou-se e saiu aos tropeços até seu gabinete, os olhos ainda na página. *O que isso significa?*

Fechou a porta e rapidamente discou o número de Kate Warner. O telefone via satélite não tocou. Direto para a secretária eletrônica. Estava desligado? Fora de área?

— Kate, aqui é Paul. Hum, Brenner. — Claro que ela sabia qual "Paul". De algum jeito, até mesmo gravar uma mensagem para Kate o deixava nervoso. — Olhe, meu contato na oms ligou. Parece que não existe registro de um dr. Arthur Janus. E também recebi ligação da inteligência britânica. Não há nenhum agente chamado Adam Shaw. Eles verificaram até nos registros confidenciais. — Ele hesitou, sem saber o que acrescentar. — Espero que esteja bem, Kate.

Dorian bateu a porta do helicóptero e assistiu às hordas de pessoas apinhadas diminuindo enquanto ele e sua equipe de operações especiais alçavam voo sobre Valeta.

— Qual nosso destino, senhor? — perguntou o piloto.

Dorian pegou o telefone. Sem mensagens.

— Foram para oeste — gritou ele. — Temos de procurar pelo helicóptero deles. Tente primeiro as cidades.

Nas catacumbas de São Paulo, embaixo da cidade de Rabat, Kamau caminhava à frente de Janus. O africano alto seguia adiante com seu fuzil de assalto. O facho de luz que ele amarrara à arma mal iluminava o túnel largo. O brilho da lanterna que Janus carregava atrás dele não ajudava muito.

— De onde o senhor é, sr. Kamau? — perguntou Janus em voz baixa.

Kamau hesitou, então respondeu:

— África.

— De que parte?

Outra pausa, como se Kamau não quisesse responder.

— Quênia, perto de Nairóbi. Nós deveríamos…

— Perto do local de nascimento da moderna raça humana. Acho que é bem adequado termos alguém do leste africano em nossa expedição, caçando um africano que mudou a história, que pôs a humanidade no seu rumo.

Kamau virou-se para trás, apontando a lanterna para o rosto de Janus.

— Deveríamos permanecer em silêncio.

Janus ergueu a mão para proteger os olhos.

— Muito bem.

Em outra parte das catacumbas, dr. Chang caminhava pouco à frente de Shaw. O soldado britânico fez Chang seguir diante dele.

— Por segurança — disse Shaw.

Chang parou e virou a lanterna para o rosto de Shaw.

— O senhor está registrando nosso caminho? — perguntou Chang.

— E deixando migalhas de pão, doutor. Continue andando.

A luz da lanterna iluminava apenas metade do rosto de Shaw e, naquele instante, Chang achou que o homem, que aparentava ter trinta e poucos anos, pareceu por um instante muito mais jovem.

O rosto — o rosto mais jovem — que Chang conhecia. Onde tinha visto?

Anos, décadas antes. Pouco depois de ele ter retirado Kate do corpo da mãe, dos tubos.

Nas suas lembranças, Howard Keegan, o diretor da Clocktower e um dos dois membros do conselho da Immari, estava sentado atrás de uma imensa escrivaninha de carvalho em seu gabinete. Chang mexia-se nervosamente na cadeira diante dele.

— Quero que você faça um exame completo no garoto que você tirou do tubo. Seu nome é Dieter Kane, mas o chamaremos de Dorian Sloane agora. Ele está com alguns problemas para se… aclimatar.

— Ele é…

Keegan apontou o dedo para Chang.

— O senhor vai me dizer o que há de errado com ele, doutor. Não ignore nada. Faça todos os testes e volte aqui, entendido?

Quando Chang terminou o exame, voltou ao gabinete de Keegan, tomando o mesmo assento diante da escrivaninha monstruosa. Ele abriu seu bloco de notas e começou a fazer seu relatório. *Fisicamente bem. Dois centímetros mais alto do*

que a média para a idade. Várias escoriações recentes. Algumas cicatrizes significativas, também recentes.… Chang ergueu os olhos.

— O senhor suspeita de abuso?

— Não, pelo amor de Deus, doutor! *Ele* é o agressor. O que tem de errado com ele?

— Receio que eu não…

— Ouça bem. Sessenta anos atrás, quando ele entrou naquele tubo, era a criança mais doce do mundo. Quando saiu, estava tão mau quanto uma maldita serpente. É um sociopata limítrofe. Aquele tubo fez alguma coisa com ele, doutor, e eu quero saber o que foi.

Chang ficou sentado, inseguro sobre o que dizer.

A porta lateral do gabinete se abriu de uma vez e Dorian correu para dentro.

— Fique lá fora, Dorian! Estamos trabalhando aqui.

Outro garoto correu atrás de Dorian, chocando-se contra ele. Espreitou por trás do ombro de Dorian. O rosto.

Os dois garotos retiraram-se, fechando a porta pesada.

Keegan recostou-se na cadeira, pinçando o alto do nariz com dois dedos.

Chang odiava aquele silêncio.

— O outro garoto…

— O quê? — Keegan inclinou-se para a frente. — Ah, é meu filho, Adam. Estou criando Dorian como seu irmão, esperando que ele dê alguma estabilidade ao outro, uma noção de família. A família de Dorian está morta. Mas… estou apavorado com a possibilidade de o lado sombrio de Dorian, sua doença, infectar Adam, corrompê-lo. E isso *é* uma doença, doutor. Tem algo de muito, *muito* errado com ele.

Chang estava de volta ao corredor de pedra, a lembrança se esvaiu, a luz turva retornou. Ele encarou Adam Shaw, a metade do rosto que podia ver. Sim, era ele. O irmão adotivo de Dorian. Filho de Keegan.

— O quê? — inquiriu Shaw.

Chang deu um passo para trás.

— Nada.

Shaw aproximou-se dele.

— Ouviu alguma coisa?

— Não… eu… — Chang procurou as palavras, alguma desculpa. *Pense. Diga algo.*

Shaw abriu lentamente um sorriso.

— Lembra-se de mim, não é, Chang?

Chang ficou paralisado. *Por que não consigo me mexer?* Era como se alguma cobra invisível o tivesse picado e o veneno paralisante estivesse

percorrendo cada centímetro de seu corpo.

— Eu imaginei que se lembraria. Que coisa ruim. Martin lembrou-se de mim também.

— Socorro! — gritou Chang, uma fração de segundo antes de Shaw sacar a faca do cinto e abrir rapidamente a garganta e a traqueia de Chang, fazendo o sangue espirrar na parede de pedra e jogando Chang ao chão, gorgolejante, arfando pela garganta aberta, lutando para tomar o fôlego que não viria.

Shaw limpou a faca ensanguentada no torso de Chang, em seguida pulou por sobre o homem agonizante. Shaw deixou um explosivo no chão do túnel, armou-o rapidamente e correu mais para dentro do corredor.



Kamau parou com o som. Parecia um grito de socorro. Virou-se para Janus. O homem tinha alguma coisa. Uma arma?

Kamau ergueu o fuzil.

Uma luz cegante, mais brilhante do que qualquer coisa que Kamau já tinha visto, o assolou. Um som, não uma vibração, uma espécie de diapasão disparou em sua mente. Ele caiu de joelhos. O que Janus estava fazendo com ele? Sentiu como se a cabeça estivesse inchando, como se o cérebro estivesse explodindo.

Janus passou por ele sem dizer palavra.



O grito de socorro fez David parar de uma vez. Quem era? O assassino estava agindo de novo.

O som estava próximo. Um túnel adjacente? Um túnel cruzado?

A voz de Kate era um sussurro.

— David…

— Silêncio. Continue andando. — Ele seguia à frente, correndo pelo túnel. Antes, David parava em cada abertura, passando o fuzil de assalto para a esquerda e para a direita.

Agora a velocidade era fundamental, abrir mais distância entre eles e o som, chegar a uma posição segura, defensível.

Lá adiante, o túnel terminava em um salão mortuário com uma mesa de pedra que fora esculpida na rocha.

David reduziu o ritmo, a mente imaginando o que fazer. Voltar?

Ele parou e uma sensação sinistra correu pelas costas. Moveu-se para virar, mas uma voz gritou:

— Não se mexa.

Capítulo 85

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

David ergueu as mãos. Conseguiu sentir os olhos de Kate sobre ele, observando seu movimento, imaginando se ele viraria e atiraria no homem atrás dele. David queria, mas não sabia quem ou quantos estavam lá atrás.

Outra voz rompeu o silêncio, uma voz que David conhecia.

— Abaixem as armas. São eles que estávamos esperando.

David e Kate viraram-se lentamente, concentrando-se no jovem que saiu das sombras do túnel.

— Milo — sussurrou Kate.

— Olá, dra. Kate. — Milo meneou a cabeça para David. — Sr. David. Venham comigo.

Ele se virou e avançou através do túnel com dois soldados fortemente armados — Cavaleiros de Malta, supôs David — ao lado.

O túnel abria-se para uma grande sala quadrada de pedra que era muito maior que as outras câmaras mortuárias. Meia dúzia de guardas estava ao redor da sala com as armas a postos.

Ao fundo da câmara, uma caixa de pedra jazia sobre um altar levemente erguido.

Kate correu até ela e tirou a mochila das costas. Ela se virou para os soldados.

— Podem erguer a tampa?

Milo acenou com a cabeça para eles e quatro guardas soltaram as armas, indo até a caixa.

— Milo, como você chegou aqui? — perguntou David.

— É uma longa história, sr. David, mas digamos que… eu não gostaria de repeti-la.

— Sim, eu sei do que você está falando.

No altar, Kate estava inclinada sobre a arca de pedra, trabalhando em alguma coisa. David foi até ela e espiou dentro da caixa. Com a luz fraca, conseguiu

apenas divisar os ossos de uma pessoa.

Ao lado dele, Kate manipulava um dispositivo que David não reconheceu, algo da mochila. Sabia que ela estava coletando uma amostra genética, mas não tinha ideia de como fazia.

Ele se virou para os homens que estavam espalhados ao redor do altar da sala. Milo estava no meio deles, em silêncio. David pensou que havia algo bem diferente naquele jovem que ele conhecera no mosteiro, no Tibete. Uma maturidade, um equilíbrio.

David voltou os olhos para Kate.

— Pegou o que precisa?

Ela assentiu.

— Milo — disse David —, precisamos voltar à superfície para pegar nosso computador, onde podemos processar a amostra. — Ele hesitou. — Achamos que talvez haja um assassino aqui embaixo.

— Vamos ficar bem aqui, sr. David. — Milo meneou a cabeça para os soldados. — Estão guardando este lugar há muito tempo. E podem levá-los em segurança para fora das catacumbas.

Vários soldados se destacaram e se puseram ao lado da abertura do túnel que levava à superfície. David e Kate correram atrás deles.



De soslaio, Dorian teve um vislumbre de um helicóptero no solo. Um helicóptero da Immari.

Ele apontou para a aeronave.

— Lá! Eles devem estar por perto.



Quando os primeiros raios de sol irromperam pelo túnel, David percebeu que não ouvia mais os passos dos guardas atrás deles. Ele olhou para trás, mas os guardas haviam desaparecido. Balançou a cabeça. *Some isto à lista de mistérios*, pensou.

Na superfície, Kate correu ao computador, deixando a mochila de lado e, rapidamente, começou a trabalhar.

David verificou o pente no fuzil, um hábito de nervosismo, e caminhou pela sala sem tirar os olhos da entrada.

— O que acontece agora? — perguntou ele para Kate, que estava atrás dele.

— Preciso fazer o upload do novo conjunto de dados para a Continuity e esperar que eles encontrem uma terapia a partir dele.

— Quanto tempo?

Ela esfregou a testa e encarou a tela.

— Não sei…

— Como não?

Ela ergueu os olhos.

— Olha, meu cérebro já está bem frito e foi Janus quem fez isso da última vez… ele é muito melhor nisso que eu.

Ele levou um segundo para tirar os olhos do túnel.

— Tudo bem, tudo bem. Só acho… que a urgência é a ordem do dia.

Um som trinado rompeu a tensão.

— O que é isso?

Kate pegou o telefone do bolso.

— Tem uma mensagem de voz.

Kate deixou o telefone na mesa e voltou a digitar e olhar a tela do computador.

— Ouça se quiser. Ouvi dizer que *urgência* é a ordem do dia e tenho trabalho a fazer.

David olhou para o telefone, em seguida virou na direção do túnel e ergueu a arma. Fez uma nota mental para não pressionar Kate quando ela estivesse trabalhando e não usar frases ridículas que pudessem voltar para assombrá-lo.

No fundo da caverna, na escuridão, ele ouviu passos. Eram leves, cuidadosos, como se alguém estivesse se aproximando da entrada — alguém que não queria ser ouvido.

David chamou a atenção de Kate, levou um dedo aos lábios e se afastou da entrada, tomando posição fora do túnel. Apontou o fuzil, pronto para atirar. Era Shaw — tinha certeza disso e estaria pronto.

Dorian inclinou-se para a frente na cabine e fitou o helicóptero da Immari que estava na praça lá embaixo.

— Aterrisso ao lado deles? — perguntou o piloto.

— Claro. Também posso mandar uma mensagem de texto dizendo onde estamos. Ou ligar um holofote.

O piloto engoliu em seco.

— Senhor?

— Desça em outro lugar. Podem estar esperando perto do helicóptero para uma emboscada. Vamos examinar o terreno a pé.

Dorian verificou o telefone novamente. Sem mensagens. Por quê?

Adam estava morto?

Esperava que não. Seria a perda final, o último familiar que tinha, seu único parente. Seu irmão. A única pessoa no mundo a quem ele confiaria a captura de Kate Warner. E ele estava em algum lugar em Rabat, Dorian conseguia senti-lo. Mas por quê? O que havia ali? Dorian sabia que a história poderia ser seu guia, revelar o significado exato de Rabat, mas quem se importava? História dava muito trabalho.

— Algum de vocês conhece a história de Rabat? Alguma informação cultural significativa?

Os soldados viraram-se para ele, olhares vazios no rosto.

O piloto chamou via intercomunicador.

— Mdina era a capital do império romano na Antiguidade. Os fenícios e os gregos também governaram daqui antes deles.

Quem enche a cabeça deles com essa merda inútil?, pensou Dorian.

— Muito interessante… mas não estamos em Mdina, estamos? O que tem em Rabat?

— Eles enterravam seus mortos aqui.

— Como?

— Os romanos davam importância ao saneamento. E à segurança. Construíram muralhas ao redor das cidades e não deixavam os mortos serem enterrados dentro delas. Rabat ficava na periferia…

— Que diabos você está dizendo? Vá direto ao ponto!

— Há câmaras mortuárias aqui. Antigas. As Catacumbas de São Paulo.

Dorian refletiu sobre aquilo. Sim, era exatamente o que David e Kate estariam procurando — defuntos, pistas genéticas ancestrais para a cura. Quantos milhares de anos estavam enterrados embaixo da cidade antiga, nas câmaras de pedra usadas por eras? Alguém havia escondido um cadáver antigo entre essas câmaras mortuárias, cobrindo-o, ocultando-o das vistas comuns? Não importava. Tudo que precisava era dela, do código, do conhecimento na mente da mulher.

Lentamente, a figura emergiu da escuridão. David encaixou o dedo no gatilho.

Apertou-o de leve, pronto para atirar.

O homem emergiu do túnel com as mãos erguidas.

Janus.

Kate ergueu-se da mesa.

— Graças a Deus. Preciso de sua ajuda.

Janus aproximou-se dela. Instintivamente, David seguiu o cientista com a arma erguida.

— Encontrou? — perguntou Janus.

— Sim…

— A Arca… da tapeçaria tibetana? Estava aqui? Todo esse tempo. O alfa. Adão? — perguntou Janus.

Kate assentiu.

— Extraordinário… — murmurou Janus com os olhos no computador. — Posso?

— Claro, por favor.

Kate abriu espaço para ele.

— Onde está Kamau? — perguntou David, olhando para trás.

— Nos separamos depois do grito.

— Ele está vivo?

— Espero que sim, de verdade — disse Janus enquanto digitava no computador, os olhos percorrendo a tela de um lado para o outro.

Um minuto passou com David concentrado na entrada do túnel, com Kate e Janus encarando o computador.

Janus assentiu.

— Este é… o ponto de origem, o primeiro ser humano a receber o Gene Atlântida. Se combinarmos o genoma com esses corpos da peste bubônica e os sobreviventes do surto de gripe espanhola, tudo vai fazer sentido. Acho que poderemos isolar todos os retrovírus endógenos a partir desse conjunto de dados. — Ele se virou para ela. — É isso, Kate.

Kate pegou o telefone via satélite e plugou no computador. Ela digitou no computador.

— Está subindo.

Janus se afastou do computador, na direção da entrada do túnel.

— Não pode ir lá embaixo — disse David.

— Receio que preciso — respondeu Janus. Ele se virou para David. — Para um cientista como eu, essa é a oportunidade do milênio. O primeiro ser humano de uma tribo totalmente nova, o cataclismo genético que começou tudo isso que veio depois. A história, a ciência. Apesar do risco, preciso ver com meus olhos.

— Fique aqui…

Janus entrou no túnel antes que David pudesse impedi-lo.

Kate desconectou o telefone via satélite do computador e discou rapidamente. David assumiu uma posição entre ela e a entrada do túnel.

Paul, acabei de enviar um novo conjunto de dados. — Sim — O quê? — Não, não ouvi a mensagem.

Os olhos de Kate arregalaram-se.

— Não… eu… obrigada por me avisar. Ligue novamente quando receber os dados. — Ela encerrou a chamada. — Janus e Shaw. Os dois são impostores.

Do túnel, David ouviu passos aproximando-se da abertura. Ergueu a arma, pronto para atirar, mas a figura que emergia da escuridão parou.

Capítulo 86

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

Kate estava concentrada na entrada do túnel, tentando ver quem estava vindo. A figura saiu de braços erguidos.

Kamau.

Ele estava na entrada do túnel, cobrindo a luz com os braços como se ela o estivesse afogando.

— Você está bem? — perguntou David.

— Não… consigo enxergar.

David correu e ajudou Kamau a sair do túnel e a chegar até a cadeira diante da longa mesa onde estava Kate. Ela achou que ele parecia desorientado, de alguma forma enfraquecido.

— O que aconteceu? — perguntou David.

— Janus. Ele me cegou com uma arma de luz. Me derrubou por um tempo.

David virou-se para Kate.

— Ele pode ter manipulado os dados.

Kate abriu a boca para falar, mas parou quando o telefone começou a vibrar sobre a mesa. Ela o agarrou e atendeu rapidamente.

Um resultado. — Não. — Acho que você precisa... — Concordo, Paul. — Ligue quando souber.

Ela encerrou a chamada. A terapia era sua última chance. Mas…

— Eles encontraram uma terapia — disse ela. — Vão avançar com ela. Não têm alternativa. — Ela encarou David. — Precisamos falar com Janus.

David aproximou-se de Kamau.

— Como está sua visão?

— Melhorando. Ainda borrada.

Ele está se fazendo de forte na frente de seu comandante, pensou Kate.

David lhe entregou um fuzil de assalto da mesa.

— Quero que atire em qualquer coisa que sair daquele túnel.

Ele se virou para Kate.

— Chang está morto. Aposto. Só tem Shaw e Janus lá embaixo. Sabemos aonde Janus está indo. Vou trazê-lo de volta. — Para Kamau ele disse: — Quando eu estiver na entrada do túnel, vou gritar “Aquiles está saindo” antes de sair.

Kamau assentiu.

Em seguida, David desapareceu na escuridão do túnel.

Kate caminhou até a mesa e pegou uma pistola. Correu os dedos sobre as palavras gravadas na lateral. *Sig Sauer*.

— Sabe como usar isso? — a voz grave de Kamau ecoou na sala.

— Aprendo muito rápido.



Adam Shaw pôs outra carga de explosivos no nicho de pedra do túnel. Aonde ir em seguida? Deveria ter feito um mapa de volta ao saguão do museu; os túneis eram infinitos. Em algum lugar distante, ouviu passos. Ele apagou a lanterna.

Recuou mais fundo para dentro da câmara mortuária que ficava logo depois do túnel. O cabo de borracha da faca fez um som baixo contra os dedos quando ele a puxou da bainha.

A figura que se aproximava carregava uma lanterna. A luz ficava mais forte a cada segundo que passava.

Shaw agachou-se e esperou. A câmara mortuária era pequena e estreita, um metro e oitenta por três metros, um dos muitos anexos escavados do túnel principal.

Ele tentou acompanhar os passos com a mente, sabendo que teria apenas uma fração de segundo para avançar e pegar a presa.

Mais perto.

Mais perto.

A figura entrou no campo de visão.

Janus.

Shaw deixou-o passar. Expirou. Mas havia mais passos atrás de Janus. Kamau?

Eles estavam juntos.

Shaw ficou paralisado.

David.

Perseguindo Janus.

Então, desapareceu. E Shaw ficou contente. Nos recônditos da mente, ele mal conseguia admitir que Vale poderia derrubá-lo no corpo a corpo, mesmo que

Adam tivesse o elemento surpresa. Ele havia lido o prontuário de David, o relatório pessoal da Clocktower, antes de começar sua missão. Estava procurando uma maneira de matá-lo desde o segundo em que o viu, desde que David saiu das águas do Mediterrâneo e bateu-o contra o destroço flutuante da barca da praga — impressionando Shaw quanto à sua capacidade em uma luta mano a mano.

Mas Adam não tinha de se preocupar com David naquele momento — ele estava correndo para dentro dos túneis, longe de Kate, o que David mais valorizava, deixando Shaw livre para capturá-la, concluir sua missão e se vingar de David.

Adam saiu da câmara mortuária e virou à esquerda, seguindo o caminho que David revelara, até Kate.



Janus correu o mais rápido que pôde. Lá adiante, o brilho suave dos lampiões iluminava a sala de pedra.

Ela estaria guardada — se fosse julgar pela história.

Janus pegou o cubo quântico do bolso e diminuiu o passo. Conseguia vê-la agora, a Arca, ao fundo da câmara. Incrível. Do jeito que era antes.

Dois guardas surgiram de trás das paredes de pedra, bloqueando seu caminho.

Janus ativou o cubo, inundando a área com luz cegante. Ele o ajustou, aumentando a luminosidade.

Os homens caíram e ele ouviu mais corpos atingindo o chão dentro da câmara.

Ele atravessou o limiar e observou a cena. Seis soldados europeus fortemente armados e alguém mais — um adolescente asiático vestindo uma túnica cerimonial.

Janus foi até a Arca e espiou dentro dela.

Estava lá. O primeiro. Eles o guardaram. Contaram sua história. Depois de todos esses anos. Eram uma espécie notável. Haviam excedido todas as suas expectativas. Não mudava o que precisava ser feito. Ele disse a si mesmo que não tinha escolha.

Pegou o osso do fêmur do alfa, ergueu-o e bateu violentamente contra a parede da caixa de pedra.

Um pequeno chip metálico caiu, em seguida desapareceu sob a chuva de pó cinzento que a cobria.

Janus se abaixou, limpou a poeira e procurou o chip.

Levou meses para encontrá-lo. Era a última peça. Quando desaparecesse…

Ele o ergueu contra a luz, vislumbrando a tecnologia que ele e sua parceira haviam incorporado quase setenta mil anos antes. O pequeno implante de radiação possibilitou que fizessem mudanças no genoma humano por dezenas de milhares de anos. Cada vez que programavam um novo regime de radiação, ele alterava o genoma dos seres humanos dentro do alcance do implante, ajustando o curso da humanidade. O dispositivo era velho, e sua fonte de força estava quase esgotada, reduzindo consideravelmente seu alcance. Janus se perguntava se poderia encontrá-lo. Mas, em face da praga atual, ele havia desempenhado conforme planejado, acionando seu programa de emergência, ativando o Gene Atlântida, salvando aqueles que se arrebanharam para ficar perto dele. Era uma vergonha que tantos tivessem morrido para Janus encontrá-lo. Mas, sem o dispositivo, nada ficaria no caminho da transformação genética final que ele já havia desencadeado.

Naquele momento, a curiosidade tomou conta de Janus. Ativou o módulo de memória do implante e observou a telemetria rolar. Os registros do implante começavam com a tribo que eles haviam alterado. Carregaram a arca para fora das regiões tropicais por entre montanhas, através do deserto e sobre um barco. Navegaram até ali, Malta, onde permaneceram, esperando que o isolamento da ilha os protegesse até que Janus e sua parceira retornassem. Mas eles nunca voltaram e a proteção da ilha provou ser apenas temporária.

Bárbaros partiram para a ilha e levaram consigo algo que a tribo isolada havia quase esquecido: a violência. Os Immaru caíram nas mãos dos invasores, como o povo de Janus havia caído nas mãos de outra raça violenta. A história se repetia. Ele os conduziu errado? Em um mundo civilizado demais para a luta, os últimos bárbaros tornaram-se reis.

Os bárbaros que herdaram Malta começaram a explorar os templos megalíticos que os Immaru haviam deixado. Dentro de um dos templos, onde a arca e o corpo do alfa estavam escondidos, um grupo desses seres humanos foi alterado pela radiação do implante. Primeiro aconteceu com os fenícios, então com os gregos que os expulsaram de Malta. Os invasores gregos levaram os benefícios genéticos de volta para sua terra natal, onde as mudanças nas conexões cerebrais floresceram por séculos.

O ambiente na Grécia desenvolveu as mentes de tal maneira que nunca havia acontecido. Uns poucos indivíduos iluminados foram capazes de acessar algo: uma memória compartilhada enterrada nas profundezas do subconsciente. A memória compartilhada emergiu na forma de um mito — a história sobre uma cidade avançada chamada Atlântida que afundou na costa de Gibraltar. Janus a

viu naquele momento: o implante acrescentou a memória compartilhada, esperando que a sociedade civilizada encontrasse a nave e viesse resgatar Janus e sua parceira. Em certo sentido, o implante e o mito de Atlântida que ele carregava salvaram-no também. Os gregos foram os primeiros a entender a história de Atlântida, registrá-la e espalhá-la, mas a história de Atlântida se instalaria nos recônditos de todas as mentes humanas por séculos.

Janus assistiu quando os gregos encontraram o mesmo destino dos fenícios. Os gregos ficavam cada vez mais civilizados e, no processo, viram-se incapazes de se defender de um vasto exército que ficava logo depois de suas muralhas — os romanos.

Nos anos após os romanos terem absorvido a Grécia e chegado a Malta, seu império aumentou e, com ele, a civilização. Os romanos construíram estradas, estabeleceram leis e criaram um calendário que ainda era usado. A humanidade chegou ao seu ponto máximo. A expansão de Roma parecia não ter fim, mas, cada vez que ultrapassavam fronteiras, estas ficavam mais difíceis de defender. Na época, Roma também declinou e caiu nas mãos de tribos bárbaras que romperam suas fronteiras mal protegidas, colonizaram suas terras e, no fim, armaram cercos em suas grandes cidades.

Quando Roma caiu, fogo e cinzas ergueram-se de um supervulcão próximo ao equador, na atual Indonésia. A chuva de cinzas trouxe consigo a maior pandemia já registrada na história, que ficaria conhecida como a Praga de Justiniano, e uma nova onda de mudança genéticas. O comércio parou e, com ele, o fluxo de pessoas que cruzavam Malta. A radiação do implante não conseguiu alcançar sobreviventes o bastante para virar o jogo. O mundo recuou para uma existência mais primitiva e aguardou a esperança e a redenção.

Seguiram as trevas. Por quase mil anos, não houve grandes civilizações. Malta e a raça humana inteira ao redor dela tateavam por uma direção. Contra esse pano de fundo, outro vulcão entrou em erupção e a Peste Negra atacou.

Refugiados chegaram a Malta e o implante desencadeou uma nova onda de radiação e mudanças genéticas. Esses sobreviventes navegaram para casa a partir de Malta, impedindo a transformação final da humanidade por Ares e anunciando o Renascimento.

O implante ficou adormecido depois disso — até a Praga Atlântida. A falha global da Orquídea finalmente o reativara, revelando sua localização e permitindo que Janus o encontrasse.

Janus conseguia entender tudo agora: a marcha inteira da história depois da queda de Atlântida. O pequeno implante dentro da arca e os seres humanos que o protegeram declararam guerra às trevas e às mudanças genéticas que Ares derramou nas cinzas e pragas que vieram nos séculos vi e xiv e, então,

finalmente, na Praga Atlântida.

Durante milênios, os seres humanos agarraram-se à vida. Como lutaram. A resiliência da espécie 8.472 era notável. Agora, sua história chegaria ao fim. Mas estariam seguros. Janus tinha certeza disso.

Ele jogou o chip dentro da caixa e a esmagou.

Atrás dele, ouviu passos pararem abruptamente. Janus virou-se para encontrar David na entrada da câmara, segurando uma das armas primitivas que disparavam projéteis elementares endurecidos.

Janus pegou o cubo quântico.

— Não, Janus. Eu vou atirar, juro.

— Ora, sr. Vale. Isso não é jeito de tratar alguém que salvou sua vida.

Capítulo 87

CCPD
Atlanta, Geórgia

Paul Brenner caminhou até a sala de controle do Sinfonia. O sentimento que imperava era o júbilo. Duas palavras piscavam em vermelho no centro da tela:

UM RESULTADO

Eles tinham uma nova geneterapia para a Praga Atlântida. Uma nova esperança.

— Prossigam — disse Paul. — Usem em todos os distritos. Façam o upload dos dados para todas as nossas afiliadas.

Ele atravessou o corredor às pressas e entrou no quarto do sobrinho.

O garoto estava quieto. Ele não se virou para encarar Paul. Estava apenas semiconsciente.

Mas ainda havia tempo, pensou Paul.



No saguão que levava até as Catacumbas de São Paulo, Kate recostou-se, imaginando o que mais poderia fazer.

A imagem que voou para fora do túnel era um borrão. Kate girou, mas era rápida demais. Derrubou Kamau da cadeira. O fuzil de assalto fez um estrondo no chão quando duas figuras rolaram no chão sobre uma das caixas de vidro do museu. Kamau bateu na figura, mas Kate percebeu que ele estava desorientado, cego, desesperado. Ele nunca conseguiria.

Kate cambaleou para a frente e ergueu a pistola.

Eles se contorciam violentamente no chão. Kate tentou mirar na outra figura. Uma parte dela sabia que era Shaw, mas não queria que fosse verdade. Sofrera a traição de alguém em quem confiara antes; jurara que não aconteceria de novo.

Shaw a salvara em Marbella. Mas…

A figura afastou-se de Kamau com uma faca nas mãos. O sangue escorria no piso de mármore branco. Kamau contorceu-se algumas vezes, em seguida ficou parado.

A figura virou-se para encarar Kate.

Shaw.

Kate quis apertar o gatilho, mas simplesmente ficou paralisada. Não conseguiria fazer aquilo.

Shaw arrancou a arma de suas mãos.

— Essa não é você, Kate. Fique feliz por isso.

A porta do outro lado do saguão se abriu, e Dorian Sloane entrou. Quatro homens que o seguiam espalharam-se, tomando posição ao redor do saguão, dois flanqueando a entrada do túnel.

— Que inferno, onde você estava? — questionou Shaw.

— Relaxe — disse Dorian com tranquilidade. — Problemas com o carro. — Ele examinou a sala. — Vale?

— Nos túneis — disse Shaw.

Dorian assentiu para os soldados que guardavam a entrada.

— Não — disse Shaw. — Só tem uma saída. — Ele pegou uma caixinha do bolso e apertou um botão. Erupções ecoaram dos túneis, como um trovão aumentando de volume. Ele ergueu os olhos para Dorian. — Agora não tem saída.

Dorian sorriu.

— É bom ver você de novo, meu irmãozinho.

David ouviu as explosões antes de senti-las nas costas. O teto estava desabando.

Conseguiu ver Milo em sua visão periférica, deitado lá, sem vida. Mergulhou sobre o garoto, cobrindo seu corpo com o dele.

A pedra caiu em cima e ao redor dele, ecoando em seus ouvidos. O corpo de Milo parecia tão frágil sob o dele. Milo sobreviveria?

Outra pedra acertou o corpo de David e ele se encolheu. E outra — na perna. A dor era completa, mas ele não se moveu. Permaneceu parado, esperando o fim.

Ele veio, mas não como esperava. Uma cúpula de luz o cobriu, descrevendo um arco sobre ele, bloqueando as pedras que caíam. Mas David ainda não se movia.

Kate encarou Dorian com ódio.

— Não vou ajudá-lo. Já temos uma cura.

O sorriso de Dorian cresceu, como alguém que sabia de um segredo.

— Ah, Kate, você não me decepciona. Eu não dou a mínima para uma cura. Estou aqui pelo código que está na sua cabeça.

— Eu não tenho…

— Terá. Vai se lembrar e, daí, teremos o que precisamos.

Um dos homens de Dorian a agarrou e arrastou-a para fora do saguão do museu.

Capítulo 88

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

David sentiu a mão agarrando seu ombro e virando-o. A câmara de pedra estava escura e silenciosa. Ele ainda não conseguia ver nada.

Lentamente, um brilho amarelo expandiu-se na câmara.

A figura parecia estar iluminando a câmara com a palma da mão. Ele protegia algo com as mãos — um cubo minúsculo que faiscava.

David encarou aquele rosto. Janus. Ele protegera David das pedras que despencaram com o cubo.

— Que merda *é* você? — disse David com voz rouca.

— Olhe a boca, sr. Vale.

— Sério?

Janus levantou-se e falou em voz baixa.

— Sou um dos cientistas que vieram para cá muito tempo atrás para estudar os hominídeos deste planeta.

David tossiu.

— Um atlante.

— O que vocês chamam de atlante, isso mesmo.

David analisou o rosto de Janus. Sim, ele sabia. Tinha visto Janus antes. Na Antártida, dias antes, quando David estava no tubo, viu um rosto encará-lo ao fundo da câmara. Em seguida, o rosto desapareceu.

— Era você… na Antártida.

— Sim, mas não em pessoa. O que o senhor viu na Antártida era meu avatar, uma representação minha controlada remotamente.

David sentou-se.

— Você me salvou. Por quê?

— Receio que eu precise ir embora, sr. Vale.

— Espere. — David se levantou e olhou para o fuzil, considerando se devia pegá-lo. Não. Janus havia incapacitado os soldados com o cubo. Poderia fazer o mesmo com David. E Janus salvara sua vida: duas vezes. — A cura que enviou à

Continuity. É falsa, não é?

— É bem real…

— Ela cura a praga?

— Cura o que aflige a humanidade.

David não gostava daquilo, ou da conduta de Janus, que dizia: esta conversa terminou.

Janus concentrou-se no cubo que estava na palma da mão. Ele enfiou a outra mão na luz que irradiava do cubo e começou a mexer os dedos. Era como se estivesse programando o objeto.

David pensou em sua situação. Alguém havia plantado e detonado bombas ali; não era uma bomba vinda de cima. Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães e os italianos haviam lançado inúmeras bombas sobre aquelas catacumbas, não as levaram para baixo. Shaw. Ele fechou as catacumbas. E devia estar com Kate. Ele já teria entregado Kate a Dorian?

— Shaw está com Kate — disse David.

— Imagino que sim — disse Janus sem erguer os olhos.

— Ela tem as lembranças de sua parceira.

— O quê? — O choque espalhou-se pelo rosto de Janus, a primeira emoção que David o via expressar.

— As lembranças começaram a chegar dias atrás, primeiro em sonhos, depois quando estava acordada; ela não conseguia impedi-las.

— Impossível.

— Ela disse que havia uma terceira pessoa que se unira à sua expedição… um soldado. Ela conspirou com ele para mudar o genoma. Ela disse que seu nome era Ares.

Janus ficou em silêncio.

— Dorian está com as lembranças de Ares. Ele capturou Kate, essa era a missão de Shaw. Tenho certeza agora. Havia rumores na base da Immari, em Ceuta. Dorian trouxe uma caixa para fora da estrutura na Antártida, que criou uma espécie de porta. Ele está levando Kate para essa porta. Ela está em perigo.

— Se o que o senhor disse é verdade, todos estamos em perigo. Se chegarem ao portal, se ela for entregue a Ares, todas as pessoas neste planeta, e em muitos outros, provavelmente vão morrer.

Capítulo 89

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

David aproximou-se de Janus. A luz amarela do cubo iluminava o rosto de ambos, dando a impressão de serem dois homens sentados ao redor de uma fogueira.

— Me ajude a salvá-la — pediu David.

— Não — respondeu Janus, seu tom era ríspido e urgente. — O *senhor* vai *me* ajudar a salvá-la.

— O que…

— O senhor não tem ideia em que está envolvido, sr. Vale. Isso é maior…

— Então, me diga. Acredite em mim, estou pronto para as respostas.

— Primeiro, peço seu compromisso de que vai seguir minhas ordens… que vai fazer *o que* eu disser, *quando* eu disser.

David encarou-o.

Janus continuou:

— Observei que em situações de alto risco e estresse o senhor prefere… ou melhor, *exige* estar no comando. Tem problema em assumir ordens ou riscos, especialmente quando vidas estão em jogo, sobretudo a de Kate. É um problema. Não é sua culpa. Talvez seja resultado de seu passado…

— Dispenso a psicanálise, obrigado. Olha, se você prometer fazer o que puder para salvá-la, farei qualquer coisa que disser.

— Acredite em mim, farei tudo que estiver ao meu alcance. Mas temo que nossas chances não são boas. Segundos contam, sr. Vale. E vamos começar agora.

Janus estendeu a mão, e o cubo brilhante voou dela, mergulhando na parede de pedra. Uma nuvem de poeira irradiou do centro.

David observou. O cubo enterrava-se cada vez mais no túnel, destruindo a pedra como um laser.

David tocou a parede. Estava lisa, como o caminho cavado fora da estrutura em Gibraltar, o túnel sombrio pelo qual saíra. *Nesse ponto, eu perco de lavada*,

pensou ele.

— Então é assim que você…

— Este pequeno cubo quântico já me tirou de alguns problemas durante minhas viagens.

David olhou a nuvem de poeira flutuando para fora do túnel perfeito.

— É, bem, benditos sejam os… cubos quânticos…

No chão, Milo movimentou-se um pouco. David foi até ele e ajoelhou.

— Ele vai ficar bem?

— Vai.

David puxou Milo para ficar de barriga para cima.

— Como se sente?

Milo abriu os olhos devagar.

— Esmagado. — Ele tossiu, e David ajudou-o a se sentar.

— Relaxe, vamos sair daqui.

— Vamos? — perguntou Janus.

— É. Não vamos deixá-lo aqui. — David interrompeu a fala e balançou a cabeça. Levaria um tempo para se acostumar a esse novo paradigma de comando. — Ou melhor, eu peço respeitosamente que considere levarmos Milo conosco. Ele é membro dos Immaru. Encontrou a Arca antes de nós. Seu conhecimento pode ser útil e ele poderia nos ajudar.

Janus aproximou-se e inspecionou o adolescente.

— Incrível. Depois de todos esses anos. Quantos de vocês restam?

Milo ergueu os olhos.

— Apenas eu.

— Que pena — disse Janus. — Sim, venha conosco…

— Milo.

— Prazer, Milo. Meu nome é Arthur Janus.

Sentado, Milo fez a melhor reverência que pôde.

Na abertura para a câmara, o cubo estava abrindo um novo túnel nas catacumbas de pedra. David se perguntou quanto tempo levaria para o cubo chegar à superfície e, mais importante, se ele poderia chegar a Kate a tempo.

Kate parou de lutar com Shaw e os guardas ao lado dela assim que o helicóptero alçou voo. Para onde ela iria agora? Estava presa até que aterrissassem. E depois? Conseguiria se livrar deles?

Eles a amarraram firme no assento e prenderam as mãos dela com

abraçadeiras por segurança.

Ela encarou Dorian, que estava à sua frente. Ele parecia ter aperfeiçoado o meio sorriso, a meia careta que sempre mostrava. Parecia dizer: *Eu sei algo que você não sabe. Algo ruim vai acontecer com você, e eu vou abrir um sorriso inteiro quando chegar essa hora.*

Ela queria espancá-lo. Shaw estava sentado ao lado de Dorian. Olhava placidamente para fora do helicóptero, como uma criança divertindo-se em sua primeira viagem de avião.

— Você matou Martin.

— *Você* matou — murmurou ele.

— Você quebrou o pescoço dele…

— Estava morrendo quando a Orquídea falhou. Você prolongou a agonia dele, Kate.

Era mentira.

— Por quê, Adam?

Ele tirou os olhos da janela pela primeira vez até ali.

— Sabia que, se ele viesse, me reconheceria, revelaria minha identidade. Achei que morreria sem a minha ajuda, mas a terapia de Chang fez com que melhorasse. Quando você saiu para… ficar com David, foi a primeira chance que tive. Fiz o que precisava, concluí minha missão. Não é nada pessoal.

Dorian inclinou-se para a frente.

— Não dê ouvidos a ele, Kate. Nós dois sabemos que é pessoal. Tem sido por, quanto tempo, setenta mil anos? — Ele sorriu. — Esse é seu grande ponto cego, não é? Pessoas. Nunca consegue descobrir quem são as pessoas. É esperta para diabo, mas nunca vê uma grande traição se formando. Simplesmente amo isso em você. É hilário.

Kate fechou os olhos e forçou-se a não reagir. Podia sentir a raiva crescendo por dentro. Como ele sempre conseguia irritá-la? Ele a manipulava com tanta facilidade. O monstro parecia saber onde ficava cada ponto fraco dela. Cutucava-os com tanta tranquilidade, sorrindo o tempo todo, sabendo exatamente como ela reagiria.

Ela tentou se concentrar, tentou bloquear sua influência. Na escuridão, uma voz disse:

— Ele nos traiu.

Kate abriu os olhos. Estava em uma sala de aço com quatro tubos. Um neandertal estava imóvel em um deles. Ela estava em Gibraltar, na câmara que seu pai havia descoberto em 1918. Era a última lembrança, aquela que ela não conseguia alcançar. Ver Dorian, ouvir suas palavras, a desencadeou.

— Você me ouviu? — a voz chamou novamente.

Um vídeo apareceu dentro do capacete de Kate. Uma cabeça em um capacete como o dela: Janus. Era o outro membro da equipe científica atlante, seu parceiro.

— Você…

— Ouvi — disse Kate. Estava recostada à mesa no centro da sala. Ela se virou para encarar Janus. Ela precisava contar.

— E-eu… — ela gaguejou. — Sim, Ares nos traiu…

Outra explosão sacudiu a nave.

— … Mas eu o ajudei. — Dentro do capacete, o vídeo de Janus desapareceu e ela encarou o reflexo espelhado do capacete. Aparentemente, Janus não queria que Kate visse sua reação. — Ele me disse que queria ajudar. Protegê-los. Proteger a todos nós — ela acrescentou rapidamente.

— Ele usou você… e nossa pesquisa. Ele deve ter a geneterapia que precisa para construir seu exército.

Kate observou Janus atravessar a sala até um painel de controle. Ele mexeu nele com rapidez.

— O que está fazendo? — perguntou Kate.

— Ares vai tentar dominar a nave principal. Precisa dela para transportar o exército. Eu a tranquei.

Kate assentiu. No visor do capacete, ela observou os comandos passarem. Cada linha parecia trazer mais lembranças, mais compreensão. A nave onde estavam era simplesmente um módulo de aterrissagem local. Eles haviam chegado ali em uma nave científica maior, capaz de viajar pelo espaço profundo. Seu protocolo sempre fora deixar o mínimo de rastros e o mínimo de visibilidade. Não precisavam da nave enquanto conduziam os experimentos na superfície do planeta e não queriam ser vistos. Eles a escondiam no lado oposto da única lua do planeta, enterrando-a. O portal no módulo de aterrissagem dava acesso instantâneo à nave se precisassem, mas os comandos de Janus estavam trancando a nave — ficaria fechada a qualquer controle remoto de Gibraltar ou da Antártida. Eles não conseguiriam voltar à nave, nem Ares poderia, ao menos não através de um portal.

Janus continuou a manipular os controles.

— Vou criar algumas armadilhas também, caso Ares consiga chegar à nave de alguma forma.

Kate observou os comandos passarem. Outra explosão balançou a nave, essa muito mais violenta que a última.

Janus hesitou.

— A nave está quebrando. Vai se partir ao meio.

Kate se levantou, sem saber o que fazer.

— Ares já administrou a terapia? Já os transformou?

Kate tentou pensar.

— Não sei. Acho que não.

Janus trabalhava com afã no painel. Kate viu uma série de sequências de DNA piscar. O computador estava rodando simulações.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— A nave vai ser destruída. Os primitivos vão encontrá-la. Estou modificando os dispositivos de dilatação de tempo no perímetro para emitir a radiação que restabelecerá todas as nossas terapias. Eles ficarão como antes de os encontrarmos, antes da primeira terapia.

Era isso — o Sino foi a tentativa de Janus de reverter todas as intervenções genéticas dos atlantes. Exceto que, nessa lembrança, de treze mil anos antes, quando Janus estava programando o Sino, ele estava procurando o genoma errado. Os primitivos, como ele os chamava, não encontrariam a nave até 1918, quando o pai de Kate faria escavações sob a baía de Gibraltar. Janus não estava contando com a diferença de tempo, o atraso para encontrar o Sino, as mudanças genéticas que ocorreriam. E Kate sabia que haveria duas mudanças muito grandes — os “deltas” da cronologia de Martin, os dois surtos da praga nos séculos vi e xiii. Sim, aquelas devem ter sido intervenções de Ares, a administração da terapia que Kate ajudou a criar. Por que veio tão tarde? Por que ele esperou doze mil anos? Onde ele estivera? E onde Janus estivera? Ele estava vivo ali, no passado, e estava lá, no futuro.

A nave estremeceu novamente, lançando Kate contra a parede. Sua cabeça bateu dentro do capacete, e o corpo esmoreceu. Não conseguia ver nada. Ouviu passos. A voz de Janus ecoou no capacete, mas ela não conseguia compreender as palavras. Ela sentiu quando ele a levantou e a carregou.

Capítulo 90

Catacumbas de São Paulo
Rabat, Malta

David ligou a lanterna e olhou para Janus.

— Respostas. Quero saber com que estamos lidando aqui.

Janus olhou para o túnel arredondado que o cubo flutuante estava abrindo lentamente.

— Muito bem. Temos um pouco de tempo. Faça sua primeira pergunta.

Por onde começo?, pensou David.

— Você me salvou. Como e por quê?

— O como está além de sua compreensão científica…

— Bem, simplifique para meu cérebro hominídeo primitivo, que setenta mil anos de intervenção atlante aparentemente não aperfeiçoaram.

— Claro. O como tem alguma relação com o por quê. Vou começar por ele. Também preciso lhe dar um pouco do histórico. Eu disse antes que você não me viu de verdade na Antártida. Viu meu avatar. Já pensou por quê?

— Você estava em Gibraltar.

— Estava. Muito bem, sr. Vale. Na verdade, o seu dr. Grey descobriu bastante da história atlante neste planeta. Foi surpreendente ler sua cronologia. Era bastante precisa, apesar das lacunas de conhecimento, das coisas que ele não poderia saber.

— Por exemplo?

— O que ele descreveu como “Queda A$”, a queda de Atlântida, a destruição de nossa nave na costa de Gibraltar. Foi um ataque. Como sabe, havia dois grupos. Éramos os cientistas que viajavam pelas galáxias estudando a evolução humana em incontáveis mundos humanos.

— Incrível — murmurou David.

— Este mundo, sua espécie, é incrível. Nossa espécie é velha. Muito tempo atrás, voltamos nosso enfoque para outros mundos e, em especial, para qualquer mundo que abrigasse vida humana. Tornou-se nossa obsessão. Uma pergunta em particular dominava nossas expedições, a maior questão de todas: de onde

viemos?

— Evolução…

— É apenas o processo biológico. Há muito mais nessa história; sua ciência vai revelar isso um dia. Vocês já sabem que o universo suporta o surgimento da vida humana. De fato, o universo é estritamente programado para isso. Se alguma das constantes estivesse levemente diferente — gravidade, força de eletromagnetismo, dimensões espaço-tempo —, não haveria vida humana. Há apenas duas possibilidades: ou a vida humana surgiu porque as leis do universo a apoiam por mero acaso ou o universo foi criado para estimular a vida humana.

David pensou na afirmação de Janus.

— Nossa primeira hipótese era que não passava de acaso; que existíamos porque éramos simplesmente uma entre um número infinito de possibilidades em um número infinito de universos que existem no multiverso. Nossa teoria era que existimos porque matematicamente devemos existir em algum universo, considerando que há infinitos universos possíveis e somos um resultado possível finito. Existimos neste universo porque é o único que nosso cérebro é capaz de apreender.

— Claro. — David não tinha ideia do que mais dizer.

— Então, fizemos uma descoberta que alterou nossa compreensão, nos fez questionar nossas suposições. Descobrimos uma entidade quântica, uma substância subatômica que permeia o universo. Foi a maior descoberta de nossa existência. O consenso aceito foi que essa entidade quântica era simplesmente outra constante universal, algo que deve existir em nosso universo para originar a vida humana. Mas um grupo nosso começou a se aprofundar no mistério. Através de milhares de anos de prática, descobrimos como acessar essa entidade quântica, mas chegamos a um beco sem saída…

David ergueu a mão.

— Tudo bem, você me pegou. Desisto. Não tenho ideia do que é uma entidade quântica.

— Tem familiaridade com o entrelaçamento quântico?

— Hum, não.

— Muito bem. Digamos que descobríssemos que todos os seres humanos são ligados por meio de uma entidade quântica. Alguns membros de nossa sociedade com uma ligação especialmente forte podem usar esse elo para se comunicar à distância.

A mente de David trouxe à tona os sonhos que dividiu com Kate.

— Acha difícil de acreditar, sr. Vale?

— Não. Na verdade, eu acredito nisso. Continue.

— Chamamos isso de entidade quântica, que liga todos os seres humanos à

Entidade Original. Investigar sua criação, nossa criação, é nosso grande objetivo. Chamamos de “O Mistério da Origem”. Acreditamos que a Entidade Original exerce influência sobre o universo inteiro, que é o ponto de origem e o destino final para a consciência humana.

Milo assentiu.

— Essa é a história da criação que o senhor nos deu.

— Sim — disse Janus. — Sua mente avançou até aí rapidamente. Vocês anseiam por respostas, em especial sobre sua existência. Demos a vocês as únicas respostas de que dispúnhamos, embora tivéssemos modificado essas respostas para que vocês pudessem entendê-las. E demos a vocês nosso código, um modelo moral: práticas que descobrimos e nos levam para mais perto da Entidade Original, práticas que descobrimos e aumentam a ligação, deixando os seres humanos mais próximos uns dos outros e da harmonia que a Entidade Original oferece. Também enfatizamos que toda vida humana é valiosa; cada ser humano é conectado à Entidade Original e pode revelar mais sobre o mistério. — Janus hesitou. — Mas muito de nossa mensagem foi perdido com o passar das eras.

— Alguns ainda acreditam — disse Milo.

— Sim, claro. No fundo, nossa missão aqui falhou, mas começou promissora. Em todos os anos de nossas investigações do Mistério da Origem, nunca vimos uma espécie como a de vocês. Monitoramos todos os mundos humanos. Como historiador, o senhor vai gostar de saber disso, sr. Vale. Neste planeta, um evento geológico relativamente menor, três milhões e meio de anos atrás, causou um cataclismo que levou diretamente ao surgimento da humanidade. Três milhões e meio de anos atrás, a colisão de duas placas tectônicas elevou o fundo do mar do que agora é a parte oeste do Caribe, formando o Istmo do Panamá. Pela primeira vez, os Oceanos Atlântico e Pacífico foram separados, impedindo a mistura em grande escala de suas águas, o que provocou uma reação em cadeia que levou a uma era do gelo neste planeta, que ainda está em andamento. Na África Ocidental, as selvas começaram a diminuir. Uma grande quantidade de espécies de primatas de ordem superior vivia nas árvores durante esse período. Nos anos seguintes, as savanas gradualmente substituíram as selvas exuberantes, levando esses primatas a descerem das árvores para as campinas. Em grande parte, a fonte de sua dieta vegetariana havia desaparecido. Muitos pereceram, mas um pequeno grupo tomou outro rumo: ele se adaptou. Aventurou-se nas vastas planícies e começou a caçar novas fontes de alimento. Pela primeira vez, esses primatas comeram carne e isso alterou seu cérebro. Como a caçada também. Esses primatas, esses sobreviventes pré-históricos, ficaram mais espertos que qualquer primata antes

deles. Acabaram por criar ferramentas primitivas de pedra e caçar em bandos. Esse padrão — de perturbação climática, de quase extinção em um ambiente de rápidas mudanças, em seguida uma recuperação e a adaptação — se tornaria o padrão distintivo que se repete durante a marcha de sua espécie até seu estado atual. Chegamos aqui para estudar vocês quando ainda estavam na infância, esperando que uma espécie com tal avanço meteórico, falando do ponto de vista evolucionário, pudesse revelar algo novo sobre o Mistério da Origem. Seguimos todas as nossas precauções habituais. Usamos um Farol que seguia a órbita do planeta.

— Um farol?

— Uma cobertura… para impedir qualquer um de ver nosso desenvolvimento e impedir que vocês vissem quaisquer outros mundos humanos. O que vocês chamam de Paradoxo de Fermi, o fato de que mundos humanos devem ser abundantes, ainda que vocês não tenham encontrado nenhum, na verdade é resultado do Farol. Ele filtra a luz que vocês podem ver e a luz que seu mundo emite para qualquer um fora da cobertura. Também seguimos todos os outros procedimentos. Enterramos nossa nave…

— Na Antártida? — perguntou David.

— Não. Aquela é outra nave. Vou explicar em um momento oportuno. Em geral escondemos nossa nave de exploração de espaço profundo em um cinturão de asteroides local ou, neste caso, em uma lua para maior segurança, apenas no caso de uma sonda passar pelo Farol. O universo é um local perigoso e não queremos chamar a atenção para os participantes de nossos experimentos ou para nós. Enviamos nosso módulo de aterrissagem para a superfície e permanecemos aqui. Nossa rotina permaneceu a mesma depois disso, como foi em outros planetas: coletávamos amostras, analisávamos nossos resultados e hibernávamos, acordando apenas em intervalos regulares para repetir nosso processo. No entanto, cem mil anos atrás, fomos acordados mais cedo por uma chamada de urgência. Nossa terra natal estava sob ataque. Outra mensagem chegou pouco depois. Nosso mundo havia caído nas mãos de um inimigo de força inimaginável. Fomos instruídos a ficar em um mundo protegido para nossa segurança. Acreditávamos que nosso inimigo caçaria qualquer atlante remanescente até os confins do universo. Nosso medo era que o Armagedom se estendesse a todos os seres humanos, em todos os mundos humanos. O próximo evento você conhece bem. Setenta mil anos atrás, um supervulcão na atual Indonésia entrou em erupção, cuspindo cinzas no céu e causando um inverno vulcânico que levou sua espécie à beira da extinção. O alarme populacional acordou minha parceira e a mim da hibernação. Era nosso maior medo. Pensávamos que poderíamos ser os últimos de nossa espécie: dois cientistas que

nunca poderiam voltar para casa. E estávamos assistindo ao que podia ser a extinção de alguns dos últimos seres humanos que nosso inimigo ainda não havia encontrado. Então, minha parceira tomou uma decisão fatal.

— Nos dar o Gene Atlântida.

— Exato. Ela fez sem meu conhecimento ou consentimento. Alegou que era um experimento para lhes dar o gene da sobrevivência, ver como vocês se sairiam. Já estava feito e eu cooperei. Cerca de vinte mil anos depois de ela ter administrado o Gene Atlântida, outra nave de nosso mundo chegou. Aterrissou na Antártida, onde permanece sob o gelo desde então. A nave contém os últimos do nosso povo.

— É uma tumba?

— Mais ou menos. Mas é mais que isso. É uma nave de ressurreição. Em nosso mundo, cada pessoa tem uma vida de cem anos. Há exceções, como para exploradores do espaço profundo, como eu. Dominamos as ciências médicas, mas acidentes acontecem. Nesses casos, nossos cidadãos ressuscitam nessas naves.

— É o que são? — perguntou David. — Atlantes mortos?

— Sim. Massacrados quando nossa terra natal foi atacada. Todos, exceto um. Às vezes, nosso povo vota para ter um cidadão armazenado. Alguém de grandes feitos. É uma honra cultural. A pessoa armazenada naquela nave era o general Ares. É uma relíquia de nosso passado, alguém que deixamos para trás. Ele foi guardado como um lembrete. É nosso soldado mais famoso. Durante o ataque, de alguma forma, ele pegou a nave que partiu de nossa terra natal. E a trouxe para cá.

— Os outros na nave da Antártida… eles não podem despertar? Sair dos tubos?

— Podem. Mas não são uma espécie violenta agora. O ataque ao nosso mundo, a brutalidade, a carnificina… os tubos podem apenas curar os ferimentos físicos. O povo na Antártida pode despertar, mas vai reter as lembranças até o último segundo agonizante de sua morte. Seria cruel demais despertá-los. Sua mente está estruturada de forma um pouco diferente da de vocês. Em termos psicológicos, o trauma pelo qual passaram é grande demais. Não conseguem escapar das lembranças do que aconteceu com eles. Existem em um estado constante de purgatório, incapazes de morrer permanentemente, incapazes de reviver.

David não teria acreditado naquilo, mas ele havia passado pela morte e pela ressurreição no tubo. Dorian alvejou-o e o matou, e ele despertou em um novo corpo, uma réplica exata.

— Foi o que aconteceu comigo, como acordei no tubo após Dorian ter me

matado. Foi como o povo de sua terra natal.

— Exato.

— Como funciona? A ressurreição?

— A ciência é bastante complexa…

— Simplifique para mim. Quero entender. — David olhou para o cubo, que ainda não havia desaparecido por completo. — Temos tempo.

— Muito bem. A peça de tecnologia genética que vocês chamam de Gene Atlântida na verdade realiza várias funções. A mais pertinente, nessa instância, é a de organizar a radiação do corpo dentro de um fluxo de dados. Todo corpo humano emite radiação. O Gene Atlântida transforma esses isótopos em um diagrama celular, um download do seu corpo, inclusive as células cerebrais que contêm suas lembranças, até o segundo em que você morre.

— Da segunda vez que Dorian me matou, acordei na nave de Gibraltar. Como?

— É onde nossas histórias se cruzam, sr. Vale. Quando a nave de ressurreição chegou, quarenta mil anos atrás, já havíamos dado aos seres humanos o Gene Atlântida. Ares ficou extremamente interessado. Viu nos seres humanos uma oportunidade, uma chance de formar um novo exército, lutar contra nosso inimigo. Ele insistiu que o Gene Atlântida colocava vocês em perigo, tornava vocês um alvo para nosso adversário. Convenceu minha parceira. Ela entrou em conluio com ele pelas minhas costas, modificando a terapia, procurando uma maneira de aumentar suas capacidades de sobrevivência. Observei as mudanças e fiquei desconfiado. Sabia que sua espécie estava avançando rápido demais, mas, claro, nunca havíamos interferido em uma espécie dessa maneira. Não sabia o que esperar. E nunca imaginei que ela me trairia. Mas sei por que ela fez isso: culpa, por algo que ela fez em nossa terra natal, um ato que levou à nossa destruição.

— O que…

— É uma história para outro momento. Aqui, na Terra, Ares tinha o que precisava. A geneterapia final para criar seu exército. Tentou destruir o módulo de aterrissagem, nós dentro dele… o que aconteceu na costa de Gibraltar. A nave foi partida em pedaços. Imaginamos que sua próxima jogada fosse sequestrar nossa nave espacial. Ele precisava dela para transportar seu exército. Eu a tranquei, impedindo que qualquer pessoa do módulo ou da Antártida pudesse entrar nela. Também armei uma série de alarmes e contramedidas. Mas nosso módulo de aterrissagem na costa de Gibraltar estava ruindo rapidamente. Minha parceira desmaiou. Eu a peguei e levei para o único lugar aonde poderia ir.

— Antártida.

— Exato. E Ares estava esperando por mim. Ele atirou e matou minha

parceira. Claro, ele desativou a ressurreição para nós dois na Antártida. Esse era seu plano. Ele atirou em mim também, no peito, mas eu cambaleei de volta pelo portal. Voltei em uma parte diferente do módulo em Gibraltar.

A mente de David acelerou. Era isso. Na sala onde ele havia ressuscitado da segunda vez havia um traje danificado.

— O traje no chão.

Janus assentiu.

— Era meu. Quando escapei daquela seção, meu primeiro ato foi selar o módulo e interromper a comunicação com a Antártida para me proteger. Em seguida, consegui chegar ao tubo… um daqueles onde você ressuscitou. Depois que me curei, parei para pensar. Minha situação era arriscada. O pedaço da nave que encontrei estava agora no fundo do mar e longe da costa. Se eu saísse, me afogaria muito antes de chegar à superfície e não tinha maneira de replicar um tanque de oxigênio. — Ele olhou para David. — O uniforme de coronel que repliquei para o senhor foi muito mais simples.

— Como você…

— Vou chegar aí — disse Janus, erguendo a mão. — Eu estava preso. E sozinho. Minha parceira estava morta e, para minha surpresa, meus pensamentos foram primeiro para ela. A ressurreição é uma tecnologia estritamente regulamentada. Uma sequência de morte, enviada via radiação a partir do Gene Atlântida, é impossível de falsificar, como deve ser: imagine as implicações de acordar e descobrir que você tem um duplo. Tentei primeiro forçar a ressurreição dela, enganar o sistema para que pensasse que ela havia morrido. A verdadeira sequência da morte foi enviada à nave na Antártida e Ares a excluiu. Minha estratégia inteira era forjar sua morte para o computador em minha seção e fazer com que ela ressuscitasse na parte do navio que fosse mais próxima da costa, para que ela pudesse escapar e, assim eu esperava, impedir Ares. Tentei de tudo, mas fracassei. Mas treze mil anos depois consegui de alguma forma. Em 1918, Patrick Pierce colocou sua mulher agonizante no tubo, com Kate dentro dela. O computador deve ter executado a sequência de ressurreição na época, mas a criança não amadureceu como um feto de ressurreição normal faria, pois estava confinado no corpo da mãe. Mas assim que foi retirada da mãe a criança, Kate, começou a crescer, e parece que agora suas lembranças voltaram. Aquelas lembranças da minha parceira permaneceram adormecidas na mente de Kate todo esse tempo. Notável.

— Como Dorian conseguiu as lembranças de Ares?

Janus balançou a cabeça.

— Como eu disse, eu estava desesperado. Tentei de tudo. Devo ter autorizado *qualquer* ressurreição. Ares ingressou na nossa expedição e tínhamos

a assinatura de radiação e as lembranças dele. Mas… as lembranças teriam terminado milhares de…

— Dorian também morreu duas vezes na Antártida, se os relatos forem verdadeiros. Ares poderia ter preenchido as lacunas.

— Sim… é possível. Ares poderia facilmente ter acrescentado lembranças, até mesmo mostrando-as para Dorian durante sua ressurreição lá. Como para Kate, as lembranças, nos recônditos da mente, devem ter exercido alguma influência, conduzido decisões, como pistas subconscientes. — Ele se afastou de David. — Ela se tornou uma geneticista, decidida a estudar as anormalidades das conexões cerebrais. Em seu subconsciente, estava buscando uma maneira de estabilizar o Gene Atlântida e concluir seu trabalho. É uma bela história. — Janus mergulhou em pensamentos, aparentemente em outro lugar.

— Então… o que aconteceu com você? — perguntou David, por falta do que dizer.

— Nada. Por treze mil anos nada aconteceu comigo. Achei que minhas tentativas de escapar e ressuscitar minha companheira haviam falhado. Minha última opção era me matar na minha seção e programar minha ressurreição em outro compartimento. Mas eu era incapaz de fazê-lo. Eu vira o que aqueles da minha terra natal que sofreram uma morte violenta, as pessoas nos tubos na Antártida, aqueles presos no purgatório interno, haviam se tornado. Então entrei no tubo e permaneci lá por treze mil anos, esperando, aguardando que algo mudasse.

David soube instantaneamente o que era “a mudança”. Na Antártida, David afastou Dorian e seus homens, permitindo que Kate e seu pai escapassem. O pai havia explodido dois dispositivos nucleares em Gibraltar, estilhaçando o pedaço do módulo que ele havia desenterrado.

— As explosões nucleares.

— Exato. Elas moveram a seção onde eu estava para mais perto do norte da África. Marrocos e Ceuta, especificamente. De imediato ativei meu link com a nave. Vi o que havia acontecido em Gibraltar e, então, me conectei com a Antártida e assisti ao vídeo de lá. Sabia que você tinha sacrificado a vida para salvar um homem, uma mulher e dois garotos. O outro homem, que eu não sabia ser Dorian na época, foi muito menos cavalheiro. Vocês observaram o Código Humano, nossa moralidade. Vocês tiveram respeito pela vida humana. Eu conhecia Ares e sabia o que aconteceria a seguir. Você e Dorian eram inimigos. Ele faria vocês lutarem até a morte e levaria o vencedor. Decidi fazer o download de seus dados. Tive de revelar meu avatar por um instante para capturar sua assinatura de radiação. O restante você sabe. Quando você morreu, despertou na parte da nave onde eu estava confinado. Programei os tubos para se

autodestruírem, para garantir que você avançasse, se aventurasse.

— Por quê? O que achou que eu poderia fazer?

— Salvar vidas. Vi que tipo de homem você era. Sabia o que você faria. E fez algo mais, algo maior: me levou a uma cura.

— Você não poderia saber — disse David.

— Não. Não tinha ideia. Pela primeira vez em treze mil anos, minha parte da nave estava próxima da terra firme. Eu poderia escapar. O mundo que encontrei me deixou horrorizado, especialmente a Immari. No entanto, sou um cientista e um pragmático. Não sabia da Continuity nesse momento. Pelo que pude ver, a Immari estava conduzindo experimentos genéticos dos mais avançados. Eu me juntei a eles, esperando usar seu conhecimento para encontrar uma cura.

— Sua cura. Ela é falsa, não é?

— Ela é bem real.

— O que ela faz? — questionou David.

Janus olhou para a caixa de pedra que ficava às margens da luz amarela suave do cubo.

— Ela corrige um erro, um ato que não consegui impedir muito tempo atrás.

— Fale minha língua.

Janus ignorou a ordem de David. Simplesmente sustentou o olhar sobre a caixa.

— O alfa era a última peça que eu precisava. Não consigo acreditar que eles o guardaram por eras.

— Última peça do quê?

— De uma terapia que vai anular todas as nossas atualizações genéticas, tudo, inclusive o Gene Atlântida. Os seres humanos remanescentes neste planeta serão como eram quando os encontramos.

Capítulo 91

Em algum lugar na costa da Itália

O último golpe de Dorian havia atingido Kate no coração, ele sabia disso. Ele a conhecia. Ela era tão vulnerável, tão fácil de manipular. Ele mexia com ela como se Kate fosse uma marionete.

Os olhos dela estavam fechados, mas ele sabia que estava pensando nele.

Ele recostou a cabeça no apoio acolchoado e o helicóptero desapareceu, como se ele estivesse caindo em um poço. Não conseguia impedir as lembranças.

Ele estava em uma sala com sete portas. Segurava um fuzil.

Uma porta se abriu e alguém usando um traje especial correu para dentro, carregando outra pessoa. Dorian atirou no corpo desmaiado que o corredor carregava. O estouro o estraçalhou e jogou os dois de volta para as portas.

O indivíduo vivo se contorceu, lutando para segurar o corpo morto. Dorian aproximou-se e ergueu o fuzil. A figura se levantou. Dorian atirou, atingindo o traje bem no meio, mas o alvo já havia atravessado outra porta. Ele havia escapado.

Dorian pensou em persegui-los. Correu de volta para o painel de controle e digitou nele. Não. Seu inimigo estava em alguma parte da nave em Gibraltar que não oferecia rota de fuga. Era merecido — uma eternidade em uma tumba no fundo do mar.

Dorian manipulou os controles, programando uma das portas do portal para levá-lo até a nave de exploração do espaço profundo dos cientistas. Tinha a geneterapia que precisava para concluir a transformação. Assim que tivesse a nave, ele teria a vingança para o seu povo.

O controle do painel congelou. Dorian o encarou. Os cientistas haviam travado sua nave. Muito esperto. Eram muito espertos, mas ele era mais.

Ele saiu da sala com a série de portas e atravessou o corredor. Dorian conhecia aquele corredor. Já tinha visto antes. Uma porta chiou até abrir.

A mesma sala. Três trajes pendurados agora e havia três caixas no pequeno banco.

Ele vestiu um traje e pegou duas das caixas.

Caminhou para fora da sala até um laboratório. Programou as caixas, em seguida pegou um cilindro prateado que continha a terapia final.

Ele saiu da nave.

A área lá fora era uma catedral de gelo, como ele vira antes.

Deixou a caixa no chão e tateou em alguns pontos do braço, em um painel de controle incorporado ao traje. Lentamente, a caixa mudou. Parecia se dissolver, então o fluido branco-prateado que era uma liga rodopiou no chão e se ergueu, balançando para a frente e para trás, como uma cobra saindo de um cesto. Dois braços separaram-se da coluna prateada e se bateram. Tentáculos abriram-se até a porta brilhante estar completa. Instintivamente, Dorian sabia o que era: um buraco de minhoca. Um portal para o ponto exato aonde ele precisava chegar.

Dorian atravessou.

Chegou ao topo de uma montanha. Não, era mais que uma montanha. Um vulcão. Maremotos de rocha líquida queimavam e giravam lá embaixo. Um paraíso tropical estendia-se pelas ilhas que o cercavam.

Ele estendeu o cilindro e derramou-o na sopa de rocha líquida.

O que era aquilo?

Sua mente pareceu responder. *Um plano de contingência. Se eu falhar — se eu ficar preso na nave dos cientistas —, a transformação genética continuará seu curso.* Seria apenas uma questão de tempo até que o vulcão entrasse em erupção, lançando a terapia no ar e fazendo-a chover sobre o mundo.

Deixou outra caixa no chão e ela formou outra porta. Ele a atravessou.

Emergiu na ponte de comando da nave dos cientistas. Estava enterrada, claro, mas ele poderia rapidamente resolver a situação.

Acessou os controles, acionando um a um os sistemas da nave. Ele virou a cabeça.

Ele estava sentindo…

O ar… estava sendo drenado. Sim, agora conseguia sentir.

Dorian sabia que era um risco — que o cientista poderia tentar prendê-lo ou matá-lo, mas ele não tinha escolha, senão arriscar. Esperar não teria servido de nada. Tentou se concentrar na crise daquele momento.

Quanto tempo tinha?

Correu para fora da ponte de comando. A mente vasculhava as opções.

O hangar de transporte. Não. Ele não tinha para onde ir. A nave estava no mínimo a duzentos metros da superfície, talvez mais. Qual era o protocolo?

Eles dispunham de alguma tecnologia de criação de portais a bordo? Tinham permissão para carregá-la? Se tivessem, ele nunca a encontraria.

Conseguia sentir o ar ficar mais rarefeito a cada segundo. Parou e tocou a

parede, ativando um mapa da nave. Trajes espaciais. Onde eles estariam? Perto de uma eclusa de ar.

Sua respiração ficou mais áspera.

Ele engolia, mas não conseguia fazer a saliva descer.

Tateou o mapa. Precisava de outra opção. Ala médica. Estava próxima.

Cambaleou pelo corredor. As portas abriram-se e ele caiu lá dentro.

Uma série de seis tubos de vidro brilhantes estendeu-se diante dele.

Ele rastejou.

Que conveniente, pensou ele. Passar a eternidade em um tubo, enterrado. É o meu destino. Não posso fugir. Nunca encontrarei a morte, nunca cumprirei meu destino. Meu exército nunca se erguerá e eu nunca descansarei.

O tubo se abriu.

Ele rastejou para dentro dele.



Dorian estava novamente no helicóptero. O vento soprava no rosto, e o rugido das hélices retumbava em seus ouvidos.

Pela primeira vez, tudo fazia sentido. As peças encaixavam-se; a imagem inteira estava clara.

O portal na Alemanha. Ele levava até a nave, até Ares. Brilhante.

Kate. Ela recebera as lembranças da cientista atlante. Podia destrancar a nave e libertar Ares. Juntos, Ares e Dorian poderiam concluir seu trabalho na Terra e transportar o exército para a guerra final. A vitória seria uma consequência.

Dorian encarou Kate. Estava sentada diante dele com os olhos fechados.

As palavras de Ares ecoaram na sua mente. *Ela é a chave para tudo. Mas você precisa esperar. Em algum momento, muito em breve, ela vai conseguir uma informação, um código. Esse código é a chave para me libertar. Precisa capturá-la depois de ela encontrar o código e trazê-la para mim.*

Dorian ficou maravilhado com a genialidade de Ares. A percepção, a compreensão plena do plano do atlante o surpreendeu. Ele sentiu… respeito. Dorian finalmente sentiu que tinha um igual. Não, alguém superior a ele. Mas Ares tinha algo mais. Dorian sabia disso agora: Ares havia projetado o processo inteiro parcialmente para ele — para o crescimento de Dorian. O mistério na Antártida, o desafio de encontrar Kate. Era como se Ares estivesse… guiando Dorian. Mas era mais que isso. Ares era mais que um mentor para ele. Dorian tinha parte de Ares dentro de si, suas lembranças e mais — seus desejos, sonhos não realizados.

Um pai. Era o termo mais adequado. Era o que Ares significava para ele.

E logo estariam juntos novamente.

Dorian tentou imaginar o encontro, o que ele diria, o que Ares diria. E depois… o que mais restava para Ares lhe ensinar? O que Dorian aprenderia sobre si? Ele sabia. Aquele era seu verdadeiro desejo — finalmente revelar o grande mistério de todos: como havia se tornado aquilo que era.

Ares e as respostas esperavam logo após o portal. Eles chegariam lá em breve.

Capítulo 92

CCPD
Atlanta, Geórgia

Paul abriu a porta e caminhou até o leito do sobrinho.

— Como você está?

O garoto olhou para ele. Começou a falar, mas não vinham palavras. *O que está acontecendo com ele?*, perguntou-se Paul.

Ele verificou os sinais vitais. Tudo normal. Fisicamente, o garoto havia se recuperado como num milagre.

Paul esfregou as têmporas. *O que há de errado comigo? Por que não consigo pensar direito?* Sua mente parecia estar nublada, uma nuvem de confusão da qual não conseguia escapar.



David tentou compreender as palavras de Janus.

— Você está nos levando de volta para a idade da pedra? Você está nos… *involuindo*?

— Estou protegendo vocês. Não entendeu uma palavra que eu disse? Um inimigo de força inimaginável está caçando o meu povo. Vocês têm uma parte de nós dentro de vocês. Regressão, involução é a única chance que vocês têm. Isso vai salvar sua espécie.

— Supondo que sejamos da mesma espécie. Olhe, não vamos voltar. Não vou aceitar isso.

— Respeito sua posição, sr. Vale. Na verdade, por isso escolhi o senhor, pois lutará por sua espécie, se sacrificará por ela. O senhor segue o Código Humano. Mas ele trai o senhor neste momento. O senhor acabou de ouvir a história de seu mundo e de sua espécie. Aqueles primatas que desceram das árvores e buscaram sustento nas savanas, eles eram sobreviventes. Pergunte aos chimpanzés e gorilas como se sentem por sua escolha de permanecer nas árvores. Era mais

fácil lá, mas aqueles que se aventuraram, que escolheram o caminho difícil, realmente ficaram mais fortes, adaptados, evoluídos, os poucos que sobreviveram. As tribos que marcharam até o mar durante Toba, eles foram sobreviventes também. Esse é o traço definidor de sua espécie. É como vocês sobrevivem a esse teste. — Janus inclinou a cabeça na direção do túnel. — O cubo já atravessou…

David agarrou a lanterna.

— Essa conversa não acabou.

— Já terminou faz muito tempo, sr. Vale.



David guiou Janus e Milo para fora do túnel, na direção dos raios de sol que atravessavam a abertura do túnel. O cubo amarelo brilhante pairava logo depois da entrada recém-aberta.

David atravessou o limiar primeiro. Ele varreu o espaço com o fuzil de assalto. Nada se movia. No canto, a poça de sangue se espalhava. David seguiu a passos lentos, temendo o que veria.

Kamau. O ferimento a faca no peito.

David curvou-se e pressionou os dedos no pescoço do amigo. Sentiu a pele fria antes da falta de pulso. Ainda assim, ele ficou lá, esperando, recusando-se a acreditar.

Janus e Milo ficaram olhando para a cena. Aparentemente, nenhum dos dois sabia o que dizer.

Por fim, David levantou-se e caminhou até o computador de Kate. Fechou-o e o enfiou junto com os outros equipamentos na mochila.

— Vamos sair daqui.

Fora do prédio, David levou o grupo de volta à praça. O helicóptero havia desaparecido.

Ele se virou para Janus.

— Qual é o plano? Não podemos alcançá-los na Alemanha… estão muito à frente.

— Há uma alternativa — disse Janus. — Se pudermos chegar lá a tempo.

— Os Cavaleiros têm um avião — disse Milo. — O senhor consegue pilotá-lo, sr. David?

— Consigo pilotar qualquer coisa — disse David. Aterrissar às vezes era um problema, mas ele não mencionou esse fato. Não havia por que preocupá-los.

Dorian observou o mar lá embaixo virar terra. Itália. Logo atravessariam o país e entrariam na Alemanha, e alcançariam o portal logo em seguida.

A praga havia devastado a Europa continental. A Otan havia fracassado bem antes, oferecendo seus recursos para a ajuda humanitária. Nada poderia impedi-lo agora.

Kate abriu os olhos. Dorian a encarava.

Ela não piscou dessa vez. Não tinha mais medo dele. Sabia quem ele era e quem ela era. A história não se repetiria.

— Tudo bem, Kate? — perguntou Dorian com sarcasmo.

Ela acompanhou seu tom.

— Estou bem.

O helicóptero aterrissou meia hora depois, e Dorian a arrastou para fora.

Jipes militares circundavam o portal, que brilhava, lançando faíscas de luz branca na noite fria e silenciosa.

Eles passaram os jipes e Kate viu cadáveres de soldados no chão. Vítimas da praga. O governo alemão provavelmente havia despachado tropas para investigar o portal, mas eles caíram doentes. Aqueles que não morreram deviam ter fugido.

Dorian a arrastou na direção do portal reluzente.

— Fique junto comigo — ele falou olhando para trás, para Shaw. — Ele vai fechar atrás de nós.

Quando Shaw os alcançou, os três cruzaram o limiar e entraram em um lugar diferente.

Para Kate, pareciam os corredores da tumba na Antártida. Mas ali eram mais estreitos. Conhecia aquele lugar. Era sua nave… a nave de exploração do espaço profundo que trouxera a ela e Janus para a Terra.

Kate tentou respirar, mas descobriu que não conseguia inspirar totalmente. Os olhos de Dorian piscaram para ela, mas, antes que pudesse dizer palavra, o ar começou a correr naquele espaço. A nave reconheceu Kate? Estava voltando à vida por ela? Sim, era isso.

Dorian puxou seu braço, arrastando-a pelo corredor mal iluminado.

Ele parou em um cruzamento. Parecia estar tentando se lembrar para onde estava indo. Ou tinha ido?

— Por aqui — disse ele.

As contas de luz suave do chão e do teto pareciam brilhar mais intensamente. Não, Kate percebeu que estava apenas se acostumando à escuridão.

Outra mudança começava aos poucos. Ela estava se adaptando. A última lembrança, sua morte na Antártida nas mãos de Ares, ou de Dorian, a transformara.

Kate sempre tivera problemas em se relacionar com os outros. Nunca "aceitou" totalmente as pessoas. Queria desesperadamente ter relacionamentos pessoais plenos, mas nunca acontecia naturalmente com ela. Sempre dava trabalho.

Achava que esse desejo pessoal a levara à pesquisa do autismo, à busca de uma cura para pessoas a quem faltavam as conexões cerebrais para entender indicadores sociais e lidar com a linguagem. Agora sabia que sua motivação era muito mais profunda.

Dorian estava certo: ela não era ótima em compreender as pessoas. Era facilmente enganada. Mas agora o jogo era de estratégia, e ela conhecia o histórico. Conhecia os jogadores. E sabia como ele se desdobraria. Ela era mais esperta que ele e venceria.

Capítulo 93

Próximo a Ceuta

David pôs o avião em velocidade máxima. Não havia risco de acabar com o combustível.

No horizonte, Ceuta entrou no campo de visão. David ativou o rádio e começou a conversar com os controladores de voo. Os canhões eletromagnéticos poderiam facilmente derrubar o avião e ele não estava exatamente certo quanto ao tipo de resposta que ele teria. Não tinha alternativa.

A resposta foi rápida.

— Tem permissão para aterrissar, sr. Vale.

A aterrissagem de David foi, no mínimo, brusca, mas não arrancou nenhuma reação de seus passageiros. Estavam no solo e vivos. E Kate também, pelo que eles sabiam. *Um passo de cada vez.*

Quando David, Janus e Milo saíram da aeronave, David avistou um comboio aproximando-se do campo de pouso. O subconsciente fez com que segurasse com mais força o fuzil de assalto.

O comboio parou e a porta do primeiro jipe abriu com tudo. A chefe berbere, a mesma que o havia marcado a ferro dias antes e o ajudara a tomar a base, saiu e caminhou devagar até ele. Um sorriso estendeu-se em seu rosto.

— Pensei que talvez eu nunca fosse vê-lo novamente.

— Eu também.

Ela ficou séria.

— Voltou para reassumir o comando?

— Não. Apenas de passagem. Preciso de um jipe.

Quinze minutos depois, David estava dirigindo com afobação para as colinas de onde havia surgido dias antes, quando saiu da nave atlante vestindo um uniforme da Immari.

— Não sei onde é a entrada — David disse para Janus, que estava no banco de trás.

— Eu guio o senhor — respondeu Janus.

Eles viajaram o que parecia uma eternidade para David. O declive ficou mais íngreme e o terreno rochoso, mais traiçoeiro. A cada segundo que passava, ele imaginava as chances de resgatar Kate se esvaindo.

Finalmente, Janus deu um tapinha no ombro dele.

— Pare aqui.

David começou a estacionar perto de uma encosta escarpada. Antes de ele parar totalmente, Janus saltou do carro e avançou a passos largos à frente. David e Milo tentaram acompanhar.

— Qual é o plano, Janus? — gritou David lá atrás. Janus recusou-se a compartilhar os detalhes reais do plano no avião e aquilo deixou David nervoso.

— Vamos chegar lá — Janus respondeu com outro grito. Ele fez uma curva e, quando David alcançou a curva, o cientista havia desaparecido. David girou, procurando. O paredão da montanha à esquerda parecia com aquele de onde havia saído, mas David não tinha certeza.

— Ei! — chamou David. Correu até o paredão e tocou-o. Sólido. Ele andou para lá e para cá. Milo ficou parado, como se estivesse esperando algo em uma fila.

— Janus! — berrou David. Janus o traíra. Esse era o plano o tempo todo…

Janus surgiu da rocha sólida e, como ele, a projeção do paredão rochoso dissolveu-se atrás dele.

— Tive de desativar o campo de força. Sigam-me.

— Ah. Bem, você poderia ter… — David balançou a cabeça e correu atrás de Janus, que os levara pelo túnel que o cubo havia aberto, o caminho que David seguiu até sair. Eles pegaram o mesmo elevador que David usara.

Durante o período em que David esteve ali, todas as portas estavam trancadas. Agora elas se abriam quando os três homens se aproximavam.

Janus tomou a esquerda, levando-os até uma sala com quatro portas.

— E agora? — perguntou David.

— Agora esperamos. Se eu estiver correto, Kate saberá o que fazer. Ela não vai apenas abrir o tubo que mantém Ares, vai abrir a nave inteira. Essa será nossa chance. Será uma janela muito, muito curta para fazer o que precisamos.

Janus relatou o restante do plano e David apenas assentiu. Era um peixe fora d’água; não tinha escolha, senão confiar em Janus.

David virou-se para Milo e estendeu para ele o revólver.

— Milo, se alguém além de nós sair por aquela porta, você precisa atirar.

— Não posso, sr. David…

— Você precisa…

— Sei que devo fazer isso para sobreviver. Mas não é da minha pessoa. Sei que, se acontecer, não poderei apertar o gatilho. Não posso tirar a vida de outra pessoa. Em minha jornada até a Arca, em Malta, aprendi muitas coisas. A mais importante que aprendi é quem eu realmente sou. Desculpe decepcioná-lo, sr. David, mas eu também não posso mentir para o senhor e não vou fingir que sou algo que não sou.

David assentiu.

— Acredite, não estou decepcionado, Milo. E espero que o mundo nunca dê a você tempo ou motivos para mudar. — Por um breve momento, ele pensou em si mesmo, em seus dias na pós-graduação, antes de aquele prédio tê-lo enterrado e lançado em sua jornada de vingança.

Janus foi até a parede. Um painel abriu-se quando ele se aproximou. Tirou outro cubo amarelo e começou a passar os dedos pela luz que emanava dele.

Ele voltou até Milo e lhe entregou o cubo.

— Este é um cubo semelhante àquele que usei nas catacumbas de Malta. Ele não tira a vida, mas incapacita qualquer pessoa ao redor… você também, Milo. Não vai funcionar em atlantes, obviamente. Mas talvez ele lhe dê algum tempo, tempo para um amigo chegar.

— Tem mais armas de alta tecnologia? — perguntou David.

— Nada de útil. Apenas siga o plano. E siga meu cubo. — Janus aproximou-se da porta e segurou o cubo erguido, pronto para soltá-lo.

— Quero uma cura para a praga antes de continuarmos.

— Eu já lhe disse, sr. Vale, essa discussão terminou. O senhor e Kate compartilham a forma pura do Gene Atlântida. Vocês dois sobreviverão do jeito que são.

— Inaceitável.

— Sua aceitação não é necessária.

Dorian parou Kate diante de um conjunto de portas duplas.

Ele digitou em um painel, e as portas abriram-se.

Sete tubos estavam na sala. A do meio mantinha Ares. Seus olhos seguiam-nos, frios, sem piscar.

Dorian encarou-o por um longo momento.

— Solte-o — ele disse sem se virar para encarar Kate.

Ela ergueu as mãos amarradas e mexeu os dedos.

— Solte-me primeiro.

Dorian virou-se para ela.

— Você consegue se virar.

— Não consigo. — Ela apontou para o painel. — Impossível trabalhar no sistema com as mãos amarradas. Tire esta amarra e eu deixo que ele saia. — Ela hesitou. — O que foi? Acha que vocês dois não vão conseguir dar conta de mim? Ou vocês três?

Dorian meneou a cabeça para Shaw, que pegou a faca de assalto e cortou a abraçadeira ao meio.

Kate foi até o painel de controle. Sentiu os olhos de Ares seguirem-na.

Seu próximo movimento determinaria seu destino e o de muitos outros.

As lembranças eram mais claras agora e as mais vívidas eram de pessoas, mais que de lugares. Janus. Eles estudaram centenas de mundos durante milhares de anos. Ele havia permanecido o mesmo. Em algum ponto no meio do caminho ela tinha mudado. Adquirira um pouco mais de compaixão, reflexão e mais iniciativa. Ansiava por estar com alguém mais parecido consigo mesma, alguém com intelecto *e paixão.* Alguém como David.

No entanto, uma coisa sobre Janus sobressaía em sua mente acima de tudo: era a pessoa mais esperta que ela já conhecera. Ela contava com isso. A abertura que ela estava prestes a criar não deixaria margem para nenhum erro.

Ela manipulou a nuvem de luz azul que se ergueu do painel.

Ao seu redor, luzes piscaram e os outros painéis de controle acenderam.

A porta do tubo deslizou até se abrir, e Ares saiu dele.

— Muito bem, Dorian.



— Agora, David!

A porta se abriu e Janus correu para dentro dela, com David no seu encalço.

Janus lançou o cubo no corredor e ele avançou rápido, uma trilha amarela de luz marcando seu caminho.

O cubo encontraria Kate, e David a levaria de volta ao portal. Janus prometera a David que cuidaria da nave. Não podia permitir que ela caísse nas mãos de Dorian ou Ares.

David perseguiu o cubo. Do corredor ao lado, ele ouviu as botas de Janus estalarem no chão.



Assim que Ares saiu do tubo, Kate avançou através da sala sobre Dorian. Seu ataque pegou-o de surpresa. Seu murro acertou o rosto dele em cheio, lançando-o contra a parede, em seguida ao chão. Ela caiu sobre ele e sentiu as mãos de Shaw agarrarem-na, puxando-a para trás. Mas sua distração fora um sucesso. Tinha ganhado tempo suficiente? A resposta veio na luz branco-amarelada cegante que irrompeu e banhou toda a sala.



David forçou as pernas, avançando pelo corredor. Lá adiante, o cubo brilhante entrou em uma sala e piscou. David ouviu um grito. Ele correu mais rápido.



Shaw gritou de dor, depois caiu no chão ao lado de Kate e Dorian e começou a se contorcer para todos os lados.

Kate estava em pé, correndo para fora da sala, mas mãos a agarraram. Ela tentou se soltar, mas mãos fortes a giraram.

David.

— Venha — ele disse enquanto partia a toda velocidade pelo corredor.



Os ouvidos de Dorian zumbiam, e ele via manchas no ar. Alguém o erguera com tudo. O painel na parede diante dele estava explodindo. O que estava acontecendo?

Ele sentiu a nave estremecer.

Ares estapeou Dorian e segurou seu rosto.

— Foco, Dorian. Janus está ativando a autodestruição. Temos de ir. — Ele levantou Dorian e saiu da sala.

De soslaio, Dorian viu Shaw caído, rolando de agonia. Dorian se agarrou ao batente da porta.

— Adam!

Ares puxou-o, e as portas duplas se fecharam.

— Vamos ter que deixá-lo. Não seja tolo, Dorian. — Ele arrastou o outro pelo corredor.

Outra explosão jogou-os no chão.

Dorian se levantou num salto e começou a voltar para a sala onde Shaw ainda berrava.

Ares agarrou os ombros de Dorian e prendeu-o à parede.

— Não vou deixar você. Se você não deixar Adam aí, vai nos matar e a todo mundo lá embaixo. Escolha, Dorian.

Dorian balançou a cabeça. Seu irmão, sua única família… Ele não poderia tomar essa decisão.

As mãos chacoalharam seus ombros, batendo-o de novo contra a parede.

— Escolha.

Dorian sentiu seu corpo dar as costas para Shaw, para a única pessoa no mundo com quem ele realmente se importava. Em seguida, ele e Ares começaram a correr. Outra explosão. Eles nunca conseguiriam.



Janus digitou as sequências finais na nave e recuou, observando o visor mostrar as seções da nave explodirem e descomprimirem. A imensa nave logo seria um monte de destroços em chamas.

Mas ela estaria em segurança.

Aquilo era o que mais importava, o único motivo pelo qual ele chegara até ali ou a qualquer uma das centenas de outros mundos.

Outro tremor varreu a nave. Logo, encontraria a morte. Finalmente tinha conseguido, dado a vida para salvá-la, algo que ele desejou fazer todos os dias por treze mil anos naquela câmara embaixo da baía de Gibraltar. Foi tão fácil, tão simples. Janus sabia por quê: nunca acordaria, nunca ressuscitaria. Não acordaria para lembrar sua morte, nunca enfrentaria o mesmo tipo de agonia infinita que o povo na nave de ressurreição de Ares aguentava. Morreria sabendo que havia salvado a vida da única pessoa com quem se importava. Naquele momento, entendeu as histórias do pai de Kate. Seu sacrifício em Gibraltar. E Martin. Talvez a subespécie 8.472 tivesse avançado mais do que ele estimara. Mesmo assim, aquilo não teria importância em breve. Outra explosão estremeceu a ponte de comando e Janus se preparou.

Quanto tempo me resta?

Talvez houvesse tempo para corrigir o último erro. Ele ativou a rede de comunicações do espaço profundo, pigarreou e endireitou o corpo o máximo que conseguiu.

— Meu nome é dr. Arthur Janus. Sou cientista e cidadão de uma civilização há muito perdida…

As portas duplas abriram-se para uma sala com três portais. Ares mexeu na nuvem de luz do painel. Dorian sentia-se atordoado, paralisado. Ares puxou-o através do portal assim que a explosão irrompeu pelas paredes.

Dorian tropeçou na sala que já tinha visto, aquela com sete portas. Ares estava curvado, arfando, as mãos apoiadas nos joelhos.

Quando retomou o fôlego, ele se ergueu.

— Agora você enxerga, Dorian. Eles o deixam fraco. Eles amolecem seu coração. Limitam você. Tentam impedir você de fazer o que precisa ser feito para sobreviver. — Ele saiu da sala.

Mecanicamente, Dorian seguiu. Era como se estivesse se olhando de fora. Não havia sentimentos agora. Nem reação.

Ares parou na abertura da imensa câmara que continha as fileiras infinitas de tubos.

— Agora, você está pronto, Dorian. Vamos salvá-los. Esse é seu povo agora.

Capítulo 94

Fora de Ceuta

Kate voou pela arcada do portal um segundo antes de David aterrissar ao seu lado. O portal se fechou atrás deles.

Milo estava ao lado dela, ajudando-a a se levantar.

— Tudo bem, dra. Kate?

— Estou bem, Milo. Obrigada. — Ela correu até o painel ao lado do portal. Sim, a conexão com a nave estava encerrada; ela fora destruída. Janus cumprira sua parte. Quando ela vira David sozinho, soube qual era o plano. Janus foi corajoso.

Ver David confirmou que o fogo, aquela pequena parte de si, aquela pequena chama que ela havia alimentado, ainda estava lá. E ela precisava agir rapidamente para mantê-la viva.

Ela abriu um mapa da nave, ou melhor, da seção onde estavam confinados. Havia uma divisão médica, um dos laboratórios. Ela conseguiria executá-lo. Começou a programar o procedimento — uma geneterapia que pudesse reverter o processo de ressurreição que estava reestruturando seu cérebro. Ela perderia as lembranças atlantes, mas voltaria a ser Kate. Seus dedos moviam-se rapidamente pelo painel.

David sentou-se, encarando o portal por um bom tempo, em seguida correu até Kate.

— Janus deveria estar aqui…

— Ele não vai vir.

Ela estava perto da solução. O laboratório ficava perto. Alguns níveis.

— Ele nos deu uma cura falsa.

Kate fez as últimas modificações…

— Ei! — David pegou-a pelo braço e ergueu a mochila. — A terapia que ele deu para a Continuity está fazendo tudo voltar. Daqui a pouco vamos ter uma reprise dos Flintstones lá fora. — Ele a encarou. — Trouxe seu computador. Você consegue consertar isso?

Ela ergueu os olhos.

— Consigo. Mas não vou ter tempo de arrumar a mim mesma se eu consertar.

— Arrumar… — David examinou o rosto de Kate. — Não entendo.

— A ressurreição. As lembranças. Estou me esvaindo. Em alguns minutos, os estágios finais do processo de ressurreição estarão concluídos. Vou deixar de ser… *eu mesma*.

David deixou a mochila cair ao lado do corpo.

— O que quer que eu faça? — a voz de Kate soava mecânica. Ela esperou.

— Sei o que quero e quero você. Mas eu a conheço… a mulher que eu amo. E sei que escolha você faria, o sacrifício. Sei do que você me lembrou poucos dias atrás, sob o convés de um iate no Mediterrâneo. Você me lembrou de quem eu realmente era e, agora, eu estou a lembrando de quem você é. Devo isso a você, não importa o que eu queira.

Kate o examinou. Ela viu a lembrança na mente. Sua sede de sangue irracional, ela trazendo-o de volta, recordando os riscos. Era o mesmo ali, exceto que ela estava racional demais, clínica demais. Sabia o que queria e conhecia os riscos. Mas se salvasse a si mesma, se apagasse as lembranças, deixaria aquela estrutura e voltaria a um mundo primitivo, povoado por pessoas que ela teria se recusado a salvar. Levaria na consciência incontáveis mortes. Seria igual às pessoas naqueles tubos da Antártida, nunca poderia ser feliz de novo, sempre assombrada por algo do passado. Nunca escaparia desse momento, dessa decisão.

A escolha era simples: ela ou eles. Salvar as pessoas de sofrer da falsa cura que Janus enviara à Continuity — ou salvar a si mesma. Mas não era tão simples assim. Se ela escolhesse a si, nunca seria a mesma. Mas, se os escolhesse, poderia perder o pouco que restava dela, a última peça que mantinha da pessoa que era, que havia se tornado.

Naquele momento, ela finalmente entendeu Martin. Todas as escolhas difíceis que ele fizera, os sacrifícios, o tipo de fardo que ele carregara por todos aqueles anos. E por que ele tentava de forma tão desesperada mantê-la distante daquele mundo.

Ela se viu mexendo na mochila e pegando o computador. Abriu o programa da Continuity e digitou rapidamente. Viu o que Janus havia feito. Ele era muito esperto. Estava buscando a forma pura do Gene Atlântida o tempo todo. A parte da nave com seu banco de dados de pesquisa havia sido completamente destruída e sua nave espacial fora travada, deixando o banco de dados lá inacessível. Encontrar o corpo do alfa tinha sido sua única opção.

Era incrível: nos mapas de genoma, ela conseguia ver todos os retrovírus endógenos agora — aqueles que ela e Janus administraram também nos

remanescentes das mudanças que ela havia ajudado Ares/Dorian a implementar. Era como se estivesse trabalhando em um quebra-cabeça que não conseguira resolver quando criança, mas ao qual voltava quando adulta, com o conhecimento e a capacidade mental para finalmente concluí-lo. Martin estava certo. As intervenções na Idade Média causaram mudanças ao genoma com repercussões radicais. E aquelas mudanças haviam comprometido a terapia de retorno que Janus tentou desencadear com o Sino.

Em sua mente, pela primeira vez, ela pôde compreender todas as mudanças, vê-las como pequenas luzes brilhantes em uma pilha de escombros. Conseguia escolhê-las agora, alinhá-las para formar padrões diferentes, com resultados diferentes. Continuou a trabalhar no computador, montando cenários.

O banco de dados do Sinfonia — a coleção de bilhões de genomas sequenciados que haviam sido coletados nos Distritos Orquídea ao redor do mundo — era a última peça. Era uma pena que o mundo precisasse ter chegado à beira da aniquilação para um feito incrível como esse acontecer.

O verdadeiro desafio era que Kate precisava estabilizar todas as mudanças genéticas — aquelas que ela e Janus fizeram e também as intervenções de Ares. Basicamente, ela estava criando uma terapia que sincronizaria todo mundo: os agonizantes, aqueles em involução e os que evoluíam rapidamente, criando um genoma unificado, estável. Um genoma híbrido de atlante e ser humano.

Após quase meia hora de trabalho, uma mensagem piscou na tela.

Uma Terapia-Alvo Identificada.

Kate examinou-a. Sim, funcionaria.

Deveria ter sentido euforia, orgulho ou mesmo alívio. Era o momento pelo qual ela trabalhara a vida inteira: atlante e ser humano. Finalmente havia criado uma terapia que concluiria o trabalho de uma vida, uma terapia genética que salvaria a raça humana e resolveria todos os erros do passado. Ainda assim, parecia que tinha simplesmente terminado um experimento científico, chegado a uma conclusão da qual já suspeitava, havia um interesse frio, clínico no resultado. Talvez os atlantes não sentissem alegria da mesma maneira. Talvez a alegria fosse algo que ficara relegado a quatro milhões de anos antes.

Seria esta sua próxima tarefa: consertar-se, voltar a ser quem era. Ela se perguntou qual a chance que teria esse experimento.

Pegou o telefone via satélite.

— Precisamos chegar à superfície.

Seguiu David para fora da nave. Na encosta da colina, olhou por um momento para Ceuta. Cavalos e pessoas mortos estendiam-se sobre a vastidão

preta, queimada que levava até a muralha imensa. Além da muralha, o chão estava manchado de vermelho pela carnificina que David havia desencadeado. Os remanescentes da barca da praga flutuavam nas águas próximas ao porto, pairando lentamente na direção da costa.

A cena… Sim, ela tomara a decisão certa, mesmo que significasse ter desistido da última parte dela mesma. Naquele momento, teve certeza.

Kate conectou o telefone via satélite ao computador e enviou os resultados para a Continuity.

Quando o upload dos dados terminou, ela desconectou o telefone e teclou para Paul Brenner.

Ele respondeu rapidamente, mas soava distraído, desconcentrado. Kate teve de repetir as coisas várias vezes. Percebeu o que tinha acontecido: Paul havia administrado a cura falsa de Janus ali, no próprio grupo. A Continuity agora era o ponto de partida para a radiação da terapia regressiva de Janus e havia infectado Paul. Mas Kate não poderia fazer nada para ajudá-lo. Podia apenas esperar que ele encontrasse os resultados e pudesse se lembrar do que fazer com eles.

Ela encerrou a chamada. Naquele momento, era só uma questão de tempo.



Dorian entrou na caverna escura.

— E agora?

— Agora, lutaremos — disse Ares, sem tirar os olhos dos quilômetros de tubos de vidro.

— Não temos uma nave — comentou Dorian.

— Verdade. Não podemos enfrentá-los, mas podemos trazê-los até nós. Há um motivo muito bom para eu ter enterrado esta nave aqui, na Antártida, Dorian.

Capítulo 95

Paul Brenner esticou o corpo contra a parede. Estava tão difícil se concentrar. Onde estava todo mundo?

Os corredores estavam vazios. Os escritórios, vazios. Estavam se escondendo dele. Precisava encontrá-los.

Não. Tinha de fazer outra coisa. Ela lhe enviara alguma coisa. A garota bonita dos filmes.

Uma série de portas de vidro abriu-se. As telas ali piscavam.

UM RESULTADO

Um resultado. Resultado de quê? Um experimento. Ele era o responsável.

Que experimento? Uma cura. Para a praga. Ele estava infectado. Com uma cura. Não, isso não poderia estar certo. Como ele poderia estar infectado com uma cura? Algo estava errado.

Ele examinou a sala. Vazia. Copos de café espalhados no chão. Papéis manchados na mesa e nas cadeiras.

Paul sentou-se e puxou um teclado para mais perto.

Um lampejo de clareza o arrebatou. *Um resultado*.

Ele digitou até os dedos doerem.

As letras na tela mudaram.

Transmitindo a nova terapia a todos os Distritos Orquídea…

Capítulo 96

Você está ouvindo a BBC, *a voz do triunfo humano neste primeiro dia* ***após*** *a Praga Atlântida.*

A BBC recebeu informações de que os primeiros relatos de desorientação e torpor cerebral associados à cura da Praga Atlântida foram apenas efeitos colaterais temporários da cura.

Os Distritos Orquídea pelo mundo relatam agora uma taxa de cem por cento de cura sem necessidade de mais tratamentos com Orquídea.

Os líderes mundiais saudaram a descoberta, citando seus investimentos históricos em pesquisas médicas e o compromisso sólido em permanecerem firmes nestes tempos sombrios.

Notícias relacionadas: fontes dentro da comunidade de serviços de inteligência relataram que cidadãos de nações administradas pela Immari Internacional receberam ordens para evacuar as áreas costeiras. As populações de regiões inteiras na África do Sul, Chile e Argentina estão rumando para áreas montanhosas apenas com comida e água.

Dr. Phillip Morneau, do think tank *Amanhã Ocidental, declarou:*

"Eles perderam. Apostaram na praga atingindo seu alvo, arruinando a humanidade. E nós vencemos, como sempre. Tiveram o que mereceram, literalmente correram para as colinas."

Observadores mais cautelosos especularam que a mudança da Immari talvez seja parte de um plano maior, possivelmente o início de uma contraofensiva.

Traremos novidades assim que tivermos mais informações.

Capítulo 97

CCPD
Atlanta, Geórgia

Paul Brenner cambaleou pelos corredores da Continuity. Sentiu como se estivesse se recuperando de uma congestão nasal grave. Mas conseguia pensar e sabia o que precisava fazer. Ele temia, temia a resposta.

Quando atravessou as portas deslizantes que levavam à sala de operações, percebeu uma jovem analista sentada lá, sozinha, encarando a tela. As mesas ainda estavam desordenadas e os copos de café e papéis amassados espalhavam-se para todos os lados.

Paul deu um passo na direção das portas. Quando elas se abriram, a analista olhou para ele, em sua expressão um misto de surpresa e esperança. Ou alívio? Pegou Paul levemente despreparado.

— Pode ir para casa agora — disse ele.

Ela se levantou.

— Eu sei… não acho que deveria… ficar sozinha.

Paul assentiu.

— E os outros?

— Devem ter ido embora. Alguns ainda… estão aqui.

No necrotério, pensou Paul, completando a frase na cabeça. Foi até a grande tela e a desligou.

— Venha. Também não tem ninguém na minha casa.

Eles saíram juntos da sala de operações e Paul pediu a ela para esperar fora do quarto do sobrinho. Ele empurrou a porta e se preparou para o que poderia ver…

— Tio Paul!

O sobrinho rolou na cama. Estava com os olhos brilhantes, mas, quando tentou se erguer, os músculos falharam e ele caiu de volta na cama.

Paul correu até o leito e pôs a mão no ombro do menino.

— Calma aí, rapazinho.

O garoto sorriu para ele.

— Você me curou, não foi?

— Não. Foi outra médica. Ela é muito mais esperta que eu. Eu sou apenas o entregador.

— Onde está a minha mãe?

Paul inclinou-se, pegou o garoto nos braços e seguiu para fora da sala.

— Só descanse, agora.

— Para onde estamos indo?

— Para casa.

Paul esperaria até o garoto estar mais forte para contar a verdade.

Até que os dois estivessem mais fortes.



Kate já havia fechado o computador muito tempo antes e ido até a ponta do penhasco.

David estava lá, atrás dela, aguardando em silêncio.

Ele pareceu sentir que ela precisava de um pouco de espaço, mas ainda não deixaria que ela saísse do seu campo de visão.

Juntos, do cume da montanha, observaram o sol se pôr além do Atlântico. Os últimos raios deslizavam montanha abaixo, lançando uma sombra longa sobre a cena sangrenta em Ceuta. Além dos estreitos, ela sabia que a mesma coisa estava acontecendo em Gibraltar, com o Rochedo de Gibraltar lançando suas sombras lá.

Quando a noite chegou, Kate finalmente disse:

— O que acontece agora? Conosco?

— Nada vai mudar.

— *Eu* mudei. Não sou a mesma pessoa…

— O que apenas confirmou para mim quem você é. *Nós* vamos ficar bem. Eu posso esperar. — Ele caminhou até a ponta do penhasco para que pudesse olhá-la nos olhos. — Nunca vou desistir de alguém que amo.

Quando essas palavras foram ditas, Kate percebeu que a parte mais importante dela ainda estava lá. Não era inteiramente a mesma, mas havia um pedaço da antiga Kate ali, algo de onde começar. Ela sorriu.

David tentou reconhecer aquela expressão. Deu de ombros.

— O que foi? Foi demais?

Ela tomou a mão dele.

— Não. Eu gostei. Vamos. Vamos ver o que Milo está fazendo.

Na entrada do túnel, ela disse:

— Você tem razão. Vamos ficar muito bem.

Epílogo

Observatório de Arecibo
Arecibo, Porto Rico

Dra. Mary Caldwell moveu o mouse para a frente e para trás para reativar o computador. A tela acendeu e começou a mostrar os dados coletados na noite anterior. O radiotelescópio que via pela janela tinha trezentos e cinco metros de diâmetro — o maior telescópio de abertura única no mundo. Ficava enterrado no chão, quase parecia um disco cinza liso encravado em um planalto com vista para as montanhas cobertas de árvores mais adiante.

Os primeiros raios de sol despontavam sobre as montanhas para dentro do disco. Mary nunca deixava de assistir à cena, mas não era a mesma agora, em grande parte pelas pessoas que eles haviam perdido.

Antes da praga, havia uma dúzia de pesquisadores no observatório; agora havia três. Arecibo estava perdendo equipe por anos a fio pelos cortes orçamentários. A praga deu cabo do resto.

Ainda assim, Mary voltava para seu turno todos os dias, como fizera nos seis anos anteriores. Não tinha outro lugar para ir e não havia outro lugar onde quisesse estar. Sabia que o governo norte-americano estaria pela região para retirar a alocação de energia a qualquer momento, mas ela decidira ficar até o fim, até as últimas luzes se apagarem. Então, se aventuraria pelo mundo para ver que tipo de trabalho havia para uma astrônoma.

Faria qualquer coisa por uma xícara de café, mas tinha acabado semanas antes.

Concentrou-se no computador. Havia… Ela clicou em um *feed* de dados. A garganta de Mary secou. Executou uma análise, então outra. As duas confirmaram que o sinal era organizado. Não uma radiação natural cósmica aleatória.

Era uma mensagem.

Não, era mais que isso: era o momento pelo qual ela esperara a vida toda.

Olhou para o telefone. Em sua mente, vinha ensaiando essa cena nos últimos

vinte anos, desde que sonhara pela primeira vez em ser astrônoma. Seu instinto inicial era ligar para a Fundação Científica Nacional. Mas ligava para eles uma vez por semana desde o surto. E ninguém atendia. Também ligou para a sri International — com o mesmo resultado. Para quem ligar? Para a Casa Branca? Quem acreditaria nela? Precisava de ajuda, alguém para analisar a transmissão. O Instituto seti, em Mountain View, Califórnia? Não havia tentado ligar para eles. Não tinha motivo para… Talvez…

John Bishop, outro cientista do projeto, entrou aos tropeços no escritório. Em geral ficava sóbrio apenas por uma hora depois de acordar.

— John, encontrei uma coisa…

— Por favor, diga que encontrou mais café.

— Não é café…

Nota do autor

Obrigado pela leitura.

Os últimos oito meses, desde a publicação de *Atlântida – O Gene*, foram surreais, exaustivos, estimulantes e tudo que fica entre um adjetivo e outro.

Espero que tenha valido a pena esperar *Atlântida – A Praga*. Meu objetivo foi usar o tempo necessário para escrever o melhor romance que eu conseguisse.

Muitos de vocês foram amáveis e publicaram uma resenha de *Atlântida – O Gene*, e eu serei eternamente grato. As resenhas ajudaram a lançar uma luz sobre o meu trabalho e fiz o meu melhor para merecer essa atenção. Também aprendi muito com essas resenhas e muitas palavras de incentivo foram certamente fonte de inspiração enquanto eu escrevia este romance.

Se você tiver um tempo para deixar uma resenha, eu ficaria muito grato. Espero ler em breve os comentários de vocês.

Estou bastante empolgado com *Atlântida – O Mundo*, o terceiro e último livro da série *O mistério da origem*. Saiba mais sobre a série no meu website agriddle.com (em inglês). O site também tem uma seção “Fato x Ficção” que explora a ciência e a história por trás de *Atlântida – A Praga*.

Agradeço novamente pela leitura!

Um abraço,

Gerry
A. G. Riddle

P.S.: Como sempre, fique à vontade para me escrever (ag@agriddle.com) com quaisquer ideias e comentários. Às vezes demora alguns dias, mas eu respondo a todos os e-mails.

Agradecimentos

É surpreendente a quantas pessoas preciso agradecer.

Uma coisa que aprendi é que escrever é muito mais simples quando estamos apenas escrevendo (e não “sendo um escritor”). Amo escrever, mas ser escritor… cara, demanda muito tempo!

Há um grupo de pessoas cada vez maior que me ajuda a me concentrar na escrita e fazer o meu melhor durante as horas em que estou digitando, andando para lá e para cá e pensando (é assim quando eu escrevo).

Em casa, Anna garante meus banhos regulares e mantém um pouco da função social (útil quando estou escrevendo sobre personagens não atlantes). E agora ela se envolveu nesta aventura misteriosa da escrita, fazendo revisões, marketing e quase tudo o mais, exceto juntar frases (preciso ganhar meu pão de alguma forma).

Também quero agradecer:

À minha mãe, pela orientação e incentivo, como sempre.

A David Gatewood, meu extraordinário revisor, por melhorar incrivelmente este manuscrito mais depressa que um cubo quântico.

A Carole Duebbert, minha revisora final, pela revisão e pelas sugestões absolutamente fantásticas.

A Juan Carlos Barquet, pela arte original realmente brilhante de *Atlântida – O Gene* (e logo para *A Praga*).

E, finalmente, a dois grupos que não conheço.

O primeiro: vocês. Leitores que chegam até a Nota do Autor e os Agradecimentos, visitam o site, inscrevem-se na lista de e-mail, escrevem resenhas na Amazon e, às vezes, me escrevem depois de virar a última página.

Receber seus comentários de todos os lugares possíveis nos últimos oito meses foi uma experiência indescritível. E uma que nunca esquecerei. De verdade, é a parte mais recompensadora de todo esse trabalho. Meu muito obrigado é pouco pelo apoio que vocês dão ao meu trabalho neste início de carreira.

E aos meus leitores beta. Desculpe por não ter feito isso antes, mas quero

agradecer do fundo do coração a Andrea Sinclair, Annette Wilson, Christine Girtain, Dave Renison, dr. Andrew Villamagna, Drew Allen, Jane Eileen Marconi, Joe O’Bannon, John Schmiedt, Joseph DeVous, Markel Coleman, Richard Czeck, Skip Folden, Steve Boesen, Ted Hust, Tim Rogers e Tina Weston.

E a muitos outros que não estão nessa lista.

Copyright © 2014 by A. G. Riddle
Copyright da tradução © 2018 by Editora Globo S. A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *The Atlantis Plague*

Editora responsável **Sarah Czapski Simoni**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Preparação **Delfin (Studio DelRey)**
Revisão **Huendel Viana e Erika Nakahata**
Editora de livros digitais: **Lívia Furtado**
Paginação **Marco Souza**
Capa **Delfin (Studio DelRey)**
Conversão e cotejo do e-book: **Loope -design e publicações digitais** | **www.loope.com.br**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R411a

Riddle, A. G.
Atlântida [recurso eletrônico] : a praga : o mistério da origem, livro 2 / A. G. Riddle ; tradução Petê Rissatti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2018.
recurso digital

Tradução de: The Atlantis plague
Sequência de: Atlântida : o gene
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-250-6600-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rissatti, Petê. II. Título.

18-47681 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição digital, fevereiro de 2018
ISBN: 978-85-250-6600-8 (digital)

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por
Editora Globo S. A.
Rua Marquês de Pombal, 25 — 20230-240 — Rio de Janeiro— RJ

www.globolivros.com.br